3 1761 07048254 2

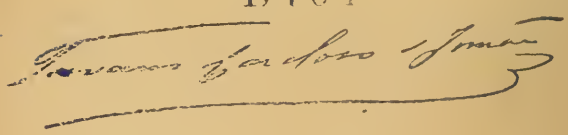
Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/caveiradamartyr00cast

A CAVEIRA DA MARTYR

Serão considerados falsificados os exemplares d'esta 2.ª edição que não tiverem a assignatura dos editores, e os seus possuidores punidos por lei.

1,464



C. CASTELLO BRANCO

A Caveira da martyr

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5 — LARGO DO CAMÕES — 6
1902

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178, Rua de D. Pedro, 184 — Porto

LIBRARY
DEC 28 1967
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9261
C3526
1902

O Filho das Hervas—Os Telles d'Albergaria

E OS

CRITICOS PORTUGUEZES

«O **Filho das Hervas** merece ser lido e merece ser amado; não ha alma de bom que o não ache uma boa acção; assim como, litterariamente, deve ser considerado producto de escriptor de raça, de quem ha direito a esperar uma larga obra perfeita e sã. Por este seu trabalho, o sr. Carlos Malheiro Dias vem enfileirar ao lado dos melhores romancistas portuguezes, e não conhecemos, depois dos romances de Eça de Queiroz, outro que se lhe compare.»

Resistencia de Coimbra — 29-3-900.

«O **Filho das Hervas**, de Carlos Malheiro Dias, só poderia hoje ser, entre nós, escripto por outro homem de letras: Eça de Queiroz. Tal a pujança de talento e o *savoir faire* do romancista.»

Silva Pinto — *Voz Publica* — 5-4-900.

« *On n'a rien fait de pareil depuis Hugo* — dizem em Paris os enthusiastas de Edmond Rostand, a respeito de *L'aiglon*, a nova producção dramatica do auctor de *Cyriano de Bergerac*. Acerca do bellissimo romance do snr. Carlos Malheiro Dias podemos nós dizer mais segura e afoutamente que, depois das obras monumentaes de Eça de Queiroz, não appareceu em lingua Portugueza, n'este ramo litterario, nada que tenha o valor do **Filho das Hervas.**»

Visconde de S. Boaventura — *Mala da Europa* — 8-4-900.

« Este drama tão singelo, tão despido de complicações e de intriga — com que talento, com que vibração, com que alma, com que communicativo poder de emoção, o desenrola o auctor deante dos nossos olhos! Ha scenas, capitulos inteiros, que só quem tiver um seixo no logar do coração não lerá com o peito oppresso e os olhos nublados de lagrimas.»

Dr. Luiz de Magalhães — *Primeiro de Janeiro* — 7-11-900.

«N'este livro se encontra descripto com uma intensidade passional, verdadeiramente sublime, todos os heroismos de que o amor de uma mãe é capaz, ainda mesmo quando o filho seja um desgraçado e misero producto das leis fataes da natureza. Talvez essa nota possua uma vibração extrema, mesmo muito acima do vulgar, a ponto de nos magoar o espirito, mas está tão bem ferida, que a nossa admiração e o nosso interesse crescem de pagina para pagina. A terceira parte do livro é sem duvida aquella onde a pujança descriptiva do romancista mais se accentua, pujança que não soffre deprimencia se a compararmos com aquella que Zola nos apresenta no *Sonho*, na *Obra*, no *Lourdes* e no *Germinal*.»

Alfredo Gallis — *O Tempo* — 5-4-900.

«É um livro para se amar, para caber no melhor raio da vossa estante, um livro para quando quizerdes rir, um livro para quando quizerdes chorar... Livro que alevanta até á compaixão os humildes, os que muito amaram, os que soffreram por ter amado muito, quasi rasteiro pela linguagem que falla, quasi gigante pelas verdades que diz...»

Dr. Julio Dantas — *Novidades* — 24-3-900.

«Que póde ser-se um artista elevado, das maiores delicadezas litterarias e da mais rara sensibilidade moral, com o talento da observação e da descripção, e o dom de commover — uma retina subtil, uma palavra suggestiva, e um espirito generoso — que se póde ser tudo isto sem cahir na homilia, na predica ou nas objurgatorias apocalypticas, nos protestos doentios ou nos gritos de demolição, prova-o o livro do sr. Malheiro Dias, que tem de ficar como um bello romance, dos mais bellos que ultimamente se têm publicado na nossa lingua, e indiscutivelmente um dos de mais nobre e levantado intuito.»

Manoel Ramos — *Primeiro de Janeiro* — 9-6-900.

Filho das Hervas é uma admiravel concepção de um grande espirito, melindrosamente coada por um grande coração. Alli a cada passo emociona e abala compungitivamente a fria obra do analysta um acre arrepio sentimental, que mais a valorisa e exalça. Ha lagrimas n'aquellas fallas, vagos lamentos ululam no sombrio desdobrar das descripções. E como se esta emotiva qualidade não bastasse a recommendar o livro á sentimentalidade de nossas esposas, de nossas mães, — avidas de commoções sadias e puras, hoje tão raras, — é para notar tambem e enaltecer a disciplinada e forte tenacidade com que este corajoso luctador desdobrou e viveu a acção do seu romance, sempre logica, sempre seguida e egual, ao longo de perto de quinhentas paginas, — exemplo quasi unico em meio da apathica mollesa, do receio, do antecipado desanimo, que estão fazendo em minusculas frioleiras exgottar-se o engenho da maior parte dos nossos escriptores, ainda os mais alto cotados e de mais remontado vôo.»

Abel Botelho — 8-5-900 — *O Dia*

«**Filho das Hervas** foi um livro de victoria; um livro destinado a ficar. **Os Telles de Albergaria** pertencem ao romance naturalista e ao mesmo tempo ao romance cyclico. Com o processo experimental de Zola nos *Rougon-Macquart*, o auctor conta-nos a historia de uma familia e de um mundo através quatro gerações. Aqui Zola integra-se com os *Cem annos* do grande e desconhecido romancista milanez José Rovani, e com o joven e robusto romancista siciliano Frederico de Roberto, nos seus *Vicereis*. A observação minuciosa e discutidora dos **Telles**, lembra os ultimos livros de Anatole France e o *Pequeno Mundo Antigo* e o *Pequeno Mundo Moderno* de Antonio Fogazzaro. As quatro gerações passam do periodo heroico que Musset descreveu na *Confissão de um filho do Seculo* á opaca hora presente do *Primo Bazilio*, através da rapida floração liberal de 1830 e o desencadeamento dos appetites pluto-

craticos de 1870. É a historia de Joaquim Telles Lobo e do seu filho João d'Albergaria no seculo XIX, desde 1802 até ao tragico desfecho da revolução do Porto em 1891. Um quadro complexo, no qual o heroico vulto de Joaquim Telles se confunde com as luctas pela liberdade e pela carta, e no qual se desenvolve a mocidade irrequieta e sentimental de João d'Albergaria e de seu irmão Manoel, rebentos de um casamento de amor, poetico e romanesco, com toda a herança bellica e revolucionaria do pae e de um tio, outro Joaquim Telles, morto em Wagram ao serviço de Napoleão.

Obras d'estas resistem ás criticas dos contemporaneos e á poeira dos annos, sem que os maniacos da destruição possam annullar o que n'elle é forte, pensado e originalmente humano».

Mario Cattaruzza.—*Folha do Norte* — VII — 1901.

«Este romance corre e empolga, apaixonado e forte, até ao desfecho heroico do ultimo capitulo, o melhor de todos, o maior de todos. É a hora da morte de Albergaria. Mas que linda morte o romancista arranjou para esse poeta da revolução, que traz ao peito a medalha de André Chenier, presa de uma corrente d'oiro! Morre quando nasce essa fugaz e infeliz revolta do Porto. Nas ruas, cheias de nevoeiro, correm regimentos ao som da *Portugueza*. Ha vivas á Republica e canticos de alegria. E na rua do Almada, o pobre Albergaria, esqualido, de juba ao vento, cheio de febre, no seu capote de camelão, clama e pede e grita: — Idéas! idéas! — E n'um desvairamento, vae atirando á rua a sua obra de dezenas de annos para illuminar os visionarios e os doidos da revolta. Mas elles passam, correndo de encontro á morte, e elle passa tambem, fulminado, desfeito, como toda a sua obra. É essa a melhor pagina de Carlos Malheiro Dias até hoje. Ella basta para assignalar um artista de genio».

Dr. Manoel Penteado.—*Jornal do Commercio* — 13-4-1901.

«Carlos Malheiro Dias nous donne aujourd'hui le recit historique et mouvementé des **Telles d'Albergaria.** Il faudrait longuement parler d'une telle œuvre, l'analyser, ce que nous ferons peut-être plus tard, non pas tant à cause de la portée politique, que pour la science magistrale de mise en scène et le tracé vigoureux des figures. Cette histoire qui va de 1826 à 1891, embrassant l'existence d'une famille portugaise dans ses revendications libérales et ses luttes intimes ou publiques, s'affirme vibrante et généreuse comme les meilleures de Perez Galdos. Telles pages, largement symboliques, comme celles du dévouement, où le vieux philosophe, doutant d'une république dont les fauteurs n'ont point l'éducation républicaine, se met avant de mourir à jeter par les fenêtres, au front des soldats, l'entassement laborieux de ses manuscrits, pourraient être signées Paul Adam».

Mr. Phileas Lebesgue.—*Mercure de France*—VII-1901.

Psychologo, mas de uma orientação toda moderna, perscrutando e analysando os menores meandros de uma alma, sobretudo de uma alma feminina, Carlos Malheiro Dias, com o seu novo romance **Os Telles de Albergaria,** deu-nos uma ideia completa do que é: um analysta profundo, um estylista elegante, um pintor incompa-

vvel, um artista delicado, emfim; um d'esses espiritos firmes, que ão em linha recta, sem vacillações, ao objectivo que tem em vista, esparzindo ás rebatinhas todo o encanto de que são susceptiveis.

Além d'isso, o seu talento malleavel adapta-se a todos os lances, a todas as descripções, comicas ou dramaticas, uma outra qualidade distincta do seu talento. Tem sorrisos, tem ironias, tem lagrimas, no desenrolar das scenas que se completam n'uma successão de quadros caracteristicos.

Para se ter uma ideia completa do talento tão variado de Carlos Malheiro Dias, é necessario lêr o seu novo livro **Os Telles de Albergaria**; é preciso conhecer o encanto que emana de tão opulento trabalho litterario; é necessario saborear todas as delicadezas, todas as seducções que se acham dispersas por aquellas paginas tão sinceras, tão interessantes e tão verdadeiras, e que correspondem ás exigencias intellectuaes do nosso tempo. Quando se escreve assim, largos devem ser os horisontes que se abrem a quem com tanta elevação cultiva e explora os veios mais fecundos da litteratura moderna. Carlos Malheiro Dias tem a sua reputação de romancista feita, mas com a sua nova obra, o seu nome, que já estava enfileirado, por direito e por justiça, ao lado dos que mais brilham na nossa constellação litteraria, torna-se ainda mais scintillante. O romance **Os Telles de Albergaria** dá-lhe jús a isso, pois é um d'esses livros que nunca esquecerão, que ha-de ser lido e relido porque é inspirado pelo genio, porque está escripto com esmerado cuidado, n'uma linguagem ora nervosa e graciosa, ora forte e acariciadora; porque, tanto pela essencia como pela fórma, pela intimidade, pela vida e pelo colorido sahe dos moldes habituaes para ser uma obra duradoura e diremos mesmo fecunda.

Commercio do Porto — 3-5-1901.

No prélo

(PARA SER POSTO Á VENDA EM MARÇO)

PAIXÃO DE MARIA DO CÉO

Paixão de Maria do Céo é mais um poderoso romance do eminente auctor do **Filho das Hervas**. Esta intensa novella dramatica, desenrolada através a epopéa militar com que abre o seculo XIX não constitue um livro de exclusivas preoccupações historicas ou de fastidiosa investigação erudita, mas o minucioso estudo de psycologia de um caso de amor, que só deve a um capricho do artista o seu scenario um pouco antiquado, mas por isso mesmo espectaculoso e brilhante. Se o **Filho das Hervas** foi tido como uma apologia commoventissima do amor maternal, **Paixão de Maria do Céo** merece ser considerado como a synthese romantica do amor da mulher portugueza.

AO

Gabinete Portuguez de Leitura

NO

RIO DE JANEIRO

Preito á virtude do trabalho
realçada pela grande moralidade
de instrucção voluntaria.

OFFERECE

Camillo Castello Branco.

PREFACIO

PREFACIO

Entre os trinta e seis criados que, no 1.º de junho de 1834, embarcaram em Sines com o proscripto infante D. Miguel de Bragança, distinguia-se por nascimento e educação litteraria o moço da real camara, Fernando Luiz, sobrinho do tristemente famigerado desembargador Antonio José Guião.

O dedicado rapaz acompanhou o seu rei até á prova da indigencia, n'aquelles dias angustiosos em que o irmão de D. Pedro IV não tinha em Roma, como refere o visconde de Arlincourt, um baiocco (*10 réis*) *para comprar o leite do almoço.*

Quando o infante, apertado pela pobreza, despediu o maior numero de criados e dependentes, Fernando Luiz Guião dirigiu-se á Allemanha, ao passo que os seus compatriotas voltaram a Portugal.

O sobrinho do desembargador Guião tivera na patria o melhor tirocinio litterario d'aquelle tempo, cursando humanidades com os padres do oratorio, e completando os estudos preparatorios no collegio dos Nobres.

Em Roma estudara as linguas italiana e franceza. O tão faccioso quanto intelligente arcebispo de Evora, D. fr. Fortunato de S. Boaventura, tambem emigrado, fizera-o seu amanuense. Da convivencia com este douto portuguez, ganhou Fernando farta sciencia, e mais que tudo o desprendimento e affoita confiança com que o homem, desvalído dos bens de fortuna, se aventura a julgar que toda a terra é patria, porque o saber é universal.

Animado, pois, pelos conselhos do sabio proselito de D. Miguel, foi Fernando Luiz procurar sua vida na Allemanha, como professor das linguas franceza, hespanhola, italiana e portugueza. Dizia-lhe o arcebispo que o estudo das linguas era prezado n'aquellas pensadoras nações em que as sciencias se alimentavam de fundas raizes, e os sabios timbravam em ser cosmopolitas, colhendo a historia de todos os paizes no seu proprio idioma.

Em 1837 annunciara-se Fernando Luiz Guião como professor de linguas em Berlim. Um dos seus primeiros discipulos no idioma portuguez, succedeu ser um dos notaveis sabios d'aquella cidade. Chamava-se Leonardo Leopoldo Frisch, ministro protestante, e contava, ao tempo, idade superior aos cincoenta annos.

Maravilhou-se o mestre de alumno tão respeitavel por idade quanto pela gerarchia no sacerdocio, e perguntou-lhe como tão tarde se dedicava ao estudo de um idioma difficil.

Respondeu o clerigo que nunca tivera occasião de instruir-se com professor idoneo, nem lhe constava que

algum portuguez professasse em Allemanha a sua lingua. Accrescentou que desde tenros annos anhelára ardentemente estudal-a, não tanto pelo prazer de decifrar a famosa epopêa de Camões, que os seus conterraneos, desde Meinhard até Wilhelm von Thery, pareciam deslustrar, como principalmente para decifrar um segredo de familia.

Apesar da indefessa applicação do discipulo e do engenhoso methodo do professor, as delongas e as imprevistas difficuldades impacientavam Leonardo Frisch.

Poderia elle dispensar-se de conhecer o idioma, que alcunhava de docemente barbaro, e esclarecer o chamado «segredo de familia», confiando ao portuguez a traducção do volumoso manuscripto que dizia ter, mas não mostrava, em um cofre de pau santo; porém, o prussiano cohibia-se de expôr os papeis, receando que o mysterio involvesse deshonra para seus antepassados. Fernando conheceu o melindre, e soffreou a natural, mas descortez curiosidade.

Proseguiu o clerigo desveladamente no estudo; e, no termo de dois annos, conseguira traduzir, com exultações imaginaveis, o essencial do manuscripto. E crescia de ponto o seu contentamento á medida que a probidade de seu avô saía immaculada por entre as confusas peças de um processo criminal.

Convencido, portanto, da inculpabilidade do seu antepassado, chamou o mestre á confidencia do segredo de familia dando-lhe o manuscripto para que elle o vertesse, tão litteralmente quanto podesse, para francez.

Antes, porém, da entrega, Leonardo Frisch abriu

um cofre de tartaruga com ornatos de metal, tirou uma caveira, e disse:

— Aqui tem o segredo, que, n'este anno corrente, faz justamente um seculo que entrou na minha familia. Foi meu avô Josse Leopoldo Frisch que fechou esta caveira n'este cofre ha cem annos, contados desde 1739. Aqui tem a data, escripta n'este osso que chamam temporal.

— E foi escripta em Lisboa?! — atalhou o portuguez, admirado.

— Em Lisboa, certamente.

— Noto aqui outra inscripção no temporal *esquerdo... — observou Fernando, querendo decifral-a.*

— Sim, senhor: esta inscripção allemã diz

A Caveira da Martyr

O clerigo continuou:

— Dos papeis que o meu querido mestre vae traduzir não se inferem algumas miudezas que vou referir-lhe como proemio á tristissima tragedia. Meu bisavô João Leonardo Frisch, ministro da Reforma luterana, foi um dos homens instruidos do seu seculo, na Allemanha. Nasceu em 1666, e aqui morreu em Berlim em 1743. Até aos quarenta e quatro annos viajou por França, Suissa, Turquia, Italia Hollanda, Hespanha e Portugal. Casou aos cincoenta e tres, e teve um filho chamado Josse Frisch que no vigor da mocidade foi a Portugal, movido por interesses das sciencias naturaes que cultivava distinctamente. Cheio de honestos brios, me honro em lhe apresentar n'este raio das minhas estantes,

os livros que estes meus ascendentes publicaram [1]. *Meu avô, Josse Frisch, que provavelmente lavou com suas lagrimas esta caveira, consta da tradição que fôra novo, alegre e feliz para Lisboa, em 1730, e voltára á patria em 1739, encanecido, desfeito e envenenado pela paixão de uma saudade que nunca mais o deixou sorrir á esposa que lhe deram nem ao filho, que era meu pae, e muitas vezes me disse: «Eu nunca vi um lampejo de alegria no semblante de teu avô.» Minha avó, esposa d'este homem inconsolavel, morreu sem saber o que este cofre continha. Imaginava-se que o melancolico scismador, por demasia de cautela, fechára aqui alguns exemplares raros das suas investigações mineralogicas. Quanto aos papeis, só meu pae lhes deu valor, quando tentou debalde comprehendel-os, e acaso encontrou o appellido da nossa familia incravado n'estas paginas indecifraveis.*

Não sei se elle teve modo de penetrar o segredo dos papeis e da caveira ; a mim nunca m'o revelou ; mas é mais de crer que a Berlim não viesse portuguez que o esclarecesse, nem elle solicitasse da sciencia alheia um esclarecimento, desairoso talvez, para seu pae.

. . . . . .

Fernando Luiz traduziu litteralmente para francez um longo processo-crime ; e, ao mesmo tempo, com permissão do discipulo, extrahiu um traslado na sua lingua.

---

[1] Consulte os diccionarios bibliographicos de Bouillet, Brunet, etc., quem desejar conhecer os titulos das obras dos dois Frisch.

O emigrado portuguez, favorecido pelas liberalidades do sacerdote Leonardo Frisch, e pelo estipendio do incansavel professorado, conseguiu doutorar-se em medicina na universidade de Berlim. Habilitado a grangear na patria o pão independente da renuncia das suas crenças politicas, voltou a Lisboa em 1844. Por espaço de vinte e cinco annos exercitou a sciencia com tamanho desinteresse que morreu pobre. Como a sua confiança nos aphorismos da arte era duvidosa, barateava os serviços, escrupulisando em encarecer-se além de um simples observador das forças da natureza. E por que não tinha familia, não deixou filhos que chorasse, nem que o chorassem. Que suave morte!

A sua livraria foi leiloada a beneficio de creados. Fui parte na pequena concorrencia de licitantes. Apregoou o leiloeiro um pacotilho de manuscriptos, cartonados e intitulados — A Caveira.

Um dos licitantes, mais attento ao titulo, observou aos outros que, provavelmente, aquella papelada era uma descripção ostheologica da caveira, visto que o defuncto era medico. Esta observação depreciou em tanta maneira o lote que m'o adjudicaram por pouco mais do peso.

Assim adquiri eventualmente o processo de uma historia começada no Regicida, sem a minima esperança de a concluir na Caveira da Martyr.

Este Prefacio *é o resumo das vinte laudas em que Fernando Luiz Guião relatava por miudo as tristezas do desterro e as alegrias do trabalho.*

INTRODUCÇÃO [1]

A viuva de Domingos Leite e de João da Veiga Cabral, já não tinha alma sensivel ás felicidades convencionaes d'esta vida. Recordações que lhe eram affronta, e saudades atormentadoras — a imagem terrivel do primeiro marido, e a imagem amada e deplorativa do segundo — fechavam-lhe em nuvem negra qualquer aurora de esperançoso contentamento. Nem as caricias de Angela, nem os amoraveis rogos de Francisco Mendes a demoveram de seguir o destino que a norteára a Portugal. O ermo, a soledade, a dôr sem distracção, morrer, emfim, alheia de amparos que suavisam o trance, era para Maria Isabel

[1] Abrange setenta annos a *Introducção*. Assignalaremos com traços ligeiros os vestigios da morte no decurso de tres gerações que se contam desde o regicida até á sua ultima descendente.

uma necessidade do coração, um sacrificio voluntario á redempção de suas culpas para com Domingos Leite, e ao seu immenso amor a João da Veiga Cabral. No entanto, se algum desafogo sentia ao cuidar que suas lagrimas eram vistas desde o seio da eternidade, com certeza não eram os olhos do primeiro marido os que lhe davam a recompensa da immolação.

Adorava a memoria do segundo esposo. Santa saudade! Homem mais digno d'esse culto não poderia dar-lhe o mundo outro. Elle tinha os segredos da sua vida maculada, desde que ella lh'os revelou, lembrando-se que uma vez, cega de paixão, não vira em si o labéo que a tornára infame aos olhos de seu primeiro marido. Tudo lhe desvendou, como se os dois cadaveres, que ella fizera, a estivessem accusando para envilecêl-a. Pintou-se ignobil e despresivel no deslumbramento em que a fascinara o rei; arguia-se menos, infamava-se menos por ter sido a cega victima do padre. João da Veiga Cabral explicava indulgentemente as duas cegueiras—primeiro a da innocencia, depois a da allucinação. Defendia-a de suas mesmas severidades. E, quando ella chorava remida pelo amor ardente das almas castigadas, o amante pedia-lhe de joelhos que o acceitasse como marido, não por amor da honra mas por amor d'elle.

Nunca vira a ruga do arrependimento na fronte do esposo, nem os tedios intermitentes da

vida positiva, serena, sem os sustos que refinam o amor. Se ruins lembranças do passado a sobresaltavam, João da Veiga escutava-lhe o gemido recondito do coração; e, arrancando-a de si mesma, parece que a alma se lhe abria em novo manancial de ternuras E por isso, a mulher impura, considerando-se depurada de suas nodoas na frágua d'aquelle amor generoso de todas as misericordias de um Deus, tambem se considerou digna de morrer na tristeza das mais honradas viuvas.

Angela, attribuindo a capricho de genio especial a insistencia da mãe, doeu-se da separação resistente a supplicas e caricias. O hebreu definiu mais psycologicamente a mysantropia de sua sogra. Até certo ponto, desde que viu frustarem-se as meiguices da esposa no alivio de Maria Isabel, comprehendeu que as saudades de João da Veiga não bastava a mitigal-as o amor da filha de Domingos Leite. E notou ainda que sua sogra parecia ter remorsos de haver procurado nas doçuras maternaes impossivel distracção ás angustias de viuva.

Entrou, pois, no Recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, e occultando as passagens criminaveis da sua existencia, logrou estar seis annos desconhecida em uma congregação de mulheres conventuaes, onde por via de regra a curiosidade das coisas mundanas raro cede o passo á indagação das divinas.

Mallogravam-se os cuidados da filha em rodeal-a de todas as regalias compativeis com o seu retiro. Maria Isabel acceitava apenas a satisfação de não ser despresada. Quanto a recursos, as joias de sua mãe asseguravam-lhe alguns annos de parca subsistencia, e dizia ella que, para o final da vida, reservava umas poucas moedas do soldo de seu marido.

Porém, não ha fiar-se a gente nos luctos perpetuos, nos heroismos do lento suicidio, quando são trinta e cinco os annos: e as cinzas de um cadaver affrouxam mas não apagam as faúlas que subitamente resaltam e nos entreluzem horizontes imprevistos.

Quem diria que uma creancinha, ao balbuciar a palavra *avó*, descondensaria de sobre o coração de Maria Isabel o mais espêsso da sua escuridade? Como pôde o contacto de uma vida em começo com o peito glacial da viuva aquecer lá dentro uns embrioens de affectos desconhecidos? Não se explica plenamente o estremecido amor dos avós. Sabe-se que renasce a ternura que os pais tiveram aos filhos na infancia — ternura que esmorecêra a par e passo que os filhos se emanciparam das blandicias paternaes.

O certo é que a mãe de Angela, quando Jorge, seu neto, perfez tres annos, saiu do Recolhimento porque os Estatutos vedavam a entrada de creanças; e a regente, já cançada de quebrar a Regra a rogos da extremosa avó, lhe

declarára não mais exceptual-a dos estylos da casa.

Voltou, portanto, D. Maria para a companhia de sua filha, mantendo os habitos adquiridos no claustro,— o lucto, a oração, a tristeza exterior; mas lá do peito a dentro brincavam-lhe as santas alegrias de embalar no seio o seu neto, guardal-o no berço, e ganhar-lhe o amor com ciumes até da propria filha.

*
* *

Jorge nascera em 1660.

Quinze annos depois, frequentava jurisprudencia na Universidade de Coimbra.

Sua avó acompanhou-o durante a formatura.

Aos vinte e seis annos, Jorge Mendes Nobre era um dos mais famosos jurisconsultos do reino, já nobilitado, como seu pai, com o habito de Christo.

Eis aqui a descendencia do regicida em 1686, quarenta annos depois da sua morte. Maria Isabel ainda vivia quasi septuagenaria, com a memoria de suas desgraças atrophiada, pautando o regulamento higienico do seu passadio como quem deseja e tenciona durar muito.

Triste e estupido egoismo da velhice! Os infortunios são commoventes, ainda quando os grandes delictos se descontam nas paixões des-

atinadas. Com as mulheres cahidas desce ás vezes ao fundo da voragem uma luz, que lhes dá nimbo de martyres da sociedade que as abysma. Ha d'ellas, ahi mesmo, perdidas e admiradas, e, quantas vezes, amadas! Porém, se os annos — triste regeneração! — as restauraram para o respeito do mundo e amor dos netos, a memoria das suas desgraças é serôdia elegia que nos dá um involuntario sorriso ironico.

Percebo isto e não o explico bem.

O leitor, se o quer perceber melhor, contemple o retrato da George Sand de 1835 e o da George Sand de 1875. Depois leia o romance de ha quarenta annos, a *Lelia,* e o romance de hontem, *Monte-Revêche*. Aquella mulher de olhar sobranceiro, que transluz na pupilla accêsa o doce inferno do seu amor, que matava Mussets, e atirava as tranças negras e os escandalos da vida e os escandalos dos livros á cara da sociedade — assombra-me. Sinto que era forçoso saudal-a na morte como os luctadores ao Cezar, no circo. A outra, a Sand dos setenta annos, filtrada do iodo do mar, azotada da sadia cosinha da provincia, com a touca de dispenseira e os bandós espalmados nas fontes, esta, que faria rir a sã moral vingada, a mim faz-me chorar. Ah! as mulheres, que deram vida e morte a muitos corações, deviam morrer cedo!— Que incalculavel expiação, ó Deus, se a velhice, que não tem esperança, tivesse saudade! O que seria a ante-camara

da morte, se ahi deixasses, ó benigna Providencia, uma janella aberta para o passado!

O esquecimento é o primeiro beneficio da aniquilação. Maria Isabel, a mulher de Domingos Leite, a amada de D. João VI, a viuva do enforcado, a amante e esposa do gentil fidalgo de Bragança, aos sessenta e cinco annos, devia de estar esquecida... pois queria viver! Prelibaba as realisadas delicias de um bisneto. Não enxugava uma lagrima, não respondia a um phrase, a uma reminiscencia das cinzas de ha trinta annos!

Não seria mais bella aquella mulher lavrada a vulto na tampa de um tumulo? A leitora de fino sentir não quizera antes que a poesia da morte lhe tirasse d'ante os olhos o espectaculo da velhice, que se resguarda dos nevoeiros e estófa de flanellas o peito, escadeado pela ressicação dos tecidos? Verdade é que a decrepidez da mulher, que triumphou a vida com as magias da formosura, com os filtros da perfidia, insinuando o amor como quem injecta mortaes venenos, é uma profunda lição que refrea os impetos da mocidade, — quando os não desenfrea e lhes dá de espora no curto stadio dos prazeres.

Como quer que seja, a celebrada belleza da Traga-malhas, e a sua historia, na volta dos sessenta e nove annos, se não fossem uma desgraça inconsciente, seriam supplicio de sobra ás suas culpas.

Não nos deteremos a descrever-lhe a ultima

phase da decomposição. Ali já não podia dar-se o morrer que espanta. Morta já ella estava na mais vivaz faculdade do vitalismo — a memoria. Seriam consternadores os seus paroxismos, se ella prolongasse um lanço de olhos pelo passado, e revelasse, nas lagrimas derradeiras, saudades ou remorsos. A filha e o hebreu é que choravam, recordando-se da vida d'aquella mulher, e entrevendo-lhe no rosto morto a formosura, a apagada estrella que tantas fatalidades influira.

Quando Maria Isabel morreu, (1694) já seu neto Jorge Mendes Nobre era lettrado insigne na côrte; excedia os trinta annos, e havia casado afortunadamente com a filha de outro rico lettrado, João Xavier Gomes, de familia israelita.

Jorge e seu pai eram suspeitos ao espirito da intolerancia catholica, bem que ouvissem missa quasi quotidiana na capella da casa. Verdade é que o advogado Mendes Nobre não imitava a christandade de seus pais, allegando negocios que lhe redusiam as praticas devotas, com mui grande magua sua. E, posto que não faltasse no templo em dias santificados, esta satisfação era diminuta para a critica, e principalmente para o santo-officio, a quem constava que Francisco Mendes, tres annos depois da morte do rei, repozéra em Amsterdão os cabedaes que d'ali mandára vir para Portugal, quando calculou segura a sorte das familias israelitas protegidas pela côrte, em recompensa dos serviços feitos á in-

dependencia da patria e conservação da dynastia. Porém, assim que viu a inquisição excommungar D. João IV morto, porque elle restituira aos filhos de alguns condemnados pela inquisição os bens de seus pais, Francisco Mendes transferiu os seus haveres a Hollanda, auferindo dos rendimentos o costeio da sua invejada abastança.

Menos cauto que seu pai, o eminente jurisconsulto era espiado, desde que ao santo officio chegou o vago boato de que elle tinha e lia livros prohibidos no *Index auctorum damnatae memoriae,* composto pelo jesuita Balthasar Alvares, e mandado imprimir em 1624, pelo inquisidor geral D. Fernando Martins Mascarenhas. Aggravava esta denuncia o crime de ter peregrinado terras de hereges, nomeadamente Flandres, convivendo com heresiarcas, comendo com elles, e praticando livremente ácerca dos dogmas da fé catholica.

Infelizmente, Jorge Mendes Nobre usava encarecer a sua fé christã, dispendendo-se em argumentos contra os incredulos; mas a tibieza com que atacava as rasões dos huguenotes, parecia um proposito hostil á sua mesma opinião, se não era antes uma perigosa ironia.

Para bem averiguar o que fosse, o promotor do santo officio requereu contra o doutor Jorge Mendes, alcunhando-o de heresiarca e dogmatista. Em seguida, o alcaide recebeu o mandado de prisão, que se cumpriu no mez de fevereiro

de 1701, quando o lettrado estava festejando o decimo quarto anniversario do seu primogenito Paulo Xavier.

O prezo orçava então pelos quarenta annos; Angela era ainda vigorosa; mas seu pai perfazia os setenta. Alanciado pelo terror da sorte de seu filho, Francisco Mendes soccorreu-se das pessoas poderosas na côrte, expondo os favores que prestára ao rei e ao reino; mas concluindo pouco ou nada quanto á orthodoxia do réo. [1] Pelo que, a sua afflicção de pai extremoso, offerecendo grosso dinheiro pela liberdade do filho, lhe enredava mais o processo e difficultava o perdão. O santo officio não costumava fazer transacções de tal natureza. Se os prezos eram ricos, a inquisição não carecia de os absolver para os espoliar.

Desde a hora em que lhe arrancaram dos braços o seu unico filho, o marido de Angela não

---

[1] Francisco Mendos debalde empregára todo seu valimento para, em 1664, salvar da morte seu tio Affonso Nobre, advogado em Villa Viçosa, onde fôra provedor da Misericordia e vereador. Tinha um filho e uma filha que, prezos tambem, foram compellidos a testemunharem contra seu pai. Este filho, no auto da fé, pediu ao pai que lhe perdoasse e o abençoasse. O penitenciado a fogo, respondeu: «Perdão vos dou por me trazerdes a este estado, para que Deus me perdôe; benção, não; porque não é meu filho quem confessou o que não fez, e sendo christão, disse que era judeu.» E morreu queimado Affonso Nobre por negativo na crença de Moisés.

teve mais o reparador descanço de uma noite. Nem a esposa nem o neto o distrahiam da lethargia em que se atrophiou desde que as portas dos amigos se fecharam ás inuteis supplicas. Em quanto pôde chorar, viu a esperança ao través das lagrimas; porém, as lagrimas seccaram e a luz apagou-se-lhe nos olhos ao mesmo tempo. O infeliz expirou, cuidando que ouvia os gemidos do seu Jorge na tortura!... Que morte a d'aquelle ancião cheio de virtudes!

Jorge Mendes ignorava ainda, dois annos depois, que seu pae era fallecido e sepultado no seu carneiro de família que mandára construir na egreja de Camarate, onde possuia uma quinta. O *Regimento da Inquisição* castigaria com grande rigor o guarda que noticiasse ao prezo que seu pae era morto. (Nota 1.ª [1]).

Entretanto, a situação de Jorge Mendes era decerto menos horrivel do que se afigurára a seu pae. Logo que foi preso e levado ao tribunal, confessou que tivera duvidas sobre certos dogmas da religião christã, depois que lêra alguns livros condemnados, os quaes estavam na meza dos inquisidores. Nomeou as pessoas com quem no estrangeiro praticára, e os apertos em que se vira para refutar a theologos lutheranos, attribuindo estas difficuldades á sua ignorancia d'elle, e não

---

[1] As *Notas* são impressas no final do romance.

ao racionalismo dos contendores. Esta confissão, acompanhada de lagrimas e outros signaes de intimo arrependimento, favorecia o prezo com este artigo do *Regimento*, titulo 3.º intitulado *dos Confitentes:*

Porém, quando algum réo depois de prezo e accusado pela justiça, antes de lhe serem publicadas as testemunhas d'ella, confessar suas culpas e a confissão fôr muito satisfatoria pelos signaes que mostrar da sua conversão e arrependimento, e pela declaração das culpas e dos cumplices, que deu e descobriu; poderão os inquisidores não votar em pena de carcere e habito perpetuo, senão a arbitrio; e isto mesmo poderá ter logar no réo que posto que não mereça tanto favor pelo tempo, em que fez a confissão, comtudo o merecer pelo modo com que a fizer e pelos signaes que der de seu arrependimento e declarações que fizer das culpas e culpados do mesmo crime.

Os requeridos signaes de conversão não podiam ser mais persuasivos. O réo, chorando pela esposa, pelo filho e por seus velhos paes, revelava angustias que os inquisidores poderiam suppor intenso pezar de haver duvidado da unidade das tres pessoas da Trindade santissima; e, convencidos e compadecidos, poderiam, em conformidade com a lei, mandal-o estudar melhor as santas theologias, e soltal-o do carcere sem pe-

nitencia grave; porém, o artigo 10 do mesmo titulo 3.º do *Regimento*, dizia:

Os heresiarcas e dogmatistas, posto que confessem antes de ser accusados pela justiça, sempre devem ser examinadas suas confissoens (que grammatica a d'esta santa gente!) *com maior advertencia, para que se veja se são verdadeiras, e os signaes que dão de sua conversão mostram estarem de todo appartados dos erros em que criam e que ensinavam; e, concorrendo estas circumstancias, serão recebidos com carcere e habito perpetuo, sem remissão e com reclusão, pelo tempo que parecer que convem para a sua instrucção na Fé... e com o habito penitencial levarão ao auto da Fé carocha com titulo de heresiarca ou dogmatista.*

Este artigo, portanto, frustrou as lagrimas compungentes do advogado: e muitas deviam ser as que elle chorou, desde fevereiro de 1701 até setembro de 1703.

E, ao cabo de dois annos e sete mezes de carcere em que lhe era permittida a leitura dos Evangelhos e a pratica semanal com algum frade dominicano, e, melhor que tudo, a confissão mensal, com reserva da communhão, sahiu em fim Jorge Mendes Nobre com sambenito, no Auto da Fé, em 9 de setembro, a fim de abjurar em publico os seus erros, e vêr queimar os livros que o derrancaram. A sua contricção era noto-

ria. Já por entre a multidão circulava um piedoso soneto que Jorge Mendes escrevêra em resposta de outro recheado de sandias injurias. (Nota 2.ª). O publico, a côrte e o tribunal, mostravam-se compadecidos do réo confitente, do sabio jurisconsulto, do filho do christão novo que tão liberalmente remira a honra de D. João IV infamada pelos crédores hollandezes. Augmentava a condolencia geral saber-se que Francisco Mendes perecera de paixão, e que a sua viuva era um raro espectaculo de desgraça e força. Pois não obstante este conjuncto de circumstancias, a sentença lida ao réo penitenciado, antes que o inquisidor o absolvesse e tocasse com a vara, continha estas durissimas penas:

Prohibição de advogar;

Prohibição de insignias de qualquer dignidade;

Confiscação de todos os bens;

Degredo por seis annos para a cidade de Miranda.

A aspereza d'esta sentença amacia-se bastantemente, se meditarmos que os inquisidores podiam queimal-o, se quizessem. Ao favor de o não queimarem, accresce a extraordinaria bemquerença de o aliviarem da pena de habito penitencial, podendo assim Jorge Mendes Nobre, desbalisado não só dos bens, mas até do officio por onde podia readquiril-os, pobre e desterrado, com mãe, esposa e filhos, implorar em Mi-

randa uma vestia de borel, visto que não poderia mendigar o habito de penitente, que a santa Inquisição costumava vender caro aos que forçadamente se haviam de fornecer dos seus armazens.

*
* *

A maior parte dos haveres de Jorge Mendes Nobre, como se disse, girava em Hollanda no tráfego mercantil, mediante o rico banqueiro de Lisboa, Manuel de Castro Guimarães. [1] Portanto, o neto de Domingos Leite Pereira era rico, a salvo da inquisição.

Aconselharam-o em Miranda que fugisse para Amsterdão: era facil illudir ou comprar a vigilancia dos familiares do santo officio a quem incumbia expiar-lhe o degredo e a observancia do ritual catholico. Repelliu o conselho, receando perfidia, e, mais que tudo, os trabalhos de uma viagem sobresaltada para sua mãe, que orçava por cincoenta e seis annos, e para sua mulher, que insandecêra quando ouviu tanger os sinos

---

[1] No palacio que foi dos condes de Almada, ás portas de Santo Antão, vive hoje o capitalista representante do banqueiro do seculo passado.

de S. Domingos a auto da fé, oito dias antes do espectaculo, um tanger compassado e lugubre como as badaladas da agonia.

Além d'isso, os seus dois filhos Paulo e Francisco, estudavam humanidades em Lisboa, no collegio da Cotovia, que era casa de Provação. Os padres da companhia de Jesus predispunham os dois mancebos, consoante a sua usual discreção, para vestirem o habito. Eram ambos bons alumnos, humildes e de mui devotos exteriores. O affecto dos jesuitas aos filhos do herege absolto promettia que a pena de degredo fosse commutada, mormente se elles fizessem os tres votos. Jorge Mendes confiava tambem na influencia da companhia, e não impugnava a propensão dos filhos. A prizão de dois annos, as calamidades domesticas, o terror do futuro e as tristezas do desterro anniquilaram-lhe a energia. Angela era-lhe amparo forte, como se a dôr a empedrasse. Alentava-o com as esperanças da sua religião; guardava escondida no coração a idéa pura do Christo divino. Escutava, chorando, os murmurios incredulos do filho, e pedia a Deus que lhe perdoasse pelo muito que elle padecera quando seu marido expirára traspassado da paixão do filho unico.

Quando menos o esperava, Jorge Mendes, no quarto anno de degredo, recebeu perdão da sentença, e a livre escolha de domicilio, com a restituição dos seus direitos civis. O portador da

nova foi um poderoso amigo que pozera o infante D. Francisco, irmão de D. João v, acclamado no anno anterior, em lucta com a Inquisição. Era Pedro José Suppico de Moraes, que o leitor talvez conheça de uma *Collecção politica de varios apophtegmas,* publicada em 1720. Não pense, porém, que Suppico, segundo a obra indica, fosse um grave e conspicuo escriptor de maximas e sentenças. Era pontualmente o reverso do homem que se rege por bons axiomas proprios ou alheios. Este sujeito, áquelle tempo, moço da camara e valido do perverso infante D. Francisco, havia matado, em 1698, uma mulher por ciumes. Acoitara-se em um mosteiro, e fizera-se defender no tribunal por Jorge Mendes Nobre. Não sei se foi a eloquencia do causidico, se a influencia de Pedro II que lavraram a sentença absolutoria. Suppico affrontava, em 1707, o odio de Lisboa, cavalgando o seu ginete arrogante ao lado do Grão-prior do Crato, neto de D. João IV.

Quando o bacharel foi prezo, Suppico de Moraes andava viajando com as largas posses do seu patrimonio. Voltando á patria, e insinuando-se na estima do infante, precocemente facinoroso aos dezeseis annos, vingou ingerir a vontade do rei nos decretos do santo officio, e indultar as maiores cruezas da sentença que degredara o seu advogado, e lhe matára as poderosas faculdades de orador, fechando-lhe a tribuna.

O amigo de D. Francisco de Bragança descontara nas suas culpas a virtude acrisolada da gratidão. Jorge Mendes era livre, podia repatriar-se á capital, abrir o seu escriptorio e revestir a beca de primeiro advogado da côrte.

Mas não voltou a Lisboa, nem advogou mais.

D. Angela, tinha-lhe perguntado um dia:

— Se sobrevivermos ao nosso degredo, para onde iremos, meu filho?

— Para onde minha mãe quizer.

— Eu t'o direi... e, se tiveres morrido, irei dizer-te para onde vou, á sepultura.

— Diga-m'o agora, minha mãe, que eu receio não poder ouvil-a na sepultura. Os ouvidos dos mortos estão cheios de vermes... A podridão é surda. Para onde iremos? Eu não quero morrer, mãe! Tenho dois filhos: tenho minha mulher, que nos está ouvindo, posto que esteja morta, e tenho minha mãe que me dá exemplo de coragem. Heide sobreviver ao degredo. Diga-me para onde iremos...

— Para a casa onde nasceu teu avô, se a casa ainda existir.

— Para Guimaraens? Sei que meu pae tinha comprado esse pardieiro aos officiaes de meu bisavô cuteleiro...

—Comprou... Vaticinava-me o coração que eu iria acabar na casinha da rua de Infesta onde começara a sentir a felicidade. Pedi a teu pae que a comprasse aos mesmos a quem a déra-

mos, quando meu avô morreu... Bem sei que me hãode traspassar crueis angustias quando entrar n'aquella casa... Não importa... Se me queres acompanhar, Jorge, vem commigo; depois, irás para Lisboa, melhora a tua vida, que ainda póde ter algum contentamento, e vae vêr-me uma vez por outra.

—Não nos separaremos — volveu o filho.— Desde que sahi do sepulchro da inquisição ainda não vi o sol da alegria que dá o sentimento intimo da vida. Que me faz Lisboa? que me importam os triumphos de advogado, se já os não posso repetir? Não tornarei a ser o que fui... E que fiz eu ?... A desgraça apagou-me a memoria. De todos os meus estudos e triumphos apenas colhi um amigo, um homem de quem o povo pedia a cabeça, quando eu o arrancava ás mãos do algoz. Salvei-o, e... desprezava-o!... mas Pedro Suppico de Moraes, dando-me a liberdade e o direito ao trabalho, faria de mim o antigo homem, se eu pudesse recompôr o cerebro que me fizeram pedaços e m'o arrancaram nas lagrimas. Tenho obrigação de viver, porque sou filho, esposo e pae. Privaram-me dos meus filhos; levaram-m'os como refens da minha fé; serão jesuitas, serão padres, se eu quizer alguma vez, na minha vida, estreital-os ao peito e dizer-lhes que sejam hypocritas para que seu pae não volte ao carcere. A condição para que eu viva é que elles sejam im-

molados... a Deus! Seja assim... Vamos, minha mãe, vamos para o pobre casebre d'onde sahiu seu pae a implantar na terra uma arvore de vergonteas malditas regadas com o seu sangue... Esperemos lá os meus filhos; não nos resta esperar outra alegria antes do ultimo somno do sepulchro.

Nos ultimos mezes de 1707, Jorge Mendes e sua familia residiam em Guimaraens, na casa onde nascera Domingos Leite Pereira, setenta e oito annos antes. Angela, se antevisse a cerrada tristeza que a esperava n'aquelle recinto onde volteavam as sombras do avô e do marido, teria o egoismo de se arredar de um supplicio de nenhum modo compensado. No engano de Angela ha exemplos de muitos illudidos. Figura-se-nos que no sitio onde nos bafejou a felicidade ainda poderemos aquecer ao calor das recordaçoens a alma retransida das glaciaes desgraças. Pinta-se-nos na phantasia allucinada por saudades que as pessoas mortas, que lá nos floriram a vida, deixaram toques de suave melancolia impressos na tela desluzida da nossa mocidade. Prelibamos o agro das lagrimas que vamos chorar; mas cuidamos que, depois das primeiras angustias, se nos hade a alma ir serenando em doces quebrantos d'aquella melancolia scismadora que é o romanso, onde a vaga tormentosa quebra e adormece. Funesta miragem! Os repulsos das alegrias do presente que ahi vão buscal-as onde

lhes ficou o tumulo d'ellas, encontram a desolação, as ruinas das cousas reaes sobre as ruinas das imagens redivivas na saudade. Os mortos amados erguem-se ante nós; mas hirtos, taciturnos, com as palpebras roxas da tabidez dos vermes, e outra vez se reclinam no seio da sua podridão. Tudo anniquilado e perdido! Se ahi ha desafogo algum, é para aquelles que se compenetraram da bemaventurança da morte — o grande abysmo de tudo, a eterna serenidade do nada.

O diadema de Santo Ignacio de Loyola parecia perpetuar-se na sciencia da sua progenitura espiritual. Os filhos de Jorge Mendes, Antonio e Francisco Xavier, fadara-os o vaticinio dos mestres para os elevados postos da companhia. Em 1709 eram elles os mais distinctos alumnos do collegio em Coimbra; mas o braço poderoso de Pedro Suppico de Moraes ousou chegar ahi e arrancar do thesouro da próvida Companhia aquelles dois preconisados successores da dynastia do talento.

Jorge Mendes confidenciara-lhe a magua de se ver apartado dos filhos, sendo essa uma cruel pena a que o santo officio expressamente o não sentenciára. Queixava-se de que os jesuitas desatassem os vinculos da familia, degenerando em quasi indifferença o amor que seus filhos tiveram aos paes, até á hora em que a companhia os avassalára. Carpia-se por se ver obriga-

do a dissimular e tranzigir com essa impia tyrannia, receoso de recahir nas masmorras do santo officio e enredar os filhos na sua irremediavel perdição se o accusassem de reincidencia. Mostrava ter informações de que os seus inimigos se confederavam para reagir á influencia do infante D. Francisco, suspeitando-o insidiosamente á inquisição, que o trazia espiado pelos seus familiares em Guimarães, que eram os mais fidalgos e os mais devassos moradores da terra. Finalmente, pedia ao valido do infante prior do Crato, que por algum modo fizesse saber a seus filhos que se não esquecessem d'elle, nem acceitassem como divino o sevo preceito que impõe aos filhos a barbaria de desprezarem seus paes por amor de Deus.

Pedro Suppico não se considerava ainda bastante desobrigado com o defensor que o salvou do patibulo ou do degredo perpetuo. Por mediação directa de D. Francisco de Bragança, os filhos do bacharel Mendes Nobre foram transferidos do collegio das Artes a fim de serem empregados no serviço do infante. Impugnou a companhia allegando o primeiro voto e a vocação dos moços devotados liberrimamente ao instituto. Por secreta via, receberam os noviços conselhos do pae e do sub-secretario de D. Francisco. Os rapazes, desopprimidos do temor de exporem o pae ás insidias de inimigos, despiram o habito

com desafogo, e respiraram a haustos o primeiro ar de liberdade na juventude.

Paulo tinha vinte annos, e dezoito Francisco Xavier. O primeiro estudou jurisprudencia; o segundo continuou theologia. Nenhum estorvo lhes difficultou a carreira. Os padres da companhia doeram-se da perda, mas não se vingaram dos transfugas, conforme os ardis da *Monita secreta*, delatados ao odio publico pelos atrabiliarios amanuenses do marquez de Pombal, meio seculo depois.

Os filhos de Jorge Mendes alegraram a precoce velhice de seu pae, e assistiram aos paroxismos de sua avó. Angela finou-se em 1712, á volta dos sessenta e oito annos. Dado que cortadas de dores, as fibras d'esta raça de gente resistiam com rara tenacidade de vida. Dir-se-hia que as molas organicas da materia se desgastam menos quando sobre a alma é que as dores actuam.

*
* *

Vai terminar a longa necrologia. Era forçoso que a introducção se expozesse a enfastiar o leitor que assiste á rapida passagem de duas gerações. Não é meu costume inquirir a ultima moda, o modernissimo paladar da opinião publica em iguarias d'esta especie. Não sei se aprazem as delongas de Dickens, se as nudezas de Flau-

bert, se as tramoias de Ponson. Ouço dizer que a sentimentalidade é hoje uma vergonhosa miseria. Commover o leitor pelo coração é cousa pouco menos nefanda que anavalhal-o pelas costas. No realismo ha tudo, tirante a verdade das lagrimas. Foliar com a desgraça, arregaçar em hilaridade burlesca as feições retrahidas pela agonia, é a escola novissima — dizem elles que é novissima. Eu, ha vinte e quatro annos, remedava essa novidade nos romances de Voltaire. Escrevia a *Filha do Arcediago* e as *Scenas da Foz*. Onde isto vai! Como as novidades de agora são antigas!

Hoje estou na verdade da dor humana. Parece-me impiedade vestil-a de farça e pol-a na praça, a escambo de risadas. O histrião não está perfeitamente accentuado no escriptor. Sendo a escola, alcunhada de realista, a perversão do natural, os sectarios d'esse desvario já se vão gozando do direito indiscutivel de me refugarem da sua camaradagem de novellistas. Escrevo á antiga, porque tento commover — dizem, e é verdade.

Os personagens, extinctos no decurso d'estas trinta paginas, tinham de morrer, pelas duas fatalidades, a da vida e a da historia. Um artista mais attento ás preeminencias de gosto publico, rescindiria a precisão de ligar Maria Isabel Traga-mallas á sua tresneta, infausta personagem

d'este livro; eu, porém, que vi o berço dos meus personagens, segui-os até á sepultura, com muita fadiga na averiguação de miudezas dignas das insomnias de uma academia, e de mim.

Está cerrada a *Introducção,* no momento em que a sepultura de Jorge Mendes Nobre se fecha.

A CAVEIRA DA MARTYR

I

Paulo Xavier e seu irmão, levados a Queluz, á presença do infante D. Francisco, por Suppico de Moraes, acharam-se rodeados de grande parte de cortezãos que antepunham a libertina prodigalidade do duque de Beja á gravidade régia de D. João v. Paulo, que se licenciara em leis, foi logo despachado juiz de fóra para Chão de Couce, uma das villas do infante; e Francisco Xavier, que se doutorara em theologia, como agradasse á côrte de D. Francisco pela singularidade do talento e da eloquencia, ficou na comitiva do infante, e muito querido de Lopo Furtado de Mendonça, conde do Rio Grande. Este fidalgo, divorciado das bacanaes de Queluz, teve artes de subtrahir Francisco Xavier ao influxo corruptor do irmão do rei, e particularmente á convivencia de Pedro Suppico de Moraes, que os fidalgos festejavam em publico e detestavam em segredo, ciosos da privança do infante. Tamanho rancor ao amigo de Jorge Mendes Nobre, e

protector de seus filhos, rompeu, volvidos annos, na perfidia do homicidio a punhal. Seria longa, mas estranha d'este livro a noticia da morte do auctor dos *Apophtegmas*. Quem tiver curiosidade, veja a NOTA 3.ª

Os netos de Angela haviam renunciado aos appellidos do bisavô e aos do pae. Não se assignavam *Leites Pereiras*, por causa da forca, nem *Mendes Nobres* por causa das fogueiras do campo da Lan, nem ainda *Gomes* por sua mãe, pois que n'este appellido exsudava sangue de hebreus, muitas vezes derramado nas inquisições de Lisboa, Coimbra e Evora.

Ora, os *Xavieres* de sua avó materna eram sangue puro, sem globulo de moiro ou judeu.

Francisco, o doutor theologo, não se prendêra a ordens que lhe deshonestassem o goso dos annos da força e das paixões. Sobejavam-lhe bens da fortuna. Eram ricos do seu patrimonio, posto a lucro em Hollanda. Paulo accrescera as rendas de seu irmão, cedendo-lhe parte grande das suas. No seu logar de juiz, e estado de solteiro, dispendia-se moderadamente, e folgava que Francisco, acamaradado com os nobres, os egualasse nas pompas.

O doutor Francisco Xavier era esbelto moço. Aprimoravam-se n'elle os traços peculiares de raça, aformoseados pela similhança de seus bisavós Domingos Leite Pereira e Maria Isabel. Muitas vezes, em menino, ouvira dizer a Angela, sua avó: «Como esta criança me desenha as feições de meu pae, quando eu nem sequer penso n'elle!»

A moda e o coração sedento nortearam-o para o mosteiro de Odivellas. Ia no rasto do rei e dos potentados do reino. A corrupção ali era fidalga e realenga. Soror Paula, a trigueirinha, que ainda assim não podéra quebrar os feitiços de D. João V com a cigana Margarida do Monte, professára por aquelle tempo. O rei disputou-a ao conde de Vimioso, tirou-lh'a, e

cedeu-lhe duas á escolha. Uma, a preferida, rejeitou o conde, e deixou-se requebrar da candura de Francisco Xavier. Era D. Catharina Luiza de Miranda e Castro, alcunhada a *Muleirinha*, e assim conhecida na roda dos condes, que tiniam as esporas de oiro no pateo das eroticas Bernardas.

Aquella D. Catharina era deveras e singularmente amada e linda, com vinte e um annos. Mas Francisco Xavier era amado de duas. A outra passava dos trinta annos, tinha a experiencia que lhe cancerára e calejara o coração, a estrategia que dão as cicatrizes. Chamava-se D. Francisca Ignacia de Mello, por alcunha a *Pimentinha*. Quasi todas eram alcunhadas. Esta derivaram-lhe o appellido do temperamento cálido, da irascibilidade no amor, nos zelos, na petulancia com que fazia do habito um dominó do carnaval. Qualquer das duas figurava sempre na *Lista das pessoas que sahiam condemnadas...* O leitor moderno e descurioso de velharias de certo ignora o que eram estas *Listas* annuaes. Vou dar-lhe um modelo, trasladando parte do rol manuscripto de 1716. Veja como era divertido aquelle tempo! Com taes elementos, a imprensa de hoje, se os tivesse, não estagnaria n'este mar morto de enxabidez em que a puzemos. A *Lista* era o periodico satyrico manuscripto, enviado ao mosteiro, em tantos exemplares quantas eram as cabeças mais bellas e doidas. Os redactores eram clandestinos; e por isso, o rei e os proceres de maior tomo nem sempre eram respeitados, e bem assim as freiras que tinham cá fóra os lacaios dos amantes armados do tagante vingador.

Era assim a

*

Lista das pessoas que sahiram condemnadas por ordem de Sua Magestade e do Geral de Alcobaça, pelas devassas secular e regular que tiraram no convento de Odivellas o corregedor do bairro dos Romulares e os visitores da mesma religião. Primeira abjuração de leve por culpas de presumpção amante, alcovitice e outros erros.

N.os	IDADES	NOMES	PENAS
1	38	O padre Pantaleão Rodrigues de Sá, presbytero do habito de S. Pedro, natural de Odivellas, e na mesma parte morador, por dar palestra a varios freiraticos em sua casa, dando os escriptos e recebendo respostas de muitos tratamentos illicitos.	Termo que assignou no Aljube com promessa de não consentir em casa símilhante gente, e 40 leguas degradado para fóra da côrte.
2	42	O padre Roque Francisco, clerigo do habito de S. Pedro, por tratamento illicito com certa religiosa que vai na lista.	Termo na mesma prisão e 30 leguas para fóra da côrte.
3	41	Francisco Xavier Curvo Semedo, natural de Lisboa, onde é morador. Por presumpção das mesmas culpas.	Termo em casa do corregedor.
4	30	Henrique Xavier de Pina Coutinho. O mesmo.	»
5	22	*O doutor Francisco Xavier, natural de Lisboa, e ahi morador, por se entreter em correspondencias illicitas com certas religiosas que vão na lista*[1], *etc.*	Termo no Aljube e degredo.

[1] Seguem depois de Francisco Xavier, até ao n.º 11, o padre Joaquim de Sant'Anna, religioso de S. Jeronymo, o conego D. Luiz da Camara, outros conegos Martinho de Mel-

SENHORAS

Abjuração de leve por culpas de amantes e outros erros

N.os	IDADES	NOMES	PENAS
1	26	D. Ursula Francisca de Moraes, a *Caramêlo*, natural de Lisboa, religiosa em Odivellas, por culpas de correspondencias illicitas.	Quinze dias de comer em terra e seis mezes privada das grades e logares publicos.
2	30	D. Francisca Ignacia de Mello, a *Pimentinha*, pelas mesmas culpas.	O mesmo.
3	30	D. Anna Joaquina Bandume, do reino de Angola, pelas mesmas culpas.	O mesmo.
4	40	D. Clara de Almeida e Vasconcellos, *idem, etc.*	O mesmo.
10	21	D. Catharina Luiza de Miranda e Castro, a *Muleirinha*, por as mesmas culpas, com aggravo de outra que vai na lista.	O mesmo.

São condemnadas a carcere e longos jejuns D. Marianna Perpetua, *relaça* e pertinaz e impertinente.

D. Leonor de Menezes, chamada *a das Finezas*, que tem 40 annos.

D. Catharina Isabel, a *Cassarola*, que tem 18 annos.

---

lo, e Manuel José de Miranda. São relaxados e condemnados a mordaça Manuel José de Abrantes, o dr. Antonio Velloso Henriques, D. Lourenço Vasques da Cunha, o conde de Villa Flôr, Antonio Sanches de Noronha, *o poeta de Odivellas*, Placido de Oliveira, o *má-lingua*, etc. Diz lá que o poeta Sanches vive de suas rendas na Povoa de Santo Adrião, ainda que já muito resumidas «por despender bastantes odres de vinho com *Marcia Bella*, que vai na lista».

D. Jacinta Michaela de Castro, a *contractadora*, 28 annos.

D. Thereza de Mello, a *Vigairinha*, 23 annos.

E por não guardar lealdade ao seu amante é condemnada a um mez de carcere a sr.ª D. Mauricia Rangel de Macedo, que tem 82 annos, idade, n'aquelle tempo, incompativel com menos de dois amantes, ao que parece.

Em fim, diz-nos a lista que a inspiradora do poeta Antonio Sanches de Noronha, por amor de quem elle se desbaratava em odres de vinho, era D. Mauricia de Pina Rebello Freire, a quem D. João v chamava *Marcia bella*.

Ahi estão os nomes das mais celebradas formosuras de Odivellas.

Por onde se vê que D. Catharina, a *Muleirinha*, era condemnada por amores, com aggravo da outra; e Francisco Xavier, tambem arrolado na lista, é o unico incurso no crime de correspondencia plural *com certas religiosas*.

Isto que parecêra brinquedo cá fóra, lá no interior do mosteiro ia lavrando em guerra de intrigas, agoureira de funesto desenlace. Catharina de Castro era aborrecida das freiras contemporaneas de Francisca Mello na profissão. Os doze annos e a belleza que as distanciavam abalizavam a arena da encarniçada lucta. As parciaes da mais velha diziam que a primazia era de *Pimentinha* por ter sido esta a que primeiro ouvira os requebros do doutor Xavier. As poucas do bando da *Muleirinha* pleiteavam os direitos da sua amiga, rindo e galhofando da outra, a quem chamavam *velhota*. É o costume. As mulheres de vinte annos datam a velhice aos trinta, e dos quarenta em diante confundem todas as senhoras na respeitabilidade de suas mães e avós.

Francisca Mello sabia que lhe ridiculisavam os serodios ciumes; contorcia-se beliscada na fibra mais

sensivel; digeria e affronta, esperando a occasião de a revessar em fel á cara da rival.

Mas, verdadeiramente a culpa não era de Francisco Xavier. Se uma vez galanteára Francisca, induzido pelos deshonestos pensamentos que o appellido da freira e as informações lhe esporearam, este galanteio não o obrigára ás austeras fidelidades costumadas nos amores monasticos. O filho de Jorge Mendes estava ainda longe da idade e do uso em que o paladar cançado carece de perrixis estimulantes. A mulher ideal que o seu coração almejava devia ser modesta, pudibunda, arminho sem nodoa, meiga sem arte, infantilmente assustadiça, propensa ás lagrimas, singela no dizer, ignorante das grandes phrazes que tornam o amor pretexto de rhetorica; em fim, elle andava a scismar com um composto de carne e espirito, que não era de modo algum aquella filha de S. Bernardo, e esposa do Senhor, chamada ardentemente a *Pimentinha*.

Quando viu Catharina, além de linda e serena como a innocencia, aureolada com a distinção de ter sido alguns dias requestada pelo monarcha, adorou-a, posto que do seu prospecto não constasse que o arminho dos seus sonhos fosse mais candido, se o halito do rei o bafejasse. Adorou-a apezar d'isso, ou talvez por isso.

E póde ser que o despeito d'ella aferventasse a paixão. O rei deixou-a por causa de Paula Perestrello. O conde de Vimioso appareceu-lhe no logar do rei, que lhe fazia mercê de uma das duas odaliscas. E Catharina, desprezando o substituido na pessoa do substituto, retemperou e aqueceu o coração no fogo do capricho, e entregou-o com sincera e honesta dedicação a um moço que lhe fallava timido, que a contemplava silencioso, e era de si gentilissimo, e, entre os mais fidalgos, o que parecia mestre na cortezia, e superior na educação.

II

Medrou o amor de Catharina de Castro na proporção do odio que lhe votava Francisca Mello. Os amoríos de Odivellas, uma vez por outra, eram mais escandalosos que impuros. Paixões serias e levadas á extrema consequencia do assalto ou da fuga eram raras. Em mosteiros menos apontados á vingança do céo repetiam-se mais frequentes as transgressões do voto virginal. Brincava-se ali, em Odivellas, com o amor. Suppurava muito abcesso de ternura em poesia má — verdadeira peste. Sarjados uns tumores, bojavam outros. Em cada primavera, trinava passaro novo no coração da freira, e pululava no terreiro florescencia nova de condes, de conegos, de poetas que, por via de regra, eram os linguas dos fidalgaços.

Amavam-se doudamente o doutor e a freira, porque eram felizes, zombando assim das ironias mordazes e das intrigas impudentes da *Pimentinha*. Quem primeiramente farejou intenções impuras nos colloquios da grade, e propositos impudicos foi D. Francisca, avisando a prelada, e citando-lhe o recente exemplo da fuga de soror Laureana, abbadessa de Sant'Anna, com um frade capucho. (Nota 4.ª).

A prelada era discreta e conhecia a intrigante, já provada em outros enredos. Ainda assim, admoestou a freira em termos severos. Catharina, respeitando-a, cohibiu-se de lhe perguntar se o seu perigo não seria maior amando o rei; e, se os conselhos que lhe dava agora, não seriam mais opportunos quando D. João V, assim como a mandava ir á grade, a podia mandar ir á sua alcôva. A abbadessa responderia a isto, pondo os olhos no céo, e murmurando: «Bem sabeis, Senhor, que eu não posso obstar a estas poucas-vergonhas!»

Muito fizera ella, obrigando indirectamente o monarcha a edificar caza para Paula Perestrello, de modo que ella se passasse do mosteiro para lá. Porque até então o rei entrava pela portaria, demorava-se na cella da religiosa, e, ao sahir, dava a mão a beijar á prelada, que o seguia com as freiras mais authorisadas até á porta. Perguntou-lhes o rei em uma d'essas retiradas o que iam fazer.

— Vamos rogar a Deus pela vida de vossa magestade — respondeu a monja com solemnidade.

Estremeceu D. João; entrou-se de escrupulos, e nunca mais se serviu d'aquella porta. Mandou construir o passadiço, e adornar com os sonhados esplendores de um sultão os aposentos de Paula e de sua irmã Maria da Luz. (Nota 5.ª)

As reflexões da abbadessa apertaram mais os vinculos. A idéa da fuga, ao principio, deslumbrou-os em exultações misturadas de terror; depois, a treva medonha rarefez-se, e ficou apenas uma sombra que não resistia ás torrentes luminosas d'aquelles dois corações hallucinados. Pactuavam fugir para Amsterdão, e de lá perlustrar o mundo, gastar a vida e o ouro, envelhecer em delicias. Catharina iria para Monte-mór, onde tinha mãe, por motivo de doença. A fuga seria de lá. Estava decidido.

No entanto Francisco Xavier, que amava e respeitava seu irmão Paulo, revelou-lhe o segredo. Paulo foi a Lisboa pressurosamente, e com boas rasões, com supplicas, com lagrimas e até com desesperadas ameaças conseguiu demover o irmão.

— Não fujas! — disse elle, quando Francisco parecia vacillante. — Não te percas, perdendo essa pobre menina! Ella que vá para Monte-mór, e vae tu tambem com o recato que póde fazer durar o encanto do amor. Não a faças absolutamente tua, se a queres amar, não a subjeites á tua dependencia do pão e do vestido, se queres que ella te ame. Tres mezes de amor te dirão o que tu serias aos seis, e os fastios que te esperam aos doze.

Estas e outras melhores rasões, que denotavam experiencia no juiz de fóra, fermentavam lentamente no animo do galan. Em fim, vieram a um accordo rasoavel: se Francisco Xavier, seis mezes depois da sahida da freira, carecesse de expatriar-se para ser feliz, Paulo coadjuvaria a fuga, e liberalizaria a seu irmão dobrados meios para lá fóra alliar á sua fortuna de amante as opulencias de rico.

Não havia precisão de communicar á freira estas clauzulas desairosas. Francisco Xavier, de mais a mais, tencionava provar ao irmão que, sendo eterno o seu amor, a fuga, a posse infinita do objecto amado, era necessaria.

A licença da sahida foi solicitada em segredo. O dom abbade de Alcobaça, Fr. Bernardo de Castello Branco, não costumava devassar dos intuitos das religiosas que requeriam ares patrios. Dizia elle que os ares de Odivellas eram pestilenciaes como os do serralho de Ibrahim. Se alguma queria sahir, dizia elle: «é porque quer ser mulher honesta.»

Quando se annunciou no convento a sahida da *Muleirinha*, D. Francisca Mello esvurmou as coleras que

lhe espumavam no vocabulario da ralé. Disse de Catharina impudicicias que, repartidas pela communidade, ainda haveria excedente de injuria para todas.

Sahiu D. Catharina para Monte-mór-o-Velho em companhia de sua mãe e de seu primo Francisco de Pina e Mello, o poeta e fecundissimo prozista, que hoje ninguem digere. A noticia d'este parente de Catharina seria despropositada aqui, se ao diante não adviessem infortunios procedentes d'essa consanguinidade. A mãe da religiosa era da familia dos Mellos e Pinas, suspeitos hebreus que deram muita carne para as festas da Inquisição de Coimbra durante o seculo XVII, como vamos recordar de passagem.

Quando Catharina chegou a caza fazia-se na terra uma funebre ceremonia. Os ossos de sua tia-avó D. Margarida de Mello, dezesete annos preza nos carceres do santo officio em Coimbra, e ahi fallecida, eram exhumados da vala dos condemnados e sepultos no carneiro da familia, no mosteiro dos Anjos. A inquisição proclamou-a christã velha no acto particular que se celebrou em 13 de março de 1683; mas já estava morta, depois de dezesete annos de trevas, nudez, fome e torturas. Esta senhora, quando foi preza, era cazada com Manuel da Fonseca Pinto, da caza de Balsemão. O marido morreu de dor, e ella expirou sem saber que era viuva.

Tangiam os sinos a finados, quando Catharina entrou em Monte-mór. Soava-lhe no coração aquella toada plangente. A alegria com que sahira do mosteiro agorentavam-lh'a agora sinistros vaticinios. Seu primo, o festivo auctor de *Epitalamios* e *Espelhos nupciaes* tambem ia triste, meditando talvez nas longas agonias de seus ascendentes. E tinha que meditar.

Se o leitor está de pachôrra, meditemos tambem.

Em 17 de setembro de 1598 morreu Alvaro de Pina Cardozo, fidalgo da caza d'el-rei, e morador em

Monte-mór. Este homem havia cazado com Andreza de Andrade, christã nova. Deixou quatro filhos. O primogenito, Rui de Pina, foi queimado no auto da fé de Coimbra, em 4 de maio de 1623. No mesmo auto foi queimada sua mulher Luiza Gomes, de 59 annos. Paulo de Pina, o segundo filho, foi queimado no mesmo auto. Salvou-se sua mulher e tambem o sogro, o doutor Manuel Rodrigues Navarro, lente da universidade. Amaro de Pina, terceiro filho, de 44 annos, foi penitenciado com cinco annos de galés. Sebastiana de Pina, freira no mosteiro de Campos, foi preza e morreu recolhida nas convertidas de Coimbra. No auto de 1625 sahiram penitenciados dois sacerdotes da mesma familia, quo voluntariamente se accuzaram ao santo officio, com o fim de enredarem no judaismo seu cunhado Bento da Cunha Perestrello, que morava em Coimbra na sua caza de *Sub-Ripas* que os fabulistas chamam o «palacio de Maria Telles.» *Estes padres*— diz um genealogista coevo — *sobre pessimos homens foram muito bebados*. Acreditamos. A inquisição ouviu-os, e mandou-os em paz, depois de lhes vestir e despir o habito penitencial. Um dos padres, Balthazar de Pina, querendo entrar no convento da sua ordem franciscana, foi expulso pelos frades com pragas e páos e assobios.

O ultimo varão representante dos Pinas de Montemór-o-Velho era o poeta Francisco Caetano de Pina e Mello, que estas memorias tristes ia cogitando, ao lado da melancolica prima. Se elle antevira então o quinhão de desventuras que guardava o destino! Todos os seus biographos, Barbosa, Costa e Silva e o sr. Innocencio desconheceram os transes esquisitos d'esta existencia tão luxuriante de versalhada e proza importuna. Cazara elle com uma D. Maria Thereza Coelho de Faria, de Coimbra, contra vontade do pae, que vendeu e destruiu quantos bens possuia para empobrecer o fi-

lho. O poeta, privado de meios, deixou a mulher, e passou para Castella. Ahi, com reverendas falsas, fez-se clerigo. Voltando a Portugal, foi preso em Coimbra. Sua mulher, que ainda vivia, metteu-se freira em Santa Iria de Thomar. Restituido ao uso das muzas, recolheu-se a Monte-mór, onde escreveu muito como penitencia, sem edificação nem proveito da posteridade. E, morrendo, em 1767, extinguiu-se esta raça de Pinas que em letras e armas lustraram grandemente desde Fernão de Pina, cavalleiro d'Affonso IV.

Com toda a certeza, a freira cisterciense não pensava nos seus preclaros avoengos, nem sabia que um d'esses estroncara mouros, e outro escrevera Chronicas de reis. Se contemplava o sol, que se atufava em froixeis de arminho e purpura, não era isso a poesia do crepusculo, como seu primo cuidava, recitando-lhe sonetos ao rubente Phebo, e á casta Latôna que surgia no horisonte fronteiro com o seu toucado de ingentes rubis. O que ella queria era a noite, a noite alta, e muito escura, o cantar do galo ás horas mortas; porque se sentia desfallecer de saudade, de tristeza, de morbidos presentimentos, e queria chorar nos braços de Francisco Xavier. São assim quasi todos os introitos da falsa felicidade. Ao longe a miragem. Quando nos separam dois passos do anciado goso, cava-se um abysmo. A fatalidade abre-nos os braços, e transporta-nos. Depois, a voragem alarga-se, cinge-nos, corta-nos as avenidas. Não ha fugir-lhe.

Não era ainda isto o que ella scismava, quando Francisco Xavier, passando ao longo das paredes negras da caza solarenga dos Pinas, se cingiu com uma porta baixa de arco, na base de uma torre ameiada, e esperou.

A porta abriu-se com tanta subtileza que mais se ouvia a respiração arquejante da freira que o ringir dos gonzos.

III

Francisco Xavier residia em Coimbra. Ao descahir do sol, cavalgava o seu ginete; e, galopando as quatro leguas que o separavam de Monte-mór, pela calada da noite, dava o cavallo ao lacaio, e sumia-se na porta arqueada da caza manuelina. Ao repontar da aurora, voltava á Coimbra e emboscava-se em uns arvoredos da Arregaça a scismar na sua ventura, ou talvez a dormir,— o que é mais natural: sejamos um pouquinho *realistas*.

Quer poetasse quer dormisse, a poesia ou sonho, volvidos cinco mezes, inquietavam-no, confrangiam-lhe o animo com mordentes desgostos. Não era o fastio. A felicidade serena, quieta e sem revezes é que descamba no tedio. Se ensanguentamos os dedos nos espinhos das rozas, então nos é mais cara, mais preciosa a flor colhida.

A sua inquietação davam-lh'a as incessantes lastimas de Catharina, logo que no seio lhe avultara o querido e implacavel testemunho do seu delicto. Elle queria agora com mais forte causa, mas menos enthusiasta, realisar o plano da fuga; mas a monja de Cis-

ter, desde os primeiros signaes da maternidade, alquebrada por estranhos terrores, cahiu na cama, sem energia, sem arbitrio, desafogando as enchentes de amargura no coração de sua mãe, louca de dor e vergonha. Depois, quando readquiriu vigor moral, era tarde para fugir. Sua mãe perdoara-lhe com a condição de que ella não faria publica a deshonra de ambas fugindo com o amante. E o amante condescendeu prudentemente. Acautelou-se Catharina de vistas suspeitosas; a mãe encerrou-se com ella na sua quinta de Verride, e permittiu que Francisco Xavier deliberasse o destino da creança.

O juiz de fóra de Chão de Couce, consultado no grande aperto do irmão, combateu o intento da fugida para Hollanda, allegando que uma parvoice não remediava a outra. Encarregou-se de receber a creança, e mandal-a crear. Accrescentou que, se a creança, no futuro, não devesse conhecer seu pae, ficaria sendo filha de seu tio; e concluiu, sorrindo:

— Não te dê cuidado o filho. Cede-m'o a mim, visto que tens a dita de ser fecundo, e é de esperar que continues a dar-me provas de que possues o dom e a graça dos patriarchas abençoados. Os filhos que sobrevierem il-os-hemos repartindo entre nós. Peço-te, porém, que mudes de rumo quanto ás mães da tua futura prole. As freiras acirram bastantemente o peccado, tem amavíos e feiticerias de arte diabolica; mas não servem para mães. Persuadem-se que a esterilidade é uma prerogativa dos seus amores platonicos; mas, se se esquecem de Platão, por se lembrarem de mais de Epicuro, apavoram-se, como Catharina, quando se acham o mais corporalmente que é possivel mulheres, *etc.*

E ficaram pactuados. Assim que a creança nascesse, perto de Verride estaria pessoa confidente de Paulo Xavier para recebel-a. Seria creada em caza

de seu tio, o qual deixar-se-hia pacientemente calumniar de pae, visto que, depois de reiterados esforços, não lográra a invejada felicidade de ter um filho.

Catharina de Castro acceitou resignadamente a convenção; mas repelliu o alvitre de sua mãe, que lhe instava pela entrada em Odivellas. Matar se-hia, se a violencia da mãe e o desamor do amante a quizessem repôr entre mulheres odiosas, agora que já não tinha coração que desse a Deus, ou que desbaratasse em novos affectos. Francisco Xavier mitigava estes accessos de rebelde desesperação, promettendo-lhe resgatal-a para todo sempre da clauzura; mas n'estas promessas não havia a intimativa da verdade nem a vehemencia do amor.

Nasceu uma menina em uma noite de outubro de 1714. Á volta do ermo e desconversavel cazal de Verride rangiam as arvores, varejadas por pegões de vento. Se houve gritos, abafou-os o retroar da trovoada. Francisco Xavier viu o rosto de sua filha á luz sulphurea de um relampago, quando a passava ás mãos de uma mulher enviada por Paulo. Fitou-a na escuridão alguns segundos, esperando o phosphorear d'outro relampago. Sentiu-a fria, e assustou-se com os vagidos. Bafejou-lhe calor ás faces, e depôl-a no seio da mulher, que se agazalhou em uma caza da quinta, onde Francisco Xavier passara os ultimos dias escondido.

A creança, no dia seguinte, foi para Chão de Couce, e o pae voltou para Coimbra, carecido de repouso, de solidão e silencio; porque se sentia cançado, aborrecido de lances tristes, e saudoso dos desprendimentos da sua vida d'outro tempo.

Catharina, entretanto, dizia-lhe que o ultimo prazo da licença estava a terminar; que a mãe não cessava de lhe pedir que voltasse para o convento; em fim,

que uma sua amiga leal de Odivellas lhe escrevera assustada por saber que Francisca Mello, e outras, alguma maldade teciam contra ella, fosse o que fosse, porque, lá no convento, andavam uns *zuns-zuns* a dizerem que ella era de raça judia.

Nem Catharina nem Francisco Xavier deram valor ao dito de *christã-nova;* mas a mãe alvoroçou-se, e pallida de susto, referiu á filha a historia dos seus ascendentes. Traspassada de medo, a freira accelerou os preparativos da fuga, dispondo-se a procurar, sem antecipado aviso, o amante em Coimbra. Já a mãe propriamente a induzia a sahir do reino e censurava a froixa diligencia do perdidor de sua filha. Por sua parte, Francisco Xavier, colhendo em Coimbra com authorisados informadores, nos archivos do Santo Officio, noticias da familia *Pinas* de Monte-mór, soube os nomes de vinte e tantos réos d'aquella familia, uns queimados, outros nas galés, e muitos penitenciados com habito perpetuo. Atemorisou-se como quem era filho de Jorge Mendes e sobrinho do bacharel Affonso Nobre, queimado em 1664. Foi ter com o irmão. Referiu-lhe afflictivamente os seus receios. Paulo não sorriu dos sustos do irmão nem dissimulou os proprios; antes pelo contrario o incitou a partirem sem demora.

Voltou Francisco Xavier a Coimbra. Partiu na mesma noite para Verride, com o proposito de se abalarem d'ali ao Porto, e negociarem a passagem por mar. A meio caminho encontrou um camponez que o chamou pelo seu nome. Era o quinteiro do cazal de Verride que ia a Coimbra avizar Francisco Xavier de que suas amas tinham sido n'aquelle dia prezas por dois familiares do santo officio, e conduzidas a Monte-mór.

A estupefacção nublou-lhe o juizo e a intelligencia

clara da sua situação. Seguiram-se quinze minutos de agonia que nenhum homem os trocara pelo amor e pelas virginaes caricias da formosa freira.

— Eu fui infame em não ter fugido com a desgraçada! — dizia elle de si comsigo, exacerbando a dor da saudade com o opprobrio de haver mentido á victima que pozera nas mãos dos inquisidores.

---

*

IV

O doutor Xavier lançou-se nos braços do irmão. Lastimava-se perdido. A cada rumor nas escadas do juiz espavoriam-se-lhe os olhos contra a porta. Todo homem innocente e inoffensivo se lhe figurava esbirro do santo officio.

Aconselhado prudentemente, partiu aforrado para Lisboa, onde tinha um sincero amigo, o conde de Rio Grande. O conde escondeu-o em sua casa, e indagou os intuitos da inquisição de Coimbra no Conselho Geral. Soube que a freira e sua mãe respondiam por culpas de fé e impureza de sangue; que a denuncia partira de uma casa religiosa; que Francisco Xavier não fôra implicado na denuncia. Só um fidalgo tão poderoso, e apparentado com o inquisidor geral, poderia arrancar tal segredo da secretaria do tribunal.

Qual houvesse de ser a sentença das encarceradas, isso não estava na astucia humana calcular-o. Favorecêl-as, empenhar na absolvição os validos potentados da côrte, é o mais que o conde do Rio podia vencer.

Mas as semanas e os mezes arrastavam-se lentos sem que Francisco Xavier tivesse novas de Cathari-

na. O protector podia apenas asseverar-lhe que ellas viviam aferrolhadas no seu ergastulo de quinze palmos de comprimento e doze de largura, com a escassa luz de uma fresta do tamanho da mão travessa e tres palmos de altura, mas tão elevada que as prezas só de pé recebiam no rosto claridade. A' noite, davam-lhes uma candeia. A mobilia era um estrado que apodrecia logo na humidade do chão, e umas vazilhas de barro. [1]

Amolgou-lhe o debil animo uma tristeza sem intercadencias de esperança. Tudo negro, e o passado irreparavel! Convenceu-se de que a pobre menina e a santa mãe pereceriam antes do julgamento. Accusava-se de matador da formosa creatura, cujo amor elle não soubera avaliar. Amaldiçoava-se por haver vilmente faltado á palavra que dera de fugir para Hollanda. Era desgraçadissimo — e devia sêl-o.

Quando a razão ia apagar-se-lhe, alumiou-o o clarão da fé, com todas as suas fulgurações sinistras, reverberadas das penas do fogo eterno. Não viu ponto intermedio entre a vida ascetica e o suicidio. Pensava nas duas sahidas da sua angustia, ao mesmo tempo. Matar-se de um golpe e cahir no inferno, ou dilacerar-se de vagar, fibra a fibra, e ganhar a graça de Deus deleitando a divina justiça com o espectaculo da carnificina propria.

Acudiram-lhe á demencia o conde e o irmão, pedindo-lhe coragem viril em nome da filha. Elle respondia que a creancinha era a expressão providencial das coleras divinas.

N'aquelle anno, fallava-se muito da conversão de Balthazar Casqueiro, um homem de humilde sorte, valente facinoroso, espancador professo, que pouco antes pertencera ao bando do arruador nocturno Sebas-

[1] Veja *Summario de Varia Historia*, por Ribeiro Guimarães, T. IV, pag. 94 e seg.

tião de Carvalho, que entrou na immortalidade com o titulo de marquez de Pombal. [1] Casqueiro, que então contava trinta annos, embrenhara-se em uns fragoêdos asperrimos nas visinhanças de Evora, chamados *Monte-furado* ou *Covas-infernaes*. Havia ali um nucleo de conversos, attrahidos pelas rudes penitencias de um caldeireiro de Lisboa. D'aquelle alfobre de ermitões sahiu, volvidos annos, Balthazar Casqueiro, o fundador do convento do Senhor Jesus da Boa-Morte, de monges descalços de S. Paulo, primeiro eremita. Lisboa ajoelhava-lhe á sahida dos templos. Fr. Balthazar da Encarnação se chamava elle, e não cessava de dizer, quando escrevia unctuosos sermões que *em sua mão assentava melhor a sovella que a penna*. Havia sido sapateiro, ou *artista confeccionador de calçado*, como diz na taboleta um seu actual collega do Porto, menos santo, e infinitamente mais tolo. Já não ha sapateiros... nem santos d'aquella massa. [2]

O doutor Francisco Xavier queria ir para as Covas-infernaes. Não havia razões e rogos que o demovessem quando o seu condiscipulo e amigo, o irmão do marquez de Gouveia, D. Gaspar de Moscozo e Silva, reitor da universidade de Coimbra, vestiu o habito humilde da ordem dos menores observantes de S. Francisco de Assis, ou missionarios apostolicos do Varatojo. Assim que lhe chegou a estrondosa nova do successo, Francisco Xavier foi lançar-se aos pés do frade varatojano, rogando-lhe que o levasse comsigo. Fr. Gaspar da Encarnação, reconhecendo o condiscipulo, cujos devaneios por Odivellas deplorára no âma-

---

[1] Veja *Historia do reinado de el-rei D. José I*, pelo sr. Simão José da Luz Soriano, tom. I, pag. 175 e 176.

[2] Veja *Vida e ultimas acções e morte do m. r. p. Balthasar da Encarnação, missionario apostolico e fundador dos monges do Senhor Jesus da Boa morte*. Lisboa, 1760.

go do seu peito, levantou-o nos braços; e, orvalhado de seraphicas lagrimas, entoou varios versiculos da Biblia muito apropositados. Choravam ambos copiosamente.

O doutor Xavier, passados dois mezes, era frei Francisco da Luz, macerado, envelhecido, estupido, fanatico, bestial á força de se degenerar, de se amputar, de se infamar de assassino das duas encarceradas. O unico acto louvavel da sua mortificação claustral era celebrar missa quotidiana por alma de Catharina, com licença do seu director espiritual, posto que ninguem lhe dissesse que Catharina era morta. Na filha não fallava, quando respondia ás cartas do irmão. Verdade é que Paulo, fallando da menina, escrevia sempre: «A minha Antoninha, a minha querida creança, a minha doce filha, o meu pequenino anjo, etc.».

Por onde se deprehende que a filha de Catharina fôra baptisada com o nome de Antonia, e vivia na companhia de... seu pae. *Pae* é que diziam todos, e a ama que a creava, ao fim de dezoito mezes, conseguiu que a menina articulasse a palavra *papá*.

Deixemos o frade, e vamos á inquisição de Coimbra.

As duas prezas, passados os primeiros mezes, sentiram a influencia das valiosas protecções. O conde do Rio Grande movera á commiseração da religiosa o real coração que pulsára por ella uns dias. D. João V foi tambem rogado por D. Paula a favor de Catharina. Esta generosidade da amante do rei denotava a compaixão pela mulher que D. João lhe sacrificára. Duas tinham sido as victimas immoladas a Paula. Catharina résignara-se e continuára boas apparencias de amizade com a ditosa; porém, Francisca Mello não só cortára relações, mas até a tratava de *mulatinha* por ser morena (como era justo que o Salomão portuguez tivesse uma — *Nigra sum*, etc.) Bastava isso para que Paula protegesse a inimiga de Francisca.

Como quer que fosse, as duas senhoras, accusadas de christãs novas, depois de removidas para uma sala do edificio, com liberdade de mudarem as suas roupas e escolherem seus alimentos, foram confiadas á doutrinação de um dominicano, ancião bondoso que lhes explicava as estampas de uma biblia franceza, e lhes traduzia e commentava *la Historia de Santo Domingo* pelo mestre Hernando de Castillo. Contavalhes os casos mirificos de conversões que estrondeavam no mundo, e particularmente em Portugal: por exemplo, a conversão do façanhoso Balthazar Casqueiro, a entrada de D. Gaspar Moscoso no Varatojo, e tambem a conversão que levára ao mesmo convento o rico e mundanal doutor Francisco Xavier.

Catharina com febril transporte perguntou-lhe se esse doutor era um que...

Atalhou-a o padre, dizendo:

— Era um que vós, soror Catharina, havieis de conhecer ha dois annos entre os regalões que o inimigo do genero humano deputava ao vosso convento de Odivellas. Esse é, irmã, que não outro.

— E está frade?! — exclamou Catharina, sem attentar na mãe que lhe fazia tregeitos afflictos.

— E frade varatojano — respondeu o padre attribuindo a vehemencia da freira ao assombro de tamanha maravilha.

Desataram-se as lagrimas dos olhos de Catharina e nem assim respirou da sua grande oppressão. Soluçava soffocando os gritos; contorcia os braços, e enclavinhava as mãos, erguendo-as para a cruz. E o dominicano estava espantado ou desconfiado de taes demazias, até que a mãe dissimulou aquellas posturas tragicas, explicando que sua filha, quando ouvia passagens que a commovessem, tinha similhantes ataques...

— Então é nervos... — assentiu o padre de boa fé — É molestia a que as freiras são muito attreitas.

Mas algumas conheço eu em Cellas, que soffrem d'isso, e já lhes receitei uma boa disciplina ao deitar, outra ao erguer, e muitos jejuns; porque tenho observado, senhoras minhas, que as mulheres do campo, que trabalham e suam, não tem d'esses attaques . Eu acho bom e saudavel para a alma que uma pessoa se edifique ao ouvir contar cazos maravilhosos de conversões. Bom signal é esse de predestinação... Mas cada coisa tem seu logar; e a sua afflicção, sr.ª D. Catharina, é extraordinaria.. Sempre me quer parecer que a irmã Catharina, ouvindo fallar dos peccadores e peccadoras de Odivellas, teve um ruim demonio, que lhe trouxe uma saudade e lh'a poz sobre o coração como braza viva... É mister apagal-a...

— Está enganado, senhor...— atalhou Catharina estancando as lagrimas.

— Debaixo d'estas abobadas mentir é mentir a Deus, que não póde ser enganado— admoestou o qualificador do santo-officio — A profana Odivellas explica a Santa Inquisição... Creio que me percebe; e, se não percebe, não posso esclarecel-a. A sua prisão, senhora, é uma vingança, e ainda bem que a culpa é de fragilidade e não de fé. Quando voltar ao seu convento, confunda as suas inimigas com exemplos de virtude. . E se esse desvairado doutor Xavier, que Deus chamou ao seu aprisco, foi parte nos desvarios de soror Catharina, peça ao Senhor que lhe alumie o coração com as luzes da mesma graça.

E, pondo-lhe brandamente a mão no hombro, concluiu:

— Os máos exemplos... os máos exemplos!... Madre Paula dará no inferno os formidaveis gritos da alma que arrastou outras, e o sceptro que tudo póde será vara de eterno fogo e eterna justiça nas mãos do máo principe...

V

Catharina e sua mãe sahiram absôltas em auto particular. Nem levemente lhes infligiram penitencias; que as testemunhas inquiridas em Odivellas e Montemór aliviavam da menor suspeita de judaismo a viuva e a filha.

Assim que ao mosteiro chegou a nova de que a *Muleirinha* ia ser reintegrada na sua cella, soror Paula deu a perceber que pizara o orgulho das inimigas de Catharina. A maioria da communidade odiava a amante do rei — umas freiras por virtude, outras por inveja do vicio, e algumas, o restante d'ellas, porque a concubina de D. João v se affrontava petulante com as mais fidalgas. Logo, pois, que Paula se manifestou arrogante protectora da *Muleirinha*, até as indifferentes á rival de Francisca Mello se confederaram contra a protegida. As pouquissimas amigas da calumniada christã-nova alhearam-se do bando hostil; mas não se encostaram a Paula, que as repellia todas, como quem desejava luctar sósinha, e estender uma botefada de mão real a todas as caras das suas irmãs em S. Bernardo e co-esposas de Jesus.

Imagine-se os conluios, o reboliço, o redemoinho de duzentas e setenta e oito freiras, á mistura com mais duzentas e tantas femeas entre seculares e creadas! Havia conventiculos particulares subjeitos ás deliberações do centro, presidido pela *Pimentinha*. Discutiam o mais peremptorio expediente a seguir logo que Catharina de Castro reentrasse no mosteiro. A prelada, por conselho e' industria dos frades cistercienses, procuradores e directores do rebanho, fez uma allocução ás mais mexediças, admoestando-as a submetterem-se ás ordens de el-rei e do dom abbade de Alcobaça, de quem eram subordinadas. Patearam-na com gritos e com os saltos dos sapatos em desaforada rebellião. A abadessa não ousou impôr penas, porque não tinha força, nem queria pedil-a ao rei para não assoprar a soberbia de soror Paula Perestrello.

Os zangãos d'aquelle colmeal de abelhas celestiaes, os fidalgos e conegos atiçavam a revolta a fim de prolongarem a farça, e conduzil-a á catastrophe das gargalhadas. O voto commum dos disfructadores conveio em que as freiras sahissem todas encorporadas, logo que a christã-nova regressasse. Parece que a trama era havel-as cá fóra muito á mão, e dispersas, como fato de cabrinhas novas por giestaes em flor, quando lhes abrem os cancellos do curral. E, como se não bastasse a zombaria com Deus e com as suas doidas espozas, zombavam tambem do rei, induzindo-as a que se encaminhassem processionalmente em assuada ao paço da Ribeira a pedir providencias contra o proprio soberano e contra a omnipotencia de soror Paula. O entrincheirarem-se no convento, trancarem as portas e resistirem ao ingresso da freira não era caso original nem esperançoso de bom successo; além de que, os mal-intencionados alvitristas perdiam o lanço de pescar nas aguas turvas aquella pesca decerto menos estranha que a *estranha caça* de Camões.

No entanto, Paula e sua irmã, com as suas poucas faccionarias, riam, mofavam e esperavam em jovial sobresalto a recondução da *Muleirinha*.

Um dia, pouco depois de nascido o sol, quando se não esperava, chegou á portaria de Odivellas D. Catharina de Castro em sege com sua mãe, e dois monges de S. Bernardo em outra sege. A prelada recebeu a nova que lhe levou a porteira juntamente com a ordem do dom abbade geral, em a qual se incluia a sentença absolutoria da freira, accusada falsa e protervamente por denunciantes contra quem as leis civis iam proceder, se o santo-officio fosse, contra os usos e direitos, menos executivo.

Afim de não amotinar a communidade, que ainda ressonava ensopada nas mollezas da manhã, a prelada foi silenciosamente á portaria, recebeu com boa sombra a freira, e ordenou que se recolhesse a mãe á hospedaria do mosteiro.

Catharina entrou na sua cella, e fechou-se para chorar e gemer, abafando os gritos com o lenço premido na bocca. Mas ás vezes a pontada no coração era tão lancinante, agonisavam-na tão insoffridas afflicções, que os soluços estalavam-lhe agudissimos da violenta repreza.

Escutaram-na as religiosas mais comvisinhas. Sahiram assustadas ao dormitorio. Disseram, com supersticioso assombro, que se ouviam gritos na cella da Catharina Castro. A abbadessa deu as indispensaveis explicações, pedindo prudencia e juizo. Mostrou a ordem do prelado de Alcobaça, e, lendo as phrazes respectivas á falsa denuncia, accrescentou:

— Deus queira que as inimigas de Catharina de Castro não tenham maiores trabalhos...

Serpenteou o boato por aquelle interior labyrintho do mosteiro. Batia-se ás portas, resmoneava-se, sahiam grupos de umas cellas, dispersavam-se entrando em

outras. O ruido, ao principio receioso, era já tumulto, uma gralheada de vozes argentinas, em que realçavam as incitações de Francisca Mello, applaudidas por palmas e um bater de tacão fremente de colera. Aquellas senhoras, assanhadas como collarejas, eram a nata da nobreza luzitana.

Paula sabia pontualmente a hora da entrada da freira. Enviou-lhe os seus comprimentos e as suas melhores criadas. Este passo encruou a furia das outras. Vociferavam-se palavras obscenas, aprendidas na vida pratica e nas poesias fescininas de Thomaz Pinto Brandão, poeta muito de caza. Applicavam a soror Paula uns epithetos que vexariam a comborça de um lacaio. Catharina ouvia o tropel nos dormitorios, a vozeria que toava pelas abobadas, e tinha medo. Paula e Maria da Luz desceram dos seus aposentos, entraram á cella da religiosa e levaram-a comsigo atterrada em turvações de louca.

Exacerbações novas nas insurgentes, e a deliberação definitiva de sairem de cruz alçada. A abbadessa mandou entrar os frades, que arengaram debalde. Ninguem os attendeu, posto que trovejassem; mas não abriram o sacco das excommunhões, porque, até certo ponto, os filhos de S. Bernardo gostavam de vêr o rei e a sua freira enredados no escandalo.

As freiras tumultuarias eram cento e noventa. Ficaram as provectas, as entrevadas, as neutraes, que eram poucas, e as parciaes de Paula, que eram menos.

Quando a torrente golphou da portaria e espadanou no amplo atrio para se formar em fileira, e marchar no couce da cruz, saiu para o paço um cavalleiro á espora fita com carta de Paula para o rei.

Momentos depois, abalava de Lisboa um troço de cavallaria com o juiz do crime do bairro da Mouraria, Caetano José da Silva Sottomayor.

As revoltosas, quando chegaram ahi pelo Lumiar, avistaram umas nuvens de poeira e ouviram tropear de cavallos.

A condessa do Rio Grande, prevenida pelo marido a quem — posto que já passasse dos cincoenta annos — doía o desastre de uma das mais galantes rebeldes, no lanço em que a tropa se avistou, convidou-as a entrar no seu palacio. Acceitaram, espavoridas do esquadrão e da carranca do magistrado, que as intimou a retrocederem. Responderam tumultuosamente que não voltariam a sua casa emquanto lá estivesse uma judia saída da Inquisição. O *Camões do Rocio*, que tinha graças e farçolices em primeira mão, chasqueou bastante com as bernardas, e, despedindo-se, disse que a sua vontade era agarrar uma de cada vez, e leval-a ao santo redil, pelo caminho mais torto; porém, que o não fazia sem ordem de sua magestade, que estava em primeiro logar, e não gostava de fazenda em segunda mão.

A condessa empregou todos os recursos da persuasão para as regressar ao convento. Era enfurecel-as mais, depois que viram a tropa, e os aspectos marotamente petulantes dos soldados, e os sorrisos amoriscados dos sargentos que lhes piscavam os olhos como o fariam a mulatas de regatía. Confiavam no patrocinio dos parentes; mas nenhum fidalgo se aventurou a ferir o rei no pessoa de soror Paula, desde que a individualidade da *Mulcirinha* se confundiu no capricho ostensivo da amante de D. João V. Concorreu ao Lumiar, durante dois dias, a parentella d'aquellas senhoras com o frustrado proposito de as repôr no mosteiro. Por fim, o rei, conformando-se ao parecer do secretario de estado, mandou ao magistrado Cunha Sottomayor que, á frente de uma boa esquadra de policia e alguma tropa, compellisse, por geito ou força, as freiras desgarradas a entrarem em nu-

merosos coches da casa real, e depois as levasse ao convento.

O *Camões do Rocio* já não logrou ser admittido a parlamentar com as bravas monjas. Assim que as atalaias lhes deram signal de se avistar o exercito, acastellaram-se na parte mais defensavel do palacio. Algumas subiram ao terraço da casa, cujo parapeito era formado de adobes desconjuntados pelo tempo, e circuitados de ameias, com suas torrinhas ou miradouros angulares. As que galgaram áquella especie de adarves eram as mais mal condicionadas, e mais virilmente apostadas a triumphar ou morrer.

Assim, pois, que o ministro, frustrados os expedientes cortezes, deu voz de escala e arrombamento aos quadrilheiros e soldados, do alto do terraço granisou sobre os assaltantes uma chuva de tijolos á mistura com pedaços de ameias alluidas. Ao mesmo tempo, do segundo andar do palacio irrompiam sobre os beleguins, fulos de marciaes raivas, não só as alfaias de madeira, mas até as vasilhas de barro, mais secretas e menos olorosas, das alcovas. A gritaria das assaltadas seria a imagem do inferno, se ellas, tão lindas, não figurassem os anjos bons nos lueiferinos prelios cantados por Milton.

Os sitiadores, favorecidos talvez por traição da propria dona da casa — victima principal do conflicto — como o boticario de Nicolau Tolentino, entraram no palacio, acoroçoados pelo juiz. As freiras ainda quizeram luctar peito a peito; mas vedava-lh'o o pudor e o habito. Não foram agarradas como dizem alguns historiadores: renderam-se incolumes, intactas e puras como eram. Seria inverosimil agarração essa; a menos que os aguasis não tivessem os braços de Briareu. Elles eram menos de quarenta, e ellas pouco menos de duzentas.

Quando os coches pararam no terreiro do convento, ouviu-se uma gargalhada estridula no segundo andar do palacete contiguo ao mosteiro.

Era soror Paula Perestrello. Estava vingada. Então soube quanto era bom ser amante de um monarcha poderoso, devasso e parvoeirão. (Nota 6.ª)

VI

A noticia d'estes acontecimentos, relatados pelo conde do Rio Grande, chegou ao cubiculo do missionario apostolico fr. Francisco Xavier, ou *da Luz*, como elle se assignava.

Os tresvarios ultra-piedosos da sua rasão propendiam a crise salutar, desde que o conde lhe asseverou que D. Catharina e sua mãe eram mais hospedas que prezas na inquisição, e que o patrocinio real, solicitado por soror Paula, era segura caução da absolvição das senhoras comparativamente felizes. A pouco e pouco se adelgaçou a treva d'aquella alma enferma. O homem revoltou-se no frade. O galhardo cortezão sentiu-se, no habito de estamenha, confrangido e esgarçado na epiderme como na tunica de Nessus. Bateu-lhe n'alma a clava do arrependimento. Desculpou-se diante de Deus, confessando-se que ensandecêra no dia em que se amortalhára, porque desejava morrer, despedaçando-se.

Pensava em sua filha; mas não ousava perguntar por ella ao irmão, expansivamente. Envergonhava-se: tinha o pudor da dignidade; temia que seu irmão o

culpasse agora de leviano como o arguira de covarde, quando elle se evadiu do mundo pela porta vulgar de Balthazar Casqueiro, e do caldeireiro das covas-infernaes, e do proprio instituidor do Varatojo, fr. Antonio das Chagas: tres beatos que se furtaram assim ás galés, embaindo a justiça humana. Além d'isso, as cartas saídas do asperrimo convento, eram inspeccionadas pelo guardião. Fr. Francisco seria o opprobrio da ordem, se a profanasse em suas missivas com uma palavra ressabiada de mundo, diabo e carne.

Encheram-se de amargura as suas noites veladas sobre a esteira do catre. Humilhava-se diante da cruz tôsca, feria a arca do peito; mas as pancadas doíam-lhe como se lá dentro chorasse um coração que pedia vida, e as delicias do amor de pae, e as serenas tristezas de uma saudade respirando em Deus. Mais desgraçado do que nunca!

O conde do Rio inferira de uma carta do frade o segredo da transformação mal dissimulada. Foi ao Varatojo, a pretexto de visitar o seu parente frei Gaspar da Encarnação. Afastou-se com fr. Francisco da Luz; e, a proposito d'esta *luz*, perguntou-lhe por que não se cognominava antes fr. Francisco *das Trevas*.

O frade debulhou-se em torrentes de lagrimas, olhou em derredor que o não vissem no mais espesso da mata, estreitou-se ao seio do amigo, e rompeu o dique de suas angustias com precipitada eloquencia. Fallou de Catharina, arrebatado e oppresso; da filha, com expressões de pueril ternura; do seu passado, com excruciante saudade; e do seu presente e futuro, como d'um inferno irremediavel.

Pela sorte de Catharina lhe acudiu o conde com um grande allivio. No mosteiro e na sociedade era insuspeita a honra da religiosa. As suas proprias inimigas, vingando se na calumnia, bem sabiam que o

desaire, ainda que fosse verdadeiro, não seria grande. Illibada da nodoa de christã-nova, outra qualquer affronta á sua castidade, na casa de Odivellas, era vicio e direito commum, podendo cada freira perguntar á sua detractora como via argueiro em olho alheio com tamanha trave no seu. Affiançou-lhe que soror Paula e sua irmã se affeiçoaram extremosamente a Catharina, e a fizeram sua commensal, divertindo-a das tristezas com engenhosa dedicação. Esperava, portanto, o esperto conde que a *Mudeirinha* viesse a gozar-se de remançosa tranquillidade, conformando-se a um viver sem grandes maguas nem grandes contentamentos.

— E eu! — exclamou fr. Francisco — e eu!... vivirei n'este longo paroxismo... Para mim nunca hade chegar a resignação, a graça divina que transforma o homem apagando-lhe as memorias do passado. Este habito é uma injuria que faço a Deus. As minhas orações em communidade são peccaminosas por que são fraudulentas. Sacrifico-me violentado. Nem sequer posso sentir a consolação dos que se mutilam confiados em indemnisações d'outro mundo. Nada espero, senhor conde. Se ha alguma coisa além da morte, a desgraça entenebreceu as visões da minha fé. Perdido! e perdido tudo quanto amava!...

A dor exuberou em queixumes que apiedaram o conde. Pungia a comparação do fastuoso Xavier de Odivellas com o descarnado varatojano. Lopo de Mendonça via ainda n'elle o reflexo de um filho dos mesmos annos, seu amigo de infancia, filho unico, fallecido em 1707, por amor de quem o conde se lhe affeiçoara entranhavelmente.

Sem consultar o frade, pediu a frei Gaspar Moscoso que obtivesse licença do guardião para que o amigo de seu defuncto filho passasse uma temporada na quinta do Lumiar. O varatojano, irmão do mar-

quez de Gouveia, impetrou a licença. Não estranhou os tedios do seu condiscipulo no mosteiro da penitencia. Elle mesmo os sentia a roer-lhe nos liames da austeridade cenobitica. Já então pensava em despir o habito, transferir-se para a côrte, apossar-se do animo do rei, ser, como foi, seu omnipotente ministro, torcer as leis em pró de seu sobrinho D. José de Mascarenhas, cingir-lhe a corôa ducal, e opilal-o do orgulho que em 1758 o esquartejou no patibulo de Belem.

Melhorou de sorte o transfuga da vida expiatoria, mudou de habito por concessão do nuncio, e entrou no convento de S. Francisco da Cidade, com a importancia que a borla doutoral lhe accrescia á fama do talento e piedade. Nomeado visitador dos conventos da ordem, rodeado de considerações, dependencias e profanidades bem rebuçadas, dava-se menos mal com o officio, e, por vezes, tomando o pezo da cruz, não lhe pareceu incomportavel.

Paulo Xavier já era então ouvidor em Serpa. Fr. Francisco foi visital-o. Festejou a menina, que tinha quatro annos, e lhe chamava tio. Teve-a no collo assustando-a com o habito e com a soffreguidão dos beijos. Sorria-se de ouvir chamar *papá* ao irmão, e observou-lhe que Antonia lhe ficaria chamando sempre pae.

— E não é ella minha filha?— disse o ouvidor — Desde que vestiste o habito, fiz de conta que seu pae era morto. Perfilhei-a, renovei o assento baptismal, legalisei-a minha filha para me succeder nos bens e nos appellidos. Estou que nunca me desmentirás por amor de ti e d'ella. Tenho administrado o teu patrimonio como tutor d'esta creança, visto que a tua mudança de vida algum beneficio influiu nos teus cabedaes. Se não houver revezes, se o santo-officio nos não maquiar o proprio e os juros, poderemos legar a Antonia a herança de cento e tantos mil cruzados que

houvemos de nossos paes. Se nos sobreviver, será rica. Poderemos casal-a em familia puritana das altas, onde não chega o gladio de S. Domingos, nem se medem as gotas de sangue hebreu; verdade é que o José Freire Montarroio me disse a mim que não ha familia portugueza estreme do judaismo de Ruy Capão, de Lafeta, e do Barbadão de Veiros. No entanto, procuraremos arranjal-a em uma das sete familias hypotheticamente puritanas — concluiu o ouvidor, sorrindo. [1]

Amiudaram-se as visitas de fr. Francisco Xavier a seu irmão. A filha evitava-lhe as caricias ou agradecia-lh'as glacialmente. Não gostava do tio frade. Fugia-lhe dos braços para os do *papá;* e n'uma explosão de ingenuidade, chegou a dizer-lhe que a deixasse, porque aborrecia tanto beijo. O frade chorou, e, em segredo, perguntou a Paulo se estava bem convencido de que a creança não fosse trocada pela ama.

— Só se foi trocada nas tuas mãos quando lh'a entregaste em Verride — respondeu o irmão — Que queres tu? ! a menina adivinha que tu, ha quatro annos, quando te pedi que por amor d'ella não fizesses votos, me respondeste: *Que esta creancinha era a ex-*

---

[1] No seguinte reinado, eram ainda sete as familias immaculadas, posto que fossem cincoenta e tres de alta prozapia. Aquellas sete familias não se alliavam com outras; mas o marquez de Pombal insinuou ao rei a boa providencia de obrigar os puros a mesclarem-se com os impuros. E assim se fez. O Pombal não acreditava no sangue puro de D. José nem no seu; no de D. José por causa do Barbadão, e no seu por causa do cirurgião de Cernache. Disse-lhe uma vez o rei que era preciso obrigar os christãos-novos a usarem um chapeu branco de certo feitio. O marquez levou dois chapeus brancos, e disse: «Um é para vossa magestade fidelissima, o outro é para mim». D. José mandou rasgar o decreto. Como anecdota faz rir; mas é parvoice descabida da historia e das *Memorias do marquez de Pombal*, por John Smith, pag. 275.

pressão providencial das coleras divinas. As coleras divinas é isto que te mortifica, é este natural desafôgo da creança. Os filhos não é o sangue que os faz, é o amor. Pega de Antonia, vae sental-a no regaço da mãe a Odivellas, e pergunta á creança se não tem saudades da ama que a creou, e se não troca pelos macios affagos da freira as rusticas advertencias d'essa mulher com quem dorme. Vossês nem entendem as coisas da terra nem as do céo. Fazem de tudo metaphysica, e andam sempre bigodeados pela realidade das eternas fórmas. Quando envergaste o burel de varatojano, vias a Providencia a disciplinar-te com a filha; agora, não percebes a Providencia porque a filha te desconhece.

O frade ouvia-o silencioso, e embebia as lagrimas no lenço.

— Sosinho! — cogitava elle no secreto da sua alma — Sou desprezado da filha, e talvez odiado da mãe!... E não fui eu ingrato com Catharina, e miseravelmente covarde com minha filha? A minha penitencia que era senão um egoismo que se mascarava com a religião? Não as abandonei a ambas para me salvar? Que foi se não covardia villan esconder-me no Varatojo ás calamidades que eu desafiára? Se Catharina devia morrer na inquisição, a minha honra era dar-lhe coragem com o exemplo da morte. Abjecto! que excruciadora vergonha eu tenho de mim proprio!

VII

Fr. Francisco Xavier dissera ao conde do Rio Grande que andava negociando uma longa viagem ao oriente, não por instigações de devoto peregrino, mas para se espertinar da lethargia moral que lhe desbotava o cerebro. De feito, o engenho do frade brilhára em tempo nas conclusões da ordem, e esmorecêra na apathia esteril das intelligencias que uma secreta dor ennoitece.

— Não irá aos logares santos, doutor; mas irá commigo aos Dardanellos pelejar com a armada do turco — disse o conde.

E referiu os pormenores da intentada guerra ao turco.

Era o anno de 1717. Deter-nos-hemos algumas paginas para rectificar erros de historia. É singular que um romance invista as alheias searas, campando de elucidario em pontos competentes a livros graves. É coisa nova; mas não é má.

Ameaçou o turco a republica de Veneza em 1716; e, no anno seguinte, fez-se ao mar com uma grossa armada sob o commando do general francez d'Angle-

rie. Clemente XI, tambem ameaçado, pediu soccorro á França, Hespanha e Portugal. A França desculpou-se com o inimigo inglez. A Hespanha mandou sete náos, quatro fragatas, com tres galeras de Napoles; mas o general, como ouvisse dizer em Genova que os turcos metteram a pique a armada veneziana, lançou ferro, e, transido de medo, ali ficou. D. João V. queria servir o papa, mas com o dinheiro do estado; não havia, porém, no erario dinheiro nem vazos de guerra no Tejo. Não se deteve a ponderar conselhos nem opportunidades. O expediente do absolutismo. Chamou o seu valido e guarda-roupa Pedro Antonio Virgolino, e mandou-o á Junta da companhia do commercio que lhe apromptasse uma armada. O presidente da junta, D. Francisco de Sousa (Calhariz) foi dizer ao rei que a junta promettia desempenhal-o. Oito dias depois tornou o marquez de Abrantes com recado novo apressurando a armada. Dizia el-rei que depois pagaria tudo. Não pagou nada; e a historia gaba-o da galhardia da façanha em pró da christandade.

A junta armou duas grandes náos que tinha no Tejo, uma de 120, outra de 184 peças; comprou duas aos hollandezes, outra aos inglezes, e aparelhou duas fragatas. Fardou o seu regimento, e proveu-o de segundo fardamento. Municiou as náos, e deu seiscentos mil cruzados em dinheiro, trezentos mil para meza, e os outros para eventualidades em que Portugal se devesse estadear com brilho em terras estranhas.

D. João V promettera-lhe, como remuneração, embolçal-a de seis centos mil cruzados, que os castelhanos tomaram em Cacheu, visto que Filippe IV, no tratado de 1713, se obrigara a pagar. E pagou; mas o rei ficou com o dinheiro. E, quando fazia Mafra, tiroulhe um milhão e duzentos mil cruzados; e, em 1720, quando a companhia apenas tinha em caixa duzentos e setenta e quatro mil cruzados, o rei, respondendo a

uma representação da companhia, que deplorava sua decadencia, mandou buscar os duzentos e setenta e quatro mil cruzados. Ladroeira real!

Extinguiu-se a companhia. Cahiram na indigencia muitas familias. As pragas não impeciam ao rei. Lá estavam os papas entre a justiça divina e humana. O pão de milhares de familias tinha ido para Roma involto nos cento e oitenta milhões de cruzados que custou a Portugal a certeza de termos aquelle Bragança no céo.

Mas o que nós tentamos rectificar é que a armada que venceu o turco em Matapan, não é obra do rei, nem zelo christão da patria: foi um roubo violento, e a anniquillação de um grupo de commerciantes que desde 1649 até 1651 dera 36 embarcações de guerra a D. João IV; que em 1658 deu a D. Affonso VI as duas maiores náos da Europa; e em 1717, já nas vascas da morte, resgatava a palavra do rei fanatico renovando na enseada de Passavia as proezas do velho Portugal.

Mas já n'aquelle tempo estas roncarias extemporaneas davam que rir á critica. O poeta portuense, Thomaz Pinto Brandão, assistiu em S. José de Ribamar á sahida da armada, e improvisou esta oitava:

«Sahiu em fim a armada pelos ares
«com seus cabos vestidos pelos *eres* [1]
«das estocadas que hade haver nos mares;
«se hão-de borrar as náos e os escaleres;
«Esta se aparelhou sem os vagares
«que costumam haver n'outros misteres;
«e segundo o roteiro porque eu surco.
«*papa*, leva, acha *papa*, e *papa* o turco.

---

[1] Falta nos Vocabularios a palavra; mas chamavam-se *eres* os adornos de tartaruga e plumagens no toucado das damas. Em uma facecia inedita de Fr. Pedro de Sá, intitu-

O primeiro general da armada era o conde do Rio Grande, e o segundo Manuel Carlos de Tavora, conde de S. Vicente. O doutor Fr. Francisco Xavier embarcou em a náo *Nossa Senhora da Conceição*, e occupou a camara contigua á do conde almirante. Os historiadores coevos, ineditos e impressos, por louvavel espirito de patriotismo, expungiram das suas «relações» um desar que denegriu bastantemente a ufania da empreza. Um homem, porém, coevo dos successos, o commerciante e litterato Manuel Pereira de Faria, em uma *Memoria*, que escreveu e entregou ao marquez de Pombal, que o estimava encarecidamente, refere o seguinte: «Partiu (a armada) do Tejo em uma segunda feira do anno de 1717, navegando até Genova; e, encontrando ahi a de Castella, fez o general castelhano tal pintura da armada dos turcos e da desfeita dos venezianos, e de que não tinham partido algum ainda ambas juntas, *que a nossa voltou para Lisboa, sem tentar nem obrar cousa alguma. Logo que el-rei soube da sua chegada á barra, e como vinha aconselhada pelo general de Castella, mandou que tornasse a sahir immediatamente, e fosse sem demora accommetter e bater-se com a do turco, procurando-a até os Dardanellos, onde queria que se ouvissem os tiros da sua artilharia, sem mais lhe importar a armada cas-*

---

lada *Serolico Bololico quem te deu tamanho bico*, vem este periodo: «Serolicas de proposito (falla de certas variedades de senhoras) são as que sem guarda, sem resguardo e compromisso, sahirão de fresco com um pente empinado na ilharga da cabeça, com um penacho da tal tartaruga: a isto chamam *eres* do cabello e *ares* do casco. São estas *serolicas*, de alto bordo que fazem festa ao toucado e sobre o pente de arre-burrinho lhe levantam outro de mastro. A estas, como apostatas do uso, não lhes é cabido o formulario do adagio: *quem vos deu tamanho bico?* mas sim: *que faz esse bico ahi?*

telhana. Sua magestade assim o mandou absolutamente, e por saber que era esta tambem a opinião e vontade dos nossos generaes.» (*Nota* 7.ª).

Esta proeminencia na espalmada physionomia de D. João v era digna de caracterisar algum dos reis da dynastia de Aviz. Estranha-se o arrojo em principe de Bragança; e não é menos de estranhar que o visconde de Santarem, tecendo a apologia d'aquelle rei com bagatellas anecdoticas, pospozesse, talvez por ignorancia, o seu facto unico de audacia e de bravura, embora os immolados fossem os vassallos, e os impulsos da empreza ineptos.

Abalou pois de novo a esquadra em um domingo, 25 de abril, e fundeou na enseada de S. José de Ribamar. No dia 28 largou velas e cortou no horisonte uma floresta branca ondulada de flamulas e pavezes, simulacro dos annos juvenis do Portugal navegador.

Não podemos de espaço seguir a rota da armada. Seria curiosa em outra laia de livro. Se o leitor é caroavel d'estas velhas coisas, veja *A batalha naval de Matapan* particularisada no *Summario de varia historia* de um collecionador intelligentissimo. [1]

O doutor Fr. Francisco Xavier, quando o conde lhe perguntava se ia melhor de espirito, respondia com o verso de Horacio:

Cœlum non animum mutant qui trans mare currunt. [2]

O almirante, embevecido na eterna magestade do oceano, chamava o frade ao contemplar alto dos mysticos e dos poetas. E o frade, com os olhos marejados,

---

[1] O sr. Ribeiro Guimarães, redactor do *Jornal do Commercio de Lisboa*.

[2] Mudam de céo, mas não de espirito, os que se vão mares além.

fitava o horisonte roixo do poente, onde se lhe figuravam miragens, grupos, e os vagos contornos de Catharina e da filha.

— Em que pensa, Xavier? — intervinha o conde.

— Na felicidade da morte...

— Pois então, amigo, olhe que está onde essas felicidades se arranjam do pé para a mão.

— Oxalá...

— As balas, ás vezes, chegam aos beliches...

— Não é lá que me hão de matar, sr. conde.

— Então, cá no tombadilho?

— Ao lado de V. Ex.ª, sr. almirante.

— Aqui a bordo ha disciplina severa. Quando eu mandar descer os que não professam armas, Fr. Francisco...

— Irá rezar lithanias na camara? Meu general, eu sou como os frades batalhadores dos tempos heroicos de D. João I e D. Affonso V. Se o habito me tolher os movimentos, despil-o-hei. Como mortalha, dispenso-o. Antes quero que me vistam das espumas das ondas.

O dialogo foi cortado por um reboliço. Um capitão do regimento da Junta corria sobre o cirurgião da náo com uma faca. O general mandou passar o capitão para outra náo.

— Se nos matam os poucos cirurgiões que levamos — disse o conde — não teremos quem nos ampute os braços e as pernas em occasião opportuna.

— Levamos um famoso medico, o doutor Pelicáo — observou Fr. Francisco.

— É verdade; mas foi necessario mandal-o buscar preso a Cascaes. Assim mesmo evadiu-se, e apresentou-se-me depois com receio das severas penas de guerra. Bem vê com que bom rosto o affago para que não fuja, nem nos mate com alguma tizana.

No dia 10 de junho deu fundo a galera em frente

da praça de Corfu. Era o porto confluente das galés de Veneza, de Florença, do papa e de Malta com o generalissimo Bel-Fontaine, balio, nomeado pelo pontifice.

N'este porto ancoravam navios de francezes.

Fr. Francisco Xavier, que lhes sabia a lingua primorosamente, entretinha-se palestrando com francezes. Entre estes preferia a noticiosa eloquencia de um medico, que lhe contava minudencias de Constantinopla, onde nascera, posto que seu pae fosse francez, da Picardia. Chamava-se o medico Izaac Eliot. Devia ter vinte e dois annos. No conceito dos patricios, era portentosamente habil na sua profissão.

O capitão do navio mercante segredou ao frade que Isaac Eliot era filho de um calvinista francez, que, fugindo á perseguição, passara ao imperio ottomano, onde exercitára as armas e attingira a patente de *Sepahilar Agassi* [1] e morrera em batalha, deixando aquelle menino, filho de uma turca, sem patrimonio; que o *hyaia* (logar-tenente do Grão Vizir) o doutorára em medicina á sua custa, e lhe permittira visitar a Europa a fim de estudar o adiantamento das sciencias medicas nas principaes escholas, encargo que recommendava o superior talento do joven medico.

Relatou estas coisas Fr. Francisco Xavier ao conde do Rio Grande.

— Quem nos dera assim um medico n'esta conjunctura! — disse o general — E quanto estimaria el-rei se conseguissemos apresentar-lhe no paço um medico de tanta consideração!

— Sobre tudo — conveio o frade — ser-nos-hia muito util para as amputações das nossas pernas, se os turcos não preferirem amputar-nos pelos pescoços...

---

[1] Commandante de Sppahis, que formavam o 2.º regimento chamado da corneta escarlate.

— Folgo de o vêr assim faceto, Xavier! — volveu o Rio-Grande — mas, chegada a hora, recommendo-lhe que não se immole á pericia dos cirurgiões. Ora diga-me a respeito do tal filho do huguenote, não poderiamos seduzil-o com um bom estipendio e melhores promessas a acceitar partido na armada portugueza? Se elle viaja, decerto lhe não desconvem ir a Portugal...

— Estudar o adiantamento da medicina lusitana? — atalhou ironicamente o frade.

— Não direi tanto; mas poderá ir ensinal-a e enriquecer-se em curto espaço, como aconteceu ao seu logreiro patricio que vende a *agua do francez*.

— Então, o sr. conde quer que o pobre rapaz, filho de huguenote e turca, vá purgar na fogueira os delictos do pae e da mãe? Não serei eu que o induza.

— Valha-o Deus, doutor! — replicou o almirante sorriudo. — A maioria dos medicos portuguezes é da raça proscripta: são mais ou menos seus primos. Quem os persegue? Todos os charlatães e curandeiros, que vão de França, são huguenotes. Quem os incommoda? Apenas elles tem o incommodo de se fazerem catholicos, se querem officio ou mulher; mas, feito o seu negocio em Portugal, vão-se nas boas horas, e tornam a incommodar-se ligeiramente descatholizando-se. Por esse lado, pode convidar o medico francez a servir n'esta armada, que eu lhe dou caução de não correr perigo em Lisboa. Como ahi está o coronel fiscal da esquadra, Pedro de Sousa Castello Branco, que tambem falla francez, avenham-se entre si, e conquistem o rapaz, que el-rei lh'o agradecerá.

Não foi facil a conquista; mas lograram os dois commissarios do almirante ajustar com Izaac Eliot o partido de medico da náo-almiranta por avultado estipendio, e promessa de ser recommendado á magnanimidade do sr. D. João V, logo que a armada recolhesse a Lisboa.

Começou desde logo Eliot a estudar a lingua portugueza com Fr. Francisco, e a poleal-a em conversação com todos como um traductor de novellas. Contava aos generaes, ao frade e a Pedro de Sousa Castello Branco picarescos pormenores das odaliscas, dos eunucos ou ytzoglans, descrevia-lhes os thesouros dos serralhos, os aposentos privativos do grão-senhor, a camara das sultanas, as lubricidades requintadas, e outras miudezas que espantariam os ouvintes, se elles não fossem vassallos de D. João v e não conhecessem mais ou menos de outiva o harem bastantemente turco de Odivellas.

VIII

Aos 25 de junho fundeou a armada no cabo dos Dardanellos; no dia 29 levou ancora e velejou para o cabo Matapan em demanda das naus venezianas. Estalou a nova no dia 2 de julho que mareavam trinta e cinco navios turcos na enseada de Matapan. Tudo a postos. O conde do Rio viu entre os granadeiros do regimento de Peniche, que guarneciam a pôpa, uma estranha figura de gabinardo, cintado de talabarte de coiro com pistolas de arção, espada franceza curta e clavina. Perguntou quem se vestíra assim um tanto á mourisca. Responderam-lhe que era fr. Francisco Xavier.

O almirante duvidou do bom senso do frade.

Mandou-o chamar, e disse-lhe:

— Com que então...

— Cá estamos, general.

— O habito lá vae ás ortigas, hein?

— Não, meu general; despi o habito para o não profanar nem polluir com o sangue de Ismael.

— Bem. O seu logar, dom paladim, é á beira do seu general.

— Enfileirei-me á pôpa, esperando lá o senhor conde, por saber que o maior perigo é ali.

Foi falso o rebate. As naus eram da republica, que vinham fugindo destroçadas, com o seu general Frangini morto. Foi á falla um pratico. O medico Eliot offereceu-se como entendido no italiano. Volveu e contou que os venezianos em tres combates haviam perdido seiscentos soldados. Viu o cadaver do general, e descobriu-lhe entre a clavicula e o queixo um punhado de pregos cravados como á marreta pelas carnes dentro. Disse Izaac Eliot que os turcos sevavam as suas peças com aquelles ferros velhos.

— Tudo é bom guardar — observou o almirante.

— No corpo da gente é mau — emendou o frade.

Chegou a hora da batalha. Eram corridos dezenove dias de julho, um dia formoso, mar e céo anilados, a enseada de Passavia espelhando os galhardetes, quasi calmaria, uma briza que mal serpeava as flamulas. As naus do imperio eram 54, e as condições propicias. Bafejou-as a viração, avisinharam-se de nós, e fecharam-nos na angra, encostando-nos a terra. Rompeu de lá a atroada da artilheria. Em frente da armada turca, e assoberbada pelas alterosas sultanas de constantinopla, quedara-se imperterrita a esquadra portugueza. A de Veneza e as outras voltaram sobre terra, excepto a nau *Fortuna Guerreira*, da republica, inseparavel das nossas sete naus até ao remate da batalha. Ao fim do dia, a lucta era desesperada. Cinco das nossas naus varejaram quatorze sultanas, que vomitavam jorros de fogo. A mortandade era grande. A nau *Pilar*, com sessenta mortos, ia arribar a pedido do piloto ao conde de S. Vicente: «Se alguem me falla em arribar — bradou o general — varo-o com esta espada!» Não era menos seva a carnagem da nau-almiranta; mas ahi a defeza era de homens aporfiados em morrer segundo a arte. A placidez do conde pre-

dominava assombrosa. Não deu um tiro emquanto lhe pareceram mal empregados os pelouros. Francisco Xavier esperava a abordagem com a serenidade de quem saúda a morte. As balas rasas fasquiavam os mastros, e, as dos arcabuzes zuniam nas enxarcias. O conde, a espaços, dizia ao frade:

— Vá-se embora.

— Creio que irei — respondia Francisco Xavier, attento, fito e fascinado nos relampagos da artilheria, e atordoado com o estrugir da celeuma. N'este conflicto, o frade caiu; e o conde correu para elle, exclamando:

— Xavier! que é isso?

— Que hade ser, conde? é a redempção...

Tomaram-o em braços; desceram-no á camara de prôa; Izaac Eliot despiu-o; tinha a perna direita separada por uma bala de artilheria, e a vida perdia-se nos golphos de sangue.

— Morre? perguntou o conde ao medico.

— Não senhor; morre-lhe só uma perna, se eu lh'a amputar [1].

O frade contemplou a operação com indifferença, e disse, feitas as anatomias: «Corpo e alma! mutilados...» Os ajudantes do operador pasmavam dos instrumentos e da pericia na laqueação dos vasos sanguineos. Ali se crearam e robusteceram os creditos do

---

[1] Na *Carta que o capitam Lourenço Justiniano Ribeiro Soares escreveu da armada*, etc.. publicada no referido *Summario de varia historia*, tom. 1 º pag. 136-183, não se omitte o incidente brevemente narrado n'estes termos: *Um frade franciscano, chamado fr. Francisco Xavier que por seu gosto foi na armada só por acompanhar o conde do Rio, que era seu amigo, perdeu uma perna que lh'a levou uma bala de artilheria. Porém, não morreu por que foi curado com grandissimo cuidado, com empenho do conde do Rio.*» (Pag. 167).

francez. Os feridos na nau-almirante bemdiziam a Providencia que lh'o deparara. O conde do Rio abraçava-o com a vehemencia de um pae, porque dizia elle:

— Se me não salvasse este homem, doutor, eu choraria a morte do meu segundo filho...

A batalha proseguiu, e acabou pelo modo como a refere o mencionado Manuel Pereira de Faria na sua *Memoria* dirigida ao ministro da marinha: «... O conde do Rio Grande não deu um tiro, sem embargo de os ir recebendo emquanto se não prolongou com a capitania, aonde tremulava a bandeira real das luas ottomanas; ahi deu uma banda inteira á real sultana, com tanta fortuna que a metteu no fundo, e logo a duas sultanas mais; e, depois de seis horas de combate, tanto que a nossa pôde manobrar toda, a do turco levantou ancora, e se retirou ou fugiu para o Archipelago. Desassombrado o mar Adriatico, da armada inimiga, foram os nossos generaes para Veneza, onde os respeitaveis senadores da republica os vieram receber debaixo do pallio, deram-lhes banquetes e festejos, quizeram-lhes concertar a armada — o que os generaes não consentiram. O papa mandou bater moeda, ou medalhas de dez moedas com a effigie d'el-rei, e, no verso, narrado o successo. Deu breves aos nossos em que os mandou para o céo, e aos turcos com o seu general francez, para o inferno. Recolheu-se a nossa armada no Tejo com os portuguezes cheios de honra e gloria. Foram testemunhas d'esta acção dos portuguezes duas embarcações maltezas e uma veneziana que immediatas seguiram a nossa armada.»

Fr. Francisco Xavier e Izaac Eliot, receberam hospedagem no palacio do conde do Rio. O mutilado movia-se com uma perna de pau aperfeiçoada pelo engenhoso medico. Não voltou ao convento. O papa concedeu-lhe a secularisação com grandes elogios á sua

religiosidade e ao já raro denodo com que se houve na heroica batalha, e tambem aos seus dotes litterarios por ter sido elle o traductor da carta pontificia, com que Clemente XI felicitou o conde do Rio, triumphador de Passavia [1].

El-rei quiz vêr o frade e o medico. Do amante de Catharina sabia elle os segredos que D. Paula lhe revelára, colhidos nas maguadas expansões da sua amiga. Conhecera-o seis annos antes galhardeando mocidade, gentileza e pompas indicativas de mais fidalga origem. Condoeu-se da desfiguração. Alvejavam-lhe os cabellos antes dos trinta annos; tinha lagrimas na voz, abstrahimentos intimos de mui triste expressão no rosto. Disse-lhe que requeresse um canonicato, ou um logar de desembargador nas relações ecclesiasticas do reino. O bisneto de Domingos Leite Pereira, pediu ao rei que lhe amerceasse o seu medico Izaac Eliot, não porque lhe dera a vida, mas pelo carinho filial com que o velára na sua cura.

Deteve-se o monarcha ouvindo a narrativa graciosa de coisas ignoradas de Constantinopla, e mormente dos harens. Peguntava-lhe sua magestade com certo calor e vivacidade de pupila, se as georgianas eram muito boas mulheres; que taes eram as da Circassia; quantas sultanas conversava o imperador, e quantas odaliscas; quaes alimentos usava elle quotidianamente; se os climas influiam nos temperamentos; se a essencia do ambar tinha realmente as virtudes que lhe attribuiam os medicos antigos, etc. (Nota 8.ª)

[1] «Chegou de Roma D. Affonso de Noronha e trouxe carta do S. Pontifice para o conde do Rio, e os termos da carta foram traduzidos pelo padre fr. Francisco Xavier, franciscano, que, como se disse já, perdeu uma perna, a bordo da nau do conde do Rio, no dia do combate.» *Summario de varia historia,* tom. 1.º pag. 177.

O francez esmiudava as respostas a sabor de sua magestade, condimentando-as de especiaria propria dos climas calidos. Descrevia a mulher da Georgia, do Caucaso, as variedades todas do harem com imaginação sensual. Quanto ao ambar, que devia ser cinzento, não duvidava das suas virtudes; mas tinha elle inventado umas superiores pastilhas de almiscar para uso de tres pachás de duas caudas, seus amigos muito particulares. Recommendava humildemente a sua magestade a inconveniencia dos chamados philtros amorosos, lembrando a morte do poeta Lucrecio, devida a uma d'essas beberagens subministrada pela sua amada Lucilia, etc., etc.

El-rei gostou infinitamente de Isaac Eliot, e pediu-lhe as taes pastilhas de almiscar, com as quaes se deu bem.

IX

Direi muito de passagem o que era a profissão da medicina em Lisboa quando Izaac Eliot ali chegou apregoado pelo conde do Rio Grande, e o que ella continuára a ser no lapso de meio seculo. Os monumentos escriptos que uma van curiosidade conserva nas estantes empoadas, representam os medicos mais famigerados d'aquelle tempo.

Simão Felix da Cunha, Manuel da Silva Leitão, Joseph Rodrigues de Abreu, Francisco da Fonseca Henriques, Morato Roma, o hebreu Antonio Nunes Ribeiro Sanches — que valia mais que todos — denotam, segundo o voto dos historiographos medicos, á mistura com muitas crendices já refugadas então das universidades européas, uma parte do adiantamento da sciencia, principalmente da hygiene, no ultimo escriptor referido. Se todavia, dermos fé ás virtudes apregoadas pelos forasteiros que assentavam em Portugal e annunciavam na *Gazeta* as suas boticas, é razão acreditar que os medicos dados á escripta e ás theorias haviam resvalado a grande descredito. E até certo ponto, D. João v participava da descrença pu-

blica nos doutores conimbricenses e nos que já tinha de fóra quando em 1723 mandou consultar os medicos de Marselha ácerca da peste que então ardia em Lisboa.

Desde muito, a concorrencia de curandeiros a Portugal disputava-se a posse da ignorancia do povo, e melhor direi, de todas as classes, porque a rudeza era quasi geral, e ainda os poucos intelligentes não saberiam estremar o empyrismo, quando a enfermidade lhes cegava o entendimento.

Um dos forasteiros que mais de assalto conquistaram a confiança de Lisboa, e anniquilaram a sciencia nacional, foi o boticario Alberto Leonardo Konig, que, na *Gazeta* de 20 de abril de 1724, se annunciava *official maior da botica imperial de Vienna de Austria* e viera a Lisboa para assistir como Provisor á botica da rainha nossa senhora; e accrescentava que *trazia comsigo muitos segredos medicinaes da augustissima casa de Austria para a rainha e sua familia, e muitos simplices e medicinas uteis e frescas.* E frescas!

Este boticario desbancara o medico de Souzel, o doutor Jeronymo Moreira de Carvalho, que, em fevereiro do mesmo anno, annunciava, na mesma *Gazeta* que morava em *Sete-cotovêllos, junto ao becco sem sahida, e offerecia os seus remedios de carnosidade e mais achaques de rins, bexiga...* [1] *achaques de pescoço e alporcas; febres e nevoas de olhos, e outros mais remedios efficazes.*

Não conseguiu, porém, o boticario austriaco descer inteiramente da sua «reputação na especialidade» hemorrhoidas, o acreditado ferrador que se annuncia-

[1] Os annunciantes não se esquivavam a empregar a terminologia das enfermidades mais hediondas: tal era a innocencia das leitoras.

va d'este feitio, na *Gazeta* de maio: *Quem quizer um remedio efficaz para almorreimas, cursos de sangue e dor de cadeiras sem prejuizo da sua saude vá fallar com Manuel Correia, ferrador ás Portas de Santo Antão, que dirá onde se vende.* Era elle o inventor do remedio; e tão limpo de burla que restituia o preço da droga (4:800 réis) se o enfermo, passado um mez, não funccionasse com a maxima sanidade physiologica.

O ferrador já em 1717 havia luctado scientificamente com o *chymico valenciano* D. Balthazar Gisbert. Este sujeito, que tambem morou no Arco dos sete cotovellos, curava, no espaço de 18 dias, as doenças torpes e inveteradas, desde a 1.ª até á 4.ª especie inclusivé. Afora isto, curava *tres castas de hydropesia, e todos os mais affectos uterinos.* Que affectos! Não levava dinheiro sem curar: se matava, era gratuitamente.

Quem desluziu algum tanto a estrella do boticario de D. Marianna d'Austria, foi um pseudo fr. Antonio de Castro, que em uma *Gazeta* de junho de 1724 se annunciou hespanhol e religioso da ordem de S. João de Deus. Vendia:

Agua para tinnidos e zunimentos dos ouvidos, etc. Balsamos para preservar de aborto, para confortar a memoria e os nervos etc.

Tinha outrosim *unguento para almorreimas de eximia virtude.* N'aquelle tempo ainda as *almorreimas*, podiam ser *eximias.* Depois tirou-se o adjectivo ás mesmas, e grudaram-no aos patriotas — *patriotas eximios*, verdadeiras e importunas hemorroidas dos intestinos do Estado.

Os remedios do frade estavam no galarim, quando o encoberto auctor, vaidoso do exito, sahiu com este desmentido na *Gazeta* de 28 de junho de 1725: *Os remedios publicados na Gazeta de 15 de junho de 1724 em nome de fr. Antonio de Castro, foram inventados*

por Luiz da Maya Pinto, boticario do duque de Lafões, e morador ás Portas de Santa Catharina, e por modestia se publicaram com o tal nome, etc. Parece que, desde que o frade deixou de collaborar no gral do boticario, a freguezia voltou-se para o ferrador ou para o ex-official maior da botica da imperatriz de Austria; pois foi ingratidão tanto maior quanto o modesto Maya, n'este funesto contra-annuncio, declarava ter inventado tambem um *agradavel e efficaz remedio, entre todos os maiores, para defender o coração de todos os vapores, melancolias, e toda outra malignidade de que for accomettido.*

E promettia mais invenções em outra *Gazeta.*

Poucos facultativos podiam ganhar a sua vida decentemente em concorrencia com os curandeiros de casa e de fóra. Em 1731 um notavel cirurgião de Lisboa era obrigado a curar as almas á mingua de corpos doentes, como se deprehende do seguinte annuncio da *Gazeta* de 13 de dezembro: *Sahiu á luz uma novena para se festejar o transito do gloriosissimo patriarcha S. José; auctor José da Silva Fernandes, cirurgião approvado e morador á Horta Secca, em cuja casa, ou na sachristia da parochial egreja de nossa Senhora da Encarnação a póde procurar quem quizer.*

O medico Braz Luiz de Abreu escrevia, no mesmo tempo, a vida de Santo Antonio, e Manuel da Silva Leitão offerecia o seu *Regimento de Paridas* á immaculada e sempre Virgem Mãe de Deus.

Quem manteve sempre inabalavel fama foi um medico lisboeta, de alcunha o *Machuca*. Este doutor, á imitação do medico arabe Thabet, estudava as doenças nas physionomias. O cavalheiro de Oliveira tratou-o pessoalmente, e refere a seu respeito o seguinte caso: «Fingia conhecer no pulso as desordens commettidas pelos seus doentes; umas vezes, adivinhava

que um bebera o vinho prohibido, e outro não observara o silencio prescripto. Tomava o pulso da donzella, da casada, do mancebo. Á primeira dizia, por exemplo: «a menina comeu uma azeitona, sugou uma laranja». Á segunda: «a senhora tem ciumes; e desconfio que alguma rasão tem... seu marido, posto que a ame, ama alguem mais». Ao rapaz, finalmente, dizia: «o senhor teve uma certa visita, ou recebeu carta do namoro... Não negue, quo o pulso denuncia-o». E fallava quasi sempre tão ao certo que passava por adivinho. E d'ahi o conceito publico, mui grande clinica, e dinheiro a rôdo. Um seu collega, medico de nome e charlatão professo, visinho e amigo d'elle, disse-lhe um dia: «O senhor, que é illustrado e digno, deve saber que eu sou uma das duas coisas, ou muito bruto ou muito infeliz. Temos ambos o mesmo officio e começámos a praticar ao mesmo tempo. O senhor ganhou celebridade e riqueza; e eu... ninguem sabe o meu nome, e tenho apenas o triste rendimento quotidiano da minha pobre familia. Em nome de Deus lhe rogo que me ensine uma diminuta parte do processo que o faz adivinhar; que com isso me fará feliz».

— Visinho — respondeu o *Machuca* — eu não adivinho — mas, condoido das lastimas do outro, lealmente lhe declarou que todo o seu saber consistia em certa perspicacia, tino e habilidade no descobrimento de certas coisas que somente os ignorantes podiam imaginar extraordinarias. E accrescentou: «Entro no quarto de um doente; supponha que é uma rapariga incapaz de observar a severa abstinencia que lhe prescrevi; por acaso descubro ao pé de seu leito um carôço de azeitona ou a tôna de uma laranja; tomo-lhe o pulso, e digo-lhe que ella comeu isto ou áquillo: adivinho; ella nega; mas no seu ar perturbado está a confirmação; insto, ella succumbe, confessa o facto,

cuida que adivinhei, e divulga o caso. Os outros successos de que o collega me falla são tão simples, e naturaes como este». O charlatão replicou: Agora percebi o seu segredo: espero sahir-me bem. Muitissimo obrigado. Eu lhe darei noticia dos meus progressos.

«Sae o homem de casa do conselheiro, e topa uma consternada mulher que o chama para lhe ir ver o marido que tem febre. Segue-a, e encontra um homemzarrão, prostrado na cama, a queixar-se de violentas dores de cabeça. Senta-se o medico, toma-lhe o pulso; e observando que debaixo da cama está uma pouca de herva, diz ao doente que elle comeu muita herva, e por isso está mal.

— O sr. é um bebedo! — exclamou o doente — E vossê é uma besta que come herva! — retruca-lhe o doutor. — O enfermo irrita-se, esquenta-se, e diz-lhe que a mulher não topou mau burro na rua. Sustenta o doutor que burros são os que comem herva. O doente enraiva-se, salta da cama já curado pela ira, a mulher faz côro com elle, saltam-me em cima do medico, e pregam-no de trambulhão no fundo da escada. Com a espadua contuza, o adivinho infausto foi contar o exito ao collega. Divulgou-se a desgraçada aventura, e todos zombavam do charlatão. [1]

Conhecedor dos medicos e do paiz, Izaac Eliot, aconselhando á tôa o leite de jumenta no maior numero das enfermidades, dizia com protervo sarcasmo que os portuguezes deviam ser curados com remedios extrahidos dos seres da sua mesma especie.

Isto dizia elle ao seu patricio Estienne que então fabricava em Lisboa uma beberagem de virtudes me-

---

[1] *Œuvres mêlées, ou Discours historiques*, etc. Londres, 1751, T. I pag. 66 e seg.

dicatrizes universaes: chamava-se a panacêa — *agua do francez*, e o francez provavelmente chamava-lhe, *agua do chafariz*. Não quero dizer que esta medicina fosse a preexistencia da homeopathia; porém, menciono o cazo em confirmação dos elogios que respeitaveis auctores fizeram aos predicados medicinaes da agua do poço do Borratem, do chafariz d'el-rei, e varias outras bicas. (Nota 9.ª).

X

Não está bem liquido, se, por gratidão ás pastilhas, se a rogos do conde do Rio e do doutor Xavier, o medico Eliot foi nomeado cirurgião-mór do exercito, com patente de coronel de cavallaria. Os medicos mais distinctos de Lisboa, não podendo desabafar nos prélos, sarjavam a reputação do forasteiro, alcunhando-o de huguenote. Avantajavam-se na maledicencia e nos creditos Simão Filippe, Manuel da Silva Leitão, o auctor do citado *Regimento de Paridas*, offerecido á sempre Virgem Mãe de Deus, e José Rodrigues de Abreu, medico da camara d'el-rei, e bom cultor das sciencias naturaes. Na rectaguarda d'estes, latia e uivava a cainçada miuda da matilha dos sangradores. Eram rasoaveis as queixas. Homens encanecidos nos hospitaes, bons christãos, auctores de livros in-folio e até inventores de remedios para flatos e hemorrhoidas, moirejavam a vida com uns safados cobres, ao passo que o calvinista, estrangeiro, quasi imberbe, era despachado cirurgião-mór do exercito, chamado ás casas mais distinctas, relacionado com os mais luzidos fidalgos, e até — suprema prova da real confiança — cha-

mado a Odivellas para medicar soror Paula Perestrello.

Na volta do convento, perguntou-lhe o doutor Xavier:

— Que tem soror Paula?

— Ciumes — disse Eliot.

— Que lhe receitou, doutor?

— A outra receitaria eu amores novos.

— E a ella?

— Paciencia.

— Como lhe atinou com a molestia?

— Porque não tinha outra. Languidez, fastio, quebreira, olheiras, suspiros, pulso pyretico, espreguiçamentos hystericos — não ha que vêr: ciumes.

— E disse-lhe então o doutor: tenha paciencia, madre?

—Não, senhor, receitei-lhe agua de flôr de laranja, que é o mesmo que dizer-lhe: madre, tenha paciencia. Estava com ella outra freira, que me pareceu realmente enferma. Perguntei-lhe que soffria. Nada— respondeu ella. «Esta menina — disse D. Paula — é um anjo de bondade que nunca se queixa. Hade morrer sem incommodar os medicos.» A freira sorriu-se com a amargura santa das formosas infelizes, e murmurou: «Não quero que se enganem, nem que me mortifiquem com os seus xaropes.» E eu...

— Sabe como se chama essa religiosa?— interrompeu o doutor Xavier com refreado alvoroço.

—É Catharina, porque ouvi dizer a D. Paula: «Ó Catharina, este medico foi o que amputou a perna do Xavier?

— E ella?

— Ella... que?

— Que disse?

— Nada.

— Absolutamente nada?!— repizou o padre Fran-

cisco, passando a mão convulsa pela fronte avincada.

— Essa sua insistencia... esse gesto, doutor, tem mysterio!...

— Uma simples recordação penosissima... — dissimulou o mutilado.— Eu conheci essas senhoras, quando era moço e feliz. Ellas conheceram-me n'esses dias em que o céo e a terra pareciam desentranhar-se em delicias para mim. Quizera e esperava eu que n'esta desgraça a que vim, me lastimassem ao menos, e lhe perguntassem se o meu rosto alguma vez estava enxuto de lagrimas. Aqui tem o mysterio, sr. Izaac Eliot.

— O mundo é assim... — decidiu o francez.

— Ainda é bonita?— volveu o padre, passados alguns segundos, com socegado semblante.

— E hade morrer formosa. Nos olhos tem as scintillações da febre. A epiderme é transparente, com uns laivos de purpura, em que eu vi o crepusculo do sol que se esconde. Por baixo e á volta do rubor febril está o emaciado, a morbideza coberta de lyrios murchos, a transição para o pallor da noite eterna. Mas que maviosidade, que languor, que descahir de palpebras! Eu nunca vi mulher enferma que tanto desejasse salvar!... Está chorando, doutor!? que é isso?

— Conheci-a tão bella, tão cheia de vida!... Vê? eu não queria que ella assim chorasse por mim, não: mas que, ao menos, se compadecesse.

— Aquellas doenças obliteram a memoria, gelam o sentimento, e prostram os doentes n'uma indifferença quasi idiota... Heide fallar-lhe do sr. Dr. Francisco Xavier...

O padre ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Dê-me a sua palavra de honra que não lhe fallará de mim! — E, retrahindo-se, como corrido do transporte, cobriu o rosto com as mãos e murmurou:

*

— Eu bem queria morrer... Tinha calculado tudo isto... — Composto o aspecto, proseguiu com solemne serenidade: — Torno a obrigal-o pela sua palavra de honra que não dirá á sr.ª D. Catharina alguma das palavras que me ouviu.

— Basta que m'o ordene; é desnecessario o penhor da honra no cumprimento de um dever.

D'ahi a dias, a enferma de ciumes mandou chamar o doutor Eliot. Estava Catharina na ante-camara da freira, onde os medicos eram recebidos. Soror Paula Perestrello, bem que abeberada em essencias de flores de larangeira, peorava. Queixava-se de phrenesis. Mirava-se nos espelhos que forravam as paredes, e dizia que estava ethica. Punha as pontas afiladas dos dedos sobre o coração, e murmurava: «está aqui a morte.» Puxava umas aspirações convulsas, e levantava-se a sorver haustos de ar. Eliot, com o fim de lhe distrahir o animo, contou novidades. Referiu o caso do infante D. Francisco e dos ciganos. O infante andava caçando no Alemtejo, e afastou-se da comitiva. Embrenhando-se em um matagal deu de rosto com uma jolda de ciganos, que o cercaram, pedindo-lhe alguns cruzados. D. Francisco respondeu-lhe que coisa de valor não tinha ali senão um assobio de prata. Gabaram-lh'o, e pozeram-se a assobiar tão alto que a comitiva do infante correu para o ponto á desfilada. Os ciganos queriam fugir; mas o infante matou tres á espada, fez amarrar os outros, e mandou-os enforcar...

— Jesus! que crueldade! — exclamou Catharina. — Que mal lhe fizeram ao sr. infante para assim os matar?

— Menor mal lhe fez o marujo que marinhou pelo mastro para lhe dar vivas, e o sr. D. Francisco lançou-o abaixo morto com um tiro — accrescentou D.

Paula que participava do odio de D. João v ao sceleradó duque de Beja.

— Não contem essas coisas que me affligem! pediu a *Muleirinha*, contrahindo as faces.

Divertiu o medico a attenção para novidades da côrte, ressabiadas de galanteria. Tinha estado no saráo do conde de Tarouca, apresentado pelo seu amigo conde do Rio Grande. Viu dansar minuetes a varias damas, e nomeou como superior a todas D. Luiza Clara de Portugal, sobrinha do conde de Castello-Melhor.

Soror Paula carregou o sobr'olho, e perguntou:

— Dansa bem?

— Perfeitamente. É muito linda senhora...

— E promette lindas coisas essa dançarina...— ajuntou a freira.

— Pois cuidei que...— volveu Eliot.

— Que cuidou, doutor?

— Que era o anjo da candura... Tem quinze annos... uma phisionomia infantil...

— El-rei fallou-lhe n'ella?

— A mim?! sua magestade não me honra tanto que me faça confidente dos seus juisos a respeito das fidalgas da sua côrte...

— Pois...— replicou a filha de S. Bernardo— cuidei que a paixão faria el-rei indiscreto...

Coração prophetico de mulher que ama! Aquella D. Luiza Clara de Portugal era grande parte nas congestões, por ciume, de soror Paula. O rei gabaralh'a como joia incomparavel, e mais nada. Era então solteira. Casou cinco annos depois com D. Jorge de Menezes; e, do mesmo passo que dava filhos ao esposo, tambem, por liberalidade fecunda, os dava ao rei. Chamou-se a *Flôr da Murtha*. E, se o esposo acabou da paixão do seu opprobrio, em 1735, na quinta de Ferrugem, a sua viuva teve a dita de vêr dois dos

seus reaes pimpôlhos muito bem arranjados: um, que era D. Gaspar, foi arcebispo de Braga; outro, D. José de Bragança, foi Inquisidor geral.

A freira de Odivellas tinha alma intuitiva como os nervos que presentem a trovoada, quando não aponta ainda uma nevoa no espinhaço das serras. Quem lhe disse que a joia incomparavel viria a engastar-se no seu diadema de sultana aposentada?

Sahiu a Perestrello precipitadamente da antecamara com um dos taes phrenesis, dizendo que tinha precisão de correr, correr muito. O doutor achou-a linda n'aquella doença em que o menear-se mui sacudida e nervosa lhe ia muito bem. Verdade é que o francez achava todas as mulheres lindas, as sans e as doentes, as alquebradas e as dançarinas.

D. Catharina ficou fazendo sala a Eliot; e com inquieto receio, lhe perguntou se a sua amiga poderia enlouquecer. E contava que ella tinha uns ataques em que chorava e ria, debatia-se, revirava os olhos, ringia os dentes, agadanhava o espaldar do leito, e ficava por morta...

— Não se assuste, minha senhora — esclareceu o medico. — Esses insultos nervosos ha de cural-os a munificencia d'el-rei com medicamentos que nós, os medicos, não podemos receitar.

Catharina abaixou os olhos, e sorriu.

— E como tem passado V. S.ª, desde que eu cá estive? — perguntou o doutor.

— Bem.

— Permitte-me que lhe tome o pulso?

— O pulso!... — disse ella, estendendo-lhe o braço. — Que faz o pulso?

— No pulso contam-se as pulsações do coração, minha senhora. É aqui onde a morte diz ao medico a distancia a que está da sua victima.

— Está perto de mim?

— Não, minha senhora... Está longe; mas eu receio que seja V. S.ª que se avisinhe d'ella.

— Receia?... Pensa bem... Não lhe fujo, não...

— Deve ter familia, minha senhora...

— Tinha mãe, que morreu ha dois annos. Porque m'o pergunta? — disse ella com a angustiosa suspeita de que o doutor lhe soubesse a vida, confidenciada por Francisco Xavier.

— Parecia-me que a sahida do convento, outros ares, familia, liberdade, campo, uma natureza menos artificial, relva em logar de tapetes, arvores em logar de espelhos e arrazes, céo em logar de tectos artezoados, aromas de flores em logar dos pivetes e caçoulas que rescendem n'esta casa... emfim, uma completa mudança de viver...

— Não tenho ninguem lá fóra que me ame nem que eu ame. A minha amiga unica é Paula. Se ella morrer, estou de todo sósinha. Deus me leve adiante.

Ficou silenciosa. Izaac Eliot contemplava-a com uma compaixão mais attenta que o amor.

— Não disse Paula que o sr. doutor... — Catharina, que principiara a pergunta com vehemencia, reteve-se.

— Que eu... — instou o francez.

— Não sei que lhe queria perguntar — tergiversou ella; mas, obedecendo ao reimpulso, completou a idéa. — Ah! sim... Disse Paula que o sr. doutor salvára da morte um homem ferido na batalha naval ..

— O doutor Xavier? Sim, minha senhora. Salvei-o, perdida uma perna.

— E elle... vive muito triste, n'esse estado?

— Magnanimamente infeliz. É a desgraça que chega a parecer bella na serenidade, na paciencia, na mudez eloquente do exemplo aos que se revoltam.

Catharina escutava-o absorta, quando soror Paula entrou.

Izaac Eliot ergueu-se á chegada da freira, tomou-lhe o pulso, e disse:

— Está melhor, minha senhora. Retiro a agua da flôr da laranja.

— E que heide tomar, doutor?

— Ar; mas depressa, a correr. Faça de conta, minha senhora, que o ar é o amor para o qual vamos acceleradamente...

— O ar é o amor? e o amor é ar, penso eu... Quer então que eu corra?

— Como quem foge de um phantasma; porque a molestia de V. S.ª é um phantasma, uma falsa visão como a dos ciumes...

— Dos ciumes?

— Injustos, infundados, caprichosos, miragens funestas que se figuram aos corações muito contemplativos e abstrahidos das coisas reaes.

— Então... persuade-se...

— Que V. S.ª é ingrata quando soffre, porque faz soffrer quem lh'o não merece.

. . . . . .

. . . . . .

Referindo soror Paula estes dizeres ao rei amado e amantissimo, D. João v gostou tanto do francez que resolveu agracial-o com habito e tença de cavalleiro professo na ordem de Christo.

XI

Por esse tempo foi despachado desembargador para a India Paulo Xavier. Quiz recuzar por amor de Antonia; mas o padre despersuadiu-o, raciocinando que a menina carecia de alguma educação em companhia de familia habil; que, no fim do seu triennio, Paulo voltaria desembargador para o reino, e então encontraria a menina com dez annos de idade e já bem encaminhada a uma perfeita educação que lhe fosse realce ao grande patrimonio. Lançou o desembagador inculcas, e descobriu familia virtuosa, em que havia uma senhora muito prendada de quem algumas meninas da primeira nobreza recebiam lições de francez. O chefe da familia chamava-se Heliodoro Pedegache, era empregado na India e Mina, e cazado com a tal dama de cujas prendas e virtudes soavam grandes louvores.

Foi Paulo Xavier com recommendações valiosas procurar o Pedegache. Disse-lhe que, tendo de servir tres annos em Gôa, não queria expor a sua filha unica aos padecimentos e incertezas de tão demorada viagem para um clima doentio. Pedia-lhe instantemente

que lh'a recebessem como alumna, porque ella não tinha senão remotos parentes, á excepção de seu tio, o padre doutor Francisco Xavier, que vivia aleijado e hospede do conde do Rio Grande. Que o tio de Antonia iria vêl-a algumas vezes, e gratificar o impagavel serviço que faziam a um pae extremoso e a uma filha orfanada de mãe.

O separarem-se foi lance doloroso. Antoninha abraçava-se no tio, desfeita em lagrimas, bradando que nunca mais veria seu pae. O padre Francisco Xavier, que assistiu á despedida, e se esforçava por consolar a menina, foi recebido e quasi repellido desabridamente. E quando a senhora Pedegache, na auzencia do consternado padre, lhe insinuava que repartisse com o tio o amor que tinha ao pae, Antonia respondia que nunca poderá affazer-se ao tio *Perna-de-páo*.

Ó sangue, como tu gritas! Ó homem, que impostor e iniquo és tu, negando-te de primo-co-irmão do macaco! Não vês que te avantaja em dom de palavra o que te escassea em instincto filial? Se te não mostrarem teu pae, passarás por elle, como elle por ti, se a roda lh'o cuspiu á lama que pisa. Desce do vertice da piramide em que te acclamaste rei da creação, e olha-me por essa espiral abaixo as sympathias instinctivas que entreligam filhos e paes!

Assim declamaria o doutor Xavier quando a filha, dando as costas com arremessos aos seus carinhos, segredava ao tio:

— Meu pae, não me deixe, leve-me comsigo que eu morro de saudade!

— Cá te fica o tio padre que te quer muito...

— Que me importa a mim o tio padre... — soluçava a filha de Catharina de Castro.

Francisco Xavier passou este dia muito attribulado. Saudades do irmão e o desamor da filha, com o

accrescimo das novas tristes que o medico lhe trouxera de Odivellas.

Ao outro dia contava Eliot a Paula e a Catharina que o doutor Xavier passára a noite anciadissimo, e o não dispensára de lhe fazer companhia até de manhã. Historiando o motivo d'esta magua sobre-vinda a tantas e tamanhas, disse que um irmão do doutor embarcara para a Relação da India, e deixara entregue á vigilancia do padre uma sua filhinha.

— Era cazado o irmão? — perguntou Catharina.

— Eu não sei, minha senhora, se foi cazado. Sei que a menina já não tinha mãe.

— Que idade tem? — tornou a religiosa.

— Sete annos ouvi dizer, e é muito bonita.

— Viu-a?

— Sim, minha senhora.

— Onde?

— Em caza do conde do Rio, onde ella vinha todas as semanas com o pae visitar o tio, que parecia adorar a creança. A primeira vez que a pequena viu o tio com a perna de páo, recuou espantada, fugiu para o pae, e rompeu em alto choro, que eu cuidei ser de compaixão; mas parece que era de medo. O padre perguntava-lhe cariciosamente se gostava d'elle, e a Antoninha respondia que só gostava do pae. Isto desconsolava-o a termos de lhe saltarem as lagrimas. E quer-me parecer que as agonias d'esta noite prendiam com o desaffecto da menina, porque elle, contando-me as particularidades da despedida, a falta que lhe faz o irmão, e o presagio de mais o não ver, ajuntou que nem ao menos lhe restava o doce esteio do coração da sobrinha.

Catharina recolhera-se em taciturnas cogitações. Soror Paula, ferida das mesmas suspeitas da sua amiga, desejava esclarecer alguma vereda que a conduzisse ao mysterio, mas não via raio de luz. Izaac

Eliot não sabia mais nada, nem rastreava o interesse reservado da amante d'el-rei. O mais que adiantou foi que a menina entrára como educanda em caza de um tal Heliodoro Pedegache, cazado com uma matrona muito prendada que fallava francez e que havia sido, em menina, aia de mademoiselle Anna Armanda Duverger, amante do sr. D. Pedro II. (*Nota 10.ª*)

Logo que ficaram sosinhas, Paula, olhando muito a fito a amiga, murmurou como se receasse que a ouvissem:

— Eu estava no teu coração, Catharina... Tive a mesma suspeita.. Será tua filha?

— Ah! tu, Paula!... tambem desconfiaste?!

— Logo; e não te sei dizer por que... Assim que o doutor te disse que a meinna tinha sete annos... E depois as angustias de Francisco Xavier, improprias e desnaturaes em um tio que viveu sempre apartado da sobrinha... Não achas?

— Mas... não posso acreditar... — acudiu a religiosa — Se fosse minha filha, elle tinha-m'o feito saber... havia de querer que eu o não considerasse tão vil, tão sem entranhas que engeitasse a minha filha...

— Isso não me despersuade... O que me afflige é ver tudo cerrado.. não sei por onde heide chegar ao desengano... E, se não nos enganarmos, filha... se fôr ella?... que fazes?

— Se a puder ver, se a puder beijar, não morro... Verás..

— E, se ella te repellir como repelle o... pae?

— É impossivel!... uma filha repellir sua mãe!...

— Jesus! ha tantos exemplos!... Não ha ahi uma fidalga que seja amada dos filhos. Entregam-os ás amas, e afastam-os das salas para não incommodarem as visitas nem mancharem os tapetes. As creanças, aos seis annos, só conhecem e verdadeiramente

amam as amas e as aias que lhes acalentaram o choro com brinquedos, e lhes encobriam as travessuras para que as mães os não castigassem mais por aborrecimento que por educação. Depois, as creanças fazem-se mulheres, e escondem-se das mães para verem e conversarem os futuros maridos. Se são homens, preferem o engodo da mais baixa libertinagem á glacial serenidade da vida domestica. Não te espantes, pois, se tua filha, que nunca te viu, te repellir. E, de mais, tu decerto lhe não dirás que és sua mãe...

— Não decerto...

— Portanto, se ella existe, e chega a ver-te, faz de conta que viu uma senhora muito carinhosa, que nunca tinha visto...

—E, se o coração lhe disser...

— Valha-te a Virgem dos Impossiveis! o coração não diz nada; o mais que faz é repetir o que lhe dizem. Deixa-me scismar... Dá-me tempo. Isto não ha de ficar assim... Mas tem muito melindre o negocio, não tem, filha? Primeiro que tudo, é preciso salvar a tua honra; porque ninguem te perdoa, sendo o teu amante, hoje em dia, um sacerdote, apartado do mundo, sem nome, nem gloria de ter perdido uma perna. Deus nos livre que estas serpentes de Odivellas pudessem enroscar-se-te ao pescoço! Afogavam-te com a espuma das goelas peçonhentas! Olha a *Pimentona*, (soror Paula variava entre *Pimentona* e *Pimentorra*, quando fallava de *Pimentinha*) amarrava-te ao pellourinho do escarneo publico, visto que não pôde fazer-te deslocar os ossos no cavallete da inquisição. Estas santas empurravam-te para a rua, e atiravam com o teu desdouro á cara do rei, que as obrigou a voltar para aqui a pontapés dos quadrilheiros do corregedor. E' precisa muitissima astucia nas tentativas que se fizerem. Deixemo-nos de modestia: eu sei que tenho genio para gisar os mais complicados tramas; con-

fesso, porém, que d'esta vez me sinto estupida como a nossa madre abbadessa.

Soror Paula meditou o que quer que fosse, attingindo duas emprezas. Primeira, indagar nas terras onde Paulo Xavier serviu logares da magistratura, e particularmente em Chão do Couce, se elle tinha uma filha legitima, ou illegitima de mãe mais ou menos conhecida.

Quanto á legitimidade, asseverava Catharina que Paulo era solteiro, quando Francisco Xavier, em Verride, recebeu a filha; e, se casou depois — concluia a freira — esta menina não póde ser filha d'elle.

A segunda empreza, dado que a primeira sortisse a certeza de que a menina era filha de Francisco Xavier, seria trocada depois, quanto á maneira de aproximar Antonia de Catharina.

No plano da ladina religiosa, Izaac Eliot havia de prestar inconscientemente serviços preciosos, respondendo a certas curiosidades muito de industria pensadas com resalva da menor presumpção do intento.

Este elemento do seu desenho falhou.

Fallecendo o pontifice Clemente XI, n'aquelle anno de 1721, D João V ordenou que se aparelhasse uma náo para levar a Roma, a votarem no conclave, os cardeaes, Nuno da Cunha, e Pereira de Lacerda. A ostentação d'esta mensagem custou a Portugal dois milhões de cruzados, diz o visconde de Santarem, elogiando a liberalidade regia [1]. Como os seus enviados levavam missão de alliciar cardeaes no suffragio de um determinado papa, deu-lhes o rei dois caixotes de barras de oiro para a veniaga. A baixella que foi para bordo era de prata e oiro. Só de pratos cincoen-

---

[1] *Visconde de Santarem*. Quadro elementar das Relações politicas, etc. Tom. V *Introd.* pag. CCLVII.

ta duzias. Na companhia dos cardeaes, que receberam cincoenta mil cruzados cada um para ajuda de custo, iam outros funcionarios, e entre estes, como physico-mór, Izaac Eliot, escolhido pelos cardeaes. O que recebeu menor esportula á sahida foi um ajudante de cosinha a quem couberam vinte moedas, isto n'um tempo em que se decretava para um lente de medicina no hospital real um tostão por dia.

Francisco Xavier, affeito á convivencia do seu medico, e tão amigo d'elle quanto cabe ser a homem sequestrado do mundo, maguou-se do apartamento, e delicadamente motivou a sua dor com a soledade, desamparo, e mysantropia em que o deixava. Não pôde, todavia, o cirurgião-mór do exercito esquivar-se á soberana vontade. Queria o rei que o medico dos seus cardeaes se empavonasse em Roma por dotes da galharda presença, e pelos creditos da profissão. Alem d'isso, o cardeal Cunha julgava-se escapo da morte pela virtude de uma burra que o aleitara, receitada por Eliot; e pelo tanto não prescindia de levar o medico.

Na tristeza do padre era grande parte não ter novas de Odivellas. O conde do Rio envelhecera mordido de contricção das suas culpas. Era o costume. Lograr Satanaz no fim. Fazer-lhe como o sujeito do Garrett. Metter a parte exposta na benta agua, e dizer:

Agora seu diabo,
Venha para cá, se é capaz!

Não queria ouvir fallar de freiras, e louvava o silencio penitente do seu hospede a respeito de Catharina que, ao parecer do reformado libertino, devia andar de amores com algum dos perdidos que lá se

infernavam n'aquelle viveiro de tentações. O doutor escutava-o constrangido, e dizia-lhe:

— Se ella é peccadora, perdoemos-lhe, sr. conde, para que Deus nos perdôe.

— *Amen* — obtemperava o outro bastantemente ungido de caridade.

XII

Os recursos inventivos de soror Paula, d'esta vez, surtiram planos tão triviaes na indagação da filha de Catharina que, ás primeiras tentativas, se mallograram.

Uma creada, d'entre as seis brancas e cinco negras do serviço da moreninha Perestrello, era da villa, onde, ao tempo que Catharina foi mãe, estava o juiz de fóra Paulo Xavier.

Partiu a creada para Chão do Couce a cumprir uma commissão cujo alcance não entendia.

Facilmente descobriu que o juiz de fóra tivera comsigo uma filha, e a ama que a creava; mas, como a ama era desconhecida na terra e muito bem encarada, suppunha-se ser a mãe da creança. Outros diziam que uma fidalga da casa da Melroeyra namoriscára o doutor, e... *etc.* Proseguindo nas averiguações, o agente da creada descobriu dois assentos de baptismo, com intermissão de tres annos. No primeiro, *Antonia Joaquina* era filha de paes incognitos, e afilhada de Paulo Xavier. No segundo, Paulo Xavier era o pae. Além d'isso, em a nota de um tabellião

existia lavrada a copia de um alvará de perfilhação, com outras declarações do juiz de fóra nomeando a successão dos seus bens havidos e por haver em sua filha Antonia Joaquina Xavier.

Volveu a creada com semelhantes informações ao convento. Soror Paula acceitou-as como decisivas; mas Catharina instava em dizer que a menina era sua filha.

Cogitavam ambas em renovar as pesquizas á custa da reputação da fidalga da Melroeyra, quando D. Paula Perestrello recebeu uma carta, de letra contrafeita no sobrescripto, incluindo outra para soror Catharina Luiza de Miranda e Castro.

— Uma carta para ti, minha filha! — exclamou Paula.

— De quem!?

E, reparando nos caracteres, fez-se escarlate, alvoroçou-se como quando recebera a primeira carta com aquella letra, e murmurou com susto:

— É d'elle...

— Do Xavier?!

— Sim... Abro, Paula?

— Senão, abro eu; — acudiu a outra.

Catharina deslacrou-a a tremer, e leu:

« Ouvi dizer que desejas morrer, e que a mão abençoada da morte já pousou no teu seio. Sei que ainda choras. Saudades, oh Catharina! saudades d'aquella alma alegre, d'aquella tua mocidade que eu abati commigo a este abysmo? Desce a este inferno. Vem ver o que eu fiz de mim em expiação do mal que te fiz. Vem ver os trinta annos de Francisco Xavier. Para que não morras sem fé na Providencia, vem até aqui com o teu espirito. Verás como Deus castiga. Se me odeias, irás vingada, irás compadecida! irás d'esta vida com a esperança de que Deus permit-

te o algoz porque tem recompensas que dar á victima.

«Ouviste o meu nome e as minhas desgraças sem commoção. Era justo. Reconheci a justiça d'esse desprezo, não mando affrontar o teu martyrio com o meu nome. Eu me confesso infame diante de Deus e de ti, desde aquella hora em que puz de permeio á minha desgraça e á tua o meu habito de monge, e fiz da cruz de Christo a ancora da minha egoista salvação, quando tu sossobravas na tormenta. Como não havia Deus repellir-me da casa dos fortes que deixaram o mundo quando nenhuma desgraça os afugentára? Fui repulso pela consciencia da minha enorme villania. Cahi de vergonha quando me vi hypocrita para dissimular a honra do habito, que era para mim a tunica do condemnado. A minha fé apagou-se, quando não pude orar por ti. Em quanto julguei que eras morta, as lagrimas ungiam-me a santidade da oração. Desde que me deram a nova de tua vida, medi a profundeza de teu odio; e, como já não te via no céo para me perdoares, e não sabia mentir desculpas á tua misericordia, apertei a mordaça da minha ignominia. Aqui tens o meu silencio, Catharina. Eu não podia dar-te outra prova de respeito, não me restava outra dignidade n'esta irremediavel miseria.

«Por que te escrevo hoje? se eu fosse, aos trinta annos, um homem com o vigor de corpo e alma, com a vida retemperada pelo remorso reparador, não te escreveria. Sou um velho encanecido, aleijado, repellente, inspirando a quem me vê a compaixão que pedem, á beira dos caminhos, os mendigos mutilados. Escrevo-te, porque nunca recearás que um homem, que a si se vê esqualido, use a desvergonha de implorar outro affecto que não seja o da caridade. É o que te pede o homem não de todo degradado em quanto conservar na alma a lembrança de que foi honrado

*

pelo teu amor. Se tens de morrer antes de mim, quero que me absolvas do unico delicto que não tenho, Catharina, embora leves d'esta vida a dolorosa certeza de que deixas aqui uma filha...»

A religiosa expediu um ai, retrahiu para o peito a mão em que tinha a carta, e com a outra apertava convulsa o braço de Paula. O gesto é indescriptivel, porque mal poude bosquejar-se a expressão pavida dos olhos, o tremor dos labios entre-abertos, os revezes de rubor e pallidez que de instante a instante lhe demudavam o semblante.

A Perestrello tomou-lhe a carta da mão, e, attentando no periodo que ouvira lêr, disse:

— Não ha duvida... É tua filha...

— O que?— perguntou Catharina.

— Deixa-me ler o resto, que eu estou a receiar que não percebessemos bem.

E leu:

«Não a deixas nos meus braços de pae, porque ella me não dá este nome, não me conhece, repelle-me como eu a repelli. Quando me viu, pela primeira vez, estava eu amortalhado no meu habito. Teve pavor do meu aspecto. Se lhe dissessem que eu era seu pae, esta palavra seria van e inintelligivel em sua alma. Paes são os que bebem as lagrimas das creancinhas desde os primeiros vagidos. O homem que ella estremecia com invejadas caricias, chamando-lhe pae, era meu irmão Paulo. E, no futuro, se alguem insinuasse, como ultrage, a esta creança que é minha filha, a egreja desmentiria a injuria, mostrando que Antonia foi baptisada como filha de Paulo Xavier, e legitimada para lhe succeder nos avultados bens.

«A tua filha nunca te será labéo nem embaraço, Catharina. Nem ella nem o mundo saberá quem é sua

mãe. Se pudesses viver engolphada nos deleites, nunca devêras temer que o remorso te apparecesse vingativo com tua filha pela mão. Não a verás. Eu nunca lhe vedaria que te visse; e, se ella pudesse amar-te quanto me aborrece a mim, cuidaria eu que Antonia, chorando no teu seio, te pedia o perdão de um qualquer desgraçado sem nome, que devia ser eu.

«Digo-te que a não verás, porque te aconselho que a não vejas. Não exponhas o peito ao penetrante espinho da indifferença com que ella contemplará as tuas feições estranhas. Se lhe pudesses chamar «filha», talvez ferisses a corda intacta do coração onde nunca tal palavra soou; mas esse nome não lh'o darás, por amor á tua honra, e por amor da mesma creança. Se a reconhecessemos, seria para lhe deixar legado de opprobrio. Que ella nunca saiba que sua mãe era freira, e que seu pae, degenerando em ascetico fanatismo os generosos sentimentos de homem, chorava no esteril chão do Varatojo as lagrimas que eram de sua filha, e tuas, minha vingada victima!

«Não tem resposta esta carta, Catharina. Queima-a. Responde-me no silencio da tua cella, com estas palavras: «Faltou aos teus crimes o de atirares tua filha á roda. Pudéras estrangulal-a, submergil-a, e não o fizeste. Ainda bem que nos supplicios da tua agonia derradeira não entrará esse remorso.» Adeus! Perdôa-me, se esta carta é mais um trago de fel que eu verto no teu calix. Ajoelha, minha adorada e santa sombra do passado, ajoelha, e offerece a Deus esse calix em redempção do teu verdugo.»

XIII

Catharina, ponderando as razões que Xavier, mais ou menos sinceramente lhe prescrevia para não responder á carta, achou-as judiciosas. Não respondeu. Em parte sacrificou a piedade ao dever; mas a explicação complexa do seu silencio é outra. Não o amava. Lastimar e amar, no coração da mulher, implicam.

Izaac Eliot, fallando do seu amigo, deplorava-o, porque era pena vêr assim tolhido um homem tão no vigor da idade, porque não tinha uma perna, porque parecia ter cincoenta annos, e até pela prodigiosa arte com que simulava resignação. Isto commovia; mas extremava dois homens: o elegante e juvenil Francisco Xavier do amor, e o amputado e envelhecido Francisco Xavier do arrependimento. Ora, a freira não podia consubstancial-os no mesmo homem — confundir compaixão com amor.

Apesar da enorme culpa de a levar do convento com promessas de não a expôr á vingança dos inimigos — apesar das angustias do carcere e das affrontas que a receberam no mosteiro, se Eliot, em vez de

commiseral-a, a enfurecesse contra o doutor Xavier gentilissimo, dissoluto, amado das mulheres conhecidas, hoje apaixonado, ámanhã saciado, sempre no abysmo do mal, mas com muitas victimas voluntarias á competencia de o distrahirem na sua caverna e de cahirem com elle pelo mesmo alçapão do inferno — se o medico lhe pintasse d'est'arte o pae de sua filha, não se me dava de apostar que a *Muleirinha* perdoava ao ingrato scelerado, e amava o amante arrependido. Aleijões do peccado original.

A filha, sim. D'esse amor ideal sentia a freira as ancias, a vaga ternura, o instinctivo arfar da maternidade.

E soror Paula promettera-lhe que veria a filha n'aquella sala, e sentada na cadeira em que ella estava.

No dia seguinte á primeira noite que D. João v visitou o palacete de Odivellas, um fidalgo do paço procurou D. Feliciana Pedegache, a hospedeira e mestra de Antoninha; e, reservando o nome de seu augusto amo, disse que uma pessoa da mais alta jerarchia desejava que uma senhora religiosa em Odivellas aprendesse a lingua franceza. O mensageiro reconhecia o incommodo que d'ahi provinha a D. Feliciana; mas contentava-se com duas visitas semanaes á leccionada, para o que, nos dias e horas designados, estaria uma sege do paço ás ordens de sua mercê. D. Feliciana percebeu logo quem era a alumna. Deu-se os parabens do convite, agradeceu com transporte a honra da escolha; e, apenas o camarista saiu, agourou ao marido que lhe havia de pender do collo a fita do habito de Christo. Foi dia de jubilo na casa de Heliodoro Pedegache. Mandou-se recado ás relações. Deu-se a nova. Serviram-se bolos, maçapões e carcavellos a granel.

— Vaes vêr soror Paula! — diziam-lhe as irmãs

— Temos-te inveja! A casa dizem que é um paraiso celestial.

— Com uma grande serpente — accrescentou um rapaz de dezoito annos, sobrinho de D. Feliciana.

— Que é isso, André? — acudiu a tia.

— Disseram que vossa mercê — respondeu o moço — vae ao paraiso celestial; e eu accrescentei que ha n'esse paraiso uma grande serpente, como já houve outra no paraiso terreal.

— Modera a lingua, rapaz — interveiu a mãe.

— Estes estudantinhos de hoje em dia são atrevidos e republicos — observou Heliodoro Pedegache, o esperançado cavalleiro de Christo.

O estudante sorriu-se e continuou a regrar o papel que Antoninha lhe pedira para escrever o seu traslado. Era André Guilherme, tres vezes por semana, o encarregado de dirigir os trabalhos calligraphicos de Antoninha, a pedido de sua tia.

A mãe, as tias e as irmãs, respeitavam no rapaz a austeridade precoce, a sisudeza desnatural na idade, as fallas raras e sentenciosas. Sahia da aula de philosophia para a de grego, e d'ahi para o seu quarto a conversar os livros. A sua unica e aprasivel diversão era dialogar infantilmente com Antoninha, e vêl-a adiantar-se maravilhosamente na escripta e leitura. André esperava os vinte annos para professar na ordem da Santissima Trindade e redempção dos captivos. O seu proposito era sahir do reino, depois, e exercitar o instituto da sua humanissima ordem na moirama.

Antoninha chamava-lhe o seu mestre, era-lhe muito affeiçoada, e esperava-o infantilmente alvoroçada, nos dias da lição.

— Estou a vêr — dizia D. Feliciana ao esposo — que, se a pequena se faz mulher emquanto elle se não faz frade... onde irão dar estas ternuras...

— Quando André Guilherme entrar no convento, ainda ella é creança — observava o sisudo marido.

Mas não descambemos da linha recta que nos leva a Odivellas no encalço da sege.

Feliciana tem desmaios de assombro quando atravessa as salas da fada; quer ajoelhar e beijar a mão de soror Paula, que a recebe de roupão de seda verde alamarado com prezilhas de ouro e pedras. Maria da Luz e Catharina, trajando rigoroso habito, ladêam a sultana. Conversa-se, e toma-se chá perola por taças da India com as armas do reino. Feliciana conta que foi em menina uma especie de aiazinha da mãe dos senhores D. Miguel e D. José, filhos do sr. D. Pedro II. Responde a todas as curiosidades da freira, que, reclinada mollemente na espadua de Catharina, quer saber as coisas secretas da Duverger. Nomeia depois á professora as fidalgas a quem ensinou a lingua franceza, puro parisiense, como a fallava mademoiselle Anna Armanda.

— E actualmente não tem discipulas? — perguntou a Perestrello.

— Não, minha senhora, porque me tenho esquivado. Não me chega o tempo. Apenas tenho uma alumna que é minha hospeda.

— Fidalga?

— Filha de um desembargador que foi para a India, o doutor Paulo Xavier, irmão d'aquelle frade que perdeu uma perna na guerra com os turcos. V. ex.ª havia de ouvir contar...

— Ouvi, sim.

— Que pena me faz vêr um rapaz tão novo assim aleijado! Elle vae todas as semanas de carruagem vêr a sobrinha, ou vae a sobrinha vel-o ao palacio do sr. conde do Rio Grande, onde está de hospede. Acho que é muito rico, porque rara semana deixa de levar á sobrinha alguma prenda rica, mesmo muito rica:

gargantilhas, braceletes, afogadores, fraldelins de Granada, volantes, luvas e leques de França, emfim, coisas que de nada servem a uma menina que vae nos oito annos! E ella — ora vejam, minhas senhoras! — não gosta do tio tanto como isto! Chama-lhe o *perna de páo;* e, se póde desculpar-se com as lições, foge da sala.

— É esquisita a menina! — disse Paula.

Quanto a Catharina, essa, sem se estreiar com um monossyllabo, não despregava os olhos da loquacissima professora.

— E é bonita? — perguntou Maria da Luz.

— Muitissimo galante: parece-se mais com o tio que com o pae; porque o tal padre manco tem uma cara muito fina; e meu marido, que o conheceu aqui ha oito annos, diz que em Lisboa poucos homens passeavam tão airosos como elle. Pois a menina dá avultações do tio; que ella não quer que se lhe diga isso.

— Quem é a mãe d'essa menina, sabe? — perguntou Paula.

— Isso agora, minha senhora, é segredo que eu não pude até hoje descobrir, nem, a fallar verdade, me tem importado muito. Antoninha diz que sua mãe morrêra quando ella era pequenina; mas o que eu sei de fundamento é que o sr. desembargador nunca foi casado, por m'o dizer uma creatura lá das bandas de Coimbra que foi ama de leite da menina, e que todos os mezes a vem vêr a Lisboa. Até já me lembrou se ella seria propriamente a mãe; mas pelo trajar e pelos modos saloios não tem geito d'isso. Se ella fosse a mãe de uma menina tão querida do pae, é natural que vivesse com outra estimação...

Soror Paula declinou o palavriado n'outro rumo. Pintou-se-lhe tão facil o exito premeditado que deferiu para outro dia mostrar desejo de ver a educanda. Ao mesmo tempo, lembrava-lhe se Francisco Xavier, sa-

bendo que a mestra de Antonia era sua preceptora de lingua franceza, entraria em indagações de Catharina que beliscassem a curiosidade da Feliciana, suggerindo-lhe desconfianças. Por outro lado, occorria-lhe que o padre não estorvaria que Antonia entrasse em Odivellas e fosse vista de sua mãe. N'isto scismava Paula em quanto a mestra lhe ensinava a pronunciar o abcedario francez e os diphtongos, objecto da primeira lição.

Assim que a mestra sahiu, Catharina lançou-se nos braços de Paula, e por entre beijos e lagrimas soluçava:

— Já sei que heide ver minha filha! Tu és um anjo, minha querida amiga! Queres por força que eu viva, e não ha desejo que me não satisfaças! Que farei eu quando a vir, ó Paula! Como hei-de eu conter-me que me não abrace n'ella?...

— Olha se tens juiso, doudinha! — admoestou a Perestrello — Isto não é brincadeira... Lembra-te das inimigas que temos... Eu receio tanto que o segredo se descubra que nem ao rei disse ainda uma só palavra a tal respeito. Elle sabe os teus amores com Xavier — sabe tudo; menos o que é forçoso que ninguem desconfie. Vê lá como te portas, já que me obrigas a estudar francez, e a fazer-me por isso alvo da chacota d'estas estupidas do convento, que hão de ser toda a vida *bernardas*...

— Se vires que eu me excedo, filha — disse Catharina acariciando-a — faze-me um signal, sim?

— Que signal, menina! De que servem signaes!... Tu é que deves fazer um estudo para não te excederes. Pódes affagal-a e beijal-a, que tudo é natural entre uma religiosa e uma creança; podes até chamar-lhe «filha» que não será isso reparado; mas nada de transportes e arrebatamentos, percebes?

A trigueirinha estudou a sua lição, e o rei ajudou-

lhe a pronunciar os diphtongos. Sua magestade sabia regularmente a lingua franceza e hespanhola. A italiana ensinou-lh'a, vinte annos depois, a actriz Petronilla, a quem deu presentes que carregaram trinta cavalgaduras quando a cantora se fez na volta de Hespanha, diz o cavalheiro de Oliveira. D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia Genealogica da casa real*, tom. VIII, pag. 4, diz que o rei sabia tambem latim com perfeita intelligencia. De um sujeito que lia Horacio e Cicero, dizia Bocage: «Pena é que saiba latim, pois perdeu-se um parvo grande!» D. João V, ainda com o latim, não era parvo pequeno nem perdido.

Disse Paula a primeira lição com bastante sciencia dos diphtongos e triphtongos, mormente os nazaes, que sua magestade lhe ensinou com a mais fanhosa graça. D. Feliciana benzia-se da esperteza linguistica da sua discipula, e fingia não acreditar que ella desconhecesse inteiramente os diphtongos e os triphtongos, os nazaes particularmente.

— A outra sua discipula já deve estar muito adiantada... — disse Paula.

— A Antoninha?

— Sim.

— Já principia a conversar em francez commigo.

— Já?! que linda coisa! fallar francez aos oito annos!

— As creanças aprendem mais de ouvido que pelas regras — explicou a conspicua Feliciana — Eu segui sempre o methodo por onde aprendi. Quando abri uma arte de fallar francez já sabia conversar com mademoiselle Duverger. Ora, a minha hospeda tem tal memoria que não lhe esquece palavra que eu lhe diga. D'aqui a um anno ha de poder-se ouvir fallar francez.

— D'aqui a um anno? E eu, d'aqui a um anno, poderei conversar em francez?

— Pois não, minha senhora! V. senhoria, com mais duas ou tres lições, começa a conjugar o verbo *aimer*. *J'aime*, eu amo, *tu aimes*, tu amas, *il aime*, elle ama.

— Isso é bonito! — atalhou a ridente moreninha, fazendo rir Catharina — Graças a Deus que riste, minha casmurra! — disse ella, tocando-lhe no rosto com as pontas dos dedos.

— Tenho notado — observou a mestra — que esta senhora é muito melancolica, e parece não ter a melhor saude...

— Sou doente — respondeu Catharina.

— Ah! sim? pois pena é que tão novinha comece a padecer! Isto de viver na clauzura não é para todas as compleições. Umas senhoras engordam e outras definham-se. Se fosse aos ares, minha senhora...

— Aos ares vou eu, se m'a tiram do convento — calemburgou Paula.

— Bem se vê que são amiguinhas inseparaveis... — tornou a mestra — mas, se Deus quizer, como está uma creança, ainda póde ter muita saude, minha senhora. Ás vezes fazem-se na gente umas revoluções interiores, e vão-se os achaques. Porque não consulta o medico francez, que tem feito milagres, monsieur Eliot? A mim me curou elle de uma obstrução, ou o que quer que fosse, nos rins; andei por todos os doutores famosos, encharquei-me em tizanas e sempre a peor. Fui-me ter com o francez, por signal que elle ficou espantado quando viu uma portugueza a fallar a sua lingua; e sabem com que elle me curou, minhas senhoras? Vejam lá se podem adivinhar...

— Foi com leite de burra — disse Paula.

— Ora esta! quem o disse a v. senhoria? — acudiu espantada D. Feliciana, em quanto a *Mulcirinha* ria pela segunda vez.

— Não se admire, D. Feliciana — explicou Paula

— eu conheço esse medico, e sei que elle cura todas as doenças com leite de burra. Aqui a minha amiga tambem anda no uso d'elle.

— Faz muito bem, minha senhora. Ainda hontem eu pedi ao sr. padre Xavier, porque o vi muito amarello, quo tomasse os leites; e assim que entrar o verão vou dal-os á Antoninha...

— Ella é doente? — perguntou Catharina.

— É magrinha, tem poucas carnes, e come como um passarinho. Depois, estuda bastante; meu sobrinho André, que lhe ensina a escripta e a orthographia, puxa bastante por ella. Eu ralho; mas a menina zanga-se, se a tiram dos livros.

— Porque não dá uns passeios com ella? — perguntou D. Paula.

— Falta-me tempo, minha senhora. Sou eu só a governar a casa, e não tenho em quem descance.

— Porque a não traz comsigo quando aqui vem? — tornou a freira — É um bonito passeio de sege. A Antoninha assiste ás minhas lições, é minha condiscipula, e talvez que eu, ouvindo-a conversar em francez, me vá desembaraçando. Faça isto, D. Feliciana, dê á creança o prazer d'estes ares do campo, e verá como ella aqui chega com appetite.

— Diz v. senhoria muito bem — assentiu a mestra — mas é necessario uma licença para ella poder entrar.

— Não lhe dê isso cuidado. A licença lá a recebe em sua casa ámanhã ou depois.

— Como ella vae ficar alegre!... Quando eu d'aqui fui, a menina quiz saber como isto era, como as senhoras andavam vestidas, como eram as cellas, em fim moeu-me a paciencia com perguntas. E quantas vezes ella me tem dito que o seu maior prazer era voar da trapeira a umas arvores que se avistam lá para as bandas de S. Sebastião da Pedreira! Eu já pedi ao tio da menina que fosse dar uns passeios até Chellas

com a sobrinha; mas ella, assim que eu fallo n'isto, perde logo a vontade de sahir. Em fim, acho que nem para o céo quereria ir com o tio *perna de páo*. Embirração assim não se acredita, minhas senhoras! Eu já perguntei a meu sobrinho André Guilherme, que é muito sabio e estuda para frade Trino, como explicava elle esta antipathia da pequena. Meu sobrinho respondeu-me que nem o amor nem a aversão se explicavam; mas que lhe bacorejava que o tio havia de ter influencia funesta na sobrinha. Em fim, minha senhora, Deus é que sabe... São horas e mais que horas de me retirar. Tenho abuzado da bondade com que v. senhoria me tracta.

— Pelo contrario, eu é que sou a reconhecida. Lá lhe mando a licença — repetiu soror Paula — Dê o alegrão á minha condiscipula. Estou persuadida que o tio não a impedirá.

— Com toda a certeza. Elle já me disse que estimaria muito que as minhas occupações me deixassem passear com a sobrinha. Ella cá vem, visto que v. senhoria lhe faz a honra de a receber.

Renovaram-se os beijos e lagrimas jubilosas de Catharina.

XIV

Chegou D. Feliciana alvoroçada a casa com a noticia. Estava o sobrinho corrigindo os desacertos orthographicos da escripta que dictára á pequena.

— Antoninha — vozeava a mestra offegando escada acima. — Antoninha! trago-lhe uma nova muito alegre, a mais alegre que lhe posso trazer...

— Chegou o papá?! — exclamou a menina erguendo-se de salto, e correndo para a mestra.

— Não é isso, meu amor; é outra coisa...

— Não? — disse esmorecida a creança — Então não sei que seja...

— Eu lhe vou dizer... Chegue-se e dê-me dois beijos... Sabe o que é? as senhoras de Odivellas querem que a menina lá vá.

— Ora! — disse Antonia com desdem — A mim que me importa as senhoras de Odivellas? Cuidei que era outra coisa...

E foi sentar-se amuada á mesa de escrever.

— Venha cá, sua aborrecida! — volveu D. Feliciana refreando mal o despeito — então a menina não quer ir vêr a casa mais rica do mundo, onde moram umas senhoras que parecem uns serafins?

— Eu não, senhora.

— Não? pois ha de ir.

— Se seu tio lhe der licença — interveio André Guilherme.

— Ahi vens tu com as tuas rhetoricas!... — saltou a tia azedada.

— Isto não são rhetoricas, é moral, minha tia.

— Qual moral nem qual carapuça! Então que é moral?

— Moral é a sciencia dos bons costumes, e é bom costume que as meninas de oito annos vão tão sómente onde seus paes, ou tios, ou tutores consintam que ellas vão.

— Mas o padre já me disse que fosse passear com a sobrinha... Não é verdade, menina?

— Mas não lhe disse que a levasse a casa da madre Paula de Odivellas, para a qual casa se entra por uma porta que não é a conventual.

— Sabes tu que mais? estás cada vez mais tolo! Acho que mettes livros na cabeça; mas tiras de lá os miolos para te caberem os livros. Que te importa a ti por onde se entra para casa da religiosa?

— Da religiosa, nego e distingo — replicou o moço abordoando-se ás formulas aristotelicas — Não é religiosa, porque a religião impõe votos de pobreza e castidade, e soror Paula Perestrello não é pobre nem... conversaremos particularmente, minha tia. Eu costumo explicar a esta menina as palavras que desconhece. Supprimo as que ella deve ignorar; pelo menos, não serei eu quem lh'as ensine.

— E acabou-se! quem governa n'esta casa e nas minhas acções és tu!... — raivou a tia.

— Não governo, minha senhora, deixo-me governar pela consciencia do bem, e digo alto o que sinto. Se, todavia, lhe são penosas as minhas reflexões, não voltarei a sua casa.

— Veremos... — resmuneou a tia, retirando-se.

Antonia acercou-se do mestre, e disse-lhe em tom implorativo:

— Não volta a esta casa, sr. André?

— *Veremos,* disse minha tia.

— Olhe que eu não vou a Odivellas...

— E porque não vae? Se seu tio consentir...

— Tambem não vou... Eu só faço o que meu papá mandar .. Importa-me cá as freiras!

N'este comenos ouviu-se rodar e parar uma sege.

— Ahi vem o sr. padre Xavier — disse André Guilherme — Provavelmente minha tia pede-lhe licença para levar a menina a Odivellas; se elle consentir, Antoninha, não se recuse. Obedeça e vá: peço-lhe isto. A menina é ingrata a seu tio, que lhe quer muito.

— Pois não vou... — redarguiu a menina com dengosa obstinação.

André olhou-a com triste silencio.

Entrou Feliciana na sala para receber no alto da escada o padre, que subia muito fadigado, batendo rijo em cada degráo com a inflexa perna de páo.

André desceu ao primeiro mainel para lhe dar o braço e amparal-o. Antoninha esperava-o para lhe beijar a mão. O padre, desde que a viu, ganhou forças, apressou-se, e sorria-lhe nos labios e nos olhos.

No tôpo da escada, parou amparando-se nos hombros da menina; depois, arqueou-se com difficuldade, beijou-a em ambas as faces, cumprimentou a mestra, e entrou na sala onde André lhe abeirara da cadeira o tamborête em que elle estendia horizontalmente a perna artificial, sendo dolorosa a curvatura.

— Cheguei, ha minutos, de Odivellas — disse D. Feliciana.

— Sim? está contente com a sua discipula?

— Contentissima! a primeira lição não podia ser melhor. Aquella senhora tem muito ingenho! E então

*

graça! faz rir as pedras! Hoje até fez rir a outra senhora triste, em que fallei a v. senhoria, e ainda não sei como se chama...

— Rir é uma felicidade, e fazer rir é um dom impagavel, senhora D. Feliciana.

— E não sabe? A sr.ª D. Paula quer que eu leve lá sua sobrinha.

— *Quer?!* Pede ou quer?

— Isto é um modo de fallar... Como eu lhe disse que a menina era magrinha e comia pouquissimo, lembrou-se a senhora freira de que uns passeios de sege fóra da terra lhe abririam o appetite, e então me fez a honra de convidar a Antoninha. Resta saber se v. senhoria dá licença...

— Eu não quero ir...— interrompeu a pequena tregeitando gestos sacudidos, como usam as creanças voluntariosas e amimadas.

— Ora diga-me — perguntou o padre, depois de morosa e agitada reflexão — a sr.ª D. Paula sabe a que familia pertence esta menina? .. Não vá ella cuidar que é das fidalgas que a sr.ª D. Feliciana tem educado...

— Pois não sabe?! Eu já lhe disse que o pae da minha educanda é o sr. desembargador Paulo Xavier, e que v. senhoria é o tio da menina. Já da outra vez me fizeram perguntas a respeito .. sim... eu lhe direi... com licença...

E, abeirando-se-lhe do ouvido, continuou:

— Perguntaram-me se eu sabia quem era a mãe de Antoninha...

— *Perguntaram-lhe* ou *Perguntou-lhe?* — disse o padre Xavier — A senhora tem-me fallado em uma só religiosa; esse *perguntaram-me* deixa entender que as senhoras eram duas ou mais.

— Eram mais duas; uma é a sr.ª D. Maria da Luz, irmã da sr.ª D. Paula; da outra já lhe disse

que não sei o nome. Ora agora, esta que não sei como se chama, alguma coisa me disse a tal respeito, mas .. lembrar-me o que foi... não é possivel. Por isso é que eu disse: *perguntaram-me*. Quem convidou a menina foi a sr.ª D. Paula.

— Eu responderei quanto á licença que me pede — concluiu Xavier.

— Mas a senhora disse que ámanhã me mandava a licença.

— Licença para que?

— Para entrar no convento.

— A sr.ª D. Feliciana, quando lá vae, entra pela porta do convento?

— Não, senhor.

— Então para que é a licença?

— É que a outra porta é tambem defeza á innocencia — disse André Guilherme aparando os bicos de uma penna, sem erguer a cabeça.

O padre poz um profundo olhar no perfil descahido do estudante, e disse entre si:

— Elle intenderia bem o que disse?!

A tia olhou tambem de esguelha contra o estudante, e murmurou:

— Ninguem te percebe!

— Eu percebi — objectou o padre — Repito: responderei. Se tem de ir a Odivellas antes da minha resposta, não altere a verdade, conte o que se passou.

E, beijando Antonia, e apertando a mão ao futuro frade trino, sahiu mais opresso de espirito.

Convem saber que o silencio de Catharina alanciou o coração de Francisco Xavier. Aquella carta era sincera, quanto aos confessados remorsos; mas fraudulenta, quanto á imposição do silencio. E, porque os remorsos eram verdadeiros, o delinquente queria ser perdoado; e, senão perdoado, arguido; despresado é que elle não queria ser. A sua expiação retrahia-se a tão acerba

prova. No peito d'aquelle homem escabujava ainda o coração com a vitalidade dolorosa das fibras corroídas por um scirro. Tinha trinta annos: amára uma só vez; anniquilara-se para não amar segunda mulher, vestindo o habito; e o desastre da guerra, a mutilação e o alquebramento physico fechavam-lhe os aditos da sociedade onde o sua alma, posta ao fogo de outras paixões, podia retemperar-se. Se elle tivesse a velhice que se conta por dezenas de annos, o silencio de Catharina de Castro não lhe mordêra no orgulho ao través do coração; porém como o seu desprendimento era ficticio, e a soledade lhe aguçasse as puas do desprezo, e sua alma trasbordasse do amarissimo desamor da filha, a imagem de Catharina já lhe não apparecia lastimavel e plangente.

Até o ciume, a fantazia que dá a preexistencia do ideal do inferno, até o ciume lhe cravou a garra. Amaria ella outro homem? Hospeda de Paula, poderia ser honesta? Os camaristas do rei ser-lhe-hiam indifferentes? A doença e a tristeza seriam enfeites de enamorada para dar graças morbidas á poesia da paixão?

Se assim era — deprehendia o injustissimo calumniador da pobre senhora — que queria Catharina de sua filha? Captival-a? fascinal-a com caricias? segredar-lhe que era sua mãe? uzurpal-a ao amor dos outros? desgraçal-a talvez?

— Não! — pensou elle — tu não me roubarás a minha filha! Se ella me não ama, ha de amar-me quando bem comprehender que eu a adoro! Quererias, por ventura, ensinal-a a desprezar-me pela mesma razão que tu me desprezas? querias dizer-lhe que houve um homem que lhe chamou *filha*, porque eu lhe não quiz dar esse titulo? que eu, ao vestir o habito de monge, foi como se vestisse a mortalha de pae? Não lh'o dirás, não! Se te era deshonroso responder

aos gritos da minha alma, não queiras diante de ti a filha do teu crime. Sê coherente se não pódes ser boa nem compassiva. No ar dos pestilenciaes aromas do palacio de Paula, não quero que a minha innocente filha respire. As impressões que se insculpem em uma alma nova são boas ou más no futuro. Eu não quero que minha filha se recorde da alcôva de uma freira amasia de um rei. Póde ser que a mãe se embriague n'essa atmosphera; mas a embriaguez que delicía uma alma gasta póde matar as flores ainda abotoadas no coração de minha filha. Não a verás, Catharina.

.....

O padre Xavier seria pessimo caracter, se não fosse um grande desgraçado.

XV

Á hora do costume, as senhoras Perestrellos e Catharina, por entre as cortinas das janellas, esperavam D. Feliciana. Quando conheceram a sege das cavallariças reaes, disseram as tres a um tempo:

— Ellas ahi vem!

— Olhem o meu coração como pula! — murmurou Catharina pondo sobre o peito as mãos das suas amigas.

— Até eu estou alvoroçada... que farás tu!... disse Paula.

— Não se divisa quem vem dentro...— notou Maria da Luz agachando-se para espreitar rente com o peitoril.

Catharina ajoelhou tambem, formando com as mãos um tubo para convergir os raios da luz, e disse com desalento:

— Parece-me que vem sósinha a tua mestra...

A este tempo já Paula tinha o oculo de longa-mira assestado á sege.

— Tens razão — confirmou a Perestrello — a menina não vem...

— Talvez que não entregassem hontem a licença á Feliciana — lembrou Maria da Luz.

— Bem me dizia o coração! — ajuntou Catharina.

— Ahi estás tu já afflicta!... Qualquer insignificante embaraço impediria a vinda da pequena... Olha que é preciso não nos mostrarmos muito contrariadas na falta. Deixa-me só fallar a mim.

Entrou a mestra com desconsolada cara; e feitas as mesuras, disse:

— A menina não veio porque o diabo do tio negou a licença, isto é, disse-me que pensaria e responderia ao meu pedido.

Catharina voltou as costas a Feliciana e chegou-se de uma janella que dava sobre o pomar, afim de encobrir as subitas lagrimas. Quiz represal-as; mas não podendo, sahiu da salêta, e recolheu-se ao seu quarto. A mestra não percebeu nada. Paula e Maria da Luz, com as suas perguntas, distrahiram-na de attentar nos precipitados movimentos da outra. No entanto, Paula gesticulou um rapido aceno á irmã, que seguia Catharina.

A mestra referiu pontualmente o que passára com Francisco Xavier. Não lhe esqueceu a distincção da porta conventual e da porta particular. Omittiu sómente por cortezia o commento do sobrinho quanto á defeza da innocencia por qualquer das portas. Paula absteve-se discretamente de retribuir ao padre as farpas indirectas. Mostrava-se sentida do desgosto da mestra, e lastimava a creança, que o tio decerto amaria com melhor resultado, se, em vez de lhe dar enfeites, lhe desse ar puro.

Quando Feliciana lhe perguntou se queria dizer a lição, a freira respondeu que uma forte enxaquêca a impedira de estudar. Despediu-se a mestra, e Paula correu á alcôva de Catharina, que estava a chorar ao lado de Maria da Luz. Esta, fitando a irmã, e depois

declinando a vista de esconso para uma bacia de lavatorio, dizia-lhe mudamente que visse o sangue de Catharina. Não era a primeira hemoptyse ; mas Paula assustou-se; foi para ella impetuosamente e estreitou-a ao coração.

— A tua filha ha de vir, eu t'o juro, Catharina.

— Que vil homem aquelle! — soluçava a mãe de Antonia — Acho-o mais infame n'este proceder, comparando isto com a carta que me escreveu. Aqui tens o penitente, o contricto!... Participou-me que existia minha filha, como quem inventa um flagello novo para mim. Pensou que eu vivia resignada. Affligiu-o a idéa. Engenhou uma tortura, prevendo que eu cahiria outra vez na cilada. Disse-me que eu tinha uma filha com o plano de me aviltar não consentindo que eu a veja. Aqui tens a perfeição da maldade humana, Paula!... Deixa-me chorar e morrer, que eu tenho mais vergonha que dor de o ter amado! Não faças diligencia alguma... Que vem ella cá fazer? Eu... estou morta...

— E eu não quero que morras, minha querida filha! Deixa todo o mundo, e vive para mim! — exclamou Paula desfeita em prantos — Olha que eu só deixo de ver escura a minha vida quando encontro a luz dos teus olhos. Se nunca te disse isto, é por que só agora pude recalcar no peito a vaidade de parecer feliz aos olhos de toda a gente, de amigas e inimigas!

Catharina abraçou-a, beijou-a muitas vezes, ganhou alento na convicção de ser precisa á felicidade d'aquella mulher tão odiada e invejada.

Paula levou-a comsigo, segredou-lhe muitas dores ignoradas, muitos ultrages recebidos do capricho de D. João v. Entreteve-a com a suas angustias — o melhor anodino para mitigar as alheias.

Depois, em quanto Catharina meditava uma carta fulminante para o pae de Antonia, Paula entrou ao

seu gabinete, escreveu algumas linhas, lacrou o sobrescripto, e escreveu:

Ao reverendo sr. Padre Francisco Xavier. Em casa do ex.mo conde do Rio Grande, no Lumiar.

Chamou uma negra, deu-lhe explicações, e voltou, dizendo coisas diversas e alegres á sua amiga.

— Vou escrever-lhe... — disse Catharina com desabrimento.

— Raios e coriscos? Não escrevas, filha. O que tu pensas deve ser o peor despacho. Nós estamos ainda no começo. Ha muito que fazer antes que lhe dês o prazer de o castigar com a tua carta. Se lhe tivesses respondido affrontas, já cá tinhas a filha. O teu silencio foi como se em cima da sua memoria lhe voltasses a esmagadora pedra do sepulchro. Quando eu desconfiar dos meios brandos, então luctaremos como desesperadas.

Francisco Xavier recebeu a carta confiada ao ajudante do sacristão mór das freiras. Estes funccionarios em Odivellas accumulavam todos os officios compativeis. Curavam das aras do templo, e velavam o fogo não sagrado das sacerdotisas para que não se apagasse.

Este subalterno conhecera Francisco Xavier no galarim do luxo e do amor. Pegou de lagrimar quando o viu sem perna, sem cores, arrugado, desfeito.

— Quem o viu, meu senhor! — dizia, e benzia-se.

Depois entregou a carta.

— De quem vem? — perguntou o padre, reparando na letra desconhecida do sobrescripto.

— Deu-m'a uma das negras da senhora freira... d'el-rei — E circumvagou uns olhares cautos.

Xavier abriu e leu:

Paula Perestrello cumprimenta o sr. Francisco Xavier, e pede lhe a fineza de consentir que venha a Odivellas sua sobrinha Antonia.

Deteve-se largo espaço a estudar syllabicamente as duas linhas. Meditou, em quanto o sacristão comparava o brilhante moço de oito annos antes, com aquelle homem encolhido e descadeirado entre as almofadas de uma preguiceira.

O padre, ainda escandecido do accesso de furia do dia anterior, no bilhete de Paula não viu phrase que o applacasse. Nem uma letra, uma inicial com referencia a Catharina! Ella, orgulhosa, aviltadora, esquivara-se a ser parte na petição — pensava elle. Delegava glacialmente na amiga o satisfazer-lhe um capricho, sem risco da sua dignidade, sem sacrificio da sua soberba. Se fosse servida, nada tinha que agradecer ao homem desprezado. Se o não fosse, a descortezia feita á amante de el-rei não ficaria impune.

— Quer expor-me ao odio d'el-rei — dizia elle.

E, derivando a sua cogitação ao infimo gráo onde a podia abaixar, pensou nos perigos da repulsa, graduando-os pela omnipotencia real. E, remontando-os aos antepassados, pensou em Domingos Leite Pereira, seu bis-avô, enforcado como regicida; em Francisco Mendes Nobre, seu avô, fallecido de angustias quando lhe aferrolharam o filho; em seu tio de Villa Viçosa queimado; em seu pae tres annos prezo e desterrado. E, depois, elle era rico; os seus haveres, transferidos de Hollanda, eram conhecidos; e seu irmão era desembargador em annos florentes; e sua filha era a herdeira de mais de cem mil cruzados. E estes cem mil cruzados, com elle, com o irmão, com a filha, tudo poderia sorvêl-o a voragem do santo-officio, ao mais leve aceno d'el-rei. E, de mais: elle conhecia o fôlego vingativo de Paula Perestrello. Sabia que, me-

diante ella, Catharina e sua mãe, na inquisição de Coimbra, amolgaram a ferocidade dos frades, e sahiram illesas. Sabia que um bilhete d'ella enviado ao paço da Ribeira, poz na rua os quadrilheiros e a tropa que rebateram a communidade de Odivellas para dentro do mosteiro. Sabia, em fim, que Paula se prestava a executar as vinganças de Catharina.

Illaqueado por estes mêdos sinistros, em que nenhum pensamento nobre sobresahia, o ex-frade varatojano mandou ao sacristão que lhe chegasse uma papeleira portatil, e escreveu:

Francisco Xavier tem o prazer de cumprimentar a muito reverenda sóror Paula do Santissimo Sacramento, e agradecendo em nome de seu irmão Paulo Xavier a distincção que s. senhoria liberalisa a sua filha, vae ordenar sem detença que a menina se apresse a conhecer a dignissima senhora que tanto nos honra.

E, ao mesmo tempo, enviava o seu consentimento a D. Feliciana com expressa recommendação de forçar sua sobrinha, dado o caso que ella tentasse desobedecer-lhe.

Abriu Paula a carta. Estava presente Catharina. Tremiam ambas. Leu-a mentalmente perfilando-se de modo que a sua amiga a não lêsse ao mesmo tempo. E, lido o bilhete, exclamou:

— É um cavalheiro o Xavier! Olha... ahi tens!... Vês como se vence tudo? ó assim. As armas da mulher são as meiguices, quando os inimigos são homens; ora, se os inimigos são mulheres, então a arma efficaz é o tagante. Alegra-te, que ámanhã tens aqui tua filha.

Catharina tambem parecia deletrear as palavras do escripto, affectadas e ironicamente cortezãs. Não obstante, cerrou-se-lhe a alma de escurissimas saudades, quando Paula a incitava a exultações. Luzia-lhe

uma das auroras do passado — a primeira alvorada na casa de Monte-mór, quando ella da janella ogival viu dobrar a collina fronteira o gentil môço, e se quedou vendo repontar o sol, alegre como a aves. Era feliz, tão feliz como se esposo, e não amante, lhe houvesse n'aquella noite nectarisado os labios com os primeiros beijos. Ella amou... o amor, n'aquelle retrocesso; mas, desde a primeira alvorada de Monte-mór, não se recordava de outra manhã sem as nortadas glaciaes da alma. Depois, era o recordar-se das angustias e terrores da gravidez; do resfriamento do homem a quem pedia a fuga para salvar a honra e a vida de sua mãe da inquisição; da herança affrontosa de tantos antepassados seus ali queimados; de sua mãe ali, louca de pavor... e emfim do seu covarde amante, além, a cantar litanias, a contundir o peito, a missionar nas aldeias, a pedir a Deus que o salvasse, visto que elle, por sua parte, deixava a justiça humana desassombrada no castigo da sua victima.

Ah! ella tambem era injusta!

Devia descontar nas graves culpas do amante a unção com que o frade lhe dissera centenas de missas por sua alma.

XVI

N'aquelle mesmo dia, a jubilosa Feliciana enviou a Odivellas portador com a feliz nova.

A menina leu o consentimento do tio, na presença de André Guilherme. Ainda balbuciou: «não quero ir»; mas o môço, severisando o semblante, reprehendeu-a entre amoroso e grave.

— Assim é que tu mostras que tens sabedoria e moral... — applaudiu a antiga aia da Duverger.

O estudante é que não formava o mais exaltado conceito da sabedoria e moral de sua tia. As fontes em que ella bebera os rudimentos da virtude não lhe pareciam mais limpidas que o palacete de madre Paula. O gremio das fidalgas onde ella se insinuará com a sua sciencia da lingua franceza, conjecturava o estoico môço que eram meandros sujos a derivarem das fetidas alagôas de Affonso VI e Pedro II. E, dado que Heliodoro Pedegache, por mão da esposa, arpoasse grossa pescaria n'essas torrentes lodosas, o rapaz olhava com secreto pejo para a prosperidade d'aquella familia. E, quando lhe disse a tia que o marido talvez apanhasse o habito de Christo, o aprendiz de frade murmurava:

— Em que andanças envolvem Christo! Por que não ha de crear-se a cavallaria da ordem de Mafoma...

— Para quem?... — atalhou a tia abespinhada.

— Para os christãos sinceros.

— Que frade!... — retrucou ella sarcastica.

Entrajaram a menina ricamente. Adereçaram-a com todas as louçanias; levaram-na a toucar-se no Auroy, cabelleireiro francez mais na voga; almiscararam-na, pintalgaram-lhe o rosto com pedacinhos de tafetá preto aos quaes D. Feliciana chamava *mouches*.

— Olha como está linda, ó André! — disse a tia trazendo-lh'a pela mão.

— Vae bonita e coruscante! — affirmou o estudante com ironico sorriso — Parece a ninfa da comedia *El encanto es la hermosura*. Acautele-se, minha tia, que lh'a não pilhem por moura de aucto, ou anjo da Procissão de triumpho!

— Forte azemel! Vamos, minha menina... — regougou a mestra.

E desceu a escada praguejando o rapaz por entre os dentes, e protestando desfazer-se d'aquelle trambolho.

— Vou tão aborrecida! — disse Antoninha, quando o lacaio da tabua abria a portinhola.

— Logo se alegra assim que vir as senhoras freiras. Olhe lá se as cumprimenta com desembaraço, e se responde com graça e juizo ás perguntas que lhe fizerem...

— Se eu souber...

— Pois não sabe? a menina, quando quer, é viva como azougue; mas se lhe dá para amuar, é mesmo uma aborrecida!...

— Então para que me leva a senhora? Deixasse-me estar com o sr. André Guilherme, que eu estava bem.

— É o que eu digo...— pensou entre si a mestra — Se ella tivesse mais seis annos, não seria elle frade.

Quasi sempre silenciosas, chegaram ao atrio do mosteiro. As tres senhoras estavam por dentro das vidraças. Catharina, levada de impensado impulso, assim que entreviu a filha, sahiu da janella rapidamente com destino a ir esperal-as á primeira sala.

— Psio! — sibilou Paula, retendo-a — Então que é isso? temos tolice?! Prometteste-me ser prudente. Estou a ver que te abraças á pequena, exclamando «minha filha!» Espera que vamos todas; mas tu não representas, ouviste?

Sahiram as tres religiosas á sala de visitas, e por entre os resquicios do refegado reposteiro que abria para a sala de espera, viram entrar Antonia com timidez de acanhada, primeiro que a mestra.

— É a tua cara! — ciciou Maria da Luz, cedendo o logar a Catharina para que a visse — Olha!...

— Que linda! — murmurou Paula.

— Como vem estrellada de pedraria! — observou a Perestrello mais nova — Não a sabem vestir...

No entanto Catharina, amparada no umbral da porta, e anciada, com os labios entreabertos n'um riso immovel de idiota, pasmava na filha, e enclavinhava as mãos trementes sobre o seio.

— Vae para a minha saleta com Maria da Luz, compõe esse rosto que se está desfigurando, e espera por mim, que lá vamos ter — disse soror Paula.

E entrando na sala, cumprimentou a mestra, beijou a menina, perguntou-lhe as puerilidades do costume, e conduziu-as de vagar pelos varios repartimentos do palacio, detendo-se nas cazas em que Antonia, com infantil curiosidade, se demorava reparando na ornamentação magnifica. Perguntou-lhe Antonia:

— As senhoras freiras d'aqui não andam de habito?

Paula sorriu-se e respondeu que sim; mas que ella só vestia habito quando ia ao côro.

Ao entrar na ante-camara, onde estava Catharina

*

meio esvahida e reclinada no hombro de Maria, Paula conduziu a menina pela mão ao pé das duas, e disse:

— Aqui tem, Antoninha, duas freiras com habito.

A menina cumprimentou-as com vivacidade, aproximou-lhes o rosto, beijou-a primeiro Maria da Luz na face, e depois Catharina nos labios. Antonia olhou fixamente a freira, movendo os beiços, onde sentia a impressão ardente dos beijos que recebera. Não havia n'aquelle olhar o mysterio que as outras mentalmente aventaram. A pequena estranhára a compressão convulsa e a quentura humida d'aquelles beiços.

Sentou-se a menina em um divan entre a mãe e Maria da Luz. Abanava-se senhorialmente donairosa com o leque estrellante de lantejoulas de prata e ouro. Perguntou-lhe Paula se gostava do habito das freiras. Reparou em soror Catharina, e respondeu lentamente:

— Esta senhora está muito bonita assim. Tenho no meu livro de missa um registro de uma sancta que se parece com a senhora.

— Sim? — balbuciou Catharina tirando-a para si com irreprimivel transporte, e beijando-a em ambas as faces.

Paula olhou para a irmã com um gesto significativo de receio, em quanto a menina parecia querer retrahir-se á vehemencia das caricias.

Para distrahir Antonia, perguntou-lhe Paula se tinha noticias do papá.

— Ainda não, minha senhora. Estamos á espera das náos da India. Cada dia parece-me um anno.

— Felizmente a menina tem seu tio, que é muito seu amigo...

Antonia não respondeu.

— E' o que eu lhes disse, minha senhora... — interveio D. Feliciana, alludindo ao desaffecto da educanda pelo tio.

— Que ó? — perguntou Antonia.

— Digo eu que a minha menina deve ser grata ao extremoso amor que lhe tem o sr. padre Xavier.

A pequena avincou a testa, como se quizesse reprehender a mestra de sahir-se com aquella impertinencia em tal occasião.

D. Feliciana murmurou, formando com os beiços um trogeito de zanga:

— Que genio!

Catharina encarou a mestra com resentimento. Julgava-se já bastante mãe para defender a filha da rude censura da mestra. Paula sorriu-se, e Maria da Luz passou o lenço pelos labios.

— Hoje, sr.ª D. Feliciana — disse a Perestrello — peço-lhe sueto para mim, visto que a minha condiscipula tambem tem sueto. Sou pessima educanda, não acha?

— V. senhoria aproveita em vinte lições o que outras não conseguiriam em quarenta; e a sua condiscipula está no mesmo caso. Tem muita habilidade .. Quer fallar francez commigo para estas senhoras ouvirem, Antoninha?

— E estas senhoras sabem francez? — perguntou a menina, olhando para a mãe.

— Eu não sei, meu anjo... — respondeu Catharina.

— Nenhuma de nós sabe.

— Então não é bonito que fallemos francez diante de quem não sabe; — tornou Antonia — disse-m'o o sr. André Guilherme; e meu tio padre, ainda ha dias, fallando-lhe eu em francez diante do sr. Heliodoro Pedegache, que não sabe, reprehendeu-me... A sr.ª D. Feliciana bem ouviu, pois não ouviu?

— É verdade; mas estas senhoras — replicou a mestra um tanto corrida da correcção — bem sabem que nós não fallamos mal d'ellas.

N'este momento, na casa proxima, annunciou uma creada que estava o almoço na mesa.

— Ainda agora ?! disse Feliciana.

— A Catharina e Maria da Luz já almoçaram : eu tenho o máo costume de comer quando tenho vontade.

— Ainda agora sei que aquella senhora religiosa se chama a sr.ª D. Catharina. . . — notou a mestra — Aposto que é a sr.ª D. Catharina de Castro?

— Sou.

— Bem me diziam a mim, aqui ha oito annos, que uma das mais lindas religiosas d'esta casa era v. senhoria. Ouvi-o ás senhoras Vasconcellos, da casa de Castello Melhor, que foram minhas discipulas, e vinham aqui muitas vezes visitar suas tias, e gostavam muito de v. senhoria. Não me enganaram.

Antoninha olhava para a senhora elogiada pela belleza.

— Que lhe parece, menina? — disse Catharina com um sorriso que parecia chorar — tambem me acha bonita?

— Muito, mas a senhora tem febre — respondeu Antonia sentindo no rosto o queimar da mão de Catharina, — e parece que tem os olhos cheios de lagrimas.

Estas palavras, pronunciadas com timbre de dó, abriram os diques ao pranto. Rolaram-lhe as lagrimas a quatro, com grande arfar de peito e suspiros.

Ella cobria o rosto com as mãos, inclinando-se para a filha.

A creança contemplava-a com espanto. Maria da Luz passou para o lado d'ella, e pediu-lhe que sahisse.

Ella obedeceu, erguendo-se de golpe, e deixando-se levar cingida pela cintura.

E Paula, para explicar verosimilmente o lance a D. Feliciana, disse que D. Catharina padecia insultos nervosos, quando lhe traziam á memoria uma epoca da sua vida. . .

— Pois eu não sei, minha senhora! — interrompeu a mestra.

— Pois que sabe?

— Aquelle triste caso do santo-officio... Logo que v. senhoria proferiu o nome d'esta senhora, me occorreram as idéas. Lembrei-me da prisão, que toda a gente disse que era uma intriga de infames inimigas, e tambem aquelle outro caso das senhoras freiras sahirem por ahi fóra, quando ella voltou absolvida como innocente... Pois tão pouco fallada foi a tal passagem!

— Que foi? — perguntou Antonia.

— Coisas, coisas que a menina não percebe — respondeu a mestra.

— Vamos almoçar, sim, minha querida menina? — atalhou soror Paula erguendo-se. — Venha, sr.ª D. Feliciana, tomar uma chicara de chá.

— Eu queria ver se a sr.ª D. Catharina está melhor — disse a menina.

— Tem dó d'ella, meu amor?

— Ia a chorar tanto!... porque era?

— É doença, menina — respondeu D. Feliciana, e accrescentou de bom rosto: — Quer saber tudo. Eu vejo-me ás vezes em apertos para lhe satisfazer as curiosidades proprias de uma senhora muito curiosa.

Passaram á casa de almoço. Antoninha sentou-se; mas disse que não podia comer nada. D. Feliciana, porém, começou por tubaras de carneiro com o proposito de passar aos miolos albardados, iguaria muito de sua feição, e terminar pela *Olha franceza*, prato tambem muito da sua feição, como quasi todos os pratos bons.

— A sr.ª D. Catharina não vem? — perguntou Antonia.

Paula disse a uma das tres escravas que a serviam á mesa:

— Acompanha esta menina, visto que não quer nada, ao quarto da sr.ª D. Catharina. Quer ir, filha?

— Sim, minha senhora.

A freira não receiava as expansões de Catharina, logo que D. Feliciana as não presenciasse. Não previra tão opportuno ensejo aos transportes da amiga.

A escrava subiu com a menina ao segundo andar, e disse fóra do reposteiro de uma antecamara:

— Está aqui a menina que quer saber se está melhor v. senhoria.

Arremessou-se Catharina ao reposteiro, afastou-o de repellão para encurtar demoras, tomou a menina nos braços, como quem levanta um arminho, e disse á escrava:

— Vai-te embora.

Sentou-se, e pousou nos joelhos a pequena, que dava ares de receosa d'aquelle insolito arrebatamento.

— Teve pena de mim? quiz ver-me? então é muito minha amiga? é?...

— Sim, minha senhora...

— Qual queria, minha filha? estar commigo ou com a sua mestra?

— Eu?... estar aqui... Se o tio me deixasse... O meu papá, ás vezes, levava-me a uma grade das freiras em Beja, e ellas metteram-me lá dentro uma vez, e eu puz-me a chorar — dizia ella, rindo — porque era muito escuro, muito feio, e as freiras mettiam medo. Aqui é muito bonito.

— Seu pae era muito seu amigo? — perguntou Catharina.

— Tomára eu que elle viesse da India. Hei de pedir-lhe que me deixe vir para este convento.

— Então quer ser freira, Antoninha? — disse Maria da Luz.

A menina fez um gesto de indecisão, e accrescen-

tou: — O sr. André Guilherme tambem vae ser frade da Santissima Trindade.

— Quem é esse senhor André Guilherme?! — perguntou a mãe.

— É o sobrinho da mestra, ensina-me a escrever, conversa muito commigo, e eu sou muito sua amiga. Quando meu pae partiu para a India, se não fosse elle, eu morria de saudade. Assim que me via a chorar, levava-me comsigo a passeio, contava-me historias, e não queria que a sr.ª D. Feliciana me mortificasse com os estudos...

— Mas não é mais amiga de... seu tio?! — volveu D. Catharina.

— Não, minha senhora... Não fui creada com elle... não sei porque é... Tenho-lhe mêdo... Ás vezes, tem-me no collo, e está a fazer-me festas, e de repente fica tão carrancudo que parece outro... Ai! quem me dera cá o meu papá!... Parece-me que o não torno a ver...

Encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

— Não chore, minha filha... — acudiu Catharina, apertando-a ao coração — O seu papá ha de vir, se Deus quizer... A Antoninha queria ter mãe, não queria?...

— Se eu tivesse mãe, era feliz como as outras meninas que eu encontro aos domingos de tarde a brincar na praça do Terreiro do Paço ou no jardim do sr. D. Diniz Almeida, onde a mestra tem licença de ir, porque foi mestra das fidalgas.[1]

— Morreu a sua mamã? — perguntou Maria da Luz.

— Morreu... — disse a menina com a voz e o semblante muito triste.

---

[1] Até depois de 1755 não houve em Lisboa jardim publico.

— O seu papá nunca lhe disse nada de sua mamã, nem seu tio? — volveu a Prestrello.

— Não, minha senhora. A minha ama é que me dizia, quando á noite estavamos a olhar para o céo: «a sua mamã está a olhar para a menina d'aquella estrella». E eu agora já sou grande e ainda cuido que minha mamã está n'uma estrella maior que as outras; e pedia-lhe que me levasse para si, quando o meu papá me deixou em casa de D. Feliciana.

— Coitadinha! — soluçou Catharina acariciando-a com arrebatada ternura.

— Não chore... — disse-lhe a creança — Está outra vez doente... Por que chora!...

....

— Podemos entrar? — disse Paula a uma distancia bem calculada.

Maria da Luz fez um gesto a Catharina, que sentou a menina na preguiceira a seu lado, e limpou as lagrimas.

XVII

Era de esperar que D. Catharina, depois que Antonia lhe levou alegrias inesperadas, repartisse alguma parte da sua felicidade com Francisco Xavier, em phrases de perdão, de estima, ou sequer de mulher que se carpia por não poder dizer áquella amada creança: «sou tua mãe!»

Elle esperava ao menos que D. Paula, agradecendo-lhe a cedencia ao seu pedido, incluisse uma palavra da piedade ou do amor de Catharina.

Do amor! Se no amor se pudessem assignalar distancias, o coração da freira desviava-se do pae de Antonia á medida que a paixão da filha recrudescia a dor de não poder revelar-se-lhe mãe.

— Porque — dizia ella a D. Paula — se este homem cumprisse a promessa de me levar de Portugal, eu, a esta hora, seria muito feliz com a minha filha. Foi elle que se enfastiou de mim, que fechou o coração de amante e recalcou a honra de cavalheiro quando eu lhe implorei que me salvasse, que fugissemos, porque já não era eu só que fugia, mas tambem um filho que lá fóra seria o meu maior prazer, e na pa-

tria me seria o maior opprobrio. Elle era rico: por que o não fez? Achava-me já indigna da troca pelo irmão e pela patria. Estava aborrecido. Pensava em engeitar o filho, talvez, ou dar-lhe um pae supposto; e depois, metter-me outra vez na clauzura, e abafar o grito da consciencia com os renovos d'outras paixões. Cada dia, cada hora o detesto mais. É execravel este homem que não soube ou não quiz ser pae, e me não deixou ser mãe! Deixasse-me, que eu sahiria sosinha de Portugal, e iria viver com minha filha no fim do mundo. Eu tinha uma tão santa mãe que me chegou a dizer: «venda-se tudo que temos, e vamos para qualquer paiz, onde ninguem nos conheça:» mas elle, o fementido, prometteu-me até ao momento em que a inquisição me prendeu, salvar-me, por amor de mim e da sua filha! Nem sequer, aos vagidos da creancinha, soube ser homem e pae! Fez-se frade, como se Deus devesse acceitar o incenso de mãos sacrilegas, de um criminoso que sanava o crime despresando uma creança e uma desgraçada mulher! Não me tornes a dizer que lhe escreva, Paula! Eu prefiro não ver mais Antonia á ignobil violencia de fingir uma piedade vergonhosa!

E o padre esperava ainda piedade ou amor!

E, conversando com Antonia, perguntára elle:

— Ficaste gostando muito das freiras?

— Muito, meu tio

— Egualmente de todas?

— Egualmente não; de quem eu gosto mais é da sr.ª D. Catharina.

— Porque? por ser a mais bonita? era a que te fazia mais mimos?

— Não é pelos mimos...

— Então?

— Fazia-me pena quando se abraçava em mim a chorar.

— E que te dizia?

— Nada. . olhava muito para mim... e queimava com as mãos tão quentes que pareciam lume...

— Gostas então muito d'ella?... querias lá estar?

— No convento?

— Sim.

— Quem me déra! Se o tio quizesse...

— E ellas querem-te lá?

— A sr.ª D. Paula até me disse que havia de pedir ao tio que me deixasse ir lá passar a festa... não sei de que .. ah!... do abbadessado... É muito bonito... Vão os fidalgos e os poetas fazer versos...

O padre cerrou-se no tal carrancudo silencio de que a menina se queixou ás freiras. Sahiu a digerir um novo trago de fel que bebera nas palavras da filha, e d'essa elaboração amargosa se lhe encrustou na alma outra camada de ruins pensamentos.

Dizia elle de si comsigo: «Bem sei o plano. Querme roubar de todo o affecto da creança. E' a extrema demarcação do odio... Mas como é isto? Eu estremeço minha filha, dou-lhe tudo que póde agradar-lhe, ha um anno que faço todas as diligencias para lhe ganhar o coração; e ella parece que recebe com repugnancia as dadivas e as caricias. Vae a Odivellas, vê pela primeira vez uma mulher desconhecida, e affeiçoa-se-lhe a ponto de querer ir para sua companhia, sem mostrar o menor desgosto em me deixar. O que póde haver providencial n'isto? Nada. É o acaso, uma sympathia tão estranha á natureza como ao raciocinio. O que ha é a seducção, a trama planejada de longe, a vingança com requintado egoismo. Está enganada a socia da madre Paula. Quem despreza o pae despreza a filha. Nem que m'a pedissem com lagrimas eu lh'a daria. Não tenho mais nada n'este mundo. É a minha tabua n'esta grande tormenta. Tudo mais é a treva que se continúa na perpetua escuridão do sepulcro. Sou rico,

e quero ser mais rico para minha filha. Vingo-me da desgraça deixando-a feliz com uma grande barra de oiro debaixo da qual se esmagam os infortunios e os inimigos. Que querem á minha filha? fazel-a freira? na escola de madre Paula? Nunca! Então que querem? roubar-m'a para que eu, sem o amparo d'ella, acabe de morrer? Enganaram-se. Que me importa a amante do rei? Se eu desconfiar que se urde alguma intriga, fujo com minha filha para Hollanda. Eu comprarei bons espiões no paço, no santo officio, e no inferno.»

O padre expiou estas iniquidades na noite de tormentosa vigilia que se seguiu áquelle dia. Queria desafogar; e não podia desatar a mordaça. Faltava-lhe um homem a quem talvez contasse o mysterio d'aquella menina. Era o medico Eliot. O conde do Rio, cada vez mais acrisolado em contrições, se lhe apparecia era para o consultar sobre melindres da theologia moral, subtilezas de escrupulos, hypotheses de peccados que o velho queria levar bem ordenados e classificados ao tribunal da penitencia. E, no tocante a freiras, isso então, se o padre balbuciava expressão apontada a profanidades monasticas, o general espalmava as mãos, entreabria os dedos, e com as palmas voltadas para o padre, pegava de as sacudir como se receasse ar empestado pelo bafejo do hospede.

— Não me falle n'isso, Xavier, a menos que não seja para me execrar as minhas enormes iniquidades! Conte-me casos de grandes peccadores convertidos. Repita-me a exemplarissima penitencia de fr. Antonio das Chagas, fundador do Varatojo...

— Que, primeiramente — interrompeu o padre — foi capitão de cavallos, chamou-se Antonio da Fonseca Soares, matou um homem...

— E, arrependido...

— Suicidou-se no frade, e fez asperrima penitencia... escreveu livros mysticos, etc.

— Veja que fim de vida! — exclamou seraphicamente o conde.

— Mas melhor seria têl-a começado melhor... O genero humano e a moral lucrariam mais com a vida do homem que elle matou do que lucramos nós com os actos de contrição que ahi andam estampados.

— Não o percebo bem!.. Isso que v. mercê disse cheirou-me a heresia, padre Francisco.

— Então expliquei-me mal, sr. conde. Eu queria dizer que fr. Antonio das Chagas não restituíu a vida ao homem que matou.

— Isso é verdade...

— E, se a alma do morto, á mingua de sacramentos, cahisse no inferno?

— Deus é pae de misericordia. As orações do homicida penitente salval-o-hiam.

— No inferno não ha salvação... *Ubi nulla redemptio:* está escripto.

O conde poz-se a scismar com um feitio da cara bastante compungido, e com vontade de argumentar; mas andava nos rudimentos da theologia; recciava dizer heresias, e calou-se.

Quasi quotidianamente havia d'estes conflictos no quarto do padre Francisco Xavier.

Ninguem o procurava, porque os seus amigos d'outro tempo eram todos rapazes ainda, logradores da vida, que achavam curta para os deleites, e não queriam desbaratal-a com o ex-varatojano, torvo, taciturno e lastimavel na sua miseria de aleijado e a modo de embrutecido. Uns alcunhavam-no de parvo, outros de hypocrita, como se lhe não bastasse ser desgraçado para o abandonarem.

Por isso, á mingua de fé esclarecida e paciencia de sancto ou de philosopho, no seio d'aquelle homem fermentava um como odio ao mundo e a si proprio. A filha poderia salval-o, ser-lhe esteio; mas quando lhe

disse elle: «entra nas trevas do coração de teu pae, anjo! dulcifica-me as lagrimas»?

Por cumulo de infortunio, a piedade esterilisara-se-lhe na alma. As praticas frequentes com Izaac Eliot sobre assumptos da Reforma calcinaram-lhe as raizes da fé que tantos rebentos bracejára nas penhas de Varatojo. Lêra Calvino na versão hespanhola de Cypriano de Valera. Lêra a *Confissão de Augsbourg* de Melanchthon na traducção franceza. Tinha os livros condemnados do medico huguenote no fundo de uma arca, e exhumava-os de noite, quando não receava ser colhido de improviso pelo conde. E, a respeito da educação religiosa de Antonia, quando André Guilherme lhe perguntava que livros piedosos devia ler sua sobrinha, o padre respondia:

—Explique-lhe bem o preceito: *amar a Deus e ao proximo.* Toda a religião christã, e *todas as religiões verdadeiras* se cifram n'estas palavras.

Mas elle, o padre, não amava Deus nem o proximo.

XVIII

As coleras surdas de Francisco Xavier não desfecharam explosão immediata. Conteve-o o temor de irritar Paula e enredar a filha na teia de vinganças que lhe urdisse o despique de duas mulheres assanhadas. Não obstante, recommendou particularmente a D. Feliciana que espacejasse de mez a mez as idas da sobrinha a Odivellas para evitar distracções nocivas ao estudo.

— Pelo contrario — obviou a mestra — em quanto a sr.ª D. Paula estuda, tambem a menina recorda os verbos; e, depois, quando a freira começar a traduzir e a fallar, a Antoninha lucra muito, conversando com uma fidalga tão esperta.

— Já disse, minha senhora: cumpra as minhas ordens, que eu represento o pae da sua educanda.

— Bem sei; mas o pae da minha educanda, quando se despediu de mim, disse-me a chorar: «não a constranja; dê-lhe todos os prazeres que não lhe causem damno á saude.» Ora, os passeios a Odivellas são do innocente agrado da menina, e até necessarios á sua saude. Portanto...

— Portanto cumpra as minhas ordens — repetiu o padre severamente.

— Ao menos, consinta v. senhoria que ella vá uma vez por semana.

N'este comenos entrou Antonia, e Feliciana proseguiu:

— Ó menina, peça ao tio que a deixe ir, ao menos, uma vez por semana a Odivellas.

— Então o tio não me quer deixar ir?! — perguntou Antonia com uma admiração prenuncia de revolta.

— Quer que vá uma vez sómente cada mez — aggravou a mestra.

Antonia, sem responder, foi sentar-se á mesa da escripta com as costas voltadas para os dois. O padre viu aquelle movimento, abaixou os olhos, e apoiou a testa sobre as mãos.

— Então não pede, Antoninha? — instou D. Feliciana.

— Tanto se me dá de ir como de ficar ... Não peço nada.

— Vem cá, menina — chamou amoravelmente o padre.

Ella ergueu-se ligeiramente e foi sem o encarar.

— Desejas ir muitas vezes a Odivellas?

— Sim, meu tio.

— Queres ir de quinze em quinze dias?

— Como vossa mercê quizer.

— Pois vai, vai, filha; mas não troques teu tio pela amizade de ninguem. Olha que n'este mundo ninguem te quer mais que eu.

Antonia suspirou do intimo do peito.

— Porque suspiras?

— Lembrou-me meu papá.

— Aqui tens uma carta d'elle.

Scintillaram ascuas de jubilo os olhos da menina.

Leu duas duzias de linhas de um folego ; mas, no fim, rebentaram-lhe as lagrimas. O ultimo periodo dizia : *A minha saude, aqui, é pessima. O tio te dirá que eu mando pedir licença para me retirar antes dos trez annos. Sei que não te faço falta, minha filha, mas não quizera morrer sem te dar o meu ultimo suspiro n'um beijo.*

— Não chores, filha ; que na primeira náo que sahir vai a licença que teu... pae requer — disse o padre, abraçando-lhe a cabeça e beijando-lhe os cabellos louros.— Olhe, sr.ª D. Feliciana, não lhe tome hoje lição. Eu vou mandar-lhe a minha sege, logo que chegar a casa. Vão dar um passeio até Xabregas.

— Eu não queria sahir... — atalhou Antonia.

— Vai, filha...

— Antes quero ir rezar uma corôa á Virgem Nossa Senhora para que dê saude a meu pae.

— E que lindo rozario a menina tem ! Appetece rezar por elle ! Já o mostrou a seu tio ?

— Ainda não.

— Vá buscal-o... Deu-lh'o a sr.ª D. Catharina de Castro. É o objecto mais lindo !

Voltou Antonia com um rozario de contas de variadas côres : umas pedras eram azues, saphiras orientaes radiadas de filamentos lacteos ; outras escarlates, rubis do Brazil e granadas da Syria ; sobresahiam pedras verdes, esmeraldas do Peru, e chrysoprazios, de um verde claro ; amarellejavam os topazios, as aguas marinhas junquilhas. Os *padres-nossos* eram pequenos diamantes, cravejados em lhama de prata que envolvia uns espheroides de onix de Islandia. O crucifixo era de ouro, uma miniatura primorosa, com a Senhora das Dôres sentada na peanha da Cruz.

O padre conhecia o rozario : era o unico enfeite que a religiosa pendia do collo nos dias festivos do

*

convento. Sabia que, desde o reinado de D. Manuel, aquella preciosidade existia na familia dos Pinas, e andava estimada em grande valor nos successivos inventarios da caza.

— Não é uma rica prenda? — perguntou D. Feliciana ao padre, que se demorava absorvido nas recordações com o rozario entre as duas mãos.

— É... — respondeu; e no silencio da alma retranzida de dôr, pensou: «Mal diria eu... que nove annos depois veria estas contas na mão de minha filha, e me veria a mim n'esta desesperada situação!...

E, dando o rozario á menina, continuou:

— Vai rezar, filha, vai; pede ao Senhor por teu... pae!

— E pela alma da sua maman — accrescentou a mestra. — Eu tenho-a ensinado a rezar por alma da mãe: que a menina, quando veio para minha casa, nunca rezava por tão sagrado motivo, e disse-me que ninguem lhe ensinara a rezar por ella. Eu fiquei sem a minha ha vinte e dois annos, e nunca passou um dia que eu não encommendasse a Deus a alminha de minha mãe e de meu pae.

— Ó meu tio, — perguntou Antonia, entre risonha e triste — a minha mãe era bonita?... Vossa mercê viu-a, não viu?

— Era... sim... — respondeu o padre fitando-a com grandes olhos, immoveis como os de um cego de amaurose.

— Devia ser muito linda — conjecturou a mestra — quem deu ao mundo uma belleza como Antoninha!... Que esta menina tambem tem muitas avultações de familia paterna... O feitio do rosto, a testa e a covinha na barba tem alguma coisa de v. senhoria e do pae... Coitadinha! bem cedo ficou sem mãe!

Francisco Xavier, levantando-se com impeto, porque as lagrimas lhe envidraçavam os olhos, deu um

ai agudo, ao rossar violentamente no rebordo do aparelho, onde engastava a côxa mutilada, a tuberosidade sciatica. Esta dôr physica espertou-lhe muitas angustias moraes. Recahiu outra vez na cadeira e chorou largo tempo, com o rosto amparado nas mãos.

Antonia aproximou-se do padre, e lançou-lhe os braços ao pescoço com extraordinaria ternura, murmurando:

— Não chore, assim, meu tio...

Elle então, sentindo-se acariciado pela creança, puxou-a para o peito, tomou-lhe entre as mãos trementes o rosto, e ungindo-lh'o das lagrimas que o estrangulavam em soluços, balbuciava:

— Tens compaixão de mim, tens, Antonia?

— Molestou a perna? — perguntou D. Feliciana. Quer v. senhoria que eu mande chamar o cirurgião?

— Muito obrigado, minha senhora... Felizmente chega o sr. André para me ajudar a descer até á sege.

André Guilherme amparou-o ao levantar-se. A menina acompanhou-o até á rua; foi dentro da carruagem dar-lhe um beijo; e, voltando melancolica, disse a D. Feliciana que tinha muita pena de seu pobre tio.

O chorar, no mal-compleicionado bisneto de Maria Isabel Traga-malhas, não deixava a alma defecada dos sedimentos que as lagrimas diluem. Parece que o pejo de chorar lhe azedava a hypocondria e pezava sobre o espirito um maior gravame de tristeza que disparava em frenesis e furias manifestadas no sacudir vertiginoso dos braços. Queimavam-no as ardencias dos trinta e um annos. Raivava contra a providencia que iniquamente o abatera áquella desgraça estupida, inerte, indigna sequer da compaixão publica em que muitas infelicidades se esteiam e resignam.

Na solidão dos seus aposentos, o padre, soberbo das maviosas caricias da filha, voltou a scismar no

plano de lh'a roubarem. Pois que a viu compadecida, com maior amor e avareza a queria fechar no seu coração. As perguntas de Antonia a respeito da sua fallecida mãe — perguntas nunca feitas — quem lh'as suggerira? — cogitava Xavier. — Dir-lhe-hia Catharina algumas coisas com o proposito de ir encaminhando a declarar-lhe que era sua mãe? E, se viesse a declarar-se — inferia o padre — o coração de filha, que já se mostrava tão inclinado áquella senhora, seria todo da mãe. E que faria elle então? Queixar-se! a quem? Prohibil-a de ir ao mosteiro? Obrigar pelo terror a menina a calar o segredo? Mas quantas desventuras envolvidas n'essas hypotheses! A final, Catharina sahiria infamada da lucta, e elle execrado pelos virtuosos, escarnecido pelos libertinos, e, sobre tudo, odiado da filha.

N'esta reluctancia de encontrados sentimentos, decorreram algumas semanas, durante as quaes, a menina, abusando da licença, foi ao convento todas as quintas-feiras. Francisco Xavier adoecêra. Antonia visitava-o com André Guilherme; queria fallar da freira; porém o cauteloso padre, na presença do estudante, desviava n'outro rumo a conversação, receando exaltar-se ou interessar-se extranhamente.

Entretanto, a solidão e a ociosidade iam lavrando o rastilho da cratera. O homem não se descia da hypothese peor: — que as duas freiras conjuravam em lhe roubar a filha.

Pedira-lhe Antonia licença para assistir ás festas do abbadessado.

— Vá — disse Francisco Xavier, acrimoniando o monossylabo com um tratamento em terceira pessoa, que nunca lhe dera.

A menina foi, e ficou tres dias e tres noites no convento, se devemos considerar dominio claustral das bernardas o palacete da madre Paula. Pernoitava no

leito de Catharina, e adormecia-lhe reclinada no braço direito. Espertava sob a pressão dos beijos, e ás vezes sentia no rosto a humidade das lagrimas. Na terceira manhã, ao descerrar as palpebras, viu a sua querida freira em joelhos, sobre os degraus da escadinha do leito, curvada para ella: sentia nas faces o halito quente. Sentou-se, estrouvinhada e assustada, na cama. A mãe cingiu-a a si impetuosamente, dizendo-lhe em segredo:

— Não queiras ir hoje, não? olha, Antoninha, dize a D. Feliciana que queres estar até ámanhã, sim?

— Mas o tio... se ralha á mestra... e não me deixa cá voltar... — reflexionou a creança maguada.

— Tens razão... — annuiu D. Catharina — Vai, filhinha... para voltares na festa do oitavario.

Áquella hora, Francisco Xavier esbravejava contra a mestra, porque deixára sua sobrinha no convento. Defendia-se Feliciana com a licença impetrada pela menina; e elle replicava que não se lhe tinha pedido consentimento para pernoitar no harem d'el-rei.

Feliciana abriu a sua bocca escandalisada, e regougou:

— No *harem!* credo!... Bemdito seja Deus, nem estamos na Turquia, nem o sr. D. João v é imperador de Marrocos! Vossa senhoria desatrema, sr. padre Francisco!... Deus me livre que o ouvissem!...

Estas palavras vibraram-lhe as cordas do mêdo. Não lhe sobrava dignidade, nem caridade, nem coragem. Vociferava insolencias, e absorvia logo a bilis com medo ao rei, aos frades dominicos, ao sequestro, ao cavallete, e principalmente á pêrda da filha. Martyrisava-o aquella creança, balançando-o da petulancia á covardia.

— Peço-lhe que não faça caso d'estas expressões rudes — dizia elle á mestra — As minhas doenças exasperam-me...

— Pois, sim, sim, coitado! Eu bem vejo que o sr. padre Francisco Xavier tem o coração de um anjo; mas as dôres do corpo bolem muito com o genio das pessoas... Diante de mim póde desabafar como quizer. Quanto á menina, vou logo buscal-a, apezar de hontem me pedir a sr.ª D. Paula que a deixasse ficar até ámanhã.

— Não póde ser! — acudiu o padre—não póde ser!...

— Pois bem, bem... quem governa é vossa senhoria.

— E não m'a leve lá estes quinze dias...

— Nem na festa do oitavario? E' muito bonito então, porque voltam lá os poetas, e ha motes.

— Que lhe importa á minha sobrinha poetas e motes, não me dirá?

— Pois olhe, quer creia quer não: a menina me disse hontem que gostava muito de ouvir as decimas do Thomaz Pinto Brandão, que faziam escangalhar tudo com rizo!

— Como lá se divertem! — murmurou o padre, em ar de o dizer a si mesmo — Como lá se divertem!...

— Ora, se divertem! — confirmou a mestra — Ha lá gente mais regalada que as freiras de Odivellas! Que lhes falta! só se fôr sarna para se cossarem. Ali vae tudo quanto ha bom em Lisboa. Hontem estava o terreiro a trasbordar de fidalgos, e as janellas cheias de senhoras. A menina, de janella em janella, parecia douda de alegria; e a sr.ª D. Catharina Castro parecia uma creança a brincar com ella.

— Alegre? — disse o padre.

— Quem?

— Essa senhora...

— D. Catharina?

— Sim.

— Pois então! Já não é mesma. Era da côr d'esta parede, e parece uma rosa. Estava para ali sempre amoixada nas almofadas, e agora salta que nem um

passarinho. Diz a sr. D. Paula que a menina a tirou do seu serio fazendo-a brincar e correr. Muito amigas são! Estão sempre abraçadas uma na outra... Coisa assim!... Eu acho que é ella que prende a menina. Como nunca sentiu os carinhos de mãe, penso eu, a creança regala-se de ser ameigada por aquella linda senhora, não lhe parece, sr. padre Francisco? Esta é a opinião de meu sobrinho André; e hontem disse elle umas palavras muito acertadas... Deixe vêr se me lembro... ah! disse elle que Antoninha era aspera e um tanto dura de genio, e que as caricias delicadas de uma senhora haviam de amaciar-lhe o temperamento muitissimo, acha elle.

Francisco Xavier escutava reconcentrado, e sentia espessar-se a escuridão lá no intimo.

— E que acha o senhor? — proseguiu a palreira senhora.

— O quê? — disse o padre, acordando.

— Dizia eu... — propunha-se repetir a opinião de André augmentada.

— Ah!... sim... dizia a senhora que no convento vae grande alegria...

— Lá me pareceu que vossa senhoria não estava aqui... — disse sorrindo D. Feliciana — Eu estava contando o que disse meu sobrinho...

— Ouvi — atalhou o padre carranqueando-lhe um d'aquelles gestos capazes de estagnarem a torrente palavrosa de Feliciana.

Depois, para não expellir mais longe o jacto da atrabilis, o padre ergueu-se, cortejou a mestra, e sahiu apoiado ao corrimão da escada raspando rijamente nos degráos com a ponta ferrada da perna artificial.

— Valha-te o diabo, manco! — responsava-o a velha, quando elle, em boa correspondencia mental, ia dizendo comsigo:

— Eu me livrarei de ti, quanto antes, canalha!

XIX

Desde este dia, começou o padre a destemer parte dos receios que o constrangiam a consentir nas visitas de Antonia ao mosteiro. Pensou em estabelecer-se e levar para sua companhia a filha. Era, a seu vêr, um córte radical. O conde do Rio, em nome da sua amizade, ainda conseguiu detêl-o irresoluto alguns dias; mas, na correnteza dos ultimos successos, chegou de Roma o doutor Izaac Eliot, a quem o padre communicou o plano de residir em algum dos seus predios de Lisboa, a fim de ir creando á volta de si uma familia que lhe florejasse os asperos matagaes da velhice.

— Quem falla em velhice aos trinta e um annos? — disse o medico — A sua velhice, meu amigo, parece-me fantasia como a de um padre arranjar familia.

— Pois não tenho uma sobrinha?

— Ah! não me lembrava a creança!... então é ella a presumptiva colonisadora dos seus futuros matagaes? Quando verei eu a colonia!... Faz muito bem, doutor. Quando mais não seja, sua sobrinha ha-de alegrar-lhe a vida domestica e destecer-lhe o véo negro que lhe esconde as coisas bellas d'esta vida, que não é de todo feia...

Deter-nos-hemos algum espaço a desenhar a vida como ella se coloria e variegava no prisma d'aquelle meio-francez e meio-musulmano.

Alguns mezes depois que se estabeleceu em Lisboa, Eliot foi a França, e voltou depressa com uma dama d'aquelle paiz. Sahiu com ella a publico em sege propria, parou á tarde no Rocio onde confluiam os faceiras [1] e ainda os homens de maior porte. Os seus amigos, todos das raças finas, cumprimentaram a franceza, que se fazia valer pela cara e estranho garbo. Eliot era o interprete dos curtos dialogos das apresentações.

N'aquelle tempo a sciencia da lingua franceza andava tão descultivada, que mais de tres annos um professor de linguas, chamado *Villeneuve*, annunciou na *Gazeta*, que se iria embora de Lisboa, se dentro de um mez não arranjasse seis discipulos. E nunca os arrolou; mas tambem deixou-se estar para fazer pirraça aos portuguezes com o repetido annuncio que ahi ficou estampado para immorredouro opprobrio da nossa ignorancia linguistica no seculo XVIII. Creio, porém, que *Villeneuve* arredondou os seis alumnos depois que madame Eliot, não avara na exhibição das ligas, pulava do caleche no terreiro do Rocio, e dava seus giros, boleando-se de quadris, e picando o passo com certa desenvoltura que as senhoras serias, unctuosas e esparramadas de Lisboa viam de esguêlha, acotovellando os maridos menos escarlates do pudor.

Diziam uns que a forasteira era legitima consorte do medico, outros negavam; todos, porém, procediam com egual cortezia no tracto de tão donosa creatura. Eliot, quando apresentava a franceza, escusava-se de dar explicações que ninguem lhe pedia; ella, por sua

---

[1] Eram assim denominados os piza-verdes, os casquilhos, peraltas, petimetres, etc., que em nossos dias andam chrismados em *janotas*.

parte, mostrava-se desempeçada do acanhamento das situações equivocas; parecia uma espôsa com todos os canones da legalidade social e sacramental.

Todavia a um homem, unico em Lisboa, confidenciára o herege e concubinario, que não era casado com a franceza. O padre Xavier sabia o peccado; mas indultou-o visto que o escandalo dependia da sciencia do delicto; e a confidencia, fóra do confessionario, que elle não exercitava, obrigava-o a tolerar e calar.

Historiando os seus amores, dizia Izaac Eliot que, indo a França varias vezes, se deixára escravisar d'aquella mulher, que era manceba de um duque, e de familia muito illustre na Picardia. A franceza, com o seu *savoir-vivre*, e o *savoir un peu son monde*, não o desmentia; e o tom familiar com que ella, relatando casos de altos personagens de Pariz, denotava sociedade selecta, foi muito na graciosa acceitação que algumas casas titulares lhe deram, talvez de plano para obrigarem o medico.

Sem duvida, madame Eliot conhecia a vida anecdotica do reinado de Luiz XIV e noviciára o seu tirocinio nos primeiros annos da Regencia. O apaixonar-se pelo filho da moura e desligar-se do duque tem uma explicação que a nobilita. Queria regenerar-se pelo amor, e amou o galante rapaz. Quiz honestar a sua virginal paixão, e rendeu-se-lhe sob promessa de casamento. No proposito de casar-se, ia Izaac a Pariz quando em Corfu os portuguezes o negociaram. E, como a fortuna lhe bafejasse em Lisboa, onde com estrangeiros a briza era sempre de servir, mormente se vinham de França e estanceavam cá onde reinava o macaco de Luiz XIV, Eliot mais ufano se foi a conquistar o vello que nem era de ouro nem de Gedeão pela pureza. Quanto a casamento, porém, os indissoluveis laços differiu-os elle para Lisboa, onde lhe con-

vinha, a um tempo, apostatar de heresias calvinistas, e dar publico testemunho da sua religiosidade sem ervilhaca, matrimoniando-se catholicamente.

Se o francez perjurou a palavra dada, os creditos de madame Eliot conservaram-se abonados pela descuriosidade da opinião publica. A sociedade tranzige, emquanto póde allegar ignorancia e observar o pacto da honra convencional. Guardem-se as apparencias do decoro; que o mais cada qual sabe de si e Deus de todos: é a maxima eterna da eterna corrupção.

O padre Francisco Xavier cogitava no caso, espantava-se da facilidade e familiaridade com que algumas damas da flor da nobreza tractavam a forasteira sem lhe indagarem da procedencia, e concluia que a mulher infame não só é a que é infame, mas a que dá ares de o ser. Ás vezes, por muito affeiçoado ao medico, observava-lhe que teria sido melhor abster-se de sahir á praça com uma companheira equivoca e dar azo a que lh'a considerassem como esposa; porque, se um dia, elle por conveniencia de mais legitimo consorcio ou por infado, e ainda por motivos de perfidia se desligasse da franceza, as familias, que a receberam, haviam de levar-lhe a mal o ardil do silencio.

A isto replicava o herege com o cynismo de mui acreditados catholicos d'aquelle tempo:

— Eu reservo as explicações para quando o duque de Cadaval ou o marquez de Gouvêa ou o conde de Tarouca me soprarem a dama.

Estes tres fidalgos, useiros e vezeiros na caça de aves arribadas, eram os mais devassos da côrte de D. João V, cunhado do primeiro.

Nada obstante, a pedido do cardeal Nuno da Cunha obteve Izaac Eliot o habito de cavalleiro professo na ordem de Christo. Não se persuadam que seria facil e insignificante a mercê. O cavalheiro de Oliveira

encarece esta coisa que hoje em dia apenas engoda as aspirações cavalleirosas do regedor de parochia rural. «Os reis de Portugal, diz o celebrado escriptor, fundaram, desde certo tempo, uma especie de veniaga com os que não podem ser cavalleiros, conforme o direito: inventaram uma dispensa. E o certo é que tem havido récovas de sandeus que, esporeados pela vaidade de exhibir uma fita escarlate ao pescoço, a compram carissima, obrigando-se a descontar em dinheiro de contado os gráos de fidalguia que lhes faltam. Ha dispensas de dois, quatro, seis, dez mil cruzados; e já vi subir taes dispensas até vinte mil cruzados. É tão despotico o poder do rei de Portugal, que, sem prévio informe do tribunal das Ordens, e até sem dispensa, dá elle o habito de extraordinario modo, pondo-o com suas proprias mãos no pescoço das pessoas que quer nobilitar. É todavia tão raro isto que, se me pedissem exemplos, eu apenas poderia citar dois ou tres.» [1]

Um dos dois ou tres exemplos era o cirurgião-mór do exercito, Izaac Eliot, armado cavalleiro sem dispensa, pela propria mão do monarcha.

Decorridos alguns annos, quando os achaques apodrentavam as carnes estafadas do rei, e a sciencia disputava primasias ao milagre á cabeceira do monarcha enfermiço, os cirurgiões mais conhecidos lograram entrar na Ordem de Christo. Um viajante que nos visitou em 1723, escrevia: *Le roi et la plûpart des grands seigneurs et des* fidalgos, *portent l'ordre de Christ, qui est néanmoins tellement avili que l'on voit plusieurs officiers subalternes, même des marchands, des commis, des chirurgiens*, etc. . .» [2]

[1] *Œuvres mêlées*, tomo 2.º pag. 218 e 219.

[2] *Description de la ville de Lisbonne*, pag. 180—Paris, 1730.

Este viajante, se viesse a Portugal vinte annos depois, que diria vendo D. João v a armar cavalleiros de Christo os banheiros que o baldeavam á tina nas Caldas da Rainha?

Encadeavam-se os lanços da fortuna cega na prosperidade de Eliot.

No anno de 1723 lavrou em Lisboa uma formidavel peste que, em poucos dias, matou seis mil pessoas. Era a febre amarella. [1] Votaram uns medicos pelos derivativos, outros pela sangria; mas tanto os purgados como os sangrados todos perceiam. Salvaram-se, porém, os empestados a quem Eliot medicava. Voga a noticia. Alvoroça-se a capital. Tumultuam á porta do francez e á volta de sua sege as multidões consternadas. Não pode o salvador acudir a todos os enfermos; mas magnanimamente avia uma receita universal: leite de burra. E com o leite de burra se apaga o incendio da febre, os atacados convalescem, preservam-se os illesos, e á volta de poucos dias, a peste já nem sequer faisca na capital resurgida do seu lethargo.

D. João v remunera então o cavalleiro da Ordem de Christo com uma tença de duzentos mil réis. Esta verba ainda assim montava pouco na ganancia do famoso medico. Enriquecia-se e simultaneamente desbaratava-se em pompas. Assoldadou pagens, e comprou escravos. Os seus lacaios eram negros, e vestiam fardas de phantasia. O seu pagem particular, tambem francez, distinguia-se pela bizarria dos trages estrangeiros. Acompanhava-o á estribeira raspando com a anca dos soberbos cavallos os transeuntes nas ruas estreitas. A

---

[1] Assim classificada por Antonio da Costa Vieira de Meirelles, lente na universidade de Coimbra, fallecido em 1872 na flor da edade. Veja *Memorias de Epidemologia portugueza*. Coimbra, 1866.

caleche de Izaac Eliot estremava-se por uma Venus calypigia pintada na pôpa, obra de execução acabada em primores de artista lubrico. E não era das mais indecentes que se alardeavam nos passeios do Rocio e do Paço. Ao proposito d'esta e d'outras, invectivava o contemporaneo padre Manuel Bernardes... «Hade ir um fidalgo na sua calego passeando, e desde a pôpa d'ella, como se fôra de uma náo de guerra, hade ir disparando tiros de escandalo a quantos empregarem ali os olhos?...» [1]

---

[1] *Armas da Castidade*, Lisboa, 1758, pag. 302.

XX

Francisco Xavier, applaudido por Eliot no designio de assentar a sua residencia em casa propria e continuar ahi a educação da sobrinha, foi occupar um dos seus predios da rua do Outeiro, freguezia dos Martyres. De antemão se proveu de mestre idoneo para Antonia, convidando com elevado estipendio, e por intervenção do medico, um clerigo francez, chamado De Preville, que se annunciara professor de linguas e philosophia.

Estas miudezas prendem com a veracidade de um processo que ao diante enluctará as paginas d'esta narrativa.

Aggravavam se de dia para dia os ciumes e medo do padre. Catharina captivava-lhe a filha no mosteiro com pretextos de festas e com o engodo das caricias. Antonia ia tão agitada e alegre para o aziatico palacete de madre Paula, que já se enfadava se a mestra lhe antepunha a vontade repugnante do tio.

No mosteiro, como era de esperar, lavrava a intriga por amor da menina; e, ao divulgar-se que ella era filha de Paulo Xavier, irmão do galan de Catha-

*

rina, a maledicencia gosou o triumpho raro de ser veridica, computando os tempos, calculando a idade da pequena pela sahida da *Muleirinha*, destrinçando feições, e tirando a limpo, emfim, que Antonia devia ser filha de Catharina. Não era caso para grandes assombros, nem a fecundidade de uma monja cisterciense era phenomeno. Muitas freiras andavam apontadas como filhas de outras; e lá estava a organista D. Thereza de Milão que passava por ser producto uterino da celebrada soror Feliciana de Milão e de Affonso VI: aleivosia desmentida pelo testemunho da propria rainha, e d'outras senhoras illesas, no processo que julgou Maria Francisca d'Aumale, digna d'outra casta de marido. (Nota 11.ª) Não foi isso, porém, impedimento ás intriguistas energumenas do odio velho, acaudilhadas pela *Pimentinha*.

Mas a honra do convento abafava os rumores a dentro da clausura, e tambem o medo a Paula Perestrello despontava os farpões da lingua mordaz de D. Francisca Mello. A amante d'el-rei ungiu os pulsos para o pugilato, logo que as impaciencias maternaes de Catharina abriram brecha ás suspeitas. Baldada a prudencia, recorria ás retaliações.

Segundo se deprehendia da sua *Lista do auto da fé* para 1724 — á feição da amostra que o leitor viu — não havia em Odivellas freira honrada menor dos cincoenta e cinco annos. Injustiça e exaggeração, talvez.

Entretanto, Antonia e a sua mestra continuavam semanalmente duas vezes a sua visita ao paçosinho monastico. Em uma d'essas visitas concorreu o medico Eliot, especialista em histerismos e muito feliz nos de D. Paula. Como visse Antonia com soror Catharina na camara da histerica, maravilhou-se das purpurinas côres da menina e da vivacidade sádia da freira. Conversou em francez com Antonia, fez-se entender de Paula, felicitando-a pela sua rara comprehensão,

e contou que o tio da menina andava alfaiando ricamente a sua casa da rua do Outeiro, para onde tencionava ir morar com a sobrinha.

Esfriou e alvejou como marmore o semblante de Catharina. Paula, inquieta e receosa, forcejava por desviar da sua amiga a attenção do medico.

— Quer ir ao jardim, Antoninha? — disse a Perestrello — Vae tu com ella, Catharina, que eu vou expender os meus flatos ao doutor.

Sahiram. Poucos passos andados, Catharina abraçou-se na filha, dizendo-lhe que talvez fosse aquelle o ultimo dia em que se viam.

— Por que me diz isso, minha senhora?! — perguntava Antonia.

— Porque teu tio não te deixa cá vir mais... Tu vais viver com elle; e depois... quem te hade cá trazer, minha filha?

A menina respondeu com lagrimas, aconchegando-se ao seio da religiosa; porque n'aquelle momento comprehendera que a renitente má vontade do padre contra as suas visitas ao convento explicava a inesperada sahida para a companhia d'elle. Alem d'isso, era a primeira vez que ouvia o mavioso *tu*, expansivo e impensado, dos labios de D. Catharina.

— Não te vejo mais, não te vejo mais! — exclamava a religiosa, affogada por soluços, ajoelhada ao pé da filha, reclinando-a nos braços, beijando-a, embalando-a como as mães doidas de amor fazem ás filhinhas feridas de doença incuravel.

— Então eu não volto aqui?! — perguntava Antonia acariciando entre as mãos o rosto de Catharina.

— Não voltas, não, Antoninha, meu querido amor do coração! Não me tornas a vêr, porque elle... teu tio, para que não voltes cá, vai tirar-te de caza da mestra, e leva-te para si...

— Não que eu não vou! ... — acudiu energicamente á menina.

— Não vais? não vais, minha filha? Então que fazes tu?! ...

— Digo que não torno a sahir de cá, se as senhoras me deixarem ficar. A sr.ª D. Catharina quer que eu fique?

— Quero, filha, quero! — exclamou a mãe, rindo e chorando — E tu deveras queres ficar commigo, Antoninha?

— Tomára eu ... O papá, quando vier da India, não me ralha.

— Mas se elle ...

— O tio?

— Sim ... se elle te obrigar ...

— Elle não me bate ... — replicou a menina, definindo pelo lado mais pueril e tangivel a hesitação da religiosa.

N'este momento chegou D. Feliciana com Maria da Luz, trazendo cada uma seu ramilhete dos canteiros do terraço. O medico sahira ao mesmo tempo, e D. Paula mandara procurar Catharina para, sósinhas, se combinarem no modo de captivarem Francisco Xavier.

— Para quê? — perguntou Catharina.

— Que pergunta! Pois não percebes que o Xavier põe casa para subtrahir a pequena da companhia da mestra e da tua?

— Percebi, e então?

— Então é preciso que o Xavier não prohiba a filha de cá vir.

— E se Antonia não quizer sahir da minha companhia? — perguntou ufanamente D. Catharina — Que hade fazer elle?

— Eu sei lá o que elle fará, minha pobre Catharina! Escandalo te assevero eu que temos.

— Deixal-o... Acceito tudo, menos o teu desaf-

fecto, minha querida Paula, e a perda da minha filha. Achei-a... Tenho-a... Amo muito menos que a ella os meus creditos e a minha vida. Que me importa o escandalo e a deshonra? Protege-nos tu, e não me lastimes se ouvires que me insultam aqui e lá fóra. Não consintas que me roubem a minha filhinha, não, Paula?

E, pondo as mãos, quasi dobrava os joelhos diante da poderosa amante de D. João V.

—Ó doida! — dizia com extremado carinho soror Paula, apertando-a nos braços, e levantando-a da postura supplicante — pois será preciso que me peças protecção? Que faço eu senão amar-te desde que sou metade da tua alma, e sinto, como se fossem minhas, as tuas alegrias?... Queres tu que a tua filha fique comnosco? Pois que fique. Fechemos os olhos. Se hão de vir desgostos, deixal-os vir. Eu cá estou ao lado do teu coração. Que pode acontecer? Pensemos...

D. Feliciana, n'este comenos, mandava perguntar a D. Paula se sua senhoria estava disposta a dar a sua lição, porque era hora de sahir.

— Que entre — ordenou a freira.

Catharina receava pedir á sua amiga que Antonia ficasse no convento desde logo.

— Já sabe — perguntou D. Paula á mestra — que o sr. padre Francisco Xavier está mobilando casa onde vae morar com a sobrinha?

— Não, minha senhora... — respondeu D. Feliciana espantada. — Eu não sei nada!

— Saiba pois — proseguiu a freira — que tanto a senhora como nós vamos ficar sem a nossa Antoninha! Tem pena de nos deixar, anjinho? Leva saudades das suas tres amiguinhas do convento?

— Eu já disse á sr.ª D. Catharina — respondeu Antonia a ponto de chorar — que se as senhoras me deixassem cá ficar... eu não ia...

— E era muito bem feito castigar assim o tal manco! — obtemperou a retrincada preceptora. — Á espera d'isto já eu estava... Elle, a ultima vez que lá foi a minha casa, esteve a conversar com meu sobrinho André, e a perguntar-lhe coisas a respeito da educação da menina, pelo systema de um certo padre francez que por ahi anda a ensinar umas pantominices pelas cazas. Por signal que o meu André me disse depois que o padre queria dar á sobrinha sabedoria de mais. Mas o que isto é sei eu... Quer-me tirar a menina porque eu fui a causa d'ella vir ao convento, e tenho continuado a trazêl-a todas as semanas contra vontade d'elle. O padre, seja lá pelo que fôr, não gosta de vossas senhorias. Encasquetou-se-lhe na corôa que esta menina...

— Diga... — incitou soror Paula, curiosa de decifrar as reticencias — que esta menina...

— Affagada por vossas senhorias, se affeiçoaria a alguma, como acontece ás creanças que não conheceram as caricias maternaes; e lhe perderia a elle, de todo em todo, o affecto.

— Disse-o elle? — instou D. Paula.

— Não, minha senhora... Meu sobrinho é que tem lá estas idéas, e explica d'este modo o amor da menina á sr.ª D. Catharina, quando ella, em vez de escrever o traslado, lhe está contando ao meu André Guilherme as palavras amorosas que as senhoros lhe dizem...

D. Catharina chamou com um gesto a filha, sentou-a no regaço, e segredou-lhe por entre beijos soffregos:

— Não queres ir?

— Não, minha senhora.

— Ouve? — indicou Paula á mestra — Diz que não vai.

— E eu estimo isso muito — condescendeu D. Fe-

liciana.— Ensine-me agora v. s.ª o que heide eu dizer ao tio... Sim, no caso que elle esbraveje, que heide eu dizer-lhe?

— A verdade: que a menina ficou em companhia de D. Paula Perestrello, por vontade de ambas; e accrescente que eu particularmente lhe escreverei, solicitando a licença que a sua delicadeza não hade recusar-me.

A mestra, chegado o momento de sahir sem a educanda, ponderou a gravidade do caso, e temeu as iras de Francisco Xavier. A razão reprovava-lhe a condescendencia ao capricho das freiras e á creancice de Antonia. Visivelmente hesitante, quando a menina lhe pedia que mandasse vêl-a ao convento o sr. André Guilherme — unica saudade que lhe aguava as alegrias — D. Feliciana pediu á freira d'el-rei que escrevesse duas linhas ao padre, duas palavras que a desculpassem.

— E quer esperar? — disse Paula.— Pois, espere, que eu vou escrever ao sr. padre Xavier.

XXI

A precatada mestra, para esquivar-se ao conflicto, incumbiu o sobrinho de procurar Francisco Xavier em casa do conde do Rio, e entregar-lhe a carta da freira.

André Guilherme deteve-se a examinar o sinete da carta, gravado fundamente em grossa camada de lacre. Eram as armas dos Perestrellos: escudo partido em palla; na primeira, o leão rompente; na segunda, a banda azul com estrellas, e á volta seis rosas. No timbre é que estava a novidade que fazia sorrir o estudante versado em heraldica. Em logar do leão com uma estrella na espadua, consoante reza a carta de brazão passada a Filippe Perestrello em 1437, o escudo compunha-se de dois corações debaixo de uma especie de docél formado pelas azas de um cherubim. Esta graciosa allegoria deve de ter sido inventada por D. João V em um rapto d'amor capaz de inventar a polvora.

A carta ia relacrada no centro e nas extremidades de um grande almasso. Estes resguardos arguiam mysterio. André, o mensageiro da ignorada missão, farejava o segredo com a subtileza de alma que se apurára na cogitação das estranhas occorrencias.

Entregou a carta ao padre ao mesmo tempo que elle lhe perguntava:

— Já disse a sua tia que eu ámanhã vou buscar minha sobrinha para a nossa nova residencia?

— Ainda ha pouco tive occasião de lhe dar as ordens de vossa mercê.

— E que disse?

— Nada, entregou-me esta carta.

— De quem?

— De soror Paula de Odivellas.

— E minha sobrinha ouviu o aviso dado a sua tia?

— Não estava presente.

— Mas estava em casa...?

— Não, senhor. Estava em Odivellas.

Xavier carregou a sobrancelha, sacudiu authomaticamente a perna artificial, deslacrou a carta, e vendo-a de relance muito extensa, disse ao portador:

— Vá, que eu responderei.

Os primeiros e os ultimos periodos continham o seguinte:

«Se é forçoso que a verdade brote de corações despedaçados, não se respeite alguma dôr, não se afogue algum gemido, ainda que o mundo o ouça e insulte.

«Quem disse a Catharina Castro que ella tinha uma filha foi o snr. Francisco Xavier; quem lh'a trouxe pela mão foi a divina Providencia quando o pae lh'a escondia debaixo da espedaçada tunica do máo frade que não podia refazer o máo homem.

«Selvagem até á ferocidade seria o pae que arrancasse dos braços de uma desgraçada mãe a creança que lhe custou a honra, o credito, as lagrimas choradas em um antro da Inquisição.

«Se ha n'esta terra tamanho barbaro, não permitta Deus que elle se chame Francisco Xavier, um principalmente que ha nove annos levou d'esta casa uma

virgem, que se chamava Catharina de Castro, uma doce e formosa menina que, volvidos dois annos, aqui entrou com o estygma de christã-nova cuspido na fronte, e o da deshonra gravado na intima consciencia, — na vergonha abafada que só lhe permitte erguer o rosto diante de Deus, que é misericordioso, e diante de mim, que sou peccadora.

«Ella ia pendendo á sepultura, com os olhos postos na esperança do eterno descanço. Para que lhe escreveu, sr. Xavier? Deixasse-a acabar na ignorancia de que tinha uma filha; não lhe viesse apertar o coração com as garras da saudade; dissesse-lhe que morresse anhelando encontrar a sua filhinha entre os anjos do Senhor.

«E, se á sua alma traspassada de saudades e remorsos, sr. Xavier, foi desafôgo chorar diante d'esta pobre creatura, que rija tempera é essa de sua má indole que se compraz no feroz deleite de matar na paixão de mãe aquella que já havia assassinado na paixão de amante? Se a fez mãe pela deshonra, dôa-se, envergonhe-se de querer que a propria filha seja o involuntario instrumento do segundo e mais acerbo supplicio.

. . . . . .

. . . . . .

«Se é vingança prival-a de vêr sua filha, de que offensa quer vingar-se o senhor? Que mal lhe fez Catharina? Acreditál-o? Sahir d'aqui cega pela paixão, e voltar para aqui alumiada pelas chammas infernaes da experiencia provada nas dôres todas que podem caber em coração de mulher?... Eu não sei o que o sr. Xavier deseja que ella faça para lhe merecer a esmola de vêr sua filha!

. . . . . .

. . . . . .

«Quer que a religiosa dispa o habito, e se confesse

publicamente deshonrada? Ella o fará com a condição de ser mãe. Eu lhe abriria as portas do convento, quando alguem lhe estorvasse a sahida, e lhe daria tres partes do que tenho para que a necessidade a não obrigasse a pedir ao abastado pae de Antonia os recursos de um viver descansado.

«E assim acontecerá, se o combate fôr preciso, sr. Xavier. Quem lucta sou eu, não é ella. Eu venci a morte que m'a disputou; não heide agora desamparal-a, quando tenho do meu lado, contra menor inimigo, o poderoso auxilio da creança. Luctaremos. Se houver escandalo estrondoso, Deus perdôe a quem o provocar...

.... «Antonia quer ficar com a mãe, que ainda não conhece; mas, no momento em que uma ordem da côrte ou de Alcobaça lhes decretar a separação, Catharina dirá a Antonia que é sua mãe, e depois ambas o dirão a todo o mundo; e o mesmo será apregoar bem alto o nome de seu pae. Medite, senhor. Logo adiante d'este passo, veja quantas desgraças se encadeam. Não se faz precisa dupla vista. A deshonra está de lá e de cá. Ambos os contendores hão de caír sob o pezo do opprobrio e do escarneo; mas verdadeiramente infame hade caír um só. Catharina terá por si a compaixão das que se perderam por amor e das que temem perder-se. O sr. Xavier terá de vestir de novo o habito do Varatojo para se reconciliar com Deus, e para se esconder ao rizo affrontoso dos libertinos e ás coleras mais ou menos contrafeitas dos beatos.....

.....

«Nenhuma d'estas funestas previsões me assusta. Não. Antonia, com o consentimento de seu *tio*, fica em Odivellas na companhia da sua amiga e condiscipula Paula Perestrello. Irá vêr seu *tio*, quando elle assim o ordenar. Continuará aqui a sua educação. O santo amor de mãe lhe irá formando a alma. As lições uteis

á vida, mais uteis que a sciencia da lingua franceza, lh'as dará a desgraça de sua mãe. Os olhos, que muito choraram, são os mais penetrantes: não se lhes esconde nada. Catharina verá desabrocharem no espirito de sua filha as flores que recendem, os aromas que aviventam, e os que matam. Creia que, se Catharina nascesse nas condições de Antonia, o sr. Xavier não acharia aqui uma cega victima.

. . . . . .

. . . . . »

Quebrantou-o a justiça das accusações e o pungir das ironias. Apezar da forma acre dos queixumes e da arrogancia com que a amante d'el rei traçava o destino de Antonia, o padre Francisco Xavier denotava nas lagrimas o sentimento de não poder defender se, e talvez o apertar das algemas que lhe frustravam a lucta. De relance viu que o antagonismo com a poderosa Paula lhe sortiria a derrota com muitas vergonhas, e talvez com a pêrda da filha. Calculou que a freira, se pedisse a D. João v que lhe mandasse transferir para fóra do reino Catharina e Antonia, o desejo seria logo executado, e a creança para todo o sempre alheada do seu amor.

Succumbiu. Respondendo á carta de Paula, com discreta reserva, assentia ao desejo de sua senhoria, sem resalva; supplicava, porém, que a condição de elle vêr «sua sobrinha» lhe não fosse quebrantada.

A concessão foi recebida em Odivellas com as imaginaveis exultações. No coração de Catharina renasceram sentimentos de dó e gratidão. Já lhe perpassava sem rancor pelo espirito alegre a imagem d'aquelle homem que tanto amara. Via-o na florente mocidade dos vinte e dois annos com a gentileza distincta realçada pelos dons da intelligencia, raros nos cortezãos de Odivellas. Pedia á filha que pensasse em seu tio com amizade, e se affizesse á idéa de que elle a ado-

rava, porque assim, com o decurso dos annos, o que não fizera o amor espontaneo o faria a gratidão reflectida. Antonia teimava em só querer amar seu pae, e a mãe contristava-se quando a menina, desattenta de delicadezas e affectos, promettia voltar para a companhia do pae quando elle recolhesse da India.

— E deixas-me então, Antoninha? — perguntava Catharina doloridamente.

— Se meu papá me mandar sahir, que remedio ha? Sou tão amiga d'elle, que não ha um dia só que o não veja a chorar quando me deixou.

A mãe olhava tristemente para Paula, que lhe observava:

— Não t'o disse eu? A natureza entre paes e filhos é a coisa mais artificial d'este mundo... — e voltando-se á menina:

— Lembra-se da sua ama, Antoninha?

— Se lembro! quem me dera vêl-a... Ha seis mezes que não tornou cá... Talvez morresse...

E aguaram-se-lhe os grandes olhos immoveis e pensativos.

— Está a chorar, coitadinha... — acudiu Catharina — Fallemos n'outra coisa...

— Quando ella assim chora pela ama, que faria se fosse pela mãe... — insistiu D. Paula — Que lhe dizia a ama a respeito de sua mãe? fallava-lhe d'ella?

— Disse-me uma vez que estava no céo; e o meu papá tambem m'o dizia.

— E seu tio?

— O tio não me disse nada... só uma vez que a mestra lhe perguntou não sei quê de minha mãe, reparei que elle estava a querer chorar, e a beijar-me muito, muito...

— Queria ter mãe, Antoninha? — perguntou Catharina.

Antonia fez com os hombros um gesto pueril de in-

differença. Era a verdade sêca e natural. Só os filhos que viram a agonia de seus paes e apalparam o vasio horrendo da orphandade, invejam a felicidade das creanças que tem mãe.

— E, se tivesse mãe carinhosa como esta senhora, não era tão feliz, menina? — replicou a Perestrello, apontando Catharina.

Antoninha fez um signal affirmativo, mas moderadamente enthusiasta na hypothese de ser filha da freira, que parecia esperar a resposta como a revelação de um oraculo.

Entretanto, D. Catharina, embevecida nas suas alegrias, apenas ouvia os rumorejos da maledicencia, que lhe soavam desde o interior do mosteiro. Lá ninguem duvidava já que a *Muleirinha* era mãe da pequena. De Paula Perestrello rosnava-se a medo; mas intrigava-se com o dom abbade de Alcobaça, aquelle tanto ou quanto philosopho, varão de bom aviso que se desviava, dizia elle, da torrente das viciosidades por medo de escorregar e ser levado no enxurro. Quando lhe deram a denuncia de que a freira Catharina de Castro chamára para si, com o patrocinio de soror Paula, uma filha, o prelado respondeu:

— Se está dado o exemplo, as outras freiras que chamem tambem as suas filhas.

Replicaram-lhe que o pae da recolhida era o exfrade varatojano Francisco Xavier.

— Aconteceu essa desgraça a grandes santos — observou edificantemente D. Bernardo de Castello Branco. — O grande bispo Santo Agostinho tambem teve uma filha; e na ordem dos seus cruzios são tantos os exemplos de fecundidade que o céo viria abaixo com o pezo dos bem-aventurados, se os santos fossem tantos como os paes.

XXII

André Guilherme acompanhava Antonia a visitar o tio, todos os domingos. Era defezo á menina sahir com a mestra. Odiava-a secretamente o padre quanto lhe estimava o sobrinho. Na juventude mais florente, André tinha a gravidade e compostura de um velho. Insinuava-se pela sisudeza e pela modesta authoridade da precoce sciencia. Ganhara fama de prodigio nas lidas escolares, e varias ordens monasticas aporfiavam em attrahil-o. Mas a sua vocação inflexivel era a ordem da Sanctissima Trindade, no proposito de se passar á moirisma a resgatar captivos. Entranhara-lhe raizes na alma esta aspiração desde que soube que seu quarto avô e trez irmãos, á mingua de resgate, pereceram cruelmente trateados nas sejanas de Marrocos, para onde foram captivos depois da derrota de Alcacer-quibir.

Antonia ouvia-lhe os conselhos com docilidade e uma especie de amor mais submisso que o filial. Desde que o estudante, compadecido da mysantropia do padre, começou de arguir á discipula a ingratidão de se ficar no mosteiro, quando o tio alegremente preparava

casa para vivenda de ambos, a menina escutava-o com alguma compaixão do tio.

Ao mesmo tempo, Francisco Xavier esfriára nas caricias, bem que a recebesse com alegre rosto. Escutava o que lhe referia do mosteiro; mas com apparente desinteresse. Havia n'aquelle descahimento de espirito e ar taciturno a melancolia precursora de doença mortal.

Antonia levava impressões dolentes do tio para o mosteiro, e muito mais vivas na alma as brandas, mas penetrantes advertencias de André Guilherme.

— Se seu pae morrer na India, e seu tio lhe faltar com a vida, Antoninha, verá que fez mal em trocar a companhia dos seus pelos ligeiros affectos de umas senhoras ociosas que muito mal procederam em lhe ensinarem ou permitirem a desobediencia a seu tio.

Este era o thema das censuras de André Guilherme, desenvolvido em phrases accomodadas ao espirito de Antonia, já aos onze annos muito esclarecido pelo tracto da conversação e da leitura.

Dois annos e meio decorreram, conservando-se a menina em Odivellas, apezar das representações da prelada e d'outras influencias exteriores que actuavam directamente sobre o rei.

E, quer o amor de D. João v á freira arrefecesse, quer a inconstancia do seu natural, atreito a intermittencias de religiosidade, o emancipassem, é certo que elle pendeu a escutar como justos os queixumes da communidade cisterciense contra a escandalosa convivencia da freira com uma recolhida em que assentavam fundadas suspeitas de filiação sacrilega. Soror Paula destramente conheceu que a sua vaticinada emula D. Luiza Clara de Portugal, ou quaesquer outras, lhe haviam contra-minado o rastilho inflammavel por onde ella accendia o coração do rei, solapando-lhe a hombridade e o decoro.

Deu D. João a perceber á sua freira que convinha satisfazer ás reclamações da prelada e d'outras fidalgas protegidas na côrte pelos primeiros d'ella; que Antonia poderia, a miudo, visitar a mãe, sem todavia passar das grades a dentro; e que D. Catharina, sob qualquer pretexto, sahisse, ás temporadas, do mosteiro, e gosasse plenamente a companhia da filha. Se madre Paula retorquiu, a palavra do rei não tornou atrás: — proverbio que anda em vinculo na monarchia portugueza, e a historia confirmará rebuscando nas novellas algum lance heroico da importancia d'este que levamos relatado.

Houve muitas lagrimas quando soror Paula Perestrello aconselhou a sahida espontanea de Antonia, antes que a intimação assignalasse a victoria da *Pimentinha*. Apezar da concessão das visitas ao locutorio e do alvitre da sahida, Catharina, colhida fulminantemente em plena felicidade, aturdiu-se, perdeu o alento, e em poucas horas desmereceu de côres e vida como se recahisse no torpor de dilatada doença. Menos sensivel incomparavelmente foi Antonia. Chorava, consoante choram meninas de doze annos, quando o sangue do coração não é parte nas lagrimas.

Mais amargas as chorou ella, quando, por esses dias, André Guilherme a procurou em Odivellas para lhe dizer que o sr. desembargador Paulo Xavier morrera em naufragio, quando recolhia da India, e já avistava Lisboa. A menina correu espavorida e em gritos a dizer que o seu papá era morto. Velou-lhe a passageira angustia D. Catharina. Ao fim de tres dias, Antonia, divertida da sua saudade, diligenciava revivêl-a recordando-se das feições incertas de Paulo Xavier. Ora, havia dois annos e meio que o desembargador embarcára; e a menina poucas feições lhe retivera na infantil memoria.

Fóra dos romances e dos poemas imaginosos, estes

esquecimentos são naturaes e providenciaes no dizer dos providencialistas. Eu, por mim, deploro entranhavelmente este pessimo feitio da sensibilidade humana.

Voltou André Guilherme pedindo a soror Paula, em nome do doutor Francisco Xavier, que lhe permittisse a companhia de sua sobrinha por algum tempo, já porque a sua paixão, na falta do seu unico amigo, merecia do dever ou da commiseração algum lenitivo, já porque sua sobrinha, unica herdeira de seu pae, ia ser tutellada, e não podia de hora em diante dispôr de si sem o consentimento do tutor.

Condescendeu D. Catharina: mas já estava no leito quando a filha, na despedida, a foi abraçar. A devotada amiga da mãe infeliz, na ausencia de Antonia, desentranhou-se em consoladoras promessas, phantasiando porvindouras felicidades. Paula vaticinava que a velhice de Catharina seria ditosa em companhia da filha: que a menina viria frequentes vezes vêl-a; que Francisco Xavier seria o primeiro a pedir-lhe a sahida perpetua do convento; e talvez —ajuntava Paula— «ainda te esperem dias de ineffavel goso ao lado do amante e da filha, muito longe de Portugal.

O sorriso de Catharina illudira a sua amiga. A esperança da morte illuminara-lhe aquella expressão dos que tem a maxima evidencia de que não esperam em vão; porém, Paula Perestrello attribuiu o gesto risonho ás côres maviosas e ridentes do seu quadro de familia.

André Guilherme entregou a menina ao padre Xavier, abraçou-a offegante de soluços e lagrimas, como se se despedisse da sua irmã mais querida, e balbuciou:

— Adeus, Antoninha! se seu tio morrer primeiro que eu, lembre-se que estou no mundo...

— Pois deixa-nos, sr. André !? — interrompeu o padre.

— Ámanhã começa o meu noviciado no convento da Santissima Trindade. Volvido o anno da prova, se Deus o permittir, virei saber da minha discipula, e do meu bom amigo, que me ensinou, sem querer, a coragem nas grandes mortificações. Eu, sr. padre Xavier, sei os segredos da sua vida...

— Os segredos... — acudiu o padre com assombro.

— Os segredos revelados pelas torturas mudas, que são gritos formidaveis aos que tem a intuição de grandes dores alheias e o vaticinio das proprias. Veja, meu amigo — proseguiu André Guilherme fervorosamente — veja se defende esta menina da influencia de duas estrellas sinistras... Eu sei a travação de desgraças que derivam desde Domingos Leite Pereira — o regicida — até ao nascimento da sua ultima representante...

— *Ultima*... — repetiu o filho de Jorge Mendes Nobre — por que hade ser *ultima?*...

— Não o disse como propheta ; empreguei o termo em relação ao tempo actual.

E, como Antonia estivesse absorta nos dois sem os perceber, André Guilherme tomou suavemente entre as mãos o rosto da menina, beijou-a na fronte, e murmurou :

— Adeus, minha querida irmanzinha... Quando me tornar a vêr com a minha tunica branca e a cruz escarlate de frade trino, já a minha amiga me não conhecerá... e quem sabe se eu a conhecerei? D'aqui a dois annos é senhora... e eu sou um quasi velho frade...

E, alegrando o semblante, André Guilherme devorava as lagrimas, em que havia o travôr complexo de muitas dôres. Elle amára como pae a creança, e adorava agora como idolatra aquella peregrina formosura

dos doze annos com feições accentuadas de prematura juventude.

E Antonia, cingindo-se-lhe ao pescoço, chorava convulsiva como quando se despedira do homem a quem chamava pae.

— Não vá para o convento... — balbuciava ella.

— Vou pedir a Deus que dê uma boa sorte á minha amada discipula...

XXIII

A residencia do padre Francisco Xavier na rua do Outeiro era celebrada entre as mais faustuosas casas de Lisboa, no primor dos embutidos em contadores, nos guarda-roupas das recamaras, no torneio e dourado de cadeiras, banquetas, bofetes, escriptorios e espelhos, na baixella de prata lavrada, nas alfaias de tartaruga atauxiadas de metaes preciosos, nas estatuetas de jaspe e alabastro, nos relogios inglezes, na profusão das loiças indianas. Elogiava-se o apurado gosto do medico Eliot na escolha de tão opulenta ornamentação.

Dizia-se que a menina, já herdeira habilitada dos grandes haveres do desembargador, e presumptiva do patrimonio do tio, valia passante de cento e cincoenta mil cruzados: era um calculo razoavel que os homens velhos e negociantes inferiam do cabedal de Francisco Mendes Nobre, accrescido de prosperas grangearias nos portos hollandezes e nas colonias brazileiras.

Com a mudança de residencia, operou-se estranhavel reviramento no viver do abastado, senão opulento, doutor Xavier. A sua casa era principalmente re-

quentada por sabios estrangeiros, apresentados por Izaac Eliot. Afóra o abbade de Preville, indigitado preceptor de Antonia na lingua franceza e nas sciencias que preleccionava, concorriam o philosopho hollandez Obed Stephano Monden e o inglez Luiz Baden, os quaes nas *Gazetas* do tempo offereciam aos indolentes lisboetas a profusão da sua sabedoria encyclopedica.[1]

Sobreexcedia a todos os concorrentes o prussiano João Frisch, padre da Reforma, viajante, naturalista, escriptor em variadas provincias das artes e das sciencias. Alguns doutos portuguezes, do clero e da nobreza, honravam-se em tão seleeta companhia, constituindo as salas do ex-varatojano em gymnasio, onde em linguas diversas se discursavam novidades scientificas.

O padre remoçava n'aquella actividade intellectual. Reflorindo os seus antigos estudos, e especialmente a latinidade, conversava na lingua de Cicero com sincera admiração do sabio de Berlim, que a exercitava a primor.

N'este congresso de sabios havia duas formosas e juvenis creaturas a quebrarem a severa monotonia do grupo. Eram Antoninha e Josse Frisch, filho do sacerdote protestante. Ella contava treze annos e elle orçava pelos dezesete. Josse, filho unico e orfão de mãe, acompanhava seu pae desde a infancia, era seu discipulo, conhecia os idiomas dos paizes que perlustrára, e decidia com a authoridade da memoria assombrosa as duvidas linguisticas entre os sabios de paizes diversos quando se desavinham na accepção das palavras. Era elle quem continuava a instrucção de Antonia na pratica da lingua franceza, expurgando-a dos vicios adquiridos com a aia de Anna Arman-

---

[1] Veja as *Gazetas* de 1725 a pag. 336, 1727 a pag. 232.

da Duverger, e a encaminhava a esvoaçar ás colmeias de Petrarcha, dando-lhe a prelibar o mel dos sonetos em que a menina ia aprendendo a enjoar-se das somnolentas coisas de Camões e Sá de Miranda.

N'estes colloquios particulares, a um canto da sala, em quanto os doutos latinisavam, não admira que de parceria com Petrarcha entrasse o amor com a sua grinalda de rosas em botão, faces purpurejadas, pudor sem ainda se dar fé de ser pudor, innocencia sem uns longes de haver coisa no mundo que seja viciosa. Aos treze annos, menina que passára dezoito mezes em Odivellas, devia ter já madrugado para as ternuras vagas, balbuciantes, enlêvos, imagens sem desenho, indeliniaveis como as da tranzição do sonho á realidade.

Mais accentuadas eram as fórmas do ideal do allemão: vasava n'ellas o bellissimo perfil de Antonia, curvado sobre o livro. De sobre as paginas, ás vezes, lhes desviava elle brandamente as espiras dos cabellos de oiro para vêr as palavras. Ella sorria-se córando e sacudindo a cabeça que recendia o frescor e perfume de um ramilhete colhido nas madrugadas de agosto.

O amor accrescentára dois annos aos treze de Antonia para que ella adivinhasse a paixão de Josse Frisch. Demudou-se-lhe então o semblante infantilmente aberto e a linguagem agraciada de meninices. Já o recebia com a gravidade de senhora. Respondia-lhe com assustadas reticencias. A espaços, escutava-o abstrahida, ou parecia atemorisar-se de ouvil-o. As revelações do prussiano eram interpretadas pelo poeta de Laura. Elle insistia na analyse de alguns versos das *Canzone*, onde o lyrismo vaporou mais subtis essencias das lagrimas.

Tambem a voz de Josse as tinha, quando a tremer se receava de haver magoado a izenção da rica herdeira.

Antonia fallava-lhe muito de André Guilherme, e,

por vezes, encostando a face á palma da mão, deixava rolar duas lagrimas, que pezavam no coração de Josse como gotas ardentes. Abrazavam-no ciumes, quando ella dizia:

— O meu pobre André Guilherme!... quando eu o vir... já elle é frade trino...

E quedava-se a filha de Catharina a olhar no vago, e a recompôr as feições da imagem que a tunica monastica e o claustro lhe restituiriam desfigurada.

Mas a imagem identificada á sua alma era a' do esbelto moço estrangeiro, para quem o padre Francisco Xavier olhava de través e suspeitoso. Este homem, na rigidez da vida, com as faculdades da alma viciadas, mordido de ciumes da filha tão disputada, envaidecido de a ter assim formosa e afamada de rica, e de mais terrivelmente provado na paixão, que precedera o inferno de treze annos, via já na filha a mulher, e no prussiano um homem dotado de seducções.

E começou de se crear um novo supplicio com a triplicada tortura do ciume de mais fataes resultados. Conversando cavilosamente com Antonia a respeito de Josse Frisch, a filha ouvia-o attenciosa, interessada, jovial. Applaudia-o com expansivos sorrisos, se elle elogiava a galhardia do mancebo ou os portentosos predicados de seu illustradissimo espirito. E então o padre cravava os olhos nos da filha, e varava-lh'os com um raio de luz escrutadora até ao coração. Ella encarava-o assustada, e estremecia retrahindo-se.

Que tinha lucrado o pae n'estas insidiosas experiencias? Explicava-lhe o que ella a si apenas confusamente poderia exprimir. Encomiava a fórma e a alma do moço, ajudando-a a conciliar as duas bellezas, physica e moral. Bosquejava um homem distincto, raro, estimavel. Antonia não accrescentaria *amavel,* no seu intimo fôro; porém, quando o padre, por fim, avincava a testa e a friccionava phreneticamente, Antonia tra-

çava na sua alma uma grande interrogação, á qual respondia a primeira poesia que recebera de Josse Frisch, com tão cristalinas lagrimas que a menina facilmente se via espelhada n'ellas.

Aos treze annos não ha mulher amada que se receie illudida; e, se por vicio de educação houve alguma tão pessimista que duvidasse da lealdade do seu primeiro amado, com certeza tal phenomeno ainda está por acontecer á innocencia alliada á formosura e riqueza. Antonia sabia que era rica e formosa. Diziam-lh'o unanimemente os sabios da assembléa de seu pae com as prosas usurpadas aos madrigaes do tempo. O philosopho Baden comparava-a ás mais extremadas perfeições de Londres.

O pae de Josse pedia ao padre que lhe cedesse a posse de uma miniatura em marfim para levar para o norte o modêlo da belleza peninsular em todo o seu esplendor.

Abeberado do italianismo amoroso, o filho de João Frisch, achara as fórmas da mais apurada arte em que moldurava imagens e sentimentos de profundissima verdade. Aquella peregrina creança, feita mulher pelo improviso do amor, não podia ser amada senão assim.

No entanto, embasteceu-se novamente a escuridade de Francisco Xavier. Amavam-lhe a filha — disputavam-lh'a! Queria confidenciar os seus sustos de tio a Izaac Eliot; mas retinha-se, receoso de ser irrisorio diante do francez que mettia a riso as cautelas, os pavores das familias portuguezas, e o ostracismo sandeu e gothico em que vegetavam as desgraçadas mulheres de Portugal, desde a núbil até á casada. (Nota 12.ª)

Córando a falta com os seus achaques, espacejou as reuniões, dissaboreando Antonia que, em vez de velar as fingidas molestias do tio, fechava-se no seu

quarto a reler o poema... os poemas e as prosas de Josse Frisch.

A diminuição das visitas motivou a necessidade de se communicarem pela escripta os namorados. Até ao dia em que o padre providenciou para não se verem a miudo, Antonia esquivou-se a responder; mas, depois da prevenção, o pejo cedeu ao poderoso impulso da saudade. Seria melhor que se vissem; mas não aconselho nem argumento com a pratica. A theoria do padre ainda hoje voga com as resultas de então.

De maneira que elles, quando se entreviam, na sala, em os raros saráos litterarios da rua do Outeiro, haviam já expendido caligraphicamente as essencias das suas almas, e talhado, por todos os horisontes da imaginação além, as suas esperanças até se encontrarem com a profundidade do céo. E o que não tinham escripto completavam com os olhos.

Eliot havia percebido que se amavam, e segredou ao padre:

—Cuidado! sua sobrinha trouxe de Odivellas fermento de amor. O prussiano é poeta, e hade fascinal-a porque não mente. Nada ha que recear quanto á solução d'este meio-amor, meio-brinquedo, porque o pae vai-se embora e o filho tambem; não obstante, se a menina ficar ferida, estes ferimentos dão que fazer, quando as mulheres doentes de phantasia vivem na perigosa reclusão das senhoras de Lisboa.

—Que heide eu fazer? diga-me o doutor se não seria melhor tel-a sempre reclusa! As cautelas que me aconselha, sr. Eliot, justificam os costumes de Portugal.

—Que hade fazer?—volveu o francez.—Augmentar o numero das suas visitas quando Josse Frisch se ausentar. Reunir em sua casa tantos homens idoneos para amarem sua sobrinha, que ella não escute exclusivamente um, nem conserve na memoria o nome

d'aquelle que mais requintadas finezas lhe incensou. Em França vive-se assim. Quatro homens á volta de uma mulher são quatro sentinellas que se espiam uns aos outros; de modo que ella, por fim, aborrece-os todos.

Eliot dirigiu-se de motu proprio ao sabio allemão, segredando-lhe os dissabores secretos do padre Xavier, causados por umas intelligencias amoriscadas de sua sobrinha com Josse Frisch.

— Não ha duvida que elles se amam — conveio o honrado prussiano. — Eu sou o confidente de meu filho. Elle confessa-se a mim em todos os seus grandes e pequenos actos de coração e espirito. Ainda me não foi preciso penitenciál-o. Pelo que respeita ao seu affecto nobilissimo á sobrinha do mui estimavel sr. padre Francisco Xavier, não tenho de que o arguir. Pelo em quanto, este reciproco amor é uma iniciação de duas almas candidas, que em breve se apartam; quando, porém, mais serios vinculos os prendessem, creio que nunca os desatariam deshonrosamente.

— De accordo - obtemperou o cavalleiro professo da ordem de Christo. — Mas o meu bom amigo Xavier não teme deshonras, receia soffrimentos — o que já é bastante em tio sobre modo extremoso. Porém, dizendo-me o sr. João Frisch que a sua partida de Portugal não se dilatará, são pouco de temer os resultados d'esta paixão nascente; mas a meu ver, poetica e por de mais enthusiastica.

— Nem poetica nem enthusiastica; diga «verdadeira» que é bastante. Nós, os allemães, consumimos poucos adjectivos, ao inverso dos senhores enfronhados no luxo latino. Meu filho ama e é amado verdadeiramente. Assevere isto ao nosso respeitavel dr. Francisco Xavier; accrescente, porém, sr. Eliot, que meu filho não se exime de ser honesto desculpando-se com o seu amor. Poderia talvez deshonrar-se, quando amasse menos. Em summa, passados quatro dias, iremos

agradecer a hospitalidade do generoso portuguez, e abalaremos caminho da nossa terra. Josse Frisch bem é de ver que leva saudades penosas da galante menina que lhe fez a primeira luz no coração; mas, como é valoroso e tem hombridade viril, cavará no proprio seio até arrancar de lá a imagem que, ainda mal, lhe perturbou os dias felizes. O esquecimento resultante do tempo e da dignidade em meu filho será correspondido pela menina Antonia, com a differença de ser n'elle esforço o que na mulher é costume. Afinal, se a saudade é cauterio, a ausencia é balsamo. Vá, pois, o sr. Eliot socegar o seu amigo; que eu, como padre christão, peço a Deus que a estimavel sobrinha do sr. Xavier, quando houver de dar a sua alma legitimamente a um esposo, a boa sorte lh'o depare virtuoso como Josse Frisch.

Communicou Izaac Eliot estas decorosas fallas ao padre, glossando-as com facecias á franceza. Ria-se o medico do aprumo dogmatico do allemão, preconisando a honestidade do filho como se ali se estivesse nutrindo Catão 2.º para assombro do orbe depravado. O neto de Angela achou graça ao filho da turca, e entrou com elle a arrolar as pessoas que deviam frequentar a sua casa, em conformidade com o alvitre do seu amigo.

— Um elemento imprescindivel — observou Eliot — são as mulheres. Necessitamos algumas senhoras de esmerada educação com as quaes D. Antoninha conviva, já para a precaverem contra as entreprezas do amor, insinuando-lhe as insidias que elle usa, já para lhe desviarem o espirito da attenção demasiada que as mulheres applicam aos homens, se a sua sociedade é toda composta d'elles.

— Tem razão, doutor — condescendeu o padre. — Essa especie já me tem preoccupado; mas o senhor conhece as minhas relações de sociedade. O infortunio

fez á volta de mim um deserto. Desatei os laços de amizade e parentesco ha treze annos. Onde quer o doutor que eu vá procurar senhoras que me visitem?

— Eu terei a honra de lh'as apresentar, logo que estes sabios nos cedam logar a uma ignorancia mais recreativa.

Em quanto o medico e o padre recenseavam os futuros ornamentos da renovada sociedade, Antonia lia em poucas linhas o resumo do dialogo do francez com o allemão. Josse Frisch, informado pelo pae, pediu-lhe licença para se despedir de Antonia. O velho, que já então o era muito além dos sessenta, contemplou commovido as lagrimas do filho, e disse-lhe amargurado:

— Sejam menos amargas as lagrimas que choares quando teu pae te faltar, meu filho. Não te vi tantas, quando, ha sete annos, assistimos ao enterro de tua mãe. Chora, sê fraco, sê homem; mas, na sequencia da vida, sê cauto. Quando vires mulher que te dispute á sciencia, teme que ella tambem te vença na inteireza do dever, e lembra-te sempre que a primeira que amaste foi mais chorada que tua sancta mãe.

O francez, se o ouvisse, motejal-o-hia.

O velho afastou-se para acondicionar os seus livros e papeis. Josse escreveu, e foi esperar na botica do seu patricio Jacome Valebelt, morador no Canto da Cordoaria Velha, que seu escravo medianeiro recebesse a carta. [1]

Na carta do consternado moço havia uma clausula que estancou as lagrimas de Antonia. As phrases eram estas:

---

[1] Estas particularidades, se fossem imaginadas, seriam pouco menos de irrisorias. O romance é urdido com os elementos de um processo, cujas peças de maxima importancia hão de ser trasladadas na secção de *Notas*.

Pela alma de nossas mães te juro que voltarei a Lisboa sosinho, e bem livre para ser escravo teu; e, depois, ou sahirás d'aqui minha esposa, ou eu acabarei os meus dias desgraçados onde tu possas ir chorar sobre as minhas cinzas.

Passados os quatro dias aprazados pelo illustre viajante, os Frisch despediram-se do padre Xavier. O pae perguntou por D. Antonia, que não viera á sala. Xavier, carregado no semblante, respondeu que sua sobrinha estava febril, e ficára de cama, por ordem do dr. Eliot.

Josse abaixára os olhos sob um lance de vista asperrimo do padre, cujas palavras seccas, breves e sacudidas, accusavam a ira do seu caracter desabrido.

O sacerdote lutherano, attentando no abatimento do filho, fitou-o com severidade, e disse, voltado para o padre:

— O abatimento de meu filho não confessa alguma acção baixa. Todos os homens de bem começam as suas lides com o mundo abaixando a cabeça é tyrannia da injustiça.

Xavier não replicou; fez a sua ultima cortezia, e mandou o seu escudeiro acompanhar os dois senhores.

Mas o escudeiro e João Frisch quedaram-se enfiados quando viram Antonia sahir de improviso ao patamal da escada, e lançar-se arquejante de soluços nos braços de Josse. O velho pegou mansamente das mãos de Antonia, descingiu-lhe os braços do pescoço do filho, e murmurou:

— Antoninha, espere que a vontade de Deus se manifeste pelo andar do tempo.

XXIV

Quando Antonia voltou desfeita em pranto á sua alcôva, encontrou o tio na ante-camara. O tapete abafára o estrupido da ponta metalica da perna artificial, ou elle acintemente palmilhára com o pé unico as casas intermedias.

— Cuidei que estavas na cama! — disse elle dissimulado. — D'onde vens?

— Venho... de... fui á sala... — gaguejou Antoninha.

— Da sala venho eu, menina. Ou eu estou invizivel ou tu.

E, chamando o escudeiro ao corredor, perguntou-lhe:

— Acompanhaste os estrangeiros?

— Sim, senhor.

— Quem viste na escada?

O criado inclinou a cabeça para uma banda e cossou-a por ambos os lados.

— Entendi. Vai-te.

E retirou-se para o seu quarto resfolegando bafejos tropicaes, e batendo com a perna de páo rijamente o compasso da respiração sacada por arrancos.

*

Tres lancinantes saudades mortificavam Antonia n'aquella hora — Josse Frisch, o mosteiro de Odivellas, e o seu querido amigo André Guilherme. As trez dores, porém, convergiram em uma só, expressada em poucas palavras: «Sou orfã; não tenho pae nem mãe!» Esta dôr reviveu-lhe a saudade de Paulo Xavier, cujo retrato ella tinha pendente do seio. Chorou muito, e pediu á alma de seu pae que a soccorresse. Era uma afflicção pueril, mas tão entranhada que a morte lhe parecia beneficio do céo.

Entrou o medico, sondou-lhe o pulso, receitou-lhe um calmante, e dilatou-se a dizer-lhe frivolidades em francez. Antonia ouvia-o com aborrecimento.

Contou-lhe Eliot que passara a noite em uma festa de noivado, em casa das sr.as Caldeironas, meninas de fidalgo nascimento, uma das quaes casára com o seu amigo e Patricio Thomaz d'Arté, gentil-homem da Picardia, que fugira de França por motivos religiosos e abraçára o catholicismo para casar com D. Maria Thereza Caldeirão. Accrescentou que já obtivera do padre licença para lhe apresentar estas nobres senhoras, uma das quaes, D. Leonor, anjo de quatorze annos, era uma das mais prendadas e encantadoras meninas da capital; e elle esperava que Antoninha sympathisasse com Leonor, tanto pela consonanancia dos espiritos illustrados, como pelas analogias da formosura.

Perguntou-lhe Antonia se elle tinha ido a Odivellas na semana passada, e se D. Catharina e D. Paula se queixaram da sua falta n'aquelle mez.

Eliot, sorrindo, respondeu que elle a desculpára com D. Catharina de Castro, contando-lhe a historiasinha de uns amores de primeira primavera, e que a freira, com os olhos cheios de lagrimas, exclamára: «Ah! pobre creança!»

Antonia tregeitou a menos equivoca explosão de

zanga, quando o francez acompanhou de uma gargalhada sêca a dolorosa reflexão de D. Catharina.

E retirando-se de impeto, disse que ia dormir, porque tinha somno.

Izaac Eliot retirou-se vexado da descortezia, e foi queixar-se ao padre, desculpando-a, ainda assim, e aconselhando novamente a sociedade de senhoras para que a menina aprendesse na pratica a civilidade que não se estuda nos livros, e se polisse, debastando-se das indelicadezas resultantes do muito mimo e da escassa familiaridade com damas.

— Já me lembrei — alvitrou o padre — dar-lhe como companheiras mais assiduas as irmãs de André Guilherme, que são meninas dignas de tal irmão.

— Gente de baixa laia?

— Não são fidalgas; mas tambem não tem os vicios d'essa classe. São excellentes raparigas que receberam do irmão lições de virtude.

— Isso não obstante — volveu Eliot — a familia Caldeirão, além do berço illustre, vale muito pelas graças de sua selecta sociedade...

— Ora diga-me, doutor; essas sr.as Caldeironas, ou Caldeirôas, não são filhas de Francisco Caldeirão da Veiga Cabral, um fidalgo que solapou o seu immenso patrimonio e casou com...

Deixal-os esmiuçar na vida das Caldeironas, em quanto nós, em resumo, relataremos o que é do interesse d'esta historia.

Coisa digna de reparo é a intervenção repetida da familia Veiga Cabral no destino de Maria Isabel Traga-malhas, e de sua tresneta D. Antonia Joaquina Xavier, como ao diante veremos. Na *Filha do Regicida*, João da Veiga Cabral, fugindo com a viuva de Domingos Leite Pereira, mudou o scenario da tragedia, restaurando pelo milagre do amor a dignidade da esposa. Oitenta annos depois, veremos a funesta influen-

cia que uma Veiga Cabral actuou no destino da bisneta de Angela.

O seguimento d'este capitulo ameaça enfados e rasoaveis espreguiçamentos. Livre-se d'elle o leitor, se quizer. Eu é que não posso, obtemperando ás perversas corrupções de Ponson, esquecer-me de que sou, n'este caso, historiador, e exorciso e abomino as execraveis tentações de romancista.

Vamos ao genesis dos Caldeirões.

Em 1585, Filippe II aforou de fidalgo um Manuel Caldeirão, de Lisboa, mercador opulentissimo, oriundo das Asturias. Por 1583, se obrigára o argentario a enviar annualmente cinco náos á India, dando-lhe elrei oitenta mil cruzados mortos, e dezeseis mil cruzados cada anno por cada náo. Instituiu Manuel *Caldeirão*, trez morgados, e casou com Guiomar *Caldeira*. Nunca se casaram appellidos tão conformes! Havia, n'esta caldeirada, predestinação.

André, filho d'estes, enxertou-se no tronco illustre de Furtados de Mendonça; Rodrigo casou em um dos ramos dos inclitos Noronhas; Brites, em Elvas, no morgadio do Esporão, com Luiz Mendes de Vasconcellos; Leonor, com o desembargador Jeronymo da Veiga Cabral, filho do tristemente famoso Tristão Vaz da Veiga, que entregou a Torre de Belem, por cinco mil cruzados, ao duque de Alva.

Ahi está como Veigas Cabraes se incorporaram em Caldeirões, e o sangue d'estes se injectou nas arterias de levantadas prosapias. Então, como hoje. Dinheiro, o invicto!

No primeiro quartel do seculo XVIII, a varonia das duas familias identificadas estava em Francisco Caldeirão da Veiga Cabral, residente em Lisboa. Este fidalgo, administrador de trez poderosos morgadios, foi muito rico, libertino, perdulario, viveu femealmente como pachá, e á hora da morte casou com uma

das suas illustres victimas, D. Marianna Bembo de Souza, filha de Fabricio Bembo, da qual tinha tres filhas.

As familias ostrogodas da côrte reprovaram o casamento do morgado dos Caldeirões com a filha do Bembo, oriundo da Italia; todavia, seculo e meio antes, casava, em Villa Real de Traz-os-Montes, outro Fabricio Bembo com a irmã de um certo João Lopes, a cujo filho Affonso deu fôro de cavalleiro e armas D. Filippe I, em 1583 [1]. Pelo que, os Bembos chronologicamente eram coevos no brazão em Portugal com os Caldeirões; afóra isso, os primeiros ufanavam-se do seu ascendente o cardeal Bembo, conforme em bom latim lh'o outorgavam as cartas passadas pelos senadores de Cremona em 24 de novembro de 1545:

...Bemborum familia, quæ non solum apud nos nobilitate prestat, sed etiam Venetiis cui ætate nostra maximum addidit ornamentum Petrus Bembus... cardinalatus dignitate a Paulo III, etc.

Este latim e outros perderam-se no pleito instaurado contra suas primas pelo mestre de campo João da Veiga Cabral, linha segunda que vivia ricamente em Villa Real. Fundamentando a demanda no casamento desigual de seu tio e nas condições dos vinculos, esbulhou-as de trez morgadios. As trez meninas aguardavam o patrocinio de seus numerosos primos. Ás

---

[1] Veja *Archivo heraldico-genealogico* pelo sr. visconde de Sanches de Baena, pag. 629, e *Indice heraldico*, pag. 26. O casamento de Fabricio Bembo em Villa Real consta do *Thesouro da nobreza de Portugal*, por frei Manuel de Sancto Antonio, reformador do cartorio da nobreza, na segunda metade do seculo XVIII. Manuscripto meu, autographo.

suas salas, as mais faustosas e alegres no reinado de D. Pedro II, apenas entraram os officiaes de justiça com ordem de despejo. Primo, ou amigo, nenhum.

Eram trez meninas tão distinctas pelo acaso da origem como pelos predicados da belleza physica. As feições moraes agouravam mal. Tinham brilhado na desordem e no desperdicio. Ostentaram-se como formosas, sem resguardo nem astucia, á espera de maridos quando viram vasios os contadores de seu pae. O desbarate entrou pela fazenda e pelas almas.

D. Joanna, a mais velha e mallograda morgada dos Caldeirões, salvára um vinculo insignificante alheio ás clausulas dos outros. Esta amparava mesquinhamente as irmãs. D. Maria Thereza, que era bella e douda, casou com o aventureiro francez, Thomaz Darcet (ou *de Arcet*, como elle se dizia) pavoneando-se de fidalgo picardo com raizes nas cruzadas, e vivia em Lisboa da esgrima, equitação e outras prendas. A terceira e mais nova, D. Leonor, era prodigiosamente linda, tinha quatorze annos quando casou sua irmã, e estremava-se das outras pela innocencia. Inspirava piedade aos mesmos que se afastavam d'aquella familia decahida. Deploravam-a no gume do perigo; mas ninguem lhe ministrava o pão tutelar da honra. Os que se avisinhavam d'ella, carpindo-a, iam intencionados a perdêl-a.

Izaac Eliot, amigo de Thomaz Darcet e sua visita, amava Leonor. A paixão aconselhava-o a um enlace honroso. Desde que se declarou ao marido de Maria, desmentiu a presumpção geral de ser casado com a franceza. Esperava-se que Leonor perfizesse quinze annos para esposar-se com Izaac Eliot, que orçava pelos trinta e dois.

Eis aqui, pelo em quanto, o que importa saber-se das sr.as Caldeironas, aconselhadas ao padre Francisco Xavier para lhe polirem a sobrinha, quando ne-

nhuma familia de bom nome as admittia ás suas salas, por isso que ellas já não tinham salas — e bastava esta desgraça para que os amigos e parentes de seu pae não discutissem se ellas conservavam a dignidade.

Leonor sabia que seu cunhado e irmãs lhe haviam já deliberado o destino. Conformara-se, porque os seus vestidos estavam poídos, as suas mantilhas no fio, e o seu pescoço e pulsos eram nus de gargantilhas e bracelêtes. Mas, no recondito da sua alma, aborrecia Izaac Eliot.

XXV

As senhoras Caldeironas, as duas irmãs do noviço André Guilherme — meninas devotas — e a viuva e filhas do historiador francez Jacques Quein de la Neufville, fallecido em Lisboa em 1727, creaturas desempoadas o logreiras: taes eram as relações que substituiram os philosophos na sala do doutor Xavier.

Estas senhoras cortejavam Antoninha com admiração da sua belleza e do seu soberbo patrimonio; todavia, as irmãs do noviço, estranhas e escropulosas em meio das garrulas francezas e das duas Caldeironas, consultaram o mano frade se lhes iria bem tal sociedade.

André Guilherme respondeu a suas manas que se desviassem de taes donas; escreveu a Antoninha perguntando-lhe se o tio endoudecera; e escreveu ao padre rogando-lhe qne não empestasse o ar em que sua innocente sobrinha estava alimentado o espirito.

As irmãs não voltaram á rua do Outeiro, e confessaram-se ao seu director espiritual de communicarem por meio de gestos e palavras com as Caldeironas. Antoninha retrahiu-se aos ares familiares das importunas

visitantes, não pagando as visitas. E o padre Francisco Xaxier mostrou a carta do noviço a Izaac Eliot.

O medico leu e disse:

— Este homem é um asno acabado. Se em vez de injuriar pessoas illustres lá do velhacouto do convento estivesse cá fóra o birbante, eu lhe verberára a face com um chicote, ou o mandaria esbofetear pelo meu pagem Henrique Rutier, que tem queda especial para esbofetear portuguezes petulantes. Veja o doutor que bonito frade se está formando n'este biltre de lingua viperina!

— Não exagere, sr. Eliot! — acudiu o padre — André Guilherme não insulta ninguem n'esta carta. Zela a virtude de minha sobrinha, e prezume que as Caldeironas e as Neufvilles não respiram ares muito puros.

— Ahi é que está a calumnia! — replicou o medico — Sua sobrinha não é mais ingenua que Leonor Caldeirão; e as irmãs, posto que não aspirem a engrossar o numero fabuloso das onze mil virgens, portam-se como fidalgas.

— Mas olhe que as fidalgas, por via de regra, doutor, não se portam bem. O senhor já sabe que eu fui dos saráos d'estas senhoras, quando ellas eram meninas e já promettiam pagar muita tolice ao dizimo.

— Mas Leonor é um anjo! — retorquiu o francez com a vehemencia de leal paladino.

— Leonor nasceu depois que eu frequentei a casa de seu desbaratado pae; e note que a consideração de eu ter sido dos obzequiados por esta familia nos dias prosperos é grande parte na condescendencia de a receber em minha casa. Peço-lhe, porém, que seja equitativo com o pobre André, verdadeiro amigo de minha sobrinha, e incapaz de calumniar. Elle conhece, sem o praticar, este mundo de Lisboa, e faz das Caldeironas o conceito ruim que ellas, por sua má sorte, grangearam. De Leonor tenho grande dó. E, se me consento

intrometter-me nas intenções reservadas do seu coração, peço-lhe que apresse o desfecho ou o fêcho d'estes seus amores; e, depois, acceite para si tambem o conselho do meu frei André.

— Não me guio por frades, doutor! — retrucou Eliot, sorrindo — Frades é que eu não consentirei de portas a dentro, quer eu case com Leonor, quer com outra. Frade em Portugal conheci um só digno de respeito; e a esse tive eu o desgosto de cortar uma perna.

O padre apertou-lhe a mão reconhecido, e replicou:

— Ora vamos, ora vamos, não é tanto assim. Ha muito frade bom, e André Guilherme ha-de sêl-o optimo. Verá, doutor.

— Em minha casa, não.

— Mas vêl-o ha, se quizer, por essa moirama a resgatar captivos.

— E captivas... — accrescentou o sarcastico semiturco.

Continuaram regularmente as senhoras Caldeirões e Neufvilles a alegrar o salão do padre com as suas palrices e prendas. D. Joanna, a quem chamavam ainda a morgada, cantava, tangia o violino e dansava minuetes e sarabandas picadas com o lascivo desnalgar-se de uma andaluza. Os seus cantares eram motetes, tarambotes e chacaras de que vamos dar exemplo com a *Modinha da Secia*, em que D. Joanna era consummada artista. Eliot rebentava de gaudio quando lh'a ouvia cantar. Foi elle quem pediu a *Modinha da Secia*, para alegrar as duas meninas, Leonor e Antonia, retiradas a um canto da sala.

A morgada pegou da violinha e garganteou mui affectada e tregeitosa as seguintes coplas que a musica, por ventura, fazia menos detestaveis:

Eu canto a Secia
Do rico, que é facecia
Quando falla de estalo
Na quinta e no cavallo,
Na opera e no jogo,
E, vomitando fogo,
Engole a quantos vê.
Porém, sabem porquê?
Por parecer que é muito,
Mas elle nada é.

O padre, que conhecia as trovas de as ter ouvido quinze annos antes em assembléas de loureiras, com que o famoso *Campolide* enviscava a roda dos rapazes dinheirosos, arrugou a testa, e volveu os olhos a Antonia.

A Caldeirona continuou, depois de preludiar no instrumento uns langorosos sustenidos que deviam de ser os requebros da guitarra fadista que as senhoras de hoje em dia fazem gemer:

Do peralvilho
É a secia, e do casquilho
Vestido de mil côres.
Na véstia fitas, flôres,
Peitos á franceza,
Gravata á ingleza.
Quasi descalço o pé.
Porém, sabem porquê?
Por parecer que é grave
Quem sabe que o não é.

Bravos do medico, rizadas das francezas, novo preludio com os ademanes do pateo das comedias, e a continuação:

Quem a Secia canta
Tem dôr de garganta;
E geme em falsete
E afaga o topête
E dá gargarejos
Que envolve em solfejos
Do seu *sol*, *fá*, *mi*, *ré*;
Porém, sabem porquê?
Por parecer de Italia
Mas ai que não é.

Ai! a secia do nobre
Desdenha do pobre
E diz: «fado meu!
Quem te conheceu
Como eu conheci
Mas porque então me vi
Hoje ninguem me vê!»
Mas sabem porquê?...
Por ter coração,
Percebe vossê?

Eis aqui, como amostra de prendas, a mão de verniz que devia polir a educação social da filha de D. Catharina de Castro.

Antonia Joaquina ouvira sem entreabrir um sorriso complacente a insulsa canção, e pela primeira vez observava os meneios lubricos de cabeça, braços e cintura que a desenvolta neta de Caldeiras e Caldeirões exhibia.

Desfeita a assembléa, disse o padre ao medico:

— Eu já ouvi aquillo cantado pela celebre Paulina da Madragôa, nas bachanaes da rua de S. João, em casa do Terra. Que magoa me faz vêr assim abatida a filha de Francisco da Veiga Cabral! (*Nota* 13.ª)

— Ah! portuguezes, portuguezes! — exclamou

Eliot — quem vos espanejára a poeira dos olhos! Vá a Pariz, doutor, vá a Pariz, e ouvirá as grandes damas da côrte de Luiz XV cantar tonilhos, seguidilhas de Hespanha, e dançar as mais libidinosas sarabandas!

— Não irei a Pariz vêr isso — volveu o padre — nem tampouco outra vez consentirei que minha sobrinha assista ás tramoias theatraes de D. Joanna. Não reparou que a menina parecia vexada?

— Se é tão innocente, quanto me persuado que é, não estava vexada. O vicio aborrece tão somente aos que o conhecem. Innocentissima é D. Leonor, e não se escandalisa de ouvir a irmã; pelo contrario, diante de pessoas intimas, dança um sarambeque tão boleado que é um encanto d'olhos.

— Feia, feia cousa, doutor! — recalcitrou o padre — Se a quer para esposa, vá-lhe jarretando essas tendencias para sarambeques.

— Não que eu quero esposa que me agrade e alegre — replicou o francez — Pessimo systema este dos maridos portuguezes! Tornam as esposas chumbadas, tristonhas e somnolentas como umas lerdas dispenseiras, por amor da moralidade; e vão-se gosar a vida com as amasias lestas, joviaes e espertinadas para toda a casta de brincadeira! Ora eu prefiro estar divertido com minha mulher a ir comprar os rizos e as folias a casa das meretrizes. Antes quererei que ella me salte o sarambeque e me caia nos braços suavemente cançada, do que me resmungue impertinentes queixumes quando eu me recolher alta noite com saudades de uma concubina fresca e alegre.

— Á franceza... — retorquiu Xavier.

— Vossês, os portuguezes, se farão francezes a final como o seu rei, que se veste, e come, e pensa, e ama á franceza.

— Assim será; mas eu quero que minha sobrinha

se eduque para marido portuguez. Heide procurar-lh'o em familia ainda illesa do contagio que por aqui nos deixou a de Saboya, a esposa dos dois irmãos. Ha ahi muito fidalgo que representa o velho Portugal, e vive sequestrado dos mananciaes da corrupção de Lisboa. O dote de minha sobrinha, cento e cincoenta mil cruzados, quando fôr conhecido, hade ter muitos competidores, e eu darei a preferencia aos titulares que vivem em os seus solares provincianos.

— A preferencia, meu amigo, será bom que a dê sua sobrinha. Não vá sacrificál-a a algum rabicho do tempo dos Affonsos que viva no seu paço solarengo da montanha com o capellão que lhe explica os animaes ante-diluvianos da sua pedra de armas, e apenas se deixa vêr do sol e dos feudatarios quando se embrenha pelos matagaes a matar porcos bravos. Cautela com esses casamentos calculados sobre ridicularias das gerações que pertencem á mythologia.

— Lá em França são as filhas que escolhem os maridos? — interrompeu o padre.

— Em França escolhe o coração das filhas, e a razão dos paes. Mal por mal, se a escolha do coração é errada, antes isso que a violencia imposta á filha na acceitação de um marido odiado. O que lá não ha é a crueldade de sepultar as filhas no claustro, onde ellas, muitas vezes, resurgem para a devassidão, e vingam-se dos paes e das leis, em nome da natureza ultrajada. O doutor Xavier deve saber muitas historias d'esta ruim especie...

— Porque m'o pergunta?! — acudiu o amante de Catharina.

— Porque sou o seu maior amigo, porque devia ser o seu mais intimo confidente. Seria possivel ignorar eu, o medico das mais gradas familias da côrte, o que é notorio na roda illustre em que floresceu o gentil Francisco Xavier? O que tenho feito, como

discreto respeitador de todas as dôres recalcadas no seio, é nem sequer dar vislumbres de querer violar o seu segredo. Qualquer homem vulgar me teria dado o prazer de consolar as lagrimas occultas da sua saudade; mas o sr. Xavier é tão extraordinariamente honrado e infeliz que nunca balbuciou o nome de Catharina de Castro, na effusão da sua dôr, com receio de que eu lh'a adivinhasse. Mas, pois que chegamos a este lance supremo de franqueza — proseguiu Eliot, abraçando-o — quando fallarmos de Antoninha, sem testemunhas, diga expansivamente: «minha filha».

O padre colheu-o calorosamente nos braços, e murmurou por entre soluços:

— Eu nunca poderia ser mais seu amigo do que sou n'este momento... Sinto-me menos só n'este mundo, desde que tenho um irmão a quem possa fallar em minha filha...

O lance de se reabraçarem seria virtualmente sublime da magestade dramatica, se no peito do francez não levedasse, n'aquelle instante, uma volumosa massa de infamia, cifrada n'estes algarismos: 150:000 CRUZADOS.

XXVI

Cresceu a preponderancia de Izaac Eliot no affecto e nas intimidades do padre. Conversavam até altas horas da noite. Xavier contou-lhe a historia dos seus antepassados desde Domingos Leite. Deliciava-se repetindo-lhe as miudas particularidades do seu amor a Catharina. Era eloquente e interessante, porque reprezára a exuberancia da sua magoa, desde que o irmão se fôra á India, e o conde do Rio se refuzava a escutar-lhe recordos peccaminosos.

Das confidencias do ex-varatojano passou Eliot facilmente ás da freira bernarda. O padre authorisou-o a declarar-se unico fiel do segredo, porque lhe era consolativo ouvir as phrases repassadas de saudade que D. Catharina dizia ao medico em resposta de outras que o medico inventava ou refazia. Mediante a intercessão do velhaco, obtivera a freira que a filha a visitasse semanalmente, acompanhada da sua aia, e algumas vezes tambem do medico.

A menina, sempre ignorante do segredo do seu nascimento, contava ingenuamente á freira o seu amor

a Josse Frisch, mostrava-lhe os versos e as cartas, chorava de saudades, e jurava professar n'aquelle ou em outro convento se Frisch não voltasse.

Mas bem sabia ella que o seu amado pensava em voltar. O boticario allemão do canto da Cordoaria todos os mezes lhe remettia cartas de Berlim, e recebia as respostas. D. Catharina admoestava-a a distrahir-se de cuidados ainda improprios dos seus poucos annos, e a precatar-se contra grandes penas, se ao tio repugnasse tal casamento; no entanto, a commiserada religiosa promettia-lhe empenhar o valimento do medico em abrandar o tio, quando fosse tempo.

Antonia dissuadia o intento da freira, desde que Eliot, alludindo aos seus amores infantis, apodára com remoques o poetastro allemão. E, afóra isto, nas idas a Odivellas, Antonia ouvira do medico expressões parecidas com as de Josse Frisch, quando elle, a mêdo, aventurava as primeiras balbuciações do galanteio. Esta segunda revelação affligia Catharina, prefigurando-lhe a desgraça da filha, se o medico a disputasse ao outro. Bem ou mal avisada, aconselhou á menina dissimulação, e artes de enganar, fingindo-se indifferente para o allemão, e desintendida para o francez.

N'este em meio, o cunhado de Leonor Caldeirão apertava o patricio a satisfazer os votos da noiva e de suas illustres manas; a menina, porém, ainda espicaçada pelos estimulos da necessidade, retrahia-se ás amabilidades do medico, vencida por instinctiva implicancia. Elle, a seu pezar, adorava-lhe o desdem, e a fidalga isenção na pobreza. Antonia, comparada a Leonor, no tocante a belleza, desmerecia muito; e, ainda nas finas graças da côrte, a palaciana Leonor avantajava-se muito. Se o confronto lhe fosse penoso, a filha de Catharina consolar-se-hia ouvindo dizer que a mais nova das Caldeironas era a mais formosa

menina de Lisboa, e que uma irmã de D. João V, indigitada a princeza mais linda da Europa, vendo Leonor, dissera que nunca vira viva nem pintada creatura tão perfeita. Mercadores opulentos e fidalgos alcançados pensaram na felicidade legal de se apossarem d'aquella joia: mas desviava-os a nomeada das irmãs, a entrada de forasteiros francezes e italianos na casa, e o viver um tanto airado e patusco d'aquellas abastardadas senhoras. Em compensação, o medico de mais voga, cavalleiro professo com tença, apparentemente rico pelo luxo da sege, da libré, dos pagens e das relações com a principal nobreza, era bom partido, e forte esteio á ruina suprema das tres senhoras desvalidas e do professor de equitação e esgrima sem discipulos nem poldros.

Todavia, o medico, pezando o encargo de uma familia affeita ás pompas e ao desconcerto, vergou um pouco; e, n'este dobrar-se, o coração premido deu de si o aleijão de comparar Antonia a Leonor, pondo no regaço da primeira, entre flores, cento e cincoenta mil cruzados, e no regaço da segunda, tambem entre flores, as aspides das irmãs. Nós gracejamos com o confronto; mas elle, quando se decidia por Antonia, ajoelhava mentalmente, pedindo perdão a Leonor. Não amava, sequer por amor ao dote, a filha do padre; mas cento e cincoenta mil cruzados, n'aquelle tempo, dotariam a esposa de um marquez; a assimilação d'aquelle thesouro infernou-lhe as vigilias; contava moeda a moeda de ouro até treze mil; emborcava a cornucopia fantastica, e via saltarem d'entre o monte do metal carruagens, palacios, deleites em refestelada ociosidade, viagens, ostentações no seu paiz, bailes, mulheres, os seus salões a desbordar de nobres, e elle mesmo, entre elles, nobilitado, e salvo dos enfados da

clinica, e do magisterio da sciencia no hospital real.[1] Eis aqui o que foi.

Mas o cunhado de Leonor importunava-o, já receoso que Antonia galvanisada a ouro deslumbrasse a peregrina noiva, e ao mesmo tempo esporeava a cunhada incutindo-lhe os seus temores. A menina, bem que beliscada no seu orgulho, ria-se, e votava aos deuses infernaes que lhe puzessem o noivo nos braços de outra. Izaac Eliot foi informado d'este voto pagão. Quiz dar explicações mentirosas das delongas no casamento. Leonor, amestrada pela mana que cantava a *Secia*, acceitou-as, approvou-as todas, dispensou-o de lh'as dar novas qualquer que fosse o seu proceder; e, para lhe mostrar que estava tranquilla, offereceu-lhe o pulso, e uma franca rizada, redopiando um dos passos mais tocantes do sarambeque. Estas evoluções trituravam os ossos do medico até ás medulas.

Por outro lado, Thomaz Darcet vingava-se do hypothetico cunhado sangrando-lhe as algibeiras com uns chamados emprestimos, e a mana Joanna e a mana Maria, sob pretexto de proseguirem na appellação dos pleitos perdidos, pediam com confiança, porque os interesses eram communs, sendo elle já contado como da familia e co-herdeiro nos bens litigados. Pois todos estes emolientes, capazes de deslaçarem as fêveras mais tensas do coração, eram improfiquos na tenacidade do medico. Leonor despreza-o, e não fingia o desprezo; e elle, duas vezes villão, nem se descravisava de uma, nem se affazia á idéa de prescindir dos cento e cincoenta mil cruzados da outra.

---

[1] Izaac Eliot, com outros cirurgiões, foram nomeados lentes para o curso de cirurgia, decretado por D. João v. Veja *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, pelo sr. José Silvestre Ribeiro, tom. 1.º, pag. 173.

E nunca nos seus balanços de fortuna interveio a conjectura de que o padre prescindiria do seu enlevo de casar a filha com um conde provinciano para lh'a dar a elle. Não sabemos quantos planos infames o dispensavam d'aquelle dado essencial. O seu unico impedimento era a paixão por Leonor, excruciante como a expiação, pezando-lhe sobre a alma como a forte mão de Deus que sustenta os incalculaveis mundos.

XXVII

Divulgou-se, ao mesmo tempo, que o medico francez não era cazado com a mulher inculcada e acceite em Lisboa como sua esposa; tanto assim que ia espozar-se com a opulenta herdeira do desembargador Paulo Xavier, e já havia posto a franceza em caza apartada.

As duas novidades alvorotaram algumas familias afreguezadas com o medico, e irritaram os peraltas ricos e ainda mais os pobres, espantados de que uma menina dotada de belleza, educação rara, e cento e cincoenta mil cruzados rarissimos, se enamorasse de um estrangeiro libertino e, de mais a mais, herege!

As portas das cazas honestas fecharam-se ao concubinario que ousára mentir á sociedade, abeirando das senhoras honradas a barregan. Fecharam-se poucas: tantas como hoje se fechariam. Ao mesmo tempo, os medicos e cirurgiões émulos do francez forjaram aleivosias e balélas que o leitor verá formuladas em poemas nas *Notas*, quando vierem de molde.

Eliot queixava-se do seu pagem valido Henrique Rutier attribuindo-lhe a vulgarisação intempestiva do projectado cazamento.

Era Henrique Rutier aquelle sujeito cuja destreza em esbofetear portuguezes o patrão gabava, quando ameaçou com um tagante o trino fr. André Guilherme. Trouxera-o assalariado de França, quando lá foi conquistar a fabulosa amante de um qualquer duque. Figurava trinta annos, era bem apessoado, e basofiava conhecimentos improprios da sua posição. O tracto mutuo de senhor e pagem mais parecia convivencia de amigos. O medico dava-se com elle mão por mão, segredava-lhe os seus projectos, emparceirava o nas barganterias arriscadas, gratificava-o liberalmente, e attendia-o como a pessoa mais pratica na pilotagem de mares aparcellados para quem navega com todos os ventos.

Rutier, com effeito, era um homem de procedencia limpa, que mudára de nome e terra para fugir com o pescoço ao carrasco. Em Perpignan o filho de um magistrado fôra condemnado á perpetua grilheta como falsificador de firmas. Depois, na evasão da galé, matára um guarda, e vingara escapar ás perseguições. Em Perpignan chamava-se Alexis Fabre, e em Lisboa Henrique Rutier. O medico encontrara-o homisiado na Picardia, despresado da familia, ás sopas de uns seus parentes, que o eram tambem remotamente do forçado. Offereceu-lhe passar a Lisboa; e, sob o titulo de pagem, mantinha-o no nivel de amigo e confidente.

Confessou Rutier que muito de industria espalhára a nova do intentado cazamento por dois motivos graves: primeiro, afastar as pretenções e esperanças das Caldeironas; segundo, publicar hoje o que seria necessario dizer ámanhã.

Izaac Eliot achou-lhe razão quanto ao fim; mas da sua paixão por Leonor gemeu umas lastimas tamanhas que o creado, n'um impeto de zelo, disse ao amo, sem previa licença e muito familiarmente, que era tolo, provando-lh'o com este argumento:

— Caze com a rica, e depois merque a pobre, percebe? Merque todas as Caldeironas, que ainda lhe ha-de sobrar dinheiro.

Esta idéa não era original. O amo já a tinha concebido; mas sonegou-a com tal qual vergonha do confidente.

A noticia do cazamento esvoaçou como se a fama enviasse uma circular a cada familia; e então, nas boticas, imagine-se que fallario, sendo n'aquelle tempo os boticarios a gazeta viva com tantos collaboradores quantas linguas refinadamente mordazes bandarreavam pelas esquinas das duas Lisboas, oriental e occidental.

O boticario, porém, que mais se impressionou com o boato foi o allemão Jacome Valebelt, medianeiro entre os amores de D. Antonia Xavier e Josse Frisch.

Ainda n'essa mesma semana tinha elle remettido á menina uma volumosa carta chegada de Berlim, e transmittido outra não menos compacta ao seu patricio. Raciocinou sobre o cazo, e conjecturou que a troca das ultimas cartas seria o rompimento dos amores, até mesmo pelo volume. Talvez, — inferiu elle — se dessem compridas explicações ou trocassem a mutua papelada. Em fim, o boticario, ouvindo os frequentadores e calando prudentemente o que podia depor na materia, aguardou o dia do proximo paquete.

Convem saber que o boticario da Cordoaria Velha odiava Izaac Eliot. Fôra o caso que o medico receitára um vomitorio manipulado por Jacome. Ora o doente esteve a pique de vomitar a vida. Chamado a toda a pressa, Eliot examinou a poção, e perguntou quem aviara a receita. Foi á botica e injuriou o allemão, chamando-lhe gran besta, e ameaçando-o de o accusar ao physico-mór do reino, porque elle na interpretação dos signaes indicativos das dóses confundira *onça* com *oitava*.

O doente melhorou com a descarga abundante, graças ao equivoco; mas o medico, d'ahi por diante, sempre que formulava para novo doente, recommendava que não se aviasse a receita na botica de Jacome Valebelt, que era um burro assassino. Vulgarisou-se o descredito do allemão, propalado pelo auctorisado medico, e por tal maneira que o pobre homem não vendia nada, e conservava apenas a freguezia do gamão e da maledicencia.

Cogitava elle em mudar de terra com as suas drogas revelhas e avariadas, quando o acaso lhe abriu ensejo de fazer-se necessario ao medico inimigo, e refazer a sua fortunasinha esbanjada.

Em tempo competente chegou carta de Berlim para D. Antonia Joaquina Xavier. O boticario reluctou com a miseria que o espicassava, antes de se render á ignominia; mas os credores afogavam-lhe os respiraculos da consciencia, o senhorio intimara-lhe a deslocação dos garrafões, do hervaçal secco que se pulverisava nas gavetas, e do S. Miguel do balcão que, já carcomido, com a balança na mão e um pé sobre o cornigero Lucifer, parecia dizer ao dono que as balanças eram as dos seus peccados, e que o diabo, apezar de esmagado no seu peito de páo de nogueira, o levaria mais dia menos dia.

Passava, uma tarde, o doutor Eliot na sua sege. Jacome sahiu á rua, fez signal de parar ao boleeiro; e, acercando-se da portinhola, segredou-lhe que tinha coisa que lhe dizer muito interessante á sua honra.

— Á minha honra? ! então que temos?— respondeu com sobranceria Eliot.

— Dil-a-hei quando vossa mercê se dignar vir a minha caza, ou consentir que eu vá á sua.

— Não duvido ouvil-o em sua caza. Vou ali ver o marquez de Tavora, e ao anoitecer aqui estou.

N'este momento, um negrinho da caza do doutor

Xavier parava na testada da botica, esperando que o boticario entrasse. Eliot, reparando no escravo, perguntou:

— Aquelle moleque não é aqui da rua do Outeiro?!

— Sim, senhor.

— Que vem aqui fazer á botica?!

— Vossa mercê o saberá logo.

Já os acicates da curiosidade espicassavam a inquieta curiosidade do medico.

Deu pressa ao lacaio, e despediu-se.

O negro ia procurar a carta de Berlim e entregar outra de sua ama. Jacome respondeu-lhe seccamente:

— Não ha carta.

O escravo, percebendo a dor que levava á sua senhora, encarou com amargurado espanto o boticario e murmurou:

— Não ha!?

— Não ha, já t'o disse.

Passados minutos, Izaac Eliot, que no pateo do marquez de Tavora recebêra a paga das visitas feitas, e ordem de não voltar, saltava da sege, mandava o bolieiro esperal-o ás Portas de St.ª Catharina, entrava na botica e subia ao primeiro sobrado da caza, seguido do boticario reverentemente mezureiro.

Sentou-se em um velho tamborête, e o boticario em pé, diante d'elle, tirou estas vozes do íntimo peito:

— Quizera eu, sr. doutor, offerecer-lhe uma cadeira digna; mas não a possuo. Algumas alfaias preciosas tive; porém, obrigado pela crueldade com que vossa mercê me desacreditou, vendi-as. Estou muito pobre, e os meus collegas, cuja ignorancia vossa-mercê protegeu, estão ricos.

Eliot, com a bocca escancarada de assombro e colera, interrompeu, erguendo-se:

— Então foi para isto?!

— Não, senhor, não foi para isto: queira sentar-se

e ouvir um homem que paga o mal com o bem, e que em troca do descredito que lhe deve, quer salvar a sua honra, ou proteger os seus interesses arriscados. Ouvi dizer que o sr. doutor casa ou pretende casar com a sobrinha do padre Francisco Xavier, a qual herdou de seu pae...

— Sim...— atalhou Eliot impaciente e aguilhoado pela desfeita que acabava de soffrer no pateo dos Tavoras — então que tem a dizer-me a tal respeito?...

— Que essa rica herdeira ama outro homem e é d'elle amada com o maior ardor e com a firme esperança de que hade ser seu esposo...

— Quem é?... o frade trino? — acudiu o outro turvadissimo.

Sorriu-se o boticario e respondeu:

— Não sei de que frade trino me falla vossa-mercê! Se eu lhe digo que a pessoa espera ser esposo de Antoninha Xavier, já vê que não se trata de frades, salvo seja!... O namorado, e invencivel rival do sr. doutor Eliot, é um joven prussiano...

— Frisch?

— Esse mesmo, Josse Frisch, filho do sapientissimo João Frisch, e elle mesmo poeta, grammatico, philosopho, etc. Já vejo que o conhece, e não lhe deve ser de todo estranho que a menina, ha dous annos, se a deixassem ou se elle tivesse o desembaraço de muitos e ella o de muitas, a esta hora estariam ambos em Berlim muito descançados, no goso dos cento e tantos mil cruzados do desembargador Paulo Xavier...

— Mas essas relações continuaram?! — replicou o medico, esbugalhando os olhos scintillantes de lumes felinos.

— Continuaram, continuam e continuarão, se...

— Como é que se correspondem? — atalhou Eliot.

— Carteando-se; pois como hade ser?

— Quem recebe as cartas? é o que eu pergunto.

—Eu. Recebo as d'elle e remetto-as a ella; recebo as d'ella e remetto-as a elle. Dito isto, é escuzado ajuntar que depende de mim continuar ou interromper o commercio epistolar d'estas duas avezinhas, que estão ganhando penna para voarem. Contaram-me que o sr. doutor ia casar com a herdeira. De mim para mim pensei eu logo: se o casamento depender da vontade d'ella, este boato é uma historia; e se o doutor Eliot, (disse eu na auzencia) está fiado em alguma promessa da menina, ella engana-o; e eu então, em paga do mal que me faz o doutor, vou desenganal-o para que se precate e combine as coisas de modo que a ave não bata as azas.

Demorou-se Eliot a mordiscar as unhas e a roer-lhes o sabugo, guinando feiamente os olhos de lado a lado.

Tinha meditado o que quer que fosse.

Depois, erguendo-se, apertou a mão de Jacome, e disse, sacudindo-lh'a:

— Obrigado. Serei grato ao seu avizo, remediando o mal que fiz.

—Saibamos então: —volveu o boticario—a ultima carta que recebi de Berlim posso dar-lhe o destino das outras, ou retêl-a?

— Ah! o sr. Jacome tem em seu poder uma carta de Frisch?—exclamou Eliot agitado por novo plano.

—Que chegou hontem; e tenho outra de Antonia que chegou hoje.

— Dá-m'as?

— Não, senhor: mostro-lh'as.

E, sacando-as da algibeira interior da vestia, accrescentou:

— Eil-as aqui.

Eliot conheceu no sobrescripto a letra de Antonia.

— Franqueza!—volveu o medico—Isto é um obzequio ou um negocio?

— Como?

— Dá-me essas cartas ou vende-m'as?

— Franqueza! Vendo-lh'as, sr. doutor, para me indemnisar das drogas que não vendo ha cinco annos, por causa da diffamação com que vossa-mercê me afugentou a freguezia. Quando um homem mente á confiança de outro, e faz isto que eu faço, é que a desgraça o aperta. Preciso dinheiro, mas pouquissimo em proporção do serviço que lhe faço. Quero um por cento.

— Não o entendo... Um por cento?! de quê?

— Se a namorada de Josse Frisch tem cem mil cruzados, eu receberei como gratificação de a desemcaminhar de Frisch para vossa-mercê, a centesima parte, mil cruzados, quantia inferior ás minhas perdas de cinco annos; mas bastante para mudar de terra e pagar dividas; porém devo estipular uma condição obvia: a minha percentagem entra em caixa quando as cartas sahirem da minha algibeira para a do sr. doutor.

— Ámanhã respondo — concluiu Eliot — mas considere o negocio tratado.

XXVIII

— As cartas por mil cruzados são baratissimas — encareceu Henrique Rutier batendo as palmas.

— Contando com a tua habilidade, que eu gratificarei com outros mil cruzados — accrescentou Izaac Eliot.

— Diga lá o seu plano a ver se concordamos.

— Concordamos sim, meu Henrique. Plano aqui ha só um: imitando a letra de Frisch, dirás a Antonia o bastante para ella se julgar esquecida ou desprezada.

— Isso! — affirmou Rutier.

— E imitando a letra de Antonia, dirás a Frisch que obstaculos insuperaveis a obrigam a casar á vontade de seu tio, *etc.*

—Tal qual. Cogitamos os dois pela mesma alma. Esse *et cœtera* é exclusivo do meu engenho. Se as letras se fingirem facilmente, discursarei a proposito dos deveres dos filhos e das sobrinhas. Elle dirá coisas sublimadas só inferiores ás coisas superfinas que ella hade expender.

—És o rei dos velhacos! — applaudiu o filho da sarracena batendo-lhe no hombro duas cariciosas palmadas.

O boticario, concluida a veniaga, renovou as drogas o os creditos, obrigando com supplicas o medico a restabelecer-lh'os. Eliot accedera aos rogos, que eram equivocas ameaças de desfazer a perfidia, avisando secretamente D. Antonia. Rutier aconselhava todas as concessões ao traidor em quanto o casamento se não fizesse e encarregava-se na extrema apertura de arpoar o segredo no bucho do boticario com duas estocadas. O certo, porém, foi que Jacome inventou por esse tempo um «unguento para inpingens de humor frio» e uns «rebuçados para obstrucções do bofe» com aprovação do cirurgião-mór do exercito portuguez e cavalleiro professo na ordem de Christo, o doutor Izaac Eliot, *bem conhecido da nobreza luzitana*, dizia o annuncio da *Gazeta*.

Ensaiando a mão primorosa na imitação das letras, Henrique mostrou ao amo a primeira prova. O medico hesitou em distinguir as cartas verdadeiras das imitadas. A dextridade do falsificador justificava a sentença que o condemnara a perpetua grilhêta nas galés de Toulon. «Mas—dizia elle com tal qual philosophia bebida nos phrenologistas—que culpa tenho eu, se a natureza me aperfeiçoou tanto a bossa?»

Resumidamente, das duas cartas, que serviram aos ensaios de Rutier e nortearam o plano de Eliot, constava que Jósse Frisch obtivera licença de seu pae e commissão da academia de Berlim para continuar em Portugal as suas investigações scientificas nas sciencias naturaes; não vinha, porém, a Portugal antes do anno seguinte, 1730, porque só então seu pae recolhia de suas renovadas excursões a Inglaterra e Irlanda. Esta carta denunciava propositos algum tanto arrojados e menos conformes ao conceito de perfeição que o douto progenitor formava da candura do rapaz. O intento de se casarem parecia materia deliberada. Deprehendia-se do phrazeado das duas cartas que a von-

tade do padre e do tutor seriam fraco impedimento ao santo enlace dos amores contrariados. Entre outras expressões usuaes da paixão vulgar, Jósse escrevera as palavras *rapto* e *fuga* com a desassombrada franqueza de quem cuida segredal-as á mulher amada e amante. Por sua parte, a menina, com raro resguardo em annos innocentes, omittia na sua carta o consenso em fugir; mas entregava-se ao destino, e fundava a sua confiança na cega fatalidade, accrescentando estas linhas:

.... Tenho tido afflicções, que me cortam o coração, desde que o medico me diz palavras semelhantes ás tuas, e se fica a olhar para mim muito firme á espera que eu lhe responda, ou a ver se me lê no rosto o amor que te tenho e a raiva que elle me faz. Tenho muito medo á amizade que o meu tio ganhou a este francez. É o seu unico amigo. Não está contente senão com elle. Em dia que o não veja ninguem o atura. Até hoje nada te disse a respeito do medico para evitar que te inquietes; nem te deves inquietar, meu amado Jósse; mas quero que lá saibas que eu vivo cada vez mais mortificada. O que me vale é o extremo carinho da freira que me dá esperanças e alento, promettendo-me a protecção que me daria a mais estremecida mãe. Contemos com ella: tambem te quer muito, por ver quanto eu te amo; e não devemos contar menos com o valimento da D. Paula, que faz o que quer com meu tio, não sei por quê. Oxalá que a tua primeira carta me diga que arranjaste modo de vir para Lisboa, com licença de teu pae. Se torno a vêr-te, meu Jósse, morrerei contente, se não puder viver feliz. Esta poesia que me mandaste mostrei-a á minha freira. Ella chorou, e disse-me que a faziam chorar os versos em que tu me figuras morta e vens chamar-me á sepultura. Que triste pensamento! Não penses desgraças tamanhas, meu amado Jósse!

*

Deus ha de permittir que me leves para o teu paiz cheia de vida e contentamento. Cedo ou tarde assim hade acontecer...

Este fragmento, encerrando o passado e o esperançoso futuro de Antonia, não podia ser mais explicito. Eliot colheu ahi bastantissimos elementos com que gisar o seu plano. Elle nos dirá opportunamente o itenerario que traçou em consulta com Henrique Rutier.

Entretanto, Antonia, assustada com a falta da carta, escrevia outra, e desopprimia-se a chorar na grade de Odivellas. D. Catharina fantasiava as consolações triviaes do costume; extravio no correio, ou retardamento na remessa; mas presagiava desastre. Ás pessoas que padeceram muito, avultam agoureiramente as desgraças alheias. Que diremos das mães na condição de Catharina?

O padre, apezar da perspicacia de pae aváro de sua filha, nem de leve suspeitava os designios do medico. A compostura respeitosa do francez na presença de Antonia era tanta, que Francisco Xavier, por vezes, reparando nos modos gélidos do seu medico e na gravidade da filha, dizia de si comsigo: «Parece que se detestam!»

Uma vez disse elle a Eliot:

— O doutor trata esta menina com umas ceremonias que já raramente se usam com as damas de idade madura. Olhe que ella fez ha poucos mezes quatorze annos...

— Mas como aos treze já amava, affiz-me desde então a consideral-a senhora — respondeu Eliot.

— Já amava! — replicou o padre em tom jovial — Não amava, brincava. O primeiro amor d'uma menina é a vingança de uns arrufos com a boneca; é uma diversão pueril. Os arrufos passam, e a menina volta ás suas bonecas.

— É coisa que sua... filha—perdão!— boneças é coisa que sua sobrinha nunca teve, desde que eu a conheço.

— Tem-as no espirito: brinca e folga com as suas fantasiasitas como nós os do sexo duro com os fantasticos espectaculos das nossas ambições de sciencia, riqueza, gloria. Creia que minha sobrinha está tão afastada da creancice do tal amor como eu estou corrido do cabedal que fiz d'essa rapaziada.

— É cêdo para se arrepender, meu caro amigo do coração ..—objectou o francez.

— Não gosto do ar com que me faz a advertencia, doutor! acudiu o padre desassocegado — Sabe alguma coisa?

— Do coração humano... bastante.

— E do coração de minha sobrinha?

— Quem conhece um conhece-os todos. As variedades são accidentes cazuaes das circumstancias. É o barro com diversas cores; mas tudo barro.

— Nada de figuras, sr. Eliot. Linguagem de amigo. Sabe se minha sobrinha se carteia com o allemão?

— Não sei.

— Qual é então a baze das suas desconfianças?

— O coração humano — insistiu Izaac.

— O sr. é especulativo da peor philosophia! Defendo minha sobrinha contra essa suspeita extravagante. Ainda que ella quizesse escrever ao prussiano ou acceitar-lhe as cartas, quem podia ser o medianeiro na correspondencia? As visitas de Antonia são as poucas que o doutor sabe; e não visita ninguem, salvo as religiosas de Odivellas. Quem lhe parece capaz de ser terceiro ou terceira na correspondencia? As irmãs de fr. André Guilherme? as Caldeironas? ou as freiras?

— Não accuso ninguem, sr. Xavier—retorquiu retrahindo-se Eliot—nem affirmo que a sr.ª D. Antonia se carteie com o poeta Frisch. Porém, se um dia o

acaso nos desenganar, recorde-se então de que eu, sem poder apresentar as provas, desconfiei que esta menina não brincava com o amor tão candidamente como com as bonecas...

— Pois bem...—concluiu o padre—antes que o desengano venha com providencias tardias, pensarei em casar Antonia. Verá quantos maridos da melhor nobreza se rivalisam... Corte-se radicalmente o mal, não é assim?

— O casamento forçado. .— gaguejou o francez —corta, mas radicalmente não. A mulher que ama outro... não leva em si, nem dá ao marido imposto, a felicidade.

Francisco Xavier ponderou as palavras de Eliot, e balançou a cabeça repetidas vezes, sorrindo.

— Ha no coração humano abysmos que o doutor ainda não sondou. Está muito novo, e viveu muito na Turquia, onde os pessimos costumes, pelos modos, estão armazenados nos harens; ao passo que em Lisboa andam por ahi ás soltas e a retalhos... As mulheres são varias. .

— Disse lá o meu Francisco 1.º, e accrescentou: muito tolo é quem se fia n'ellas.

— A inconstancia da mulher é uma das perfeições d'este planeta.

—Philosophia nova!

— Velhissima, doutor. A constancia degenera em tedio, e o tedio é o cancro que róe as frageis ligações do coração com a felicidade. A variedade remossa a alma, repovoando-a de imagens novas. Isto é tão antigo, que nem eu sei onde Ovidio e Horacio o acharam. Mas a minha questão, vista por outro lado, é menos antiga e mais moralisadora. Se não fosse a volubilidade das mulheres, quantos enlaces desgraçados produziria um imprevisto choque de olhos e corações? Quantos casos sabemos nós de donzellas que acceitaram

o convento como holocausto do seu amor contrariado pelos paes; e, á volta de poucos dias, acceitaram os maridos que os paes lhes escolheram? Que valêra a razão dos paes, se a paixão das filhas fosse rebelde e duradoura?

— Mas — atalhou o francez — se a inconstancia da donzella se continua nos habitos da esposa? ..

— Excepções não são argumentos,—replicou o padre — A depravação do adulterio é peste que lavra pouco em Lisboa. Os maridos portuguezes castigam briosamente.

— E são degolados ou enforcados, quando se vingam.

— Se matam mulheres innocentes...

— Seria innocente uma D. Ursula de Odivellas que foi encontrada com um frade trino?! —perguntou Eliot.

— Era; e, porque era innocente, o commendador Braz da Costa seu marido foi degolado.

— Ouvi dizer o contrario, quanto á candura da dama.

— Não lh'o digo eu, que mais ou menos conheci todos os figurantes d'essa tragedia, passada em 1710. Já lá vão vinte annos! parece que se passou hontem!.. Eu lhe conto: Foi meu contemporaneo no collegio das artes em Coimbra Antonio Coutinho de Lacerda, o mais bello rapaz d'aquelle tempo, e um dos mais antigos fidalgos d'este reino. [1]

Este moço amava D. Ursula Cezar, da arrogante prosapia dos Mascarenhas. Era filho segundo; mas esperava herdar os grandes haveres de seu tio D. José

---

[1] Era de Beja, filho de Romão Pereira de Lacerda e de D. Maria Antonia de Castro Coutinho, ambos de geração nobilissima Veja Fr. Jeronimo de S José, *Historia chronologica da esclarecida ordem da SS. Trindade e Redempção de Captivos*, etc. T, 2.º pag. 427.

Pereira de Lacerda. [1] Entre as duas familias estava pactuado o casamento, quando Ursula, vendo acaso, em Lisboa, Braz da Costa, capitão de cavallos, e galan de famosas aventuras, incovou a dignidade senhoril e a honra do juramento em uns abysmos do coração que o doutor Eliot parece desconhecer. Após a noticia da perfidia, o meu pobre amigo Antonio de Lacerda recebeu a segunda e mortal punhalada. Ursula casou, e Antonio de Lacerda morreu ao mundo vestindo o habito de frade trino. Depois embarcou-se para Argel a resgatar captivos, e por lá se ficou trez annos a servir os miseraveis no hospicio portuguez. No decurso dos trez annos, a perfida expiava duramente o seu desprimor de fidalga e de mulher transgressora de sagrados juramentos. O marido enfastiara-se d'ella até ao odio, e volvera-se ás suas affeições antigas que o repozeram na velha lebertinagem. Ursula comprehendeu que a sua desgraça era um castigo; queria morrer; mas pedia a Deus e ás pessoas compadecidas que lhe dessem modo de pedir perdão a fr. Antonio de Lacerda. Os seus proprios parentes, logo que os frades da Redempção recolheram, pediram instantemente a fr. Antonio que perdoasse a Ursula. Elle jurou pela cruz do seu habito que lhe perdoára no dia em que fez profissão. A enferma instou pela sua presença. Queria que elle visse aquellas descarnadas faces, aquelles olhos apagados, aquella transfigurada imagem do crime e da ingratidão. Esquivara-se ainda o frade, enviando-lhe por outrem palavras de muita caridade e esperança de ainda se recobrarem das penas da vida na gloria promettida aos que muito choraram. Instou de novo a inconsolavel e exasperada senhora. Moveu-o a authoridade do provincial fr. Antonio da Fonseca. Foi final-

[1] Que morreu cardeal em 1751.

mente á quinta de Odivellas, onde D. Ursula de Mascarenhas residia. Alvoroçada com a nova, a mulher de Braz da Costa, fiada na cavillosa auzencia do marido em Lisboa, sahiu a recebel-o na primeira sala. Não sei o que se passou n'aquelle conflicto. O que todos souberam foi que Braz da Costa assomou inopinado á porta da sala, quando a esposa estava de joelhos aos pés do frade; e, arrancando da espada, traspassou o coração de fr. Antonio de Lacerda. Ursula perdeu o alento. O marido ia matal-a, quando alguns parentes d'ella o investiram e desarmaram. Gritava o homicida que colhera de sobresalto os criminosos em adulterio; mas, D. Francisco de Mascarenhas, da casa de Obidos, que solicitara a vinda de fr. Antonio de Lacerda, e o acompanhára, amordaçou o aleivoso como se amordaça um molosso e levou-o de rojo até o entregar aos esbirros. A infeliz dama, recuperados os sentidos, e sabendo que o seu desgraçado amigo era morto, chamou os fidalgos e o clero da terra para que lhe ouvissem a sua derradeira confissão. E, com as avançadas da morte já a regelarem-lhe o peito, referiu tudo que provava a sancta innocencia do martyr. Ella rendeu o espirito a Deus no dia seguinte, e Braz da Costa sob-poz a cabeça ao cutello do carrasco quarenta dias depois: tão rapida correu a justiça de mãos dadas com a vingança publica. Aqui tem a historia do frade trino: é assim que o doutor a sabia?

— Pouco mais ou menos — respondeu desdenhosamente Eliot.

— Já vê que em Portugal...

— É preciso cuidado com o carrasco... e com os frades... — accrescentou o francez sardonicamente.

— Diz bem, doutor. Acautele-se d'elle e d'elles.

— Não terei contendas com tal gente por taes motivos. A mulher, que houver de ser minha esposa, hade ser honesta.

— Mas não preciza casar e matar os amantes de sua mulher. Basta-lhe publicar suas idéas a respeito dos frades... que dois carrascos lhe prometto eu á mingua d'um.

— A proposito de frades — volveu Eliot — que é feito d'aquelle fr. André Guilherme que abocanhava as Caldeironas?

— Está na provincia d'Entre-Douro e Minho pedindo esmola para a redempção dos portuguezes captivos em Marrocos.

— Admiro que não viesse despedir-se do doutor e de sua sobrinha!

— Não pôde. Recebeu á noite ordem de partir na madrugada do dia seguinte para a sua missão. Aqui tem a carta de despedida.

Eliot leu mentalmente: *Desculpe vossa mercê ao frade obediente a falta do amigo fiel, Á minha querida discipula envio uma saudade muito cordeal. — Fr. André.*

Fechou o francez a carta pelas dobras muito devagar e murmurou:

— Estes frades...

— Que tem estes frades?

— O imperio da melhor parte do mundo...

— Da parte mais alumiada do mundo, quer dizer o sr. Eliot.

— Não, senhor: da mais corrompida.

— Como assim? o que não dirão herejes!...

— O poder do clero agiganta-se ao mesmo passo que a depravação dos costumes professa ainda o terror do inferno — replicou enfaticamente o lutherano — Quando se apagar o inferno, extinguem-se os frades.

— Cuidado, doutor! — acudiu mais facéto que escandalisado Francisco Xavier — Não repita isso em presença do meu escudeiro, se me não quer dar o dissabor de o ver assar.

XXIX

Em Berlim e em Lisboa, simultaneamente, receberam Antonia Xavier e Jósse Frisch cada um sua carta.

A do prussiano era laconica. Principiava desculpando-se de não haver escripto no correio anterior; a sua dor fulminara-o. Explicando esta dor, compendiava em phrazes curtas e recheadas de interjeições, a violencia irresistivel que o pae lhe fazia, cazando-o com uma parenta rica de quem era tutor. Vaticinando o porvir que o esperava, sorria á Parca e a chamava como redemptora. Henrique Rutier, sabendo que Frisch era poeta, assentou que o termo genuino do caso e da pessoa era *Parca* em vez de *morte*. Izaac approvára o alvitre do pagem, laureando-o com uma gargalhada. Concluia, depois de algumas frioleiras usuaes collaboradas pelo medico, advertindo Antonia que não lhe escrevesse, porque já não teria tempo de receber em solteiro a sua resposta, e tão depressa casasse iria em commissão da academia á Escossia.

A carta ida de Portugal para Jósse Frisch era mais extensa, porque Antonia escrevia os caracteres

garrafaes da epoca, facillimos de imitar. Rutier, vaidoso do seu engenho, gosava em dobro o prazer de compor quatro paginas de má novella por avultada gratificação.

Falsificando, porém, o dizer singelissimo de Antonia, teceu um enredo com suas peripecias desgrenhadas de exclamações, de apostrophes, de raptos e até de monologos delirantes; mas a urdidura do entrecho não honrava a fantasia de Rutier, bisavô de alguns modernos romancistas do seu paiz. Seu tio (contava a menina em linguagem já plangente, já ramalhuda) desconfiado da continuação do seu amor, cuidára em lhe arranjar marido tão cautelosamente que ella — a infeliz! — vira pela primeira vez um fidalgo de Braga que ao mesmo tempo lhe era aprezentado como noivo. Desmaiára, dizia ella, e, tornando a si, exclamára as lamentações que reproduzia na carta com prodigiosa memoria. Eliot achara desnatural a reminiscencia dos clamores frazeados em conceitos e trocadilhos; mas Rutier, o auctor rebelde á rasão e á natureza, defendia a sua obra, desfazendo no gosto um tanto moirisco do patrão. E riam ambos, n'estas contendas do realismo contra a rhetorica, até lhes doerem as ilhargas.

Consummara-se a infamia.

Do effeito d'estas duas cartas diremos já a porção de angustia que coube á filha de D. Catharina de Castro.

Leu e não duvidou. Aquella era a letra de Jósse. O papel era diverso das cartas d'elle: mas semelhante differença despercebeu-a a alma attribulada na transformação da sua vida, no instantaneo anoitecer do seu dia apenas alvorecido. Foi ao mosteiro de Odivellas, mostrou a carta ás trez religiosas, que a confortaram: mas havia uma só que chorava com ella. D. Paula Perestrello e a irmã valiam mais como con-

soladoras. Ungiam-lhe a ferida do coração com os balsamos triviaes, incitando a a escolher novos affectos, picando-lhe o amor proprio, insinuando lhe o desforço do orgulho, encarecendo-lhe em fim a formosura e o dote.

— Se não tens um marido poeta — dizia soror Paula — terás uma coroa de condessa, minha filha!

— Quem diria que o tal fazedor de versinhos de pé quebrado havia de sahir-se assim como qualquer tendeiro bestial que casa com uma parenta endinheirada! — observava D. Maria da Luz, tentando a cura pelo methodo, ainda hoje vigente, de afidalgar as aspirações de Antonia.

Nada obstante, a bisneta de Angela, voltando para Lisboa, adoeceu, deitou-se, teve febre, e assustou o pae.

Ás carinhosas interrogações do padre nada respondeu que revelasse a causa da doença. Eliot assistia-lhe tão assiduo que Xavier, abraçando-o com o estremecimento paternal, exclamava:

— Salve-m'a, doutor, salve-m'a já que teve a crueldade de me não deixar morrer, antes que eu conhecesse... minha filha!

Era a primeira vez que o padre vencia, na presença do medico, o seu pejo de sacerdote e pae. Pediam perdão por elle as lagrimas que lhe derivavam nas faces.

Eliot receou pela vida de Antonia; mas, figurando-se a hypothese da morte, cogitou logo nova traça a respeito da herança do padre Xavier. A riqueza de Antonia podia e devia dar a felicidade a alguem, sem necessidade absoluta da vida de sua dona. Duas phrazes de Henrique Rutier esclarecem as hypotheses de Eliot.

— Dê-me algum papel escripto pelo homem. Quero ensaiar-me a tempo.

Pensavam em forjar o testamento do padre, se elle sobrevivesse á filha.

No entanto, Antonia Joaquina cobrou melhoras quando leu uma carta de soror Paula, avisando-a de que a sua amiga D. Catharina de Castro soffria por amor d'ella, tanto que se receava por sua vida. Galvanisou-a aquelle santo amor. Não conhecêra outro, desde que Paulo Xavier a deixára menina. O amor de Jósse Frisch era-lhe uma recordação infernal, um complexo de sentimentos em que sobresahia o odio.

O padre, quando a viu fora do leito, beijou as faces de Eliot, cingiu-o ao peito phreneticamente e exclamou:

— Devo-lhe a minha filha!...

— E eu devo-lhe um conceito que não mereço — disse cavillosamente modesto o doutor — Deus, sendo bom como é, não roubava a um pae tão extremoso uma filha tão amavel. Eu por mim não fiz mais que incutir-lhe no espirito a vontade de viver para amparo de seu tio.

— É um anjo! o doutor é um anjo!... — balbuciava o padre enxugando as lagrimas.

A importuna frequencia do medico irritava os nervos da convalescente. Por sua parte nada tinha que agradecer á medicina. Os remedios receitados por Eliot mandava-os ella emborcar na pia dos esgotos. Era-lhe odioso aquelle homem que, na ausencia do padre, e com a liberdade de medico, devassando-a nos segredos do coração, deixava a seu pezar perceber que os adivinhava; e ao espanto de Antonia respondia com algum galanteio d'esta especie boçal:

— O amor é feiticeiro.

A infamia bestificava-o, rosto a rosto da victima.

Cuidou Antonia que, refugiando-se na quinta de Camarate, descançaria da surda lucta da raiva em

que a punha o medico. Pensava que elle raras vezes iria ao campo.

Pediu ao tio que a deixasse ir para a quinta passar o verão. O padre condescendeu alegremente, inferindo da petição que as conjecturas de Eliot, quanto á correspondencia amorosa, desvaneciam-se de todo, pedindo-lhe a filha um viver ainda mais solitario e desatado de relações.

Em Camarate, aggravou-se a sombria tristeza de Antonia. Ás pessoas afflictas o silencio dos montes e dos arvoredos parece que lhes apura a sensibilidade intima quando a alma chora. A soturna mudez do céo e terra como que reveste de formas sepulcraes as saudades e esperanças. O decantado murmurio dos arroios e a toada murmurosa das selvas são phrazes gastas e desbotadas que já tiveram certa valia prosodica e bucolica nas pastoraes de Rodrigues Lobo e Alvares d'Oriente. Os desgraçados que se embrenham nas aldeias só lá encontram o refrigerio do anniquilamento, quando o enojo os dissolve.

Ainda assim, Antonia queria morrer n'aquelle ermo, e repousar no jazigo de Angela e de Francisco Mendes Nobre, seus bisavós, que apenas conhecia tradicionalmente de lhes ver os nomes no epitaphio. O padre, affligido, chamava Eliot todos os dias, embora conhecesse a repugnancia de Antonia. Vingava-se ella fugindo para Odivellas; porém Eliot, em nome da sciencia, induziu o padre a desconsentir n'esses longos passeios a cavallo que extenuavam a enfraquecida compleição da filha.

A prohibição authorisada pelo medico sobre-excitou Antonia. Subjugados os impetos da colera, tornou a febre, a pallidez, o quebrantamento. Amiudaram-se por isso as visitas do doutor, e renovaram-se n'elle os receios de que a enferma se consummisse na febre ethica. Ao mesmo tempo, Francisco Xavier queixava-

se de angustias no coração, turvações, ancias que o espertavam de noite suffocado pela tosse. Originava estes padecimentos em remotas dores moraes; porém, asseverava que uma noite, assistindo á filha, que dormia offegante, cuidou que ella estava na agonia da morte, e então sentira e ouvira estalar-lhe o que quer que fosse no coração. E desde aquella hora nunca mais descançara sobre algum dos lados.

Eliot deprehendeu que o padre tinha lezão grave, denunciada no pulso.

Por esse tempo, perguntou o medico a Henrique Rutier:

— Como vão os ensaios?

— Bem: e como está a môça?

— Mal, e o pae peor.

— Pois, a respeito da letra — tornou o pagem — não lhe dê cuidado. Trate o doutor de arranjar o rascunho de testamento, e veja lá como faz isso, percebe? Olhe que a minha perdição devo-a á bestialidade de um herdeiro; mas o parvo foi tambem condecorado com a grilhêta. Veja lá isso de testemunhas e de tabellião como se faz. Será bom que o padre faça um testamento, e que o doutor seja o encarregado de o apresentar. Depois, passe-m'o legal, que eu o tornarei legalissimo. Cautela! Olhe que na Ribeira das Náos tambem ha grilheta...

XXX

Por este tempo recolhia ao seu convento o sobrinho de D. Feliciana com as esmolas colhidas Entre-Douro e Minho para resgate de captivos. O padre redemptor fr. José de Paiva, mui affeiçoado ao virtuoso André Guilherme, pedira ao provincial que lhe cedesse como companheiro á moirisma aquelle operario de vontade fervorosa e forças juvenis que o adjuvassem na sua cansada velhice.

Deferido o requerimento, o mestre de Antonia apenas poderia deter-se oito dias na capital, em quanto se aprestava para a viagem a náo de guerra Nossa Senhora da Lampadosa.

Visitando a mãe e as irmãs, soube que o padre Francisco Xavier e a sobrinha passavam o estio em Camarate, por causa da enfermidade de Antonia, que não promettia longa vida. Uma irmã de André, casada com um abastado mercador chamado Alberto Borges — e a mais intima de Antonia — segredou ao irmão uma historia de amores, como origem da doença.

— Deve ser perigosa doença quando se tem o co-

ração bem formado — observou o joven trino profundamente recolhido. — Irei vêl-a ámanhã. Tens lá ido com tuas irmãs?

— Algumas vezes, desde que as Caldeironas deixaram de ir; mas o medico francez, que lá está sempre, mostra-nos tão má cara que meu marido a muito custo me deixa ir, e nossa mãe desgosta que as filhas solteiras lá vão. O tal Eliot dizem-se por ahi d'elle horriveis coisas...

— Deus sabe o que é verdade — atalhou fr. André.

— E não corre por ahi que elle casa com Antonia?! Será possivel?

— Nem sequer é extraordinario.

— Um homem que andava ahi a passear na corte com uma concubina...

— Assim dizem; mas não repitas os boatos que correm á conta do francez. É caridade ouvir em silencio, e pedir a Deus que encaminhe os transviados...

— Então já sabias que aquella franceza não era mulher d'elle?

— Não sei nada ao certo, minha irmã. O que me dizes da doença de Antoninha peza-me muito; mas se tão cedo os desgostos a mortificam, bom será que o Senhor a chame na idade dos anjos.

Quando fr. André transpoz o portão da quinta chamada «dos Nobres» estavam o padre, Antonia e o medico no patamal da escadaria á hora de sesta.

Eliot viu-o primeiramente, e disse:

— Holá! temos frade!...

Antonia, como nunca vira André Guilherme com habito, e a distancia era grande, não o reconheceu logo; porém, tanto que Francisco Xavier conjecturou quem fosse o frade, a doente ergueu-se de golpe, galgou os degráos, e correu ao encontro de fr. André com as faces rutilantes de jubilo febril. Ia abraçal-o, quando elle a susteve tomando-lhe as duas mãos; e,

abaixando-as com branda violencia, disse com a voz tremula de commoção:

— Como está senhora perfeita a minha discipula!... Cuidei que vinha encontral-a enferma!... Louvado seja Deus, as cores são excellentes; e quem assim corre decerto pode fugir á doença!

— Venha de lá esse abraço, sr. frei André! — exclamou o doutor Xavier descendo a coxear alguns degráos para recebel-o nos braços.

O trinitario abaixou a cabeça a Eliot, que lhe correspondia com certo geito de gravidade mais offensiva que o menos preço. E afim de lhe patentear sem demora a sua desconsideração, Eliot, estomagado ainda por amor das Caldeironas, despediu-se logo, relançando-lhe um olhar de través.

O frade não pôde reter um gesto de espanto quando viu de perto o aspeito doente e livido do padre.

— Tem padecido, sr. doutor?! — perguntou elle.

— Bastante desde que a nossa Antoninha soffre; mas o doutor Eliot não faz grande cazo d'isto. O que é, está aqui; e, a fallar verdade, não está em bom sitio... — e, dizendo, apontava o coração, e tirava a custo respirações fundas — Ponto é que a pequena se restabeleça, que eu, á proporção que ella for ganhando a antiga saude, irei tambem arrijando.

— E a menina que soffre? — voltou o frade — As côres são tão boas!... Que lhe doe, sr.ª D. Antonia?

— Nada... — respondeu ella, sorrindo d'aquelle triste modo que tem os risos, se as lagrimas ao mesmo tempo ressumam nas palpebras.

E ficaram largo espaço silenciosos. Antonia voltára o rosto para esconder as lagrimas. O padre lia no semblante compassivo de fr. André o mesmo receio que o excruciava, quanto á doença fatal da filha.

— Vamos para dentro que o calor aperta — disse Francisco Xavier, movido por subita idéa.

*

Antonia seguiu-os; e, quando elles começaram a fallar da proxima sahida dos trinos á redempção dos captivos em Mequinez, a menina sahiu para avisar a dispenseira de que havia um hospede...

— Hospede por trez dias; não sou um simples hospede de um jantar — ajunctou fr. André Guilherme.

— Sim?! — exclamou Antonia — Graças a Deus que vou ter trez dias alegres no campo!

Quando voltou, o quarto do padre estava fechado por dentro, e fr. André com elle em conversação de que apenas se ouvia fora um murmurinho.

Estava Xavier contando a fr. André o cazo amoroso de Antonia com o filho do protestante João Frisch. Contava o que sabia, que era tão somente o exordio da historia; mas presumia sabêl-a toda, excepto a impressão que o prussiano deixára na alma da filha.

— Não sei; — ajunctava o padre — mas o doutor Eliot dá-me a entender que o amor da pequena foi mais grave do que eu pensei, e deixa-me suspeitar que ha ou houve correspondencia... Eu não posso acreditar que uma creança tivesse coração capaz d'um amor serio nem força para se rebellar contra a minha vontade.

— Mas que rebellião houve?

— Que houve? ora imagine uma correspondencia... talvez um plano de se casarem contra minha vontade, quando ella for maior ou eu descer á sepultura...

— Isso não é rebellião! — contrariou o frade.

— Não é?!

— É submissão.

— Fr. André continua a exercitar o seu engenho no sophisma da aula de philosophia? — perguntou Francisco Xavier entre risonho e agastado.

— Não, senhor; eu professo a verdade do sentimento e a da expressão. Se a sr.ª D. Antonia se re-

bellasse contra seu tio, não esperaria pela maioridade, nem pela morte d'elle. Tem quinze annos, tem um patrimonio indisputavel, e tem a lei que em Portugal franqueia facilmente a evasão das mulheres que escolhem maridos repugnantes aos paes ou tutores.[1] E, pois que a sr.ª D. Antonia continua submissa a seu tio, não se rebellou — submetteu-se. Se vossa mercê chama rebeldia á paixão paciente e muda que se entranha e chora, desacerta a palavra, ou quer ser nos actos moraes de sua sobrinha uma segunda consciencia. A sr.ª D. Antonia, se padece por amor de alguem, e em silencio devora a sua saudade, é um raro exemplo de obediencia n'esta cidade onde todos os dias voga a noticia de um casamento judiciario.

— Mas o receio que me atormenta hoje é . . . perdêl-a, fr. André! . . . perdêl-a . . . ou m'a leve um marido, ou a morte! . . . Faça-me um favor . . . Arranque o segredo ao coração de minha . . . sobrinha . . . saiba o que é que a mortifica e . . . desengane-me.

— Não me pede um serviço honesto, sr. doutor Xavier — disse com urbana austeridade fr. André — Nada perguntarei a sua sobrinha do fôro intimo. Isso pertence ao seu director espiritual, e ainda assim com rezervas que respeitem a inviolabilidade de terceiros. Se a sr.ª D. Antonia, que eu preso como as minhas irmãs, me disser o que vossa mercê ignora, o sr. Xavier continuará a ignoral-o, salvo se a revelação

---

[1] «A lei em Portugal permitte ás donzellas casarem-se a bel prazer; de modo que um plebeu, se uma senhora da primeira plana lhe promette casamento, póde espozal-a apezar dos paes; ponto é que a menina não rôa a palavra... O processo é este: o pretendente expõe o seu direito ao Vigario geral; este manda comparecer a noiva em sua presença; e, se o que ella diz friza com a exposição do noivo, recebem logo ali licença de se casarem.» *Description de la ville de Lisbonne. A Paris,* 1730.

denunciar um perigo que eu só por mim não possa remediar.

— Pois bem, sr. fr. André Guilherme, faça de conta que ella é sua irmanzinha. Aconselhe-a, desfaça-lhe as chimeras perigosas. Lembre-lhe que é muito rica...

— E que importa ser muito rica?

— Importa que eu medito dar-lhe marido de familia illustre, abrir-lhe as portas de todas as casas onde a vida se passa alegremente.

— A felicidade não é isso — replicou fr. André — Vossa mercê por ahi andou, e sahiu de lá desgraçado. Eu não direi a sua sobrinha que é rica de dinheiro em quanto ella me parecer rica dos thesouros da virtude. Perdidos estes, dir-lhe-hei então que é rica da moeda com que se podem resgatar culpas convertendo-a em remediar desgraças alheias, estancar lagrimas, fechar abysmos para os quaes a desesperação arremessa muitos criminosos.

— Ó fr. André — atalhou o padre — conversemos um pouquinho mais humanamente. Não vamos n'essa toada dos Exercicios espirituaes do padre Affonso Rodrigues da Companhia. Eu desejo que minha sobrinha seja virtuosa; mas não pretendo encarreiral-a no beaterio. Quero-a boa para o proximo; porém desvial-a-hei de se immolar ao remedio dos outros, privando-se das regalias do seu patrimonio. Que pensava o sr. padre fr. André?... que eu folgaria de ver os bens de meus passados ahi convertidos por minha sobrinha na fundação de algum convento de freiras? Não, senhor. Protesto contra quem lhe incutir semelhante desperdicio de juizo e de dinheiro...

— Vossa mercê é que está desperdiçando palavras... — contestou fr. André com o rosto jovialmente socegado — Eu não aprovo nem reprovo que a sr. D. Antonia funde mosteiros de religiosas; mas repro-

varia (se me dessem ousio para tanto) que ella fundasse uma familia irreligiosa e eivada de origem ruim. Como vossa mercê me disse que lhe procura marido illustre afim de lhe abrir as portas da alegria, eu hesitei — mas não o disse — em dar como acertada a escolha de um marido fidalgo, posto o intento simplesmente na vida alegre que vive a nossa fidalguia no tempo actual. Se vossa mercê me dissesse que procurava para sua sobrinha marido virtuoso afim de a felicitar com os contentamentos da virtude, um tal proposito parecer-me-hia melhor escolhido...

— Quer então que eu vá a Lisboa com a lanterna de Diogenes?...

— Não, senhor. Parece-me, porém, prudente que vossa mercê não se apresse a procurar marido ás escuras, abrindo concurso a oppositores á posse do patrimonio de sua sobrinha. Affirmo-lhe que Diogenes, se voltasse hoje ao mundo, apagaria a lanterna como coisa inutil. Queira dizer-me, sr. doutor Xavier: descobriu más qualidades n'esse estrangeiro que sua sobrinha amou? Seria indigno d'ella? Quem sabe se a felicidade, que este mundo pode dar, a daria elle á sr.ª D. Antonia?

— Essas perguntas não me parecem suas! — atalhou o padre — Estou espantado, fr. André Guilherme! Que quer concluir?

— Concluo, sr. doutor, que seria prudente indagar se o estrangeiro é honrado, se sua sobrinha o ama, se elle merece tal amor; e depois...

— E depois?!...

— E depois... deixal-os casar.

— Está muito verde! — exclamou o doutor disfarçando a zanga com uma risada aspera — A final, frade! completo frade! Os senhores formam lá na sua imaginação um mundo para o seu uso particular. Já por lá andei, já por lá andei, padre André Guilher-

me!... Isto cá, fóra dos umbraes do mosteiro, é outra vida; as coisas configuram-se de outro feitio. Ninguem dá uma menina com cento e cincoenta mil cruzados a um valdevinos que se viu duas ou trez vezes, e teve artes de captivar um coração innocente com versos. A moda dos Macias namorados não pega segunda vez. — E cessando de rir, proseguiu: — Mas, falle-me serio, fr. André! Acha que eu devia privar-me de Antonia, dar-lhe o seu dote, e entregal-a assim ao filho de um sacerdote calvinista, vêl-a ir para a Prussia, e... adeus... lá vai... acabou-se! Isto depois de tocar as fronteiras da velhice, sem ter tido mocidade, sem ao menos ter conseguido ser amado d'esta creatura, que tem sido o flagello do meu coração, como o sr. padre André Guilherme sabe! Ora, pelo amor de Deus! Não é forçoso que os desgraçados sejam tambem parvos. Seria estupida e criminosa tolerancia deixar-me eu ir a sabor da vontade de uma rapariga que se apaixonou pelos sonetos e pelos cabellos louros de um forasteiro! Casal-a! essa é boa, sr. fr. André! Dar uma menina formosa e um saco de ouro ao primeiro adventicio!... Ainda não endoudeci!... Se ella endoudecer, a minha obrigação é medical-a, não é casal-a... Mas não tenha medo da loucura de Antonia. Está curada... Se soffre, não é d'isso; é porque a sua compleição é fraca. Não come nada, nem obedece ao medico... Quer morrer! morra muito embora, que morto estou eu já, e mais me peza sobre o peito o futuro d'ella do que hade pezar a pedra da sepultura...

N'esta variação de expressões agora magoadas logo ironicas, umas vezes envenenando o sorriso, outras embebendo as lagrimas no lenço, discursou largo tempo o doutor Francisco Xavier sem ser interrompido. Fr. André escutou-o com os braços cruzados so-

bre a cruz escarlate do habito branco, até que elle concluiu d'esta forma:

— Em fim, meu amigo, converse com Antonia, aconselhe-a, sonde-lhe o coração, veja se lá descobre o que ella esconde de mim como da mais indifferente pessoa do seu conhecimento. Se o sr fr. André Guilherme a encontrar disposta a acceitar esposo, eu lhe darei azo de o escolher entre os que mais podem lisonjeal-a...

— Não é de esperar — disse o trinitario — que os pretendentes se offereçam á eleição do sr. doutor Francisco Xavier e da noiva quando é fama que o cirurgião Eliot, que se suppunha casado, será o esposo da sr.ª D. Antonia...

— Isso não tem fundamento nenhum — contraveio o padre nada irritado e ligeiramente admirado do boato — O doutor Eliot nunca pensou em tal casamento, nem eu, nem minha sobrinha. Esses planos não se escondem nem disfarçam; nem o meu presado Eliot, que é a honra em pessoa, ousaria calcular as occultas de mim. Elle sabe que eu o preso tanto que lhe não levaria a mal apaixonar-se pela sobrinha do homem que lhe deve a existencia. Alem de quê, tenho observado que o doutor com Antonia é serio como um severo parente, e ella por sua parte, se o não aborrece, decerto o não ama. Como estas fabulas se inventam em Lisboa!... Talvez lhe dissessem, fr. André, que o Izaac Eliot quer casar com a Leonor Caldeirão... D'essa sei eu que está elle captivo e enfeitiçado; e razão tem, se a formosura é bastante razão para que os homens desnorteem e naufraguem no casamento... Pena é que aquella tão linda menina seja irmã das outras .. Foi d'ella provavelmente que fr. André ouviu fallar, ou quem lh'o disse trocou o nome de minha sobrinha pelo da outra...

— É possivel — condescendeu fr. André Guilher-

me — todavia, não é natural que diversas pessoas se enganassem juntamente. Entretanto, sr. doutor, se um dia Izaac Eliot lhe pedir sua sobrinha, rogo-lhe com as mãos erguidas que... não lh'a dê.

— Por que me diz isso com tanta vehemencia? — acudiu o padre.

— Se eu não sei dar a razão por que o sinto, mal poderei dizer-lhe a razão por que lhe peço que não case Antoninha com Eliot.

— E deu a entender ainda agora, que a desse ao prussiano!... Não o percebo!.. Fr. André tem ares de vidente; e, se vae n'essa esteira, perde-se nas restingas da visionice!... Meu fradinho, não adelgace tanto o espirito! Lembre-se que a carne é trez partes da natureza humana...

André Guilherme, contemplando serenamente o exvaratojano, disse entre si:

— Se Deus é misericordioso com as irritações dos grandes desgraçados, com que direito lhe perguntarei eu se perdeu o juizo?

XXXI

Depois de jantar, o filho de S. João da Matta, emboscando-se com Antonia na floresta da quinta, pediu-lhe que contasse como a um irmão extremoso as suas magoas, se sentia necesssidade de conselho ou de consolação.

A menina principiou com a eloquente e intima confissão das lagrimas.

— Assim, não quero, Antoninha — disse o padre — Chorar choram as peccadoras; a innocencia ignora, não pecca. Antonia quer dizer-me que ama um mancebo extrangeiro, contra vontade de seu tio. Deseja esquecêl-o, e não pode...

— É verdade... — interrompeu Antonia soluçante — não posso esquecêl-o, e... tenho-lhe odio... por que me enganou... vilmente.

André Guilherme estremeceu, fez-se livido, e articulou suffocado:

— Como?... Enganou-a!... que diz, Antonia?!

O frade entendera a palavra com a intenção que usa dar-lhe a mulher do povo — expressão simples que significa a deshonra com que a infamia paga a confian-

ça em uma promesssa. A filha de Catharina ignorava o sentido triste e plebeu do vocabulo, e era justo portanto o espanto que lhe fizera a desfiguração, o spasmo, o anceio interrogador do seu querido mestre.

E quando elle, aturdido com o silencio de Antonia, repetiu:

— Enganou-a?... pois a menina...

Ella, sem ainda comprehender a agitação do frade, ampliou o queixume:

— Jurou que eu havia de ser sua esposa, jurou-m'o pela alma de sua mãe, e mentiu cruelmente...

— Mas... — redarguiu o trino ainda incerto e embaraçado na delicadeza da investigação — essa promessa era feita de viva voz ou por cartas?... Conversavam e carteavam-se?

— Sim...

— Conversavam... onde?

— Na sala das visitas.

— Quando seu tio sahia?

— Nunca lhe fallei senão na sala em que estava meu tio.

— Ah!... — exclamou fr. André Guilherme, com tal impeto e desafogo que a exclamação parecia um grito de jubilo.

E, voltando ao seu natural meigo e ao mesmo tempo circumspecto, proseguiu:

— E razões fortes teria esse rapaz para violar o sagrado juramento por alma de sua mãe? Seria obrigado pela auctoridade do pae? Que motivo deu elle?

Antonia tirou da algibeira da saia de setim branco matisado de flores um masso de cartas e disse lagrimosa:

— Aqui tenho as cartas todas e os versos. A ultima que recebi é esta — e entregou-lh'a.

Leu o moço frade a carta falsificada por Henrique Rutier, e disse:

— Este homem amal-a-hia, Antoninha? Veja lá que não se illudisse, menina...

— Porque? — interrogou ella com espanto.

— Acho esta carta escripta com extraordinario juizo. As pessoas que amam raciocinam menos discretamente. Verdade é que elle por aqui falla na *Parca;* — proseguiu o frade, sorrindo, em quanto no espirito attento de Antonia raiava uma luz que ao mesmo tempo lhe alumiava o entendimento e queimava o coração. — Porém que medo ou desejo póde ter da morte este prudente moço que não só deixa de casar para obedecer ao pae, mas tambem não quer que as cartas de Antoninha vão perturbar a sua felicidade, e para isso recommenda que não lhe responda? Menina, este homem não lhe merece as lagrimas, nem as saudades. As paixões infelizmente podem mais que os deveres. Se Josse Frisch — continuou o padre fr. André, lendo a assignatura da carta — em vez de obedecer a seu pae, resistisse rebeldemente, e escrevesse n'este papel injurias contra a tyrannia paterna e arrebatados protestos de eterna firmeza no seu amor, então, Antoninha, dir lhe-hia eu: «Este rapaz não é bom filho, porque desobedesse; mas póde ser bom esposo, porque ama.» Porém, á vista d'esta carta, não hesito em lhe affirmar que a pessoa que isto escreve era um impostor quando lhe escreveu outras com fingida sensibilidade.

Fr. André Guilherme, convencido das razões que expunha e da conveniencia d'ellas, demorou-se escogitando todos os argumentos no proposito de principiar assim a alliviar as magoas da saudade, chamando a dor ao amor-proprio. Entendia assim o esperto frade que as doenças da alma ganhavam com o systema derivativo dos vesicatorios nas dores do corpo.

A supposição sahiu-lhe bem lograda. Antonia replicava-lhe com as poesias e as cartas anteriores á ul-

tima. Das poesias, posto que bem feitas, ria delicadamente o frade, como sempre riram, e hãode rir, em quanto o mundo fôr mundo, todos os frades e leigos e até os proprios poetas chamados a julgar pleitos de amor sobre taes documentos. Quanto ás prozas, dizia o mestre de Antonia Xavier que eram escriptas com a mesma penna que rabiscára os poemas, e mereciam egual credito, desde que o poeta se desmentira na ultima carta, que era a primeira sinceramente escripta.

Quando Antonia defendeu derradeiramente a sua saudade com o argumento das lagrimas, frei André recorreu ás consolações religiosas, contando com o triumpho n'esse campo. A menina, percebendo o pensamento do seu mestre imperfeitamente, disse que de muito boa vontade iria professar em Odivellas.

— Não lh'o aconselho — contestou fr. André — A menina cuida que eu lhe lembrei a religião dos mosteiros como remedio á sua dor; não, Antoninha: a religião que lhe aconselho é a de nosso Senhor Jesus Christo; é a religião que se exercita no seio da familia, na obscuridade do lar domestico, na dedicação ás pessoas que nos amam. Se Antonia tivesse mãe e pae não praticaria o desamoravel acto de os deixar e fazer-se freira, vingando-se n'elles da ingratidão desse extrangeiro. Não tem paes, mas veja que está ahi seu tio, com o coração cheio de amor de pae e de mãe...

— É verdade... — balbuciou Antonia.

— E que semblante desfeito e doente lhe encontro! Seu tio parece-me muito ameaçado do proximo fim!...

— Disse-me o doutor Eliot que meu tio pode morrer de um momento para o outro por causa de uma lezão no coração. Choro com pena d'elle, porque já me disse que sentira formar-se a lezão, que o hade matar, uma noite que passou á cabeceira da minha cama, e cuidou que eu estava em agonias da morte.

— Ahi tem forte motivo e sagrada obrigação de não affligir seu tio...

— Mas... — contraveio Antonia — o que eu queria era que meu tio me não fallasse em casamento. Já tres vezes me disse que era tempo de tomar estado, e que me hade arranjar um marido muito fidalgo, e que eu heide ir á côrte... Quando lhe ouço isto...

— Que lhe responde?...

— Choro; fujo de ao pé d'elle, e perco-lhe a amizade.

— Não tem razão — redarguiu o frade com um severo artificio, porque reprovava o casamento *arranjado* com perspectivas de fidalguia e côrte, e reprovava tambem que Antonia por tal motivo desamasse seu tio.—Não tem razão para perder a amizade que deve a um segundo pae, ainda que elle forme da felicidade idéa raras vezes exacta, cuidando que a fidalguia e a côrte dão as alegrias honestas e moderadas, unicas ainda compativeis com os costumes do nosso tempo. Seu tio, quando houver de a casar, não hade obrigal-a a ver pelos olhos e a sentir pelo coração d'elle. *Arranjar marido,* é um modo de fallar. Quer dizer que hade promover o seu casamento, Antoninha, admittindo a sua caza pessoas dignas; e eu tambem me inclino a crer que as mais dignas serão as que por serem de origem nobre houverem recebido melhor educação. A classe mecanica tem honrada gente; mas Antoninha, na convivencia das senhoras de Odivellas, ganhou uns costumes e gostos que sem violencia não podem quadrar com o viver da gente media. Alem d'isso, a sua educação formou-lhe de certo modo o espirito; e o seu grande patrimonio dá-lhe direito a não procurar a felicidade nos bens da fortuna do marido.

— Mas eu não posso ficar solteira? — replicou

Antonia com a simplicidade do coração de quinze annos — Diga ao tio que me deixe assim ficar . .

— E, se seu tio morrer?... — atalhou com debil argumento o frade.

— Se meu tio morrer, ficarei solteira na minha caza. Todos me dizem que sou rica... Então quem é rica por força hade casar-se?! Isso é quererem que eu dezeje ser pobre, para me deixarem em paz... Mas se eu fosse pobre haviam de querer casar-me então com algum homem rico... Emfim.

O frade sorriu ao dilemma da discipula, e não lh'o refutou porque respeitava a logica, e odiava o sophisma.

E, conversando pouco depois com o doutor Francisco Xavier, repetia-lhe a argumentação de Antonia, e dizia lhe:

— Deixe-a estár solteira.

— Á espera do prussiano?

— Não se falla do prussiano... .

E referiu-lhe o contexto da carta, asseverando-lhe que não havia que recear do extrangeiro.

O padre exultou; mas energicamente impugnou que Antonia professasse, ou sequer entrasse em mosteiro como secular.

— Os conventos — exclamava elle — são academias de corrupção. São prostibulos! Fr. André Guilherme, quando ensinava minha sobrinha, quiz obstar que ella fosse a Odivellas com sua tia; recorde-se...

— Sim, senhor.

— E então? por que era?

— Porque aos parlatorios dos mosteiros concorrem brilhantes vadios e libertinos que empestam o ar d'aquellas casas. Eu não quiz insultar as religiosas que ali vestiram forçadas o habito com a condição de o mancharem e rasgarem quando quizessem, em despique da violencia que lhes fizeram. Sei que muitas

para ali entraram innocentes e lavadas em lagrimas; porém, como a mortificação não lhes estava no seu natural, enxugaram as lagrimas, e arrancaram da fronte as duas coroas de virgindade e de martyrio. Ellas, qualquer que seja o seu desastre, são sempre desgraçadas com direito á desculpa; mas quem não deve esperar perdão de Deus são os homens que lhes levam os engodos da perdição... e...

— Cale-se, frei André! — bradou o antigo amante de Catharina estendendo o braço até lhe tocar os labios.

N'este lance, o frade trino retrahiu a sagrada colera, e compadeceu-se do homem que vituperára de academia de corrupção e prostibulo o mosteiro que lhe dera uma mulher immaculada, e lh'a recebêra dilacerada de opprobrios.

XXXII

Dois dias passados, fr. André recolheu á não aprestada para a Barberia. Durante a hospedagem do virtuoso frade, o medico não foi a Camarate, por que dizia elle depois ao seu fascinado amigo Xavier:

— Rompe-se-me o figado em borbotões de bilis quando encaro aquelle frade! Não está no poder da minha vontade refrear este odio secreto, odio de instincto, não sei como lhe chame...

— Pois é injusto... — defendeu o padre — quero dizer...

Não accrescentou o que queria dizer. Occorreu-lhe subitamente que o frade, rogando-lhe que não casasse a sobrinha com o medico, pagava com odio egual a Eliot. Esta reciproca repugnancia entre os dois, que apenas se haviam encontrado raras vezes sem se fallarem, dava que scismar ao padre. Sondou no animo do seu medico a razão natural de tamanha aversão, mas o francez não a podia dar, senão com estas vagas palavras:

— É o odio que a natureza não explica entre certos animaes.

*

Discorrendo por diversos assumptos, vieram ás atoardas que corriam em Lisboa, a respeito dos novos amores de D. João v com a rival temida de soror Paula. Dizia-se que a freira estava completamente acalcanhada e desgraciada. Constava que ella, affrontada pela ingratidão do monarcha e pelas risadas insultantes das religiosas suas inimigas, ia sahir do mosteiro, e passar-se á ilha do Fayal, onde tinha parentes e grandes haveres comprados em nome de uma sua aia com os dinheiros do seu liberalissimo amante, etc.

Atalhou o padre o relatorio dos escandalos, dizendo que era prudencia desprezar os boatos forjados á tarde no Rocio ou nos patcos das comedias pela maledicencia dos faceiras ociosos; e, ao intento, accrescentou como prova da falsidade das balélas:

— Pois não me disse fr. André Guilherme que em Lisboa toda a gente repete que o doutor Eliot vai casar com a minha sobrinha?

— Logo vi que essa nova devia trazer-lh'a o frade... — disse o medico, mais risonho que torvado.

— O frade repetiu o que ouviu, — replicou Xavier — não creio que elle inventasse a mentira...

— Mas a que proposito se sahiu elle com a novidade?

— A que proposito? não me recordo... — respondeu o padre deslizando da verdade por delicadeza com o seu amigo — O que eu quero fazer notar ao doutor é que em Lisboa se maquina muita calumnia. Já aquelle famoso sabio D. Francisco Manoel de Mello disse: «Lisboa é muito grande, é matta espessa, onde se criam monstros de disforme malicia» [1] Por ventura, o doutor, ou eu ou minha sobrinha demos occasião a que se inventasse tal casamento? E, de mais a mais, quando

---

[1] Apologos dialogaes, pag. 237.

é publico e notorio o seu galanteio á Leonor Caldeirão, por amor da qual o doutor declarou sua manceba a franceza que por ahi andou considerada como sua mulher... Máu foi, meu amigo, deixar correr essa falsa conjectura... — desculpe-me arguir-lh'o — Melhor seria declarar a verdade quando a trouxe de França...

— Fui sincero com o meu amigo, e com poucas mais pessoas.

— Pois sim: mas eu e essas poucas mais pessoas não representamos a sociedade. Que fará agora vossa mercê, se casar com a Caldeirão ou com outra? Como hade honestamente explicar o engano que fez ás familias que admittiram em sua caza a franceza? Sou tão seu amigo, que até essa estouvanice da sua vida de rapaz me tem tirado o somno. A mim parecia-me que seria acêrto mandal-a para França, com algumas duzias de moedas, afim de evitar conflictos escandalosos quando o doutor Eliot houver de casar-se.

— Não penso em me casar, sr. doutor Xavier — affirmou o medico solemnemente; — mas penso em remediar o desatino de permittir com o meu silencio que a franceza passásse por minha esposa. O remedio unico é afastal-a de mim, e não mais dar azo a que a sociedade me accuse por mancebias improprias da gravidade da minha profissão. Sacrificarei todos os meus haveres a este acto de reformação de costumes. Dar-lhe-hei quanto possuo a esta mulher, e ficarei com a honra e com o esforço no trabalho até me resarcir das prodigalidades expiatorias da minha deshonestidade.

— Nem tanto ao mar, nem tanto á terra! — modificou o padre. — Privar-se de tudo que adquiriu em doze annos parece-me excesso. Esta especie de mulheres vendem-se caras; mas o doutor lá conhece o valor d'essa que pouco mais ou menos é o das outras da mesma casta. A Lais vendia-se por cem talentos na

Grecia; mas os Alcibiades de hoje em dia tem mais *talentos*, não amoedados, isso é verdade, mas mais apurados para pezar na balança o que se deve a taes aventureiras...

O padre parecia envaidecer-se da sua perspicuidade quando aconselhava o medico, e dava-se ares jactanciosos de quem apalpára o amago das coisas e das pessoas despreziveis. O doutor simulava ouvil-o com a respeitosa annuencia de alumno innocente, e tregeitava uns geitos de arrependido, descompondo os cachos da cabelleira com gestos de afflicção e odio de si proprio.

O ex-frade das penhas do Varatojo, condoído d'aquellas figurarias doloridas, lembrava-lhe que todo o homem era tributario da loucura, e raros homens tão cêdo revertiam á vereda pedregosa da honra.

— E por que não hade o doutor casar com a galante Leonor Caldeirão, se a ama como eu sei que ha dois annos se amam? — perguntou o padre.

Izaac Eliot assoprou um suspiro longo, poz as mãos na testa descahida, levantou-se de salto, e não respondeu.

— Que tem, doutor?! — tornou Francisco Xavier inquieto. — Não está bom? Offenderam-no as minhas palavras a respeito da franceza?

— Não. meu caro amigo, não! — respondeu Izaac, sobrepondo no peito as mãos em cruz e inclinando a cabeça a um lado com os olhos descahidos — Quem primeiro me condemna e accusa sou eu, e quem me quiz salvar a tempo d'este vilipendioso remorso foi o sr. doutor Xavier quando ha dez annos me admoestou a ser cauto, a desatar-me dos laços d'esta mulher que mais tarde seria estorvo á minha felicidade. Cumpriu-se a sua profecia, sr. Xavier. O meu descredito faz estrondo em Lisboa, desde que o pagem Rutier estouvadamente divulgou que eu ia casar e que a franceza

não era, portanto, minha mulher. Hoje, quando eu queria as bençãos e os respeitos publicos, acho-me até indigno da indulgencia dos meus tolerantes amigos. Agora que eu quizera ter um coração puro como a consciencia dos sanctos para poder aspirar á posse de uma menina sem macula, vejo-me tão manchado, tão conspurcado na sordicia dos vicios, que não ousarei mais levantar olhos para um rosto alumiado dos resplendores da innocencia.

O padre escutava-o maravilhado da idéa, do tom, da postura theatral do homem; não o interrompia por que o monologo era estudado, fluia torrencialmente, e não dava ansa a interrupções.

A julgar do introito, é bem de entender que o francez apontava o discurso ao intento de se declarar apaixonado por Antonia; mas, se fosse coherente na tramoia, como é de suppor, acabaria por se declarar indigno d'ella.

O discurso, porém, foi cortado pela entrada do escudeiro, que participou estar no pateo o pagem Henrique Rutier, procurando o amo para negocio urgente.

Eliot desceu ao terreiro, onde o pagem o esperava com o cavallo á redea e espumejante de suor. Conversaram em francez por alguns minutos alvoroçadamente. O medico mandou ao seu lacaio negro que embridasse os cavallos, subiu á ante-camara do padre, inventou o estado perigoso de um doente importante, e galopou para Lisboa á espora fita.

Esperava-o já no pateo de sua caza o boticario Jacome Valebelt.

— Suba, sr. Jacome — disse o doutor; e, quando galgavam rapidamente as escadas, perguntou:

— Está cá o homem, eim?

— Em pessoa.

— Deixe-o estar: nós cá estamos tambem.

Entraram na sala. Eliot estirou-se sobre uma pre-

guiceira almofadada, arrojou as esporas, o espadim e o chicote, enxugou as camarinhas do suor, e disse assoprando:

— Diabo!... estou cançado!... Custava-me menos fazer uma anatomia de florete na arca thoracica do seu patricio que dar esta estafa ao meu corpo e aos meus cavallos. Então que diz lá o poeta?

— O sr. doutor leva isto de victor feição; mas eu agouro desgraças...

— Algum desafio? está bem aviada a Prussia.— E riu-se ás gargalhadas, atirando com a perna para a espalda do canapé — Conte lá isso miudamente. Quando chegou elle?

— Esta manhã. Eram onze horas no relogio das Chagas, e estava eu ao balcão, quando vejo entrar o Frisch com uma cara de defunto, e a vista derramada como a dos doidos...

— Feio espectaculo!... o sr. Jacome sentiu despegar-se lhe a espinhella, eim?

— Confesso que os joelhos me jogaram um com o outro. Á consciencia...

— Faz jogar os joelhos?

— E a penuria faz jogar a honra, — accrescentou Jacome — A cara do infeliz moço era o espelho do meu crime... Fez-me compaixão, palavra!

— Vamos á historia, e no fim cantará os seus psalmos penitenciaes. Que lhe disse elle?

— Perguntou-me se D. Antonia Xavier já tinha casado. Respondi que não me constava; mas que por ahi se dizia que brevemente casava. Perguntou-me com quem. Disse-lhe o nome do sr. doutor. Elle pediu-me um gole d'agua, bebeu-a sentado, e perdeu a cor. Pensei que desmaiava. Ia-lhe chegar um vidro de saes, quando elle repelliu o vidro. Depois levou as mãos ás faces, abaixou a cabeça, e chorou com tamanhas ancias que me affligiam. Fiz-me de novas... que reme-

dio! Perguntei-lhe que razões se deram para acabarem assim uns amores tão propiciamente começados. — Eu não dei nenhumas — respondeu elle; e mostrou-me a ultima carta que recebera de D. Antonia, quero dizer a carta escripta pelo seu creado. O patife tem engenho! Comparei-a com outra que o Frisch me mostrou, a ultima em que a menina lhe dizia as mais derretidas ternuras. Falsificação mais perfeita só o pulso do diabo seria capaz de a fazer! O pobre rapaz, mostrando-m'as ambas, uma ao lado da outra, dizia-me: — Como é possivel que dentro em quinze dias esta cruel mulher escrevesse estas duas cartas! — Eu encolhia os hombros, dizia: «mulheres, mulheres!»

— Quero vêl-a, casada, ou solteira! — exclamou elle, afogado pelas lagrimas — quero ver com que rosto ella me encára.

— Máo! — interrompeu Eliot exagitado.

— Máo? pessimo! então já não se ri, sr. doutor? Eu não lhe disse ainda agora que futurava desgraças? Se elle chega a vêl-a, se derem explicações, se se descobre a traição! Que será do senhor e de mim? Que escandalo, que vergonha e que infamia!

— Deixe-me pensar! — bradou o francez — não me aturda com as suas exclamações.

— Eu não o quero aturdir, doutor; mas sinto dizer-lhe que não me acho em bons lençoes. Somos trez os perdidos; mas o mais exacravel dos trez sou eu, se isto vem a descobrir-se. Mandei-o chamar a toda a pressa para ver como vossa-mercê se tira e me tira d'este apêrto; que eu, se lhe não vir sahida...

— Que faz?... Vai confessar a sua infamia para que lh'a perdoem? — interrompeu Eliot colerico.

— Ora essa! Ainda mais ouvirei!... O senhor tem coisas...

— Então que quer dizer?

— Quero dizer que, se vossa-mercê não remedeia

isto, vou fugir de Lisboa, e fugir do reino; em primeiro logar, porque atraiçoei um homem que fiava de mim as suas cartas e as da sua noiva; em segundo logar, porque eu participei da falsificação do seu pagem entregando as cartas verdadeiras; em terceiro logar, porque fui eu quem mandou entregar uma das falsas a D. Antonia, e enviei a outra ao meu patricio; em quarto logar...

— Porque vossê recebeu quatrocentos mil reis pela traição...

— Isso é desgraçadamente verdade...

— E inventou umas mixordias que eu lhe aprovei...

— Ninguem m'as compra, sr. doutor, desde que os creditos de vossa-mercê perderam a aura publica... e, a fallar-lhe verdade, estou quasi tão pobre como era...

— E quer que eu o enriqueça, não é verdade? — atalhou Eliot rolando de esguelha os olhos coruscantes de raiva.

— Não, senhor, não quero que me enriqueça...

— Que quer então? despache!

— Que me salve d'estes apuros, pois não percebe? Ora faça de conta que Josse Frisch descobre onde está a rapariga...

— Vossê disse-lh'o?...

— Se eu fosse tolo!... mas cuida o doutor que elle já não o sabe a esta hora? Faça de conta, digo eu, que elle vai á quinta. O padre é coxo e está em caza. A pequena anda pela quinta. Eis que o vê. Caminham um para o outro... Sim, isto são favas contadas. Queixam-se ambos ao mesmo tempo. Mostram as cartas, descobre-se a falsidade d'ellas. O Frisch vem ter-se commigo, e...

— Quebra-lhe a cara...

— Esse pouco! mas o cazo não fica ahi. Eu sou

levado ao corregedor para declarar quem falsificou as letras...

— E vossê, está claro, diz quem as falsificou...

— O que eu não quero é chegar a esses extremos, sr. doutor. Se vossa-mercê fareja remedio a isto, quero dizer, se está, na sua astucia, modo de fazer que elles nunca mais se encontrem, bem vamos; mas, se vê que artes e manhas não podem valer-nos, então, o melhor é eu pôr-me ao largo quanto antes; porque, não apparecendo eu, está vossa-mercê mais seguro de não ser incommodado por cauza da falsificação.

— Quer dinheiro, já o percebi...

Jacome deu aos hombros, alongou os beiços e esbugalhou os olhos — expressão feia, mas eloquente da necessidade que o forçava á segunda cobrança.

N'este lance, Izaac Eliot viu por entre as cortinas de uma alcova a cara de Henrique Rutier que lhe fazia um gesto affirmativo.

O amo, pestanejando duas vezes, inculcou ao pagem que ficava inteirado.

— Diga o dinheiro que quer — tornou Eliot ao boticario — mas peça pouco, porque eu não tenho muito.

— Dê-me vossa mercê o que entender, pezando na sua consciencia duas ponderosas considerações: primeira, que a minha auzencia fecha as portas ás indagações da justiça no cazo desgraçadissimo de se instaurar devassa por crime de falsificação; segunda, que eu, se não fosse homem de bem, podia occultar que chegou Josse Frisch, e deixal o ir deslindar o enredo com D. Antonia, ou, como vossa-mercê disse ha pouco, contar-lhe as razões que me arrastaram ao crime, e merecer-lhe o perdão, remediando o mal em que tive cumplicidade.

— Quer então o sr. Jacome que eu peze na minha consciencia essas duas considerações?...

— Sim... dizia eu... que...

— Já sei o que disse... Não me repita.

Se o boticario fosse menos parvo que velhaco, o tom das ultimas perguntas de Eliot gelar-lhe-hia o sangue nas veias; e, se elle tivesse visto a cara sinistra do forçado de Toulon por entre as cortinas interiores das vidraças, é de crer que espiasse o ensejo favoravel de escapulir-se.

— Pezei na minha consciencia as duas considerações ponderosas — disse, volvidos poucos segundos, o filho da agarena, sentando-se um tanto orientalmente nos almadraques de uma ottomana — Pela primeira — isto é, pelo favor de se ir embora do reino, fechando a brecha ás indagações do corregedor — recebe o sr. Jacome cem mil reis. Acha pouco?

— Já disse a vossa mercê que pezasse na sua consciencia...

— Mas que lhe parece o fiel da balança? acha que o prato da tal «consideração» desce, e o dos cem mil reis sobe? Veja lá...

— Está a mangar o doutor! — observou o boticario meio risonho, e meio agastado — O caso merece mais circumspecção do que vossa-mercê cuida...

— Bem sei. Mestre Jacome quer lembrar-me que a segunda «consideração ponderosa» sobe muito de valor; por quanto, está no seu alvedrio desfazer o que fez, salvar-se da cumplicidade pela denuncia, e atirar-me a mim e ao meu pagem ali para o Limoeiro.

— Não digo tanto... nem pensei tal maroteira...

— As maroteiras são como os tremoços: quem come um come um cento. Se vossê fez a primeira, é regularmente logico que faça dez a fio. Mas diga-me cá: eu convidei-o á feia acção de entregar as cartas que lhe eram confiadas? Não foi vossê que m'as vendeu por proposta sua?...

— Essas perguntas que fazem á questão...?

— Fazem que eu, se entrasse em juizo, diria que

o infame fundamental n'este criminoso enredo foi o amigo de Frisch que me offereceu a venda das cartas por quatrocentos mil reis...

— Mas eu não sabia que o intento do sr. doutor era falsificar a letra d'ellas...

— Não obstante, acceitou a mensagem de as mandar falsificadas ao seu destino, estipulando a clausula de que eu lhe approvaria uns rebuçados para obstrucções de bofe, e um unguento para impigens de humor frio...

— Homem! — interrompeu o boticario estomagado — Está ahi com umas ironias que me fazem subir a mostarda ao nariz! Se não quer pagar a minha sahida de Portugal, ou, por outra, se não quer pagar o meu silencio, fique-se muito embora, que eu farei o que me parecer.

— Não se zangue, mestre Jacome — volveu com sarcastica brandura o medico — Estava eu a pezar a segunda «consideração» que é a do *silencio*, como vossê acaba de dizer. Essa do silencio requer mais dourada mordaça... Veja lá: duzentos mil reis? com cem são trezentos; com quatrocentos que recebeu, são setecentos. E os rebuçados? e o unguento? Onde irá isto montar? Sente-se, e espere um pouquinho que eu vou buscar o dinheiro.

E sahiu da sala a um corredor, e entrou em uma porta lateral correspondente á alcova por onde Rutier espreitava e ouvia todo o dialogo.

Entre Eliot e o pagem trocaram-se poucas palavras.

Rutier passou da alcova á parte mais interior da casa. Desceu ao pateo onde dois negros davam ferro á pelagem dos cavallos empastada de suor, e disse-lhes que os cavalgassem e passeassem a passo, porque pareciam resfriados; depois, mandou o preto cosinheiro á praça da Ribeira comprar uma ave que seu amo

apetecêra. Tudo isto se operou tão rapidamente que o boticario não reparou na demora.

Na auzencia dos tres criados, Rutier fechou a porta da rua sem estrondo. Depois subiu de mansinho a escada que dava para a sala, e assomou á porta quando Jacome, de pé, e proximo da porta, soletrava a legenda franceza de um painel pendurado na parede.

Á apparição silenciosa e subita do pagem, o boticario estremeceu e balbuciou:

— Olé, sôr Henrique! vossê metteu-me mêdo!... Não lhe ouvi os pés.

Proferida a ultima palavra, foi traspassado por um espadim do peito ás costas, e estirou-se sobre o dorso resfolegando uns rugidos surdos, que o assassino fez calar repetindo as estocadas na garganta e ventre.

Eliot assistiu á breve agonia de Jacome; e, palpando-lhe o peito, asseverou, como perito, que estava morto.

— Este homem vinha a perder-nos! — disse Eliot justificando o homicidio á sua consciencia inquieta.

— Depois philosopharemos sobre as vantagens de o matar — observou o pratico Rutier — Ajude-me a tiral-o d'aqui antes que o sangue encharque na alcatifa e antes que os escravos cheguem.

Pegaram do cadaver ensopando-lhe nos golphos de sangue alguma toalhas. Levaram-no da sala para um quarto ao rez da rua, e estenderam-o sobre uma grande banca tapizada de lona encerada. Depois, fecharam a porta, e abriram as que estavam fechadas.

Na tarde d'esse dia, Isaac Eliot, professor de anatomia no hospital real, ordenou ao mordomo que mandasse a sua caza um determinado cadaver para autopse. Não era a primeira vez que o professor era louvado por semelhante solicitude no seu magisterio.

O cadaver conduzido do hospital de Todos os Sanctos foi levado ao mesmo amphitheatro, onde o outro

fôra depositado. Durante a noite, Eliot e o pagem espostejaram ambos os mortos. Ao romper da aurora, o esquife do hospital recebeu os membros desarticulados e golpeados dos dois cadaveres. Os chamados «homens da tumba» não indagaram se o doutor pedira um, se dois defuntos da enfermaria. Tomaram o esquife repleto da carne espatifada, e, antes que o sol apontasse, já a pá do coveiro recalcára a ultima camada de terra no campo em que a Misericordia, fóra de portas, enterrava os que morriam nos hospitaes.

XXXIII

— Deu-me cuidado a sua falta hontem, doutor! — dizia o padre Francisco ao seu medico — O meu amigo, de mais a mais, sahiu d'aqui incommodado com aquella palestra de moral que eu, pessoa tão incompetente, quiz fazer-lhe. As suas ultimas palavras, duras e crueis comsigo mesmo, extranhei-as, e, a bem dizer, pareceram-me desarrasoadas. O doutor Eliot, se não tem na sua vida mais vicios do que os que lhe conheço, pode affoitamente dar-se como exemplo de honestidade á juventude relaxada da corte. Essa rapazice da concubina franceza, a não se dar a irreflexão de vir com ella á praça, seria cazo para jactancia e não para desdouro. E assim mesmo, doutor, visto que o amigo a estabeleceu em caza apartada, deixe correr seis mezes, que tudo estará esquecido e perdoado, mormente em estoirando algum outro escandalo; e, se Deus quizer, os escandalos hão de estoirar ás duzias, em quanto o rei, o infante D. Francisco e os proceres da corte não acamarem de corroidos, ou a podraga lhes não algemar os pés. É verdade, o seu doente melhorou?

— Qual doente?

— Pois não me disse antes de hontem que o seu pagem o chamava a toda a pressa?

— Ah! sim... era o conde de Tarouca, atacado de asthma... Está melhor.

— Pois eu passei uma cruel noite com as minhas palpitações... Não pude adormecer deitado, e só de manhãsinha consegui passar pelo somno aqui n'esta poltrona. Foi Deus que o trouxe, porque estou sosinho. Antonia foi esta manhã para Odivellas...

— Tem a certeza d'isso? — atalhou precipitadamente Eliot.

— Se tenho a certeza d'isso? que pergunta essa, doutor! Aqui está um bilhete de soror Paula Perestrello, pedindo-me que deixasse ir a menina passar tres dias com as suas amigas... Que tem? esse seu semblante incute-me desconfiança!...

— Sr. doutor Xavier — disse o medico pausadamente — Vossa-mercê tem a certeza de que soror Paula e soror Catharina aconselham honestamente sua sobrinha?

— Tenho a certeza que moralmente posso ter .. Porque? — A anciedade do padre crescia á proporção que o medico exercitava uma calculada serenidade — Porque? — instou Xavier.

— Sabe se essas senhoras applaudiram ou favoreceram o galanteio da sr.ª D. Antonia com o allemão Frisch?

— Nada sei; mas que temos nós com essa já esquecida puerilidade?

— Esquecida?!

— Sim... O padre fr. André Guilherme deu-me a sua palavra de que era tudo acabado.

— Mentiu-lhe o frade.

— Mentiu? Não posso crêl-o, doutor. Juro-lhe que fr. André Guilherme é incapaz de mentir.

— Então, sou eu o calumniador...

— Pode estar enganado, e seduzido pela aversão que tem ao frade.

— O meu dever é desmentil-o. . . — redargiu Izaac Eliot — porém, doutor, antes das provas, ouça-me, e perdôe-me já de antemão, porque eu sei que as feridas da minha alma, em vez de o apiedarem, vão irrital-o contra mim. Principiarei pelo mais repugnante da minha confidencia, para que mais tarde a coragem me não falte. Eu amo sua sobrinha, amo — seja verdadeira em tudo a minha linguagem — amo sua filha, ha tres annos. Nunca houve paixão mais recalcada no peito, nunca homem algum fez maior esforço por afogar nas obscuras lagrimas os embriões de um amor fatal como o impossivel, e pezado e angustioso como o grilhão dos forçados por toda a vida. Nunca ouzei dizer-lhe, meu nobre amigo, que amava sua filha; nunca ouzei dizer-lhe a ella mais que umas timidas e indefinidas palavras recebidas com a indifferença da innocencia ou do desprezo. A minha tortura silenciosa era tanto maior quanto eu sabia que a sr.ª D. Antonia amava outro bomem; e que, apezar das apparencias, a correspondencia entre Lisboa e Berlim continuava todos os correios. Como deixaria eu de suspeitar e espiar esta correspondencia, se eu, amando tão cegamente sua filha, esqueci os deveres de cavalheiro, e fiz-me espião do meu proprio martyrio, não para me queixar, mas para me flagellar? Por ventura, denunciei-a eu, sr. Francisco Xavier? Não. Apenas, ha pouco tempo, deixei-lhe suspeitar que os dois namorados se carteavam; e, quando vossa-mercê desabridamente exigiu as provas, eu, refreando a vaidade e a paixão, respondi que não as tinha. . .

— E tem-as? — interrompeu o padre grandemente exaltado.

— Lá vou, doutor. Não lhe mostrei então as provas, e já as tinha. Se eu sou incapaz de calumniar os

meus inimigos, como havia de calumniar a mulher adorada, amada como esposa, como irmã, como filha, como creatura que se acendrára na fragua ardente da minha alma! Não mostrei as provas, porque era honra minha apresental-as somente na ultima hora do perigo, quando entre o perdêl-a para sempre e perder um amigo como o sr. doutor Xavier me restasse o recurso supremo de os salvar a ambos, embora ficasse eu detestado d'ella para sempre. Eu esperava essa hora, e desgraçadamente...

— Diga!... — exclamou o padre arquejante.

— A hora chegou. Josse Frisch está em Lisboa...

— Em Lisboa! que me diz?!

— Se não estiver em Odivellas a esta hora... Por isso eu lhe perguntei se as duas freiras protegeriam o galanteio de sua filha.

— Eu vou mandar chamar Antonia a Odivellas! — bradou Francisco Xavier erguendo-se da poltrona com dolorosos esforços.

— Espere! — contrariou Eliot — Nada de imprudencias inuteis. A crize não urge tamanha precipitação. Se Frisch vem raptar sua filha, como presumo...

— Raptar minha filha!...

— Sim, se a vem raptar, não teve ainda tempo bastante para preparar a empreza.

— Mas eu vou já escrever ao corregedor, aos ministros de el-rei e ao proprio D. João V...

— Espere, doutor. Não escreva a ninguem. Conhece as leis portuguezas. Se o meirinho ecclesiastico aqui mandar buscar sua filha, o remedio é entregar-lh'a para deposito. Confie-se em mim. Vossa-mercê zela-a como pae, e eu, deixe-me dizer — tenho-a aqui no coração despedaçado, e sinto que para mim o final d'esta tragedia hade ser a morte; mas heide morrer luctando em quanto o pae de Antonia me não disser: «Dou a minha filha a Frisch». Diga-m'o já, que eu ajoelha-

rei aos seus pés renunciando para sempre á mão de sua filha...

— Nunca! nunca darei minha filha a tal biltre!... Jesus! parece que a morte me estrangula... mas... como sabe que elle a vem raptar?...

Eliot tirou de uma carteira duas cartas. Abriu a primeira, e offereceu-a ao padre.

— É a letra de Antonia — disse Xavier.

E leu soffregamente.

N'esta carta havia os seguintes periodos:

Bem me custa dar o passo da fuga; queria não dar esse desgosto a meu tio que está doente e acabado; mas, se não ha outro meio de nos unirmos, cumpra-se o destino, meu querido Josse.....

Vivo muito aborrecida, muito saudosa e desgraçada. Desde que meu tio me falla em casamento, volto a sentir por elle a repugnancia que lhe tinha em pequena. A morte de meu pae foi uma calamidade enorme. Tenho tutor; mas nem sequer o conheço; estou subjeita a este padre que tem impertinencias insoffriveis. Se me acceitassem em Odivellas, eu iria para lá até que tu voltasses a Lisboa... Vem depressa, meu amado, vem depressa resgatar-me d'este captiveiro... Se te demoras, receio que me encontres morta...

— Esta carta é escripta por Antonia! por ella! por minha filha, que eu adorava! Ó ingrata! ó perdida!... — exclamava o padre a gritos desentoados lavado em lagrimas, com a mão direita apertada ao coração.

— Coragem, doutor! — acudiu Izaac Eliot — Chore, porque a razão das lagrimas é sagrada: mas não desanime, não se tema de que lhe roubem a filha em quanto o meu braço ou o meu cadaver puder ser um

baluarte contra o ladrão. Agora, aqui tem uma carta de Josse Frisch para sua filha.

O padre não a poude ler de cego pelas lagrimas.

Leu Izaac a parte mais positiva e menos lyrica da carta. Dizia assim:.....

Obtive que a Academia me envie a estudar o reino vegetal na Peninsula. Acceitei a commissão como pretexto para que meu honrado pae não desconfie dos meus intentos. Quem ahi me chama és tu, minha adorada Antonia, meu primeiro e ultimo amor. Não me chama tua riqueza, e heide justificar-me aos teus olhos e aos do mundo trazendo-te, meu querido thesouro, para a minha patria, e levando-te aos pés do sacerdote enfeitada com as joias de minha mãe. Os poetas são mettidos a riso pelo seu desprendimento das realidades que se pezam no balcão das bestas que injuriam a inoffensiva independencia das almas bafejadas pelo ar fragrante do céo...

Eliot interrompeu-se para interpor esta observação:

— Veja que tolo este! que maravalhas aqui vão, doutor! É com este cascabulho de palavrorio que os taes poetas embelecam os incautos espiritos das creanças!

— Leia, leia! — disse o padre impacientado com o commento.

O medico principiava novo periodo; e, se o achava poetico e inutil ao ponto essencial do rapto, passava adiante, dizendo:

— Trapalhadas, — barafundas, — asneiras!

A final, topou com o derradeiro que era o mais expressivo:

A hesitação da tua ultima carta a respeito da fu-

ga diz-me o coração que já te não prende, Antoninha. Confia-te a mim, que devo ser o teu mundo. Se eu sou a tua vida, como n'esta carta me dizes, as considerações que te estorvam de fugir parece que dizem o contrario. Se tivesses um pae adorado ou mãe estremecida, infame seria eu se quizesse deslumbrar esses sanctos amores. Mas eu sei que por teu tio apenas sentes amizade, e pela senhora do convento a tua ternura, minha querida Antonia, é a necessidade que tens de acariciar no seio do teu coração orfão aquella religiosa que te chama sua filha e te beija com um ardor que te era desconhecido.

O medico regougou uns sons nazaes, que significavam estar lendo de fugida periodos de frioleiras. O padre, erguendo a cabeça de sobre as mãos em que a descahira, disse impetuosamente:

— Tenho visto... Dê-me essas cartas...

— Aqui tem as cartas; mas, se me permitte, pergunto o que tenciona fazer com ellas...

— Não sei, heide pensar... Primeiramente, vou mandar buscar Antonia...

— E depois? tenciona fechal-a á chave em um quarto para que o allemão a não veja!

— O allemão! — respondeu o padre fremente de colera — o allemão, se apparecer nos arredores d'esta casa, hade ser espingardeado; e ella... pois que cuida o doutor? ella, se me resistir, se tentar fugir, amarro-a a uma argola de ferro como se faz a uma negra. A desaforada! ousar dizer ao amante que não podia soffrer as minhas rabugices! e authorisal-o a dizer-lhe a ella que sente por mim apenas amizade!...

— A paixão desvaira-o, sr. doutor Xavier... — contraveio Izaac Eliot em tom de magoa — Sua filha não deu motivo a que vossa-mercê lhe chame *desaforada*. Esse epitheto quadra sómente ás mulheres im-

pudentes. Se Antoninha o não amou, como as filhas amam, quem teve a culpa? A culpa teve-a quem lhe ensinou a dar o magico e dulcissimo nome de pae a um que não o era. A palavra e não a natureza é que gera a ternura filial. O carinho e a convivencia de quatro annos com seu irmão Paulo alhearam de vossa-mercê o coração de sua filha. Appello, em nome d'ella, para a sua alta sabedoria e brilhante razão, doutor!

— Defende-a?! — retorquiu o padre. — A boas horas me vem com esses argumentos, sr. Eliot!... Vamos ao que importa, que é evitar que Antonia fuja... O primeiro passo é tiral-a de Odivellas...

— Se ella correr perigo lá, isto é, se Frisch a procurar em Odivellas; mas é mais natural que a procure aqui; e, n'essa hypothese, o mais acertado é deixal-a lá estar os tres dias pedidos, e os mais dias que fôr necessario, até sabermos o destino do prussiano. Se me dá licença, vou hoje a Odivellas; verei as duas religiosas e Antoninha. Ao primeiro lanço de vista, lerei no intimo de todas.

— Faça o que quizer... — condescendeu seccamente o padre, quebrado por desanimo profundo e pelas interiores angustias do coração congestionado.

O medico tomou-lhe o pulso, e murmurou:

— Não está bem isto... Se se deixa esmagar pelo ligeiro infortunio por que está passando, meu querido amigo...

— Quer dizer que morro?... — acudiu o padre afflicto.

— Pode morrer...; e, se tamanha desgraça succede, eu não verei o resto, porque vou immediatamente para França, visto que perdi o meu primeiro e unico amigo: mas, depois, a sua filha e a sua riqueza... serão de Frisch.

— Isso é atroz! — rugiu o bisneto de Maria Isabel

Traga-malhas — isso é atroz, doutor... Não quero morrer! não me deixe morrer! Salve-me segunda vez... peço-lhe com as mãos postas...

Eliot abraçou-o; e, falseando a commoção, balbuciou:

— Não morrerá!... mas reaja, esforce-se, abra o peito a um raio de esperança... pense na felicidade de ainda ver sua filha casada com um homem digno, um homem em cujos braços vossa-mercê possa reclinar-se como está nos meus...

Francisco Xavier olhou a fito no rosto do medico, cingiu-lhe um braço á volta do pescoço, tirou-o para si enternecidamente, e disse:

— Quer casar com minha filha, doutor?

— Se eu pudesse chorar, responderia — tartamudou Eliot. — E' superflua a pergunta e a resposta... Sabe como eu adoro sua filha; mas nenhum de nós sabe se ella me odeia. A certeza de que eu me faria amar á custa de idolatrias e caricias, essa tenho-a eu. Estremecel-a-ia como pae, porque ella tem quinze annos, e eu trinta e seis. Aconchegal-a-ia do meu seio em raptos de amor louco, de paixão delirante!... Oh! sr. Xavier! se eu ainda velarei os dias ditosos da sua velhice com os desvelos de filho!...

— Eu dou-lhe Antonia!... repetiu o padre com enthusiasmo, com alacridade, escandecido o rosto de subitas exaltações, e os olhos cravados, fascinados, no semblante do medico. E proseguiu a vozes intercaladas pelo offegar da respiração enferma: — Se ella o não ama, amal-o-ha quando o conhecer... É uma creança... N'aquella idade os corações são de cêra... O ardor de uma affeição faz delir as imagens que lá deixaram as outras... O doutor hade saber fascinal-a; verá, desde que for sua mulher, como ella o estima... O amor virá depois... É sempre assim... Sei centenares de exemplos...

— Mas... — interrompeu Eliot.

— Que é?...

— Violental-a... impor-lhe um marido!.. E, se ella me desprezar as lagrimas da paixão... Se se deixar morrer de inconsolavel tristeza...

— Não sabe nada do coração humano... — replicou o padre — Homem! tenha orgulho, tenha confiança em si! Veja que venceu o mais soberbo dos paes, o homem que projectava dar a sua filha uma coroa de marqueza!... E receia não dominar um ente fragilissimo... uma rapariga de quinze annos!...

— Pois bem! — exclamou Eliot, como sacudido por inopinado impulso — Serei o marido de sua filha! — E, ajoelhando, beijou a mão do padre.

XXXIV

O defunto boticario promettêra a Josse Frisch indagar a residencia do padre Francisco Xavier, e n'essa fingida diligencia sahira da botica, despedindo-se do patricio, quando foi procurar Eliot.

Voltou o prussiano tres vezes n'esse dia á Cordoaria Velha.

O praticante de Valebelt esperara o patrão para jantar ao fim da tarde; e no dia seguinte, e nos trez successivos Josse Frisch passou o mais das horas acantoado na botica, á espera do seu conterraneo. O praticante não denotava grande estranheza do cazo. Dizia elle que o seu patrão, ás temporadas, ia luxuriar nas relvas de Queluz com alguma secia escolhida na rua dos Vinagreiros ou nas encruzilhadas dos «Fieis de Deus», e por lá se quedava espojando-se em cabriolas de parçaria com Bacho e Venus.

Ao quarto dia, quando o prussiano aconselhava o praticante a pedir noticias do patrão pela *Gazeta de Lisboa*, entrou na botica Henrique Rutier, e perguntou ao rapaz:

— Está cá o sr. Jacome?

— Não, senhor. Meu patrão sahiu ha quatro dias e não tornou.

— Foi á terra? ou está fóra da terra?

— Não sei dizer-lhe. Ninguem sabe onde elle está. Agora mesmo me dizia aquelle senhor que botasse um annuncio na *Gazeta*.

— E lembrou bem: ou pedil-o pela *Gazeta* ou responsal-o a Santo Antonio da Sé.

E, gracejando, reparava na pessoa indicada pelo praticante.

Reconheceu-o.

— Este senhor não é portuguez — disse Rutier, cortejando Frisch com um ademan cavalheiroso.

O prussiano, como visse um homem bem maneirado, de capa e volta, cabelleira e espadim, correspondeu ao cumprimento erguendo-se, e respondeu:

— Sou estrangeiro.

— Logo me quiz parecer — volveu Rutier em francez — A côr da sua epiderme e dos seus cabellos affirmam que tenho a honra de fallar com um vassallo de sua magestade Frederico III da Prussia; e não seria grande penetração conjecturar a nacionalidade do cavalheiro, encontrando-o na botica do honrado prussiano Jacome Valebelt.

— Sou prussiano — disse laconicamente Josse Frisch.

— E eu sou francez. O sr. viaja?

— Viajo.

— Escolheu má terra. Portugal não tem que ver nem que estudar. Ha muitas festas de egreja. Gosta de festas de igreja? de novenas? de lausperenes? de jubileus? Tem d'isso todos os dias. Theatros aqui é coisa que ninguem vê e ouve sem o desejo de ser cego e surdo. Lisboa é uma cidade velha e corrompida, mas feia como as velhas corruptas. Os estrangeiros, que aqui aportam por engano, morreriam de fome, se não existisse a hospedaria franceza do largo

dos Remulares. Isto aqui são as ruinas da Mosopotamia cheias de camêllos. Esta gente é selvagem, e veste-se á franceza, porque o paiz é frio. Se nascessem na Africa, andariam de tanga. O gentio baixo traja capote com que encobre o arcabuz que aperra aos viandantes assim que anoutece. De noite é perigoso sahir quando não ha lua. As ruas de Lisboa são canos de esgoto, escuras como as masmorras da Cova da onça. Enforca-se gente todas as semanas. Quando descança o carrasco, trabalha a inquisição. Digo-lhe isto na minha lingua. Se lh'o dissesse na d'elles, este rapaz ia denunciar-nos: eu era queimado porque fallei, e o senhor era queimado porque não fallou. As mulheres são boçaes e canhestras. Os maridos, quando sabem que ellas farejam amante pelos raros das adufas, esganam-as, e depois, ou fogem, ou são degolados. Aqui a melhor sociedade é a dos sapateiros, porque são quasi todos francezes...

— Está em Portugal ha muito tempo? — interrompeu Josse Frisch.

— Ha dez annos.

— Admira que se affizesse a tão ruim terra...

— Entretenho-me a analysal-a, tapando o nariz, como meu amo, o dr. Izaac Eliot faz quando corta cadaveres apodrecidos. Estou aqui por affeição ao grande medico francez. Nunca ouviu nomeal-o?

— Ouvi.

— Talvez em Berlim? Ha anno e meio que aqui estiveram em Lisboa dois sabios prussianos, João Frisch, e seu filho Josse. Estes sapientissimos viajantes frequentavam a casa do dr. padre Xavier, onde o sr. Eliot concorria tambem. Talvez esses allemães levassem a Berlim a fama do grande medico... Pois, senhor, brevemente sahiremos de Portugal. O sr. Eliot casa um d'estes dias com uma das mais ricas herdeiras de Lisboa, com a sobrinha do tal padre Xa-

vier. Feito o casamento e liquidado o dote que monta a 400:000 francos, ou 150:000 cruzados na moeda de cá, safamo-nos. Pechincha, hein? E noiva galante, uma franga de quinze primaveras, capaz de distillar em sonetos quinze poetas.

E cascalhou uma gargalhada.

N'este momento, Josse Frisch ergueu-se de golpe, deu um passo para Henrique Rutier, e perguntou:

— Conhece-me?

— Se o conheço? nunca o vi!

— Se me conhece, e tem a coragem de deixar cahir a mascara de infame jogral, escarrarei na cara do lacaio de Eliot.

Rutier levou a mão ao punho do espadim e Frisch abocou-lhe uma pistola á cabeça.

O assassino do guarda das galés e do boticario inerme enfiou, tremeu e gaguejou:

—Eu que mal lhe fiz, cavalheiro?

Frisch saiu da botica. Ia sereno, o pulso batia-lhe as pulsações pausadas da coragem honrada; mas as lagrimas trasbordavam-lhe do coração.

Era hospede do padre Raphael Bluteau. O professor universitario João Frisch lograva tal nome que até em Portugal ganhara admiradores. Aquelle celebre theatino, então nonagenario, prezava o filho do seu amigo, que conhecêra em Pariz, quando, acerrimo parcial da rainha Maria de Saboya, teve de retirar-se para França.

Josse não revelou a Bluteau o intento secreto que o trazia a Lisboa; porém, quando o coração lhe estallava á mingua de desafogo, depois do conflicto com o facinoroso pagem de Eliot, desvendou o mysterio das suas lagrimas ao ancião. Bluteau quiz indagar em qual das quintas vivia a padre, quiz escrever-lhe e até ir pessoalmente procural-o.

— Mas que irá v. reverencia dizer-lhe? — pergun-

tou o moço.— Pedir ao padre que seja por mim contra a ingratidão da sobrinha?

— Irei pedir-lhe que...

— Não ha que pedir, senhor! Eu não venho a Lisboa solicitar a piedade de Antonia: venho simplesmente dizer-lhe que eu jurára por alma de minha mãe ser-lhe fiel. Quero vêl-a rosto a rosto; mas desejo vêl-a já casada para que ella não cuide que eu venho obrigal-a pelos seus juramentos. Se ha alguma coisa mais poderosa que a minha desventura é a minha dignidade.

— Com tão nobre espirito — obtemperou o theatino — a mais extremada dignidade, o complemento da honra, é perdoar e esquecer.

— Perdoar, posso; esquecer, não. A religião manda-me perdoar; mas permitte que a saudade me atormente, depois que a ferida da affronta estiver fechada.

Bluteau, sabendo que Francisco Xavier residia na quinta de Camarate, informou o hospede. Absteve-se de o aconselhar, porque fiava muito da prudencia do moço, e bastante das distracções scientificas. Promettia-lhe apresental-o na Academia dos Anonymos, na Academia dos Applicados, na Academia latina e portugueza, na Academia Real da Historia, nos saráos eruditos do 4.º conde da Ericeira, etc. O douto velho imaginava que nenhuma paixão de amor, por mais de ferro que fosse, ousaria resistir áquellas diluentes academias.

No entanto Josse Frisch, avençado com um servo do convento de S. Caetano, onde era hospede, averiguava em Camarate o dia do casamento de Antonia Xavier. O informador peitado era o quinteiro ou feitor da quinta dos Nobres.

XXXV

O padre Francisco Xavier escreveu ao tutor de Antonia pedindo-lhe urgentemente a sua presença. Era o tutor magistrado austero e catholico intolerante. Chamava-se Joaquim Rodrigues Santa Martha Soares e era desembargador. Tinha cinco filhas em diversos conventos, sacrificando quatro á veleidade de uma que se deixara galantear de certo official de marinha hollandeza, que não era catholico. Com dois traços temos o perfil do tutor de Antonia. Privou se das cinco filhas, vivia só, tinha as pernas inchadas de gôta, ouvia resonar a escrava preta quando elle gemia com dores, esperava morrer desamparado e talvez sem sacramentos; mas morreria tão bem-disposto quanto se pode morrer, immolando-se a si e á sua familia, para que uma de suas filhas não casasse com hereje. Dizia elle que o seu martyrio voluntario havia de ter premio por todos os seculos dos seculos.

O padre começou por expender ao desembargador Santa Martha os amores da sua pupilla com um tal Frisch, prussiano, e filho do clerigo calvinista João Frisch.

A palavra «calvinista» desarticulou-lhe a mandibula inferior. Santa Martha abriu a bôca, e disse tudo n'aquelle horror silencioso. Proseguindo, expoz o padre que resolvêra compellir sua sobrinha a casar com o cavalleiro professo da ordem de nosso Senhor Jesus Christo, o doutor em Medicina Izaac Eliot.

— É catholico? — perguntou o desembargador.

— Foi huguenotte; mas abraçou o catholicismo em Portugal, sem o que não poderia professar na ordem.

— Bem sei; mas cumpre distinguir: ha cavalleiros professos judeus, refinados judeus...

O filho de Jorge Mendes Nobre sentiu abalos interiores; e Santa Martha continuou:

— Ha cavalleiros professos moiros; ha-os lutheranos; ha-os calvinistas; ha-os que não temem Deus nem o diabo; o manto da sagrada ordem dos cavalleiros de Christo cobre muito marôto, muito impostor, muito malvado que os carceres do santo officio reclamam. Saibamos se a conversão d'esse medico foi sincera. Medico em Portugal raro ha um que não seja hereje.

— Affiânço-lhe, sr. doutor desembargador, que Izaac Eliot...

— *Izaac!* esse nome é moirisco! — atalhou Santa Martha Soares — Porque não se crisma o sujeito? Esse nome fede a Mafoma... *Izaac!*... E' suspeito!... Frequenta os sacramentos?

— Pontualmente.

— Bem. Fio-me no padre Francisco. A minha pupilla e filha do meu collega Paulo Xavier quero-a casada christãmente; ou se não, tirem-me encargos e escrupulos de sobre as costas. Desquitei-me de cinco filhas; mal de mim se me sobrecarrégo com responsabilidades por filhas alheias. Que mais?

— Além da sua licença como tutor, careço da

licença do prelado para que o casamento se possa contrahir na egreja de Camarate, sem a previa leitura de proclamas.

— E os documentos do contrahente? idade, baptismo, estado, etc.

— Aqui está a certidão do baptismo na egreja de S. Domingos, que precedeu a profissão. A certidão de solteiro aprezental-a-hei quando chegar de França. Responsabiliso-me. Ha urgencia, sr. desembargador. O calvinista está em Lisboa. Receio que elle me rapte a sobrinha.

— Está em Lisboa? ! quê?

— Sim, senhor; está em Lisboa.

— E o santo officio onde é que está? Escreva ahi o nome do homem e a morada. O padre sabe que o calvinista está em Lisboa, e deixa-o andar ás sôltas?

— Não me importa a religião do homem; o que eu quero é livrar minha sobrinha da contaminação do hereje.

— De accordo; mas, se ao mesmo tempo, puder arrancar a alma d'esse reprobo ás prezas de Satanaz, purificando-lh'a no tribunal da fé, o padre faz-lhe um bom serviço, e purga a sociedade de um monstro, se elle morrer incontricto e relapso, *etc.*

— Sr. desembargador — obviou o filho do hebreu, e o amante de Catharina de Castro — rogo a vossa senhoria que me não aconselhe tal vingança Estou muito enfermo, muito proximo da sepultura; não quero, á hora da morte, ouvir gemidos. Vossa senhoria sabe que eu sou filho do seu collega Jorge Mendes Nobre, que o santo officio atormentou. Não sei se meu pae era um extremado catholico: sei que era honrado e inoffensivo. Deixemos o calvinista. Deus o alumiará. Logo que minha sobrinha esteja casada, o rapaz decerto vai para a sua patria, e não nos empestará a nossa com as suas doutrinas. Deixal-o ir. Conheci-lhe

*

o pae, o sabio João Frisch... Foi minha visita, era um honrado velho... e era, sobre tudo, pae. Ser-me-hia acerba a agonia da morte, se nos delirios da ultima febre entrevisse o aspeito de João Frisch a accusar me da morte de seu filho...

Raiaram-se de lagrimas os olhos do doutor Xavier.

O desembargador, quasi compungido, atalhou a commoção, dizendo:

— Está bom, está bom... Que o leve o diabo ao hereje para onde não faça mal. As licenças mande-as buscar ámanhã a minha caza. Vou d'aqui á Relação ecclesiastica, e tudo ficará hoje em ordem.

No decurso dos successos referidos, D. Antonia Joaquina estava em Odivellas. Finda a licença dos trez dias, soror Paula rogou ao padre nova concessão. O doutor Eliot offerecera-se para medianeiro do pedido, e conseguira n'esse acto que Antonia lhe agradecesse a fineza com um sorriso. Facilmente percebeu o espião que a vinda de Frisch era ainda ignorada.

Francisco Xavier consentiu; mas pedia a soror Paula que lhe enviasse sua sobrinha, quando elle a chamasse ao seu leito de moribundo. Exaggerava muito de plano a doença em harmonia com a traça combinada; porém, o medico suspeitava que o padre inconscientemente dissesse verdade. O sacco aneurismatico entumecia-se, os accessos da tosse acordavam-no em anceios de asfixia, os symptomas ameaçavam no de morte subita.

Obtidas as licenças do ecclesiastico, mandou o padre buscar instantemente a sobrinha.

D. Catharina, desde que Eliot lhe asseverára a perigosissima lesão de Francisco Xavier, sentiu-se abrazada em ancias de lhe assistir no trance final. As feições odiosas do singular coração d'aquelle homem desvaneceram-se, escurentou-as um raio de luz do passado, a saudade do gentil Xavier de dezeseis annos

antes. Pedia secretamente a Paula que lhe alcançasse licença para ir despedir-se do grande desgraçado, que, se a não tivesse encontrado, seria áquella hora um homem feliz. A desdenhada amante de D. João v impedia com bons conselhos o desatinado desejo; rogava-lhe que não repozesse na evidencia as esquecidas fragilidades da sua juventude. Catharina succumbia envergonhada e contricta; mas, a espaços, escandeciam-na uns phrenesis que faziam recear perturbações profundas no seu juizo. Estes lances passavam ás escondidas de Antonia Joaquina; todavia, uns dizeres estranhos da sua querida freira, os resguardos de Paula, e uns mysteriosos olhares de Maria da Luz insinuaram-lhe desconfianças, que ella não ousava formular, dos antigos amores de Catharina com seu tio Francisco Xavier.

Conduzida a Camarate, achou o tio no leito, e só. Nos seis dias de separação, desfigurara-se, mirrara-se, as palpebras descahidas e transparentes davam-lhe o aspecto cadaveroso. Quando sentiu o rugir dos vestidos da sobrinha, esforçara-se, e sentou-se encostado ao espaldar do catre. Dir-se-hia que d'aquelles labios tremulos ia irromper a indignação, o queixume, o vituperio. Não. Chorou copiosamente abraçado na filha. E ella, vertendo lagrimas que elle contemplava, arfando em delicias de se ver chorado, beijava-a, dizia-lhe palavras quebradas por soluços.

— Vou morrer, Antonia! — disse elle, recobrado da commoção. — Não te quero deixar remorsos; mas já sabes quando a minha fatal doença começou. Não chores. Escuta-me. Queria accuzar te; não posso, tudo te perdoei; mais ainda te perdoaria, se mais me houvesses offendido nas tuas cartas ao estrangeiro Frisch... Bem vi que perdeste a côr, filha. Esse pejo é o appêllo da tua inexperiencia para a minha razão. O que eu te não perdoaria... era... que fugisses de tua casa

com um desconhecido... que deixasses teu tio a chorar-te a ti e á tua deshonra. Entre ti e esse infame que te convidava a transpor o limiar de tua caza por cima do cadaver de teu tio, interpoz-se a Providencia. Não irás, filha, não irás onde vão as mulheres perdidas, aos braços de um amante, pela porta da... prostituição. Foi a Providencia. Mentiste-me, quando me dizias que não te correspondias com o seductor. Mentiste quando ha dias disseste a fr. André Guilherme que tudo estava acabado...

— Não menti a fr. André! — exclamou Antonia.

— Mentiste!

— Juro que não menti! juro por alma de meu pae!

— Juras? por alma de... teu pae?... Olha o que disseste, Antonia! Olha que eu posso provar-te que juras falso.

— Não pode — insistiu Antonia com vehemencia — Eu já não tenho correspondencia alguma com Frisch.

— Dá-me aquella papelleira preta!... — exclamou sobre-excitado, apontando para o contador sobre o qual estava a papelleira.

Antonia ergueu-se tremula, ia pegar da papelleira, quando o padre bradou com a voz rouca e desfallecida:

— Não tragas! Tenho compaixão de ti... e de mim... Não posso ler... nem poderia infligir-te a tortura... de te obrigar a ler... o que escreveste de mim.

Antonia fitava-o com os olhos perplexos de terriveis duvidas.

— Senta-te.. Senta-te... — volveu elle — Deixa-me descançar... Não posso fallar... Espera...

Passados minutos, o padre, humedecendo os labios e a lingua em goles de agua, proseguiu mais sereno e composto de semblante.

— Não mentiste, Antonia?

— A fr. André Guilherme, não, meu tio.

— Acceito o teu juramento por alma de teu... tio.

— De meu pae! — emendou ella — meu tio está vivo, graças a Deus.

— Vem cá! — rouquejou o padre — Chega-te aqui bem perto do meu coração... Assim... Agora, escuta, filha. Essa alma por quem juras era de teu tio Paulo... Teu pae... é outro maior desgraçado que ainda vive... sou eu.

Antonia estremeceu nos braços do pae. Não vociferou o menor som, nem se quer o *ah!* — interjeição convencional de todas as grandes dores, de todos os jubilos surprendentes e solemnes assombros. Aquelle silencio era um como eclipse da razão, um pasmo de todas as faculdades. A subita demencia deve ser assim uma paralysia moral.

— Ouviste? percebeste, minha filha? — perguntava elle, circumvagando a vista com receio de ser escutado.

E ella, como nos sonhos, ouvia-o sem poder apurar, dilucidar na consciencia o valor d'aquellas palavras.

— Não me respondes? — tornára o padre, sacudindo-a amoravelmente.

— Respondo — balbuciou Antonia — Eu cuidei .. que meu pae... tinha morrido...

Estas palavras, que denotavam um profundo abstrahimento, uma reconcentração de memorias e saudades, soaram dolorosamente na alma do pae. Ella esperava uma explosão de lagrimas e caricias, quando a filha, ao sahir da estupefacção, em vez de o ver a elle, viu a sombra d'aquelle a quem amára como pae. A sua natural resposta á invocação do padre, como não podia ser o arrebatamento do amor filial, era a expressão do assombro. *Ella cuidava que seu pae era morto.* Rejubilaria como louca se lhe dissessem: *Esse homem, a quem chamavas pae, sem o ser, não naufragou: é vivo.*

XXXVI

Chegára o medico.

Antonia, aturdida e vacillante como se fugisse de um ambiente suffocador, passou á ante-camara da alcova.

Cortejou-a o medico, e perguntou:

— Está mal seu tio? Vejo-a tão perturbada, menina!

— Eu? não tenho nada... Meu tio é que está muito doente...

Eliot entrou á alcova, inferindo da perturbação de Antonia que o padre antecipára o plano.

Ora, o projecto deploravel era simular-se o padre em perigo de vida, colher de sobresalto Antonia, illaqueal-a na terribilidade do espectaculo da morte, coarctar-lhe as resistencias, leval-a emfim como um automato, sem consciencia nem reluctancia, a ajoelhar-se no arco do altar-mór ao lado de Eliot.

O padre, vendo entrar o medico, e interrogal-o com olhos suspeitosos, franziu o sobr'olho. Era-lhe mais grata, n'aquella hora, a presença da filha, apezar da inerte mudez que tão desamoravelmente respondêra á abrupta revelação do seu segredo.

— Temos que conversar, doutor — começou Francisco Xavier. — Olhe que Antonia não mentiu a fr. André Guilherme quando affirmou que as suas intelligencias com Josse Frisch eram de todo acabadas. A mim m'o jurou ella com as mais sagradas clausulas, agora mesmo.

— N'esse caso, as cartas que vossa mercê possue seriam falsas? D. Antonia negou que fosse sua a letra?

— Não lh'a mostrei...

— Se assim procedeu, respeitando o pudor de sua filha, fez bem, e beijo-lhe as mãos pelo heroismo com que se houve, deixando-se dominar pelo decoro e pela piedade.

— Andarão aqui algumas cavillações que nós não possamos rastrear? — volveu o padre meditativo.

— Cavillações de que especie? Não o percebo bem, meu amigo.

— Intrigas, trapaças, emfim, patifarias de algum inimigo...

— Se bem o entendo, quer dizer que alguem escreveu as duas cartas que entreguei ao doutor...

— Como as pôde o sr. Eliot haver á mão?

— Comprando-as ao medianeiro da correspondencia, como quem compra por baixo preço a peçonha que havia de matar a honestidade de Antonia e a vida de seu pae. Se eu não comprasse estas cartas, a esta hora sua filha não estaria aqui.

— Quem era o medianeiro?

— O boticario prussiano Jacome, morador na Cordoaria Velha.

— Bem sei... Eu não poderia fallar com esse homem?

— Não senhor. O boticario, assim que Frisch chegou a Lisboa, fugiu para o estrangeiro, com medo de ser descoberto e castigado pelo seu atraiçoado patri-

cio. É mister que vossa mercê saiba que Josse Frisch, que eu imaginava ser um simples menestrel, é um valentão facinoroso. Ha tres dias, encontrando-se na botica de Jacome, com o meu pagem Henrique Rutier, reconheceu-o como um dos meus domesticos, e, á volta de poucas palavras, sem mais nem menos, metteu-lhe uma pistola ao rosto. O meu pagem, fulminado pelo sobresalto, não resistiu; e, se resistisse, seria assassinado.

— E não o prenderam?! — interrogou o padre espavorido.

— Nem prenderão, porque o patrocinam poderosos padrinhos.

— Quaes?

— Só hoje pude colher exactas informações. Josse Frisch está hospedado nos aposentos do padre proposito Raphael Bluteau. Rodeiam-no os homens de letras mais graduados. Escuta-o e recebe-o na sua livraria o sr. conde da Ericeira. Vossa mercê sabe que el-rei manda todas as semanas saber da saude de Bluteau, e o padre, quando sae, é conduzido ao paço pelas seges da casa real. Já conhece quem protege o pactuado raptor de sua filha. Mas — pergunto eu — tem elle precisão de a raptar? Tolo seria, se o fizesse. Fugindo com ella, o dote ser-lhe-hia detido através de litigios; casando, levaria a mulher e o patrimonio. Não nos espantemos, pois, se de um momento para outro, a sr.ª D. Antonia Xavier se despedir de nós, visto que a está esperando o meirinho do ecclesiastico, que a leva a requerimento de Josse Frisch, protegido por Paula Perestrello, por D. João V, pelo proposito de S. Caetano, por fidalgos de primeira bitola.

— Não se assuste... — regougou o padre — não se assuste, que eu já não lucto com minha filha... é com as Perestrellos, é com o rei, e com os fidalgos.. Que tenho eu com esses potentados da depravação e do es-

candalo?... N'esta casa, o rei sou eu! D. João v!... D. João iv, o amante desaforado de minha bisavó, fez enforcar meu bisavô que era um marido dos que não usam pontas de ouro como João Lourenço da Cunha. Eu tenho odio de raça a esta familia relaxadissima dos Braganças! Quando me não queimavam os parentes, roubavam-n'os... Minha filha teria milhões, se a riqueza dos Traga-malhas e a dos Nobres se não escoasse parte na guerra da independencia e parte nos festins d'esses canibaes da inquisição. Meu pae, e meu avô foram resgatados dos autos da fé á custa de dezenas de mil cruzados; e D. Pedro ii, que não saldava as dividas do pae a meu avô Francisco Mendes Nobre, deixava queimar um dos meus parentes, e padecer o outro as golilas que lhe fechavam a garganta e abriam os cofres. Veja-me esse grande devasso que ahi reina! Sae de pernoitar em Odivellas, e assiste aos autos da fé, e não se afasta da tribuna quando as carnes dos hebreus rechinam na fogueira (Nota 14.ª). Sabe que mais, doutor? Não quero morrer em Portugal!... Tenho parentes na Hollanda, e cabedal bastante para me tratar desafogadamente quando a rapacidade de reis e de frades me arrebanharem esses predios que ahi tenho, e esses padrões de juro que ahi estão n'esses contadores. Horda de ladrões! virão roubar-me a filha? O forasteiro Bluteau, que lambia os pés á devassa de Saboya, e alastra as deshonradas cans nos estrados de D. João v, recolhe em sua cella o herege, e absolve-o da infamia de raptar judicialmente uma creança!... Querem o dinheiro? levem-no! mas deixem-me a minha filha! Ponham á frente da matilha o prussiano. Assaltem esta casa, arrombem estas gavetas, levem tudo; mas não me deshonrem, cafres!

O padre, á proporção que bramia, saltava do leito, amparado no medico, e envergava o vestido com vertiginosa celeridade.

— Quero esperal-os, quero ver cara a cara o tal pimpão das pistolas! — resmuneava o padre a impar de colera e tão rubido que o sangue parecia reçumar-lhe nas faces.

Antonia que lá ao longe, no seu quarto, ouvira a troada indistincta d'aquelles clamores, aproximou-se e entrou na antecamara do padre, no momento em que elle dizia com o alento quasi exhaurido nos braços do medico:

— A final... é minha filha que me mata! Ó sr. Eliot! que terribilissima expiação!... Como Deus me tem castigado com a severidade de um cruel demonio!

— Não culpe sua filha, sr. Xavier — disse o doutor — Antoninha é uma creança, é uma doce alma que a fatalidade quiz envenenar... Se Frisch a não inquietasse no regaço do anjo da innocencia, sua filha seria o balsamo do seu pobre coração ulcerado, meu infeliz amigo!...

O subtil ouvido do medico dera tento de Antonia na proxima saleta. Estas phrases que o seu bom ou mau demonio lhe inspirara, ouviu-as Antonia com admiração e contentamento. Desconfiava do despeito recondito do medico; e detestara-o quando elle lhe suspirára finezas, tendo ella o coração cheio do amor de Frisch. A sua alma era já outra para agradecer as consolações da amizade. Figurou-se-lhe, n'aquelle lance, Izaac Eliot um sincero amigo sacrificado a um falso amor. As expressões affectivas do medico, proferidas em sua defeza e na sua ausencia, deram-lhe a reconhecer um bom caracter, e melhor coração que o do outro que a trahira com singular vilania.

O padre passou rapidamente á ante-camara; Antonia já não pôde fugir: titubiou, e disse que chegára n'aquelle instante para saber da saude de seu tio. Ella não usou reticencias na escolha do gráo de parentesco. É que não se lembrava já que elle fosse pae. A reve-

lação ficara-lhe na concha da orelha, e não filtrou ao coração.

— Ia procurar-te... — disse o padre em vozes intercadentes e picadas pelos spasmos da respiração difficil. — Já que aqui estás, ficaremos aqui. Senta-te, Antonia. Sr. Eliot, sente-se tambem. Antonia, isto vai acabar. O teu maior amigo vai fechar os olhos, cansados, cegos de chorar. Eu choro ha muitos annos; ha tantos quantos tu contas. E' tempo de ir adormecer o somno eterno na sepultura de meus paes. Antonia, vai-se-te o primeiro amigo; e eu quero deixar-te amparada no coração do segundo. Se queres que as minhas derradeiras palavras sejam as de um pae extremoso que te abençôa, acceita como esposo o sr. dr. Eliot, que te adora ha tres annos, e tem por amor de ti soffrido todas as dores occultas dos que amam com honra.

Eliot levantou se: ajoelhou aos pés de Antonia Xavier e balbuciou:

— O sr. doutor Xavier disse o que os meus labios não ousariam proferir. Sr.ª D. Antonia Joaquina, se seu pae fallecer — o que Deus não hade permittir tão cedo — e a menina precisar de um amigo dedicado como pae, achar-me-ha sem ser minha esposa. Eu lhe peço de joelhos, não a sua mão; peço-lhe a sua amizade.

Antonia contemplava-o .. e não respondia. Era como se não o ouvisse. No espanto da vista, ainda assim, havia luz suave; se aquella imprevista scena a angustiasse, o rosto vibraria em contracções, e as lagrimas golphariam, quando o medo e a obediencia lhe represassem os gritos.

Eliot esperava de joelhos a resposta. Antonia espertou da sua lethargia quando o pae lhe perguntou:

— Minha filha, dás o teu futuro, os teus haveres e o teu coração ao sr. Eliot?

— Como quizerem — respondeu ella.

O medico beijou-lhe a mão convulsa. O padre ergueu-se com os braços abertos, e exclamou:

— Abraça-me, querida filha! e perdôa-me as injustiças que eu fiz á tua dignidade... Agora, creio que não morrerei tão cedo...

E, sentou-se, quasi resvalando dos braços d'elles, chorando, arquejando e empallidecendo.

Eliot sondava-lhe o pulso, e dizia entre si:

— Que horrivel desastre, se a commoção lhe rompia o aneurisma n'esta conjunctura?

XXXVII

Era uma manhã nublosa e parda de novembro de 1729. O borraceiro da noite gotejava das varas desfolhadas do arvoredo. A revezes, um pegão de norte glacial sacudia as derradeiras folhas que esvoaçavam de encontro ás vidraças da casa de Camarate. Nas assomadas dos outeiros ringiam as azas dos moinhos, e os panaes, embatidos pelo vento rijo, trapeavam como no compassado arfar da mastreação do navio. As nuvens côr de chumbo estiravam-se na ladeira dos montes; e sobre os paues e regatos pairava um rolo de nevoas alvacentas. Era, pois, uma triste manhã aquella que se seguia á decidida perdição de Antonia Xavier.

O padre andava a pé antes do alvorecer. Estivera até á meia noite com sua filha e com o medico na sala de espera onde ardiam as brasas do fogão. Eliot sahira áquella hora com o pagem e o lacaio para Lisboa; Antonia entrára no seu quarto; e Francisco Xavier, temendo as ancias que o affligiam no leito, adormecêra na poltrona, acalentado pelo ar tepido da sala.

Quando espertou, tiritava de frio. O escudeiro quiz deital-o; mas o prior e os padrinhos do casamento tinham sido avisados para as dez horas da manhã. Não se deitou. Foi o escudeiro aquecer á cosinha o remedio de seu amo, e voltou dizendo que a creada da menina lhe dissera que a sr.ª D. Antonia toda a noite passeára no quarto, e ao romper da manhã sahira para a quinta, apezar do frio. Esta nova entristeceu o pae. Outra, porém, mais perturbadora, lhe deu o escudeiro. A creada que denunciara a sahida matutina de Antonia á quinta, accrescentou que, indo ella de uma janella alta da casa ver se a menina andava no pomar, ouvira tropear um cavallo na azinhaga que passava rente com o muro da quinta, e avistara um cavalleiro encapotado chegar e parar defronte da caza, e inclinar-se a conversar com alguem que ella não pudera enxergar; disse mais que o cavalleiro, desembuçando-se para descer do cavallo, deixara ver o rosto, e ia jurar, concluiu a creada, que o sujeito era o estrangeiro de quem a menina gostava; mas declarava que sua ama, quando o cavalleiro se sumiu, vinha do lado opposto, caminhando muito de vagar, e estivera em pé defronte da capella, com a cabeça entre as mãos, como quem chora . . .

— Vai indagar! vai saber para onde foi esse homem! — disse o padre ao escudeiro. E atravessou rapidamente salas e corredores em demanda da filha, que estava no seu quarto lendo e queimando cartas e poesias de Josse Frisch. Assim que ella o conheceu de longe pelo bater sonoro da perna artificial, escondeu as cartas ainda não queimadas e mais o perfumador em que faúlavam as cinzas das outras.

— Estás aqui, Antonia?—perguntou elle de fóra da porta.

— Sim, tio.

— Posso entrar?

Antonia abrira a porta.

— Que fumo! — notou o padre — Queimaste papeis?

— Sim, senhor.

— Que papeis?

— Cartas...

— Ah!... Sahiste já hoje á quinta?

— Sahi, tio.

— Onde estiveste?

— Passeei á volta do lago.

— E não estiveste no miradouro que dá para a estrada?

— Estive, sim, senhor.

— Fallaste com alguem...

— Com o feitor...

— Quem era um homem que passou a cavallo?

— Não vi homem nenhum a cavallo.

— Mentes!

— Não minto, meu tio.

— Que foste fazer de madrugada ao miradouro?

—Não dormi nada, sentia-me afflicta, e sahi.

Deteve-se Francisco Xavier enfitando-a com penetrante fixidez; e ella, como cansada de soffrer, sentara-se alquebrada, desviando os olhos da face do pae com um tregeito desabrido de enfado e tedio.

— Estás arrependida do que prometteste hontem? — volveu elle iracundo.

— Não, meu tio: estou ás suas ordens.

— Casas obrigada, ou livremente?

— Nem obrigada nem livre: façam de mim o que quizerem.

— Não ha duvida que viste o infame...

— Que infame!? — perguntou ella espantada.

E não deprehendeu nada do offegar silencioso do pae.

Retirou-se o padre. Antonia escogitava um sentido

*

para as ultimas expressões que ouvira, e nenhum achou.

— Estará elle para enlouquecer ? ! — disse ella comsigo.

N'este momento a creada, que informara o escudeiro, entrara no quarto com o proposito de lhe perguntar se vira aquelle estrangeiro louro que ia á rua do Outeiro com o pae. Se lhe faz a pergunta, a noiva de Eliot comprehenderia a interrogação ácerca do cavalleiro, e as palavras abstrusas do padre, a respeito de um infame; e então lançar-se-hia ás estradas em busca de Frisch, e salvar-se-hia. Mas Antonia, de opprimida que estava, queria chorar sósinha; e, vendo entrar a creada, intimou-a com arremesso:

— Deixem-me ! . . .

A creada sahiu carrancuda.

Ao mesmo tempo, o escudeiro colhêra as seguintes informações: que o feitor, ao romper da manhã, viera do lado de Lisboa; que, meia hora depois, ás sete, pouco mais ou menos, chegara um homem a cavallo, e estivera momentos na estrada a conversar com elle; que apeara, e dera o cavallo a um rapaz de alquilaria, e fôra a pé para o lado da egreja.

Foi chamado o feitor á presença do doutor Xavier. Não se encontrou o feitor.

Ás oito horas e meia apeou Izaac Eliot, com o pagem e dois lacaios pretos. O padre occultou-lhe as occorrencias com receio de perturbar as coisas bem ordenadas. A seu juizo, bem podia ser que Frisch andasse sondando o terreno; mas que mal poderia advir d'ahi a sua filha? Ás onze horas estaria casada. Ainda assim, pintava-se-lhe na imaginação inquicta, ao mais leve rumor, que Bluteau e o rei, e a freira Paula, e a jolda dos ladrões lhe arrebatavam a filha. Sentia-se desassocegado, vertiginoso, atormentadissimo na alma e no corpo.

Ás dez horas chegaram á quinta dos nobres duas senhoras de extracção aldeana, irmans do prior. Vinham para acompanhar a noiva, cheias de vaidade da sua serventia em matrimoniamento de tão opulenta menina. Entraram á sala, onde as recebeu Eliot. Queixou-se uma de obstrução do figado, indicando o baço; a outra disse que era rendida. Vieram conjunctamente o padrinho e as testemunhas do casamento: eram uns proprietarios de Camarate, que tambem exhibiram ao doutor alguma parte dos seus achaques, e todos á uma se congratulavam pela acquisição do medico mais nomeado da capital.

Entrou na sala o padre Xavier com D. Antonia, vestida de sêda escura, sem adresses de oiro ou pedras. As senhoras disseram-lhe que eram horas de ir vestir-se de noiva.

— Estou vestida — disse ella, sorrindo.

— Vai muito bem — applaudiu o padre Xavier — A candura e as flôres vão na alma; os enfeites da cabeça e a côr branca dos vestidos são artificios, vulgaridades tolas.

— Deixe lá, que parece agouro! — disse a indicada para madrinha das nupcias — noiva vestida de roixo escuro!...

— E manto de sêda preta — encareceu a outra — Ó minha linda menina! vá mudar de roupa! Ao menos ponha um véo branco...

— Superstições... — interveio Eliot.

Chegou o sacristão a dar parte que o sr. prior e mais o sr. padre Acurcio estavam á espera para confessar os noivos, e contou que na egreja já estava muita gente da freguezia, e muitas raparigas com abadas de rosas de inverno, rosmaninho e alecrim, porque não havia d'outras flôres.

Abalaram todos, excepto o padre, que estava febril, entorpecido e oirado da cabeça. Queria ir; mas

o medico prohibiu-lh'o. Sentou-se ao fogão, e mandou abrir uma janella que dava sobre o espaçoso pateo por onde sahira o pequeno prestito.

D'ali viu elle a filha entre as duas irmans do prior, desapparecer no portão; e chorou. N'este comenos, o escudeiro entregou-lhe uma carta vinda de Lisboa. Era do padre Raphael Bluteau.

O sabio aulico de D. João v expunha ao seu amigo em linguagem commovente a historia dos amores da sua sobrinha com o filho do eminente João Frisch. Depois, vinha com grande espanto e magoa ao lanço em que ella o desliga e se desliga de juramentos sacratissimos, reciprocamente feitos. Descreve a paixão de Josse, a sua vinda a Lisboa, e o nobre intento d'essa vinda. Declara sob sua palavra de honra, que Frisch não quer perturbar o casamento de Antonia com Eliot; mas tão sómente encarar de frente a mulher que lhe matou a juventude e ennegreceu o futuro.

Seguidamente, pergunta ao padre Xavier se elle conhece bem o homem a quem vae ligar sua infeliz sobrinha; e accrescenta:

«Eu me abstenho de repetir o que d'elle me consta «por depoimento de seus mesmos patricios; porém, se «vossa-mercê os quizer ouvir depôr, ahi tem os nomes «e residencias...»

E nomeava uns francezes estabelecidos em Lisboa commercialmente:

E concluia:

«Rogo a Deus que sua sobrinha seja mais feliz «que uma desditosa franceza, a quem elle dava foros «de esposa e ahi está em Lisboa, recorrendo á cari«dade dos seus patricios. Quando comparo, sr. Xa«vier, o cirurgião Eliot com o prodigioso mancebo,

«tão douto quanto honrado, tão apaixonado quanto «prudente — chego a imaginar, senhor meu, que vossa «mercê é victima de alguns filtros, e sacrifica essa «pobre menina que, por desventura sua mui grande, «não tem pae, nem tutor illustradamente religioso. «Minta eu como propheta, praza a Deus! mas não «posso ter mão do meu espirito que não lhe vaticine «grandes remorsos, e remorsos insanaveis, se vossa «mercê pôz violencia ao coração d'essa mal-sorteada «creatura. Padre Francisco Xavier, se ainda é tempo, «arranque-a do abysmo. Se já é tarde... chore por «ella como eu choro por este honesto moço de quem «me escondi para lhe escrever.....»

O padre amarrotou a carta em ambas as mãos, e murmurou:

— Querem matar-me... Bem sei... É uma conjuração... Acharam impedimento na cura ecclesiastica e no tutor, e vem agora tentar novo expediente... Viestes a tempo, velhacos... Protegeis os lutheranos e queimaes os hebreus... Talvez o queimasseis, quando elle se apossasse dos meus cento e cincoenta mil cruzados...

Prolongou-se o monologo, estando o escudeiro á espera da resposta.

— Estavas ahi? — disse o padre.

— Espero resposta.

— Dize-lhe lá de viva voz que minha sobrinha está casada com o doutor Izaac Eliot, cirurgião-mór do real exercito, medico da côrte, e cavalleiro professo da ordem de Christo. Dize-lhe isto.

Ouviu-se o toque da sineta que chamava á missa.

— A menina ainda não casou — advertiu o velho creado de Paulo Xavier. — Ainda agora é que vae o padre para o altar.

— Que queres dizer n'isso tu?

— Queria dizer, meu amo, que, se vossa mercê recebeu alguma ruim nova, é tempo ainda...

— Vae-te! dá-lhe a resposta que te dei!

Volveram-se-lhe tres quartos de hora horrendissimos. Desenrugou a carta, e releu-a. Figurava-se-lhe agora o venerando Bluteau, diante d'elle, com as cans alvejadas por noventa e um invernos. Vibravam-lhe aquellas palavras magestosas no intimo da alma... «Quem sabe?» dizia entre si. Era terrivel aquella interrogação feita á sua consciencia hesitante.

— Meu Deus! — exclamára elle; mas a invocação era banal, era o habito de proferir o nome do eterno Incognito, quando a exasperação acceitaria o patrocinio do espirito do mal. Havia muito que a Providencia fôra repulsa das suas agonias e dos seus prazeres.

Entretanto, Antonia e Eliot ajoelhavam no taburno do altar mór para commungarem. O povo premia-se para mais de perto vêr os noivos depois da benção; metade da egreja estava despovoada; as raparigas, com as suas saias escarlates e roupinhas variegadas, esperavam no adro, empoleiradas no parapeito, para de lá espargirem a folhagem da rosa e as flores da alfazema e do rosmaninho.

N'este comenos, atravessou o adro um mancebo para quem todas olharam, e com vagaroso passo entrou na egreja pela porta travessa.

— Quem é?!

— Que rapaz tão perfeitaço!

— A cara é de estrangeiro!

— Eu antes o queria que ao doutor que apanhou a fidalga.

— Aquelle homem — disse uma das saloias — chegou esta manhã, e entrou para casa da tia Francisca Relvas, que é mãe do feitor dos Nobres...

— Eu bem no vi tambem, quando o acompanhamento entrou na egreja. Estava elle alem na devêza

do João do Rio, encostado áquelle sobro, e embuçado n'um capote. Eu só lhe vi os olhos e o cabello, mas não me escapou...

As mais curiosas, que eram todas, entraram tambem de roldão no templo.

Josse Frisch estava encostado á pia da agua benta, suspensa na hombreira da porta travessa.

Os contrahentes eram abençoados no mesmo instante que Josse transpoz a soleira da porta, e conservaram-se de joelhos ouvindo os bons dictames do prior ácerca dos deveres conjugaes. O sacristão, furou por entre a mó de povo para ir repicar os sinos, e os creados da lavoira da quinta atroavam os eccos descarregando bacamartes no adro.

— Vão com Deus, e sejam felizes! — disse finalmente o prior.

Eliot e Antonia voltaram-se para o povo, que, suspenso da belleza da noiva, não abria passagem.

Henrique Rutier passou para a frente, e disse mal encarado ao povo:

— Então? ficaram embasbacados?

Os camponezes desviaram-se a dois lados, e os noivos desceram a par por entre as alas.

Chegados a meio da egreja, d'entre a ala esquerda, sahiu, com algum esforço, um dos espectadores, e parou em frente de Antonia Xavier.

Era Josse Frisch.

O primeiro gesto de Antonia confundiu-se com o ultimo. Viu-o, reconheceu-o, avançou um passo, retrahiu-se com as mãos nas fontes, abriu os labios e os olhos trementes, suspirou um gemido estertoroso, e resvalou sem accordo aos braços do marido.

Josse Frisch contemplou-a um momento, fitou com o maior desprezo da vida Izaac Eliot, e desviando-se da clareira entre as duas filas de povo, sahiu pela porta transversa.

O prior fez conduzir a cadeira parochial para se assentar a noiva. Eliot, coadjuvado por tres homens robustos, ergueram nos braços a poltrona, e caminharam para a quinta.

Os sinos cessaram de repicar. Havia alarido no adro; as mulheres choravam alto, e algumas clamavam que a fidalga tinha morrido de repente.

O padre debruçara-se na janella contigua ao fogão, quando os sinos festejaram o casamento celebrado. Estava enxugando as lagrimas, e espancando da idéa os agouros do padre Raphael Bluteau. Figurou-se-lhe ouvir um vozear como de pranto. Chamou o escudeiro:

— Que ouves tu?

— Ouço chorar, meu amo.

— Vai vêr o que é... corre... Os sinos já não repicam... Espera que eu vou... ajuda-me a descer a escada.

A escada, que descia da sala de espera ao pateo, era precipitosa.

Antes de sahir, assomaram no portão as creadas da casa, correndo e bradando:

— Vem morta! vem morta!

— Quem? — exclamou o padre.

— A menina! — responderam ellas, dando gritos estridentes.

— A minha filha morta! Oh meu Deus! bradou elle.

Francisco Xavier correu quanto lhe permittia o aleijão, para o mainel que formava um varandim no tôpo da ingreme escada. Entreviu então a cadeira cercada de gente a entrar no pateo. Já então devia vêr por entre as nevoas da morte o corrimão de ferro a que debalde quiz fincar-se. A perna artificial não se dobrou quando o tronco se acurvava em busca de amparo. Cahiu rolando de degráo em degráo, e bateu com a fronte em um dos pilares de ferro que rematavam o

corrimão. E expirou fulminantemente, não da queda que de leve o feriu; mas da ruptura do aneurisma. Foi o espectaculo da filha apparentemente morta que o afogou na onda do sangue reprezado.

Os tres segundos, que precederam aquelle trespasse, deviam ser a synthese de agonias incalculaveis! O escudeiro affirmára que só lhe ouvira duas palavras: *Matei-a eu!*

XXXVIII

Eram passados oito dias. Francisco Xavier, o grande desgraçado, apodrecia no jazigo de seus paes e avós. Josse Frisch, velado em perigosa doença pelo padre theatino, esperava restabelecer-se para voltar ao seu paiz, e pedia perdão a Deus pelo crime da sua apaixonada vingança. Catharina de Castro, avisada simultaneamente da falsa nova da morte da filha e do desastrado passamento de Francisco Xavier, após o paroxismo de poucas horas, recahiu n'um spasmo de imbecilidade, perda de memoria, rindo e chorando, o idiotismo estupido, espantadiço, que tem os risos meigos que nos arrancam lagrimas. Quando chegou a Odivellas a nova de que Antonia era viva, Catharina parecia querer recordar-se, e, beijando soror Paula Perestrello, chamava-lhe a sua filhinha. A sua desventura era tamanha que as religiosas de Odivellas, suas inimigas, já diziam compassivamente:

— Deus castigou-a, porque, por amor d'ella, os quadrilheiros do corregedor nos insultaram.

E as mais descompadecidas apenas murmuravam com os olhos nos paineis dos santos:

— Foi bem feito. Agora queremos vêr tambem como acaba a Paula.

— Ella cahirá — vaticinava outra — porque lhe faltam as molêtas reaes.

A caridade tinha limites — os justos limites que a religião bem entendida lhe abalisou. Segundo as mais versadas em theologia ascetica, Deus insandecera Catharina, e partira as reaes molêtas de Paula.

No entanto, Eliot e sua mulher viviam na casa da rua do Outeiro.

Concentremos aqui a nossa attenção, porque todos os outros infortunios derivados da sua desgraça são contingencias que pouco fazem ao martyrio de D. Antonia Joaquina Xavier.

Profundo torpor, indifferença glacial, uma especie de somnolencia marasmaram a filha de Francisco Xavier. Encarava o marido com medo quando elle a distrahia da sua reconcentração, dizendo-lhe palavras de contra-feita meiguice. Havia o que quer que fosse que lhe embaraçava a lingua, se pretendia justificar a paixão que o propellira a disputal-a ao rival. Como era muito infame, julgava-se dispensado de dar explicações á mulher, que não lh'as pedia. Era sua a herdeira. A parte importante da conquista vingara-se. A menor, a vassalagem do coração, nem sequer o ciume lhe exaltava os quilates. Se a não amava, quando a solicitou de joelhos, que sentimento se havia de esperar depois que ella desmaiou na presença de Josse Frisch?

Entretinha-se na liquidação do patrimonio. Eram duas poderosas heranças. A do desembargador Paulo Xavier, que legalmente, no inventario, era o pae de Antonia, e a de seu tio Francisco, arredondavam cento e cincoenta e seis mil cruzados ou treze mil moedas, segundo a computação de um poeta coevo de que faremos mensão. Eliot, como é de vêr, não alterou a

paternidade falsa da mulher. Para quê? Esclarecer o nascimento de Antonia seria litigiar-lhe o dote. Até da sepultura, o nome do legitimo pae viria diffamar a filha. Em meio de tanta corrupção, a moral conservava a mascara carnavalesca.

Os creados do padre conservou-os Eliot, accrescentados com duas das suas creadas. Henrique Rutier, feito o casamento, recebeu avultada gratificação. Sem despedir-se do serviço de Eliot, alugou casa, onde hospedava bizarramente os seus patricios. Associou-se em negocio de instrumentos musicaes com um Estevão Gautier, morador na rua das Arcas. Tinha cavallo e dois escravos. Era odiado de alguns casquilhos a quem elle disputava com vantagem raparigaças de belleza muito apimentada. Citava-se entre as mais secias uma Antonia do Sacramento, que hade ter a sua lauda n'esta narrativa, opportunamente.

Á caza da rua do Outeiro iam as Caldeirôas, excepto Leonor. Thomaz Darcet, o francez, marido de D. Maria Thereza, comia e vestia-se das liberdades de Eliot. A esgrima e a ginêta nada lhe rendiam. O patricio adivinhava-lhe as necessidades; e, no auge da sua magnanimidade, estabeleceu-lhe uma farta mezada. Detestava-lhe a dependencia, achava-o carissimo para amigo; mas constituira-o tacitamente seu alcofa ao pé de Leonor. Estava no alvitre do pagem: *Case com uma e merque a outra.* Não obstante, a filha de Francisco Caldeirão da Veiga Cabral, a timbrosa Leonor, nunca mais pisou as alcatifas de Izaac Eliot, nem o encarava de frente, se casualmente o encontrava.

Antonia Xavier recebia as visitas, que seu marido lhe inculcava, coagida. Cresceu o numero d'ellas, todas francezas. Lisboa, desde o reinado da mulher de Pedro II, attrahira muitos artistas e mercadores, principalmente, modistas e alfaiates. Afóra estes de

ordem mechanica, grassava em Lisboa uma peste de aventureiros, que se diziam *gentis-homens,* victimas da intolerancia religiosa, e queixavam-se de Roma ali ás barbas christianissimas de S. Domingos. A Inquisição poupava-os e queimava Antonio José da Silva em carne e osso, e Francisco Xavier de Oliveira, menos ardentemente, em estatua.

Antonia lêra na *Gazeta,* vinte dias depois de casada, que a expedição redemptora dos padres da Sanctissima Trindade havia entrado no Tejo. Elogiava-se ahi o zelo e a piedosa industria com que Fr. André Guilherme auxiliara o resgate de 224 captivos.

Dilatou-se-lhe o coração; consolaram-na as lagrimas; sentia bafejar-lhe vida a vizinhança de uma santa alma.

Não havia alguem que lhe fallasse de Frisch; ninguem que lhe explicasse aquelle inopinado apparecimento na egreja. Mil conjecturas absurdas e cruciadoras! Que viera ali fazer Josse, depois que a desprezára? Arrepender-se-hia da ingratidão? Era o remorso ou o amor que o arrastaram? Mas, se fôra arrependimento, que lhe serviria mostrar-se á mulher que era já de outro? Se ia accuzal-a, com que direito o faria, abandonando-a, recommendando-lhe até que não lhe escrevesse mais? Esperava, talvez, que ella se chorasse, apezar da prohibição? Era-lhe menos infernal a saudade e a affronta que o envilecer-se a pedir-lhe a esmola do seu amor.

A alguma d'estas interrogações esperava Antonia que o trino André Guilherme respondesse.

Contando com a fidelidade do escravo, por quem enviara as suas cartas ao defunto Jacome, escreveu ao frade, referindo o processo do seu martyrio, desde que elle se despedira em Camarate. Não o convidava a ouvil-a em sua caza, porque seu marido lhe ordenára que desatasse as suas relações com elle e com sua fa-

milia. Contava-lhe a apparição de Josse. Pedia-lhe que de algum modo indagasse se elle estava em Lisboa, e lhe restituisse a ultima carta, que recebêra d'elle, unica de quantas possuira que ainda conservava, delida pelas lagrimas.

Frei André Guilherme, apenas entrou em casa de sua mãe, no regresso de Africa, ouviu a cadeia de infortunios que, em tão breve tempo, succederam na casa de Camarate. A piedade, o amor fraterno impulsavam-no para a rua do Outeiro; mas o receio de peorar o viver da sua amiga, reteve-o. Soube logo que Josse Frisch era hospede do padre Raphael Bluteau; mas ignorava que elle houvesse apparecido na egreja; porque Izaac Eliot e Henrique Rutier não divulgaram o nome do incognito mancebo, cuja presença o povo despercebeu.

Procurando o prussiano, fr. André Guilherme ia cumprir um dever incluso nas suas obrigações de padre. Era o seu intento pedir ao mancebo que se retirasse, se por causa de D. Antonia Xavier viera a Lisboa; que esquecesse a pobre senhora tão seccamente desenganada por uma carta que desmentia todas as outras; arguil-o de imprudente e cruel pela imprudencia de se apresentar no templo de Deus quando Antonia era já casada; emfim, todo o seu fito era insistir que sahisse de Portugal, responsabilisando-o pelo acrescimo de dôres e saudades pecaminosas que sobrepuzesse ao infortunio da infeliz violentamente casada.

Fortaleceu-lhe o designio a carta. Respondeu á sua discipula, promettendo accudir-lhe em todas as suas penas, quanto a religião e a amizade lhe aconselhavam. Pedia-lhe que se houvesse com paciencia,—a arma invencivel que todos os revezes prostra, quando a meneia o braço inquebrantavel da virtude.

Ao annunciar-se no convento dos theatinos, procu-

rando Josse Frisch, o prussiano sahiu a recebel-o á portaria. Vira-o através do coração de Antonia. Sabia que elle tinha vinte e oito annos. Era uma alma nova. Comprehendel-o-hia; absolvel-o-hia da tardia crueldade que o levára á egreja, pensando que uma mulher capaz de tamanha perfidia seria incapaz de succumbir, como Antonia, diante da sua victima silenciosa.

Fechados na cella do hospede, fr. André Guilherme abriu assim o dialogo:

— Ainda que esta mensagem não pareça de frade, como a minha missão é resgatar captivos na Barberia, poderei, sem escrupulo, amplial-a na redempção de todos os captivos das paixões funestas. Venho aqui a pedido de D. Antonia Xavier, casada com Izaac Eliot, entregar a vossa-mercê uma carta que reprova, e torna estranhavel o apparecimento do sr. Josse Frisch no momento em que a sr.ª D. Antonia se retirava dos pés do sacerdote que a ligara perpetuamente a outro homem.

— Qual carta? — atalhou Frisch, estendendo a mão arrebatadamente.

— Esta.

Abriu-a o allemão, e apenas leu a primeira linha, gritou:

— Eu não escrevi isto! esta letra não é minha!... Não escrevi esta carta, sr. frei André!

E, consoante descia os olhos desvairados no papel, levava a mão á testa entumecida de sangue, espectorava uns brados roucos; e, por fim, quando já lia e não percebia, atirou-se sobre o leito, e curvado, com o rosto nas mãos, exclamou:

— Meu Deus! meu Deus! não me deixeis endoudecer!...

— Pois não é sua esta carta?! — acudiu o frade.

— Oh! desgraçados, desgraçados! que fostes ambos victimas de uma traição do francez!

E aquelle valoroso moço, que se defrontára no templo com o scelerado Rutier e com o marido de Antonia, cahiu de joelhos aos pés de frei André Guilherme, e soluçou:

— Vá, vá pedir-lhe que me perdoe... se eu lhe matar o marido!...

— Jesus! — disse o frade — que atroz pensamento é esse?! Quem castiga é Deus... Meu pobre moço, levante-se, ampare-se n'este coração que lhe offereço, para as suas lagrimas e para as lagrimas de minha desventurada irmã. Eu lhe direi tudo a ella... eu o justificarei... Mas...— o frade fez uma pausa, esfregou a testa como quem quer rarefazer a escuridade interior, e disse: — suppondo que o sr. Frisch não escreveu esta carta, é natural que, não recebendo cartas de Antonia, lhe escrevesse queixando-se da falta, ou viesse a Portugal saber o motivo extraordinario do silencio d'ella.

Frisch abriu a sua maleta, e, pegando em uma carta que era a primeira de um massete, entregou-lh'a.

— É de Antonia? — perguntou frei André.

— Não é d'ella... é uma carta falsa como a que eu recebi...— respondeu anciado o moço, apoiando a fronte esvaída nas mãos inclavinhadas.

— Com toda a certeza é tambem falsa...—Affirmou frei André.

Josse ergueu a face, fitou com desespero o frade, e articulou em vozes os soluços que o afogavam:

— Tudo perdido!... irremediavelmente perdido... Já não podemos salval-a...

— Podemos, sr. Josse... Dê-lhe o exemplo da resignação!...

*

Quedou-se momentos em muda agonia, e respondeu:

— Triste exemplo vou dar-lhe...

— Em que pensa, infeliz moço? — perguntou frei André com amoravel brandura.

— Penso no suicidio...

— Eis ahi o covarde desafogo dos que vivem e morrem nas falsas religiões! Eis ahi a philosophia das trevas que reduz a alma humana á condição de um tumor maligno que se rompe com a ponta de um ferro!... A famosa sabedoria de seu illustre pae não lhe ensinou mais nada ácerca do destino do homem, sr. Frisch?

Josse respondera-lhe cravando n'elle o olhar torvo de atheu, que não pode conciliar um supremo Creador com a immerecida desgraça da creatura.

XXXIX

Ás quatro horas d'este mesmo dia, a creada que Eliot levára de sua casa e constituira acintemente aia da senhora, ou moça de almofada, como então se dizia, ouvindo tanger a campainha da porta da rua, sahiu á janella, e viu pessoa desconhecida que disse queria fallar á sr.ª D. Antonia.

— Quem lhe heide dizer que a procura?

Josse não previu a pergunta; porém, forte de caracter e afflicto de mais para improvisar subterfugios, respondeu:

— Josse Frisch.

Maria Miguel, que assim se chamava a creada, desconhecia aquelle nome.

Foi ao quarto da senhora, que estava escrevendo a D. Paula Perestrello, e deu o recado.

Antonia levantou-se alvoraçada, e murmurou como em segredo:

— O quê?! Frisch!?

— Sim, minha senhora, um rapaz loiro, e muito branco, branco de neve...

— Maria! — disse Antonia atropellando as pala-

vras — conte com a minha gratidão eterna por um favor que lhe vou pedir... Aqui tem este annel de diamantes... dou-lh'o...

— Ó minha senhora...

— Dou-lh'o; mas não diga que eu fallei a esse homem... abra-lhe a porta da sala... sim?... preciso muito fallar-lhe... muito...

— Então, minha senhora, para que as outras creadas o não vejam, o melhor seria abrir-lhe a porta do escriptorio... Não acha? Escusa-se de que o ouçam subir as escadas para a sala...

— Pois sim, Maria... — condescendeu a mulher de Eliot acariciando a aia — Vá abrir-lhe a porta, que eu desço já...

A este tempo, Antonia ignorava ainda que fr. André Guilherme houvesse fallado com o prussiano.

Maria Miguel subia lestamente, quando a ama descia tão trémula e commovida que se amparava contra a parede.

— Elle lá está — disse a aia muito desempenada — Eu fico á espreita na janella... Fêche a porta por dentro á cautela. Se eu vir a sege do sr. doutor, bato trez vezes com o tacão no sobrado; mas elle não vem cá antes das onze horas.

— Quem sabe? — disse Antonia.

— Sei-o eu... O Rutier disse-me, ha pouco ainda, que ia hoje com o amo ao theatro hespanhol vêr a Gamarro... Esteja socegada, minha senhora.

Antonia recuou duas vezes antes de entrar no escriptorio em que Josse a esperava. Frisch presentiu-a, e sahiu ao limiar da porta. Vendo-a, retrocedeu dous passos para ella entrar.

Ella ganhou alento; e, com os olhos enxutos e voz firme, disse:

— Aqui estou, sr. Frisch... Que pode querer-me?

— Salvar a minha honra, horas antes de perder a

vida. Sou accusado de lhe haver escripto uma carta que não escrevi. A minha letra foi imitada; a minha dignidade é que não podia ser falsificada, se D. Antonia a conhecesse. Não a accuso, porque tambem tenho de que me accusar...

— A carta que eu recebi não era sua?! — atalhou Antonia vivamente anciada.

— Esta decerto não era.

Deu-lh'a, e proseguiu, offerecendo outra:

— E esta com certeza tambem não era da sr.ª D. Antonia.

A attribulada senhora abriu a segunda carta, viu a sua letra, leu as primeiras linhas, e exclamou:

— Que é isto, ó Virgem santa! Esta carta não é minha! que Deus me fulmine, se eu a escrevi!... O' Josse, pelas chagas de Christo, por alma de nossas mães lhe juro que não escrevi isto!

— São desnecessarios juramentos, Antonia — volveu Josse. — Ambas as cartas são falsas. O homem de quem as confiávamos, vendeu-nos a este que é seu marido, e fugiu de Lisboa quando eu cheguei... Mas que importam já agora as ignominias que nos perderam? A nossa desgraça é irremediavel, e eu venho pedir-te que me perdoes o insulto que te levei á egreja no momento em que acceitavas a tua corôa de martyr! Se eu soubesse, ó infeliz, que eras como eu a victima de tão grande infamia, iria escarnecer o teu infortunio? Eu decerto havia de te dizer que não faltei ao meu juramento; mas não iria atirar ás tuas faces cheias de lagrimas a affrontosa irrisão dos meus olhos enxutos... Perdôas-me, Antonia?

E, ajoelhando, foi compellido a erguer-se nos braços d'ella, que lhe dizia palavras cortadas por arrancos angustiosos.

— Serenidade, minha amiga! — volveu elle, sentando-a com brando esforço. — Serenidade, que deve

ser a justificação dos que se suicidam com a sua razão imperturbada e luminosa. As minhas pobres poesias muitas vezes te disseram que eu faria á volta da minha alma eterna escuridão quando a luz do teu amor me faltasse... Eu só comprehendia o teu amor como comprehendo as virtudes nas divinas creações que estão mais proximas de Deus. Nunca pensei em te denegrir uma só das tuas canduras de anjo. Nunca desliguei a sagração do amor da virtude social do casamento. Estás casada: — perdi-te; podes amar-me; perdida estás para mim e para sempre. A vida assim não a quero: é um inferno, que eu acceitaria como expiação, se me sentisse criminoso. Tenho a minha alma cheia de lagrimas; mas não de vicios. Se ha outra vida, quem me condemnará por que fugi aos supplicios d'esta?

— Mas que dizes tu, Josse!? — interrompeu Antonia. — Queres matar-te, por que és infeliz? E eu?...

— Ah! tu!? hasde ficar desatada do teu poste de martyrio, Antonia! O homem que nos infamou aos olhos um do outro, hade entrar as portas da eternidade alguns momentos antes de mim! Podes tu amal-o? podes tu perdoar-lhe?

— Não!...

— Tiveste já o presentimento de poder acceitar o amor d'este homem? Dize-m'o pelas tristezas que me impellem á morte... Poderás ainda acceitar resignada a tua sorte?

— Tenho momentos de suave resignação, quando uma voz intima me diz que heide morrer cedo... Olha... sabes? Eu estava casada havia sete dias... era ao escurecer, quando uma mulher desconhecida, coberta de luto, conseguiu que a levassem á sala onde eu estava. Fallou-me em francez, e pediu-me uma esmola... Depois que eu lhe dei quanto tinha comigo, disse-me que era uma desgraçada a quem o mundo

chamava esposa de Izaac Eliot; disse-me que era certo elle havêl-a recebido; mas que, fazendo-se catholico, o seu casamento não tinha valia. Depois, disse-me estas terriveis palavras: «Senhora, depois que Eliot me atirou ao abysmo, de que eu fujo mendigando, é que eu soube dos francezes que vivem em Lisboa, que elle havia assassinado duas mulheres, uma em Constantinopla, outra em França. Não lhe tenho odio, pobre menina, porque sei que veio de rojo até esta situação; faz-me immensa pena vêl-a tão nova e tão rica entregue a um malvado que uma vez me fallou da *filha do padre* como de uma mina de que haviamos de sahir todos ricos. Eu queixei-me do ultrage, e elle repulsou-me de um só arremesso á miseria de pedir soccorros áquelles que me haviam offerecido os seus coches. Acautele-se — disse ella com muita instancia — olhe que elle ama outra mulher, que o domina sobre todas, e na hora em que essa lhe pozer um pé no coração, elle é capaz de a matar, senhora D. Antonia, é capaz de a matar para casar com ella.» — Foi o que ella me disse, Josse... E eu nem me acautelo, nem fugirei á morte, quando chegar a hora...

— Não morrerás ás mãos d'elle, Antonia — contraveio Josse Frisch.

— Não o mates... que eu nada lucro com a morte d'elle, se me tu faltares, Josse! — clamou ella com arrebatado carinho. — Não te suicides, que t'o pede aquella ditosa creança de ha dous annos... Dá-me o exemplo da coragem, que és homem e tens pae, e tens-me a mim que fico sendo a tua irman, sim, meu querido Josse? Olha... quem sabe o futuro? quem sabe se Deus castigará este mau homem? Eu tenho no céo quem peça por mim... Lá está minha mãe, e meu pae, e o meu desgraçado... tio, que morreu de repente quando me julgou morta... Não te hasde matar, não? Em quanto eu soubér que me amas

por compaixão, heide ter momentos de alegria, heide escrever-te muito, e todos os dias. Algumas vezes virás aqui vêr-me; quando a saudade me aniquilar, chamo-te, choro e ganho forças para continuar esta vida que tu me hasde fazer cara. Tem esperança, meu querido amigo... Se podes estar em Lisboa, deixa-te estar; mas tem cuidado: olha que este vilão tem um pagem que a tal franceza me disse que era um forçado das galés que falsificára firmas e matára um homem na França... O teu coração que me responde, Josse? Eu já não vejo o teu rosto, que é noute; não posso adivinhar o que se passa na tua alma... Responde-me...

Josse Frisch apertou-lhe as mãos, levou-as ao coração, e murmurou:

— E, se eu te arrebatasse n'este momento, Antonia!....se fugissemos...

As mãos de Antonia, e toda ella, tremiam. O corpo convulsionado vacillava, e pendia para onde as mãos eram premidas sobre o arquejar do peito.

N'este instante, ouviu-se o rodar acelerado de uma sege, que parou á porta da casa.

— É elle! — exclamou ella, e fez um arremesso para fugir.

— Não podes fugir de ao pé de um irmão... — e aperrou uma pistola.

Era Izaac Eliot, com os seus tres amigos, Jeronymo Fidié, Thomaz Darcet e Estevam Gautier.

Em frente do quarto em que estava Antonia, chamado o gabinete anatomico — (ali fôra anatomisado Jacome, o boticario) havia outro mais espaçoso e ricamente decorado, onde ainda se viam as livrarias do advogado Jorge Mendes Nobre e de seu filho o doutor Francisco Xavier.

Era ali que Izaac Eliot recebia os doentes que o

consultavam, e os seus amigos mais particulares nas palestras devassas e nas beberagens alcoolicas.

Apearam da calege, e entraram para aquella salêta os quatro francezes. O dono da casa pediu castiçaes, garrafas de agua-ardente, de Champagne e Madeira. Em tempo competente, veremos que Eliot andava reputado pelos poetas como bebedor afamado de agua-ardente, e tão convicto das virtudes medicatrizes d'esta poção que a receitava em todos os achaques resistentes ao leite de jumenta.

Bamboavam-se em poltronas; e bebendo a froixo, altercavam confuzamente ácerca de jogo e comediantes hespanholas. Do fallarío estridulo deprehendeu Antonia que seu marido, depois de grande pêrda, viera a casa provêr-se de dinheiro para nos intervalos dos actos encher o tempo em uma casa de tavolagem contigua ao theatro; e, quando a hora do espectaculo — até ao anno anterior fôra sempre de dia — se aproximava, Izaac Eliot mostrou aos seus amigos um trancelim de ouro com relogio inglez, dizendo que o levava de presente á Gamarra, e jurava tiral-a ao marquez de Gouveia e a D. Valentim da Costa de Noronha.

— Foi o relogio que me deu meu tio no dia dos meus annos... — segredou Antonia a Josse Frisch.

E subiram-lhe as lagrimas do coração que perdoava ao pae, áquelle funestissimo algoz da sua felicidade.

Izaac Eliot, quando entrava para a sege, perguntou ao velho escudeiro de Francisco Xavier:

— A senhora?

— Está no seu quarto.

— Dize-lhe que pode cear, que eu venho tarde.

XI.

Frisch confidenciou ao frade trinitario os successos do anterior capitulo. Nem sequer os soffreados impetos de arrebatar Antonia escondêra do austero frade.

— Se ella cedesse á tentação infernal, — exprobou André Guilherme — eu pediria a Deus que me fizesse esquecer a mulher perdida. Sr. Frisch, intenta remediar a desgraça de Antonia e a sua, com a deshonra de ambos? Antonia é digna de compaixão e respeito: o senhor, segundo entendo, quer tornal-a despresivel e odiosa. Feia acção! Abre-lhe um abysmo como evasiva. E depois? Leva para a sua terra uma concubina, não é verdade? Seu pae e suas irmãs, se as tem, desprezal-a-hão. E o sr. Frisch, ao ver-se desprezado por causa d'ella, será um homem extraordinariamente generoso, se, por commiseração, lhe der um frio amparo.

— Sr. fr. André Guilherme — replicou Josse — a sua alma não póde entender as paixões que nunca experimentou. A sciencia não basta. Eu tenho de optar entre o meu suicidio ou a salvação de Antonia.

— Pois suicide-se, que só dará conta de si no tri-

bunal de Deus! — respondeu, severisando o rosto, o inflexivel frade. E, feita uma longa pausa porque a sua angustia lhe empecia a respiração, continuou: — A sua ida a casa de Antonia foi o mais acerbo feito que o sr. Frisch podia commetter, querendo aggravar a triste sorte d'esta senhora. Eu encarregara-me de lhe escrever hoje, a dar as explicações justificativas do seu proceder; o senhor acceitou a minha intervenção; e, apenas o deixei, praticou um arrojo que seria simples loucura, se não fosse crime que póde surtir terriveis resultados. Que foi lá fazer, senhor? Despertar a paixão entorpecida, rasgar ulceras cicatrisadas, insinuar á mulher infeliz que fugisse á infelicidade honrada pela porta do rapto adulterino!? Ora supponha que essa creada, que lhe abriu as portas, denuncia o procedimento de sua senhora... Se ella descobrir que Antonia e um homem desconhecido se fecharam em um quarto, o marido e o mundo serão calumniadores inferindo d'esse acto clandestino a presumpção do crime?

— Não me falle em crime, sr. frei André... — atalhou Josse — eu estava ao pé de uma irman...

— As irmans não suscitam impetos de arrebatal-as, sr. Frisch! Cuida vossa-mercê que a sociedade e os maridos acceitam esses fortuitos parentescos com que o crime se dissimula? O mundo tem menos poesia convencional do que os poetas se persuadem. Medite na hypothese de que Antonia é accusada pela vil criada que já uma vez deu prova de sua infamia. Se Eliot, que, no dizer da franceza, matou duas esposas, assassinar a terceira, pois que tudo conspirou a inculcal-a adultera, que remedio dará o sr. Frisch a essa sobrecarga de desgraça e remorso que põe sobre a sua alma?

Frisch compenetrava-se da argumentação do frade, que foi longa, eloquente e ás vezes commovedora pelas lagrimas.

Concederam-se reciprocamente clausulas: não se repetiria a entrada do prussiano em caza de Eliot, e cartear-se-hiam cautelosamente. O frade esperava que o prolongar-se a correspondencia iria mitigando os ardores da paixão, e intermettendo delongas e distancias que afinal seria um quasi esquecerem-se. Não se arredava muito da generalisação da verdade o trinitario; que o esquecimento é pelo commum o desenlace de muitos amores que descahem como foguetes apagados, logo que sobem ás altissimas regiões da chimera; mas semelhantes regras falham quando as esposas, na situação de Antonia, sentem o incessante espicassar da tortura domestica, e nenhuma voragem se lhes prefigura mais desastrosa que a presença de um marido detestado.

A correspondencia, permittida por frei André, uma vez por semana, correu regularmente, mediante o escravo.

Encerrada no seu quarto, Antonia Xavier, durante o dia, uma ou duas vezes via o marido, quando se ajuntavam á meza. Eliot, muitos dias, ia jantar a casa de Thomaz Darcet. O silencio, a tristeza e até o desalinho da esposa anojavam-o. Se elle violentava um sorriso caricioso, ella reconhecia-lh'o sorrindo lhe com egual esforço. Sentiam-se entranhadamente inimigos; mas nunca entre si, nas curtas ironias que se trocavam, proferiram palavra ou nome que revelasse ciume. Izaac Eliot elaborava muito em segredo um projecto, qualquer que fosse. Não soltava palavra irada que pudesse trahil-o; mas esquivava-se tambem a mostrar-lhe agrados, porque se sentia humilhado diante da mulher.

Antonia respirava, quando ouvia rodar, afastando-se, a sege do marido. Voltava para o seu gabinete, fechava-se, relia as cartas de Frisch e as de frei André Guilherme, cheias de santos conselhos, de invo-

cações á sua coragem, de exemplos de esposas que se santificaram no seu martyrio, de casos um tanto acondimentados das insulsarias de chronicas fradescas. Uma certa philosophia que levanta a alma ás nebulosidades do seu destino, independentemente das contemplações religiosas, estava então nas faixas da infancia; hoje, porém, que essa philosophia está adulta e pende á velhice, tanto monta nos resultados, que são os mesmos. O frade fallava-lhe, com grande uncção de Deus remunerador, da bem-aventurança dos que choram; e, ás vezes, para tranzigir com o mundanal, admoestava-a a sahir da reclusão do seu quarto, a visitar as suas relações, a esparecer-se no campo.

Por este tempo, na primavera de 1730, Eliot deliberou passar a estação em Camarate. Antonia contrariou-o. Não podia voltar mais áquella caza de horriveis recordações. Ali, recobrando-se do desmaio na egreja, abrira os olhos sobre o cadaver do tio. Estas razões irritaram o marido, porque lhe avultavam á phantasia aquelle Josse Frisch que tantas vezes perpassava por elle, com a cabeça alta, nas ruas de Lisboa. Eliot recalcitrou. Antonia disse pertinazmente que não ia para fóra da terra. Elle estorcegou os dedos, e, com um tergeito labial que a mulher nunca lhe vira, resmuneou:

— O que não fazem razões, fal-o-ha a chibata.

Ficou empedrenida. Era a primeira ameaça que ouvira na passagem dos seus dezeseis annos. Quando as lagrimas lhe vibraram as palpebras, Antonia ergueu a fronte, e disse com energia:

— Quero entrar n'um convento!

— A senhora não tem querer! — replicou elle, voltando-lhe as costas.

Passados dias, Eliot, no fim do almoço, repetiu seccamente:

— Amanhã vamos para Camarate.

Ella não respondeu. Alegrava-a a esperança de que frei André Guilherme, rogado com as mais instantes razões, lhe obtivesse entrada em qualquer recolhimento, onde livremente pudesse escrever, e receber cartas de Josse.

Izaac Eliot exercia o magisterio de cirurgia no hospital real[1]. Ia quotidianamente a Lisboa. Raras vezes pernoutava na quinta. Dava jantares estrondosos de brindes na rua do Outeiro á colonia folgazã dos francezes, e pela noite fóra improvisavam-se bailes em que estrallejavam as castanhetas das comediantes hespanholas. As irmãs de frei André contavam ao irmão estas orgias que alvoroçavam a visinhança. O frade pedia-lhes que o não dissessem á pobre Antonia nas suas cartas.

Em Camarate, era-lhe mais serena e monotona a sua dôr. O marido recolhia tarde, e partia cedo. Escrevia muito. Havia ali duas creaturas que a serviam nas suas correspondencias com a pontualidade de servos que a lamentavam e adoravam: eram dois escravos antigos do finado Francisco Xavier, que Eliot verberára com um tagante, ao terceiro dia de casado. Entre elles fôra pactuada a morte do francez; mas a consciencia da escravidão algemava-lhes os pulsos.

O medico, estando á meza, perguntou uma vez á creada Maria Miguel:

— Que faz essa senhora que não vem jantar?

— Está no seu gabinete.

— E que faz?

— Ora lê, ora escreve.

— A quem escreve? ás freiras?

— Não sei, meu senhor.

---

[1] Sr. J. Silvestre Ribeiro. *Historia dos estabelecimentos litterarios e scientificos, etc. Tomo I pag. 173.*

— Vai chamal-a.

A creada voltou, dizendo:

— A senhora não tem vontade de jantar.

Eliot esmurrâçou a meza, ergueu-se arrebatado, e encaminhou-se para o gabinete. Um dos negros, que servia á meza, antecipou-se-lhe por um corredor que communicava para uma porta do gabinete em quanto o amo se dirigia para a outra porta, através das salas. O escravo collou os beiços á fechadura, e murmurou:

— Cautela, senhora!

Era tarde. Quando a porta se abriu de repentino repuxão, Antonia Xavier, espavorida, deixou cahir a penna sobre um papel em que traçara estas linhas:

Meu bom irmão. Já me custa escrever-lhe. Sou tão infeliz que já me não alivia queixar-me. Esta casa só tem para mim uma attracção: é a capella, porque encerra a sepultura onde irei cedo vingar-me da sorte. Paz e esquecimento! é tudo quanto me é dado ambicionar! Vai-me faltando o amparo dos dois corações que amo. A desventura pode mais que elles. Até a luz que me dava a minha querida amiga de Odivellas se apagou de todo! Soror Paula pede-me que vá lá, e não posso, porque este homem diz: não quero!» Que heide eu fazer? Nada posso contra a violencia. Receio ser morta n'um impeto de ferocidade. Tenho escripto ao...

— A quem escreve? — bradou ao marido.

— A frei André Guilherme — respondeu ella tremente de medo.

— Pediu-me a senhora licença para se carteiar com esse frade?

— Não... — balbuciou ella, recolhendo o papel.

— Mas escreve-lhe... Porque esconde a carta?

— Não a escondo... bem a vê...

— Quero lêl-a...

— Ahi tem — volveu Antonia contrafazendo valor.

Eliot leu.

N'este lance, Antonia viu o perfil do escravo por entre os resquicios das portas.

— Quem são estes *dois corações?* — interrogava o francez.

E leu: *Vai-me faltando o amparo dos dois corações que amo.* Depois:

— Que quer dizer isto? Um dos corações é o do padre; e o outro?

— O outro, o outro... — tartamudeou ella — é o da religiosa de Odivellas.

— E isto? — proseguiu Eliot, deletreando pausadamente e ferindo as syllabas: *Tenho escripto ao...* a quem? que nome ficou no tinteiro? Diga!... quem é este *ao!?* Não responde?

— Tenho respondido... Já lhe disse que me quero recolher a um convento... — gaguejou Antonia amedrontada pela attitude ameaçadora do marido.

A cara do escravo mostrou-se de frente pela abertura das duas portadas. Eliot não o via, e Antonia ganhou animo.

— Olhe bem o que lhe digo!... não me escreva mais ao seu amigo frade; senão o seu amigo frade paga por elle e pela senhora, percebeu?

— Deixe-me!... — exclamou ella — se não salto por esta janella... ou saio por essa aldeia fóra, gritando por soccorro!...

A energia da desesperação esfriou as coleras de Izaac Eliot. Aquellas furias d'elle eram pouco menos de artificiaes. Se ella se precipitasse da janella, naturalmente como a janella era baixa, fracturaria algum osso, quando muito: era um escandalo de pessimas consequencias para elle. Se Antonia gritasse por soc-

*

corro, as testemunhas d'esse acto ser lhe-hiam nocivas no futuro. Não lhe convinha a queda, nem a evasiva a gritos pela aldeia. Sahiu do gabinete, e deu de face com o escravo.

— Que fazias aqui, negro? — bradou Eliot.

— Ia passando...

— E paraste? escutas ás portas, patife? Vaes ser azorragado!

Antonia sahiu ao corredor, e bradou:

— Não bata nos meus escravos!

— Nos *seus?!* — refutou Eliot.— Eu lhe provarei que são meus...

— Francisco! — disse ella ao escravo — Vai chamar o teu companheiro!

— Aqui estou, senhora! — respondeu o outro assomando como um manequim na envazadura de uma porta.

— Vossês ambos são livres... podem sahir d'esta casa.

— *Livres!* — bradou Eliot — Com que direito os forra a senhora? Eu sou seu marido! sou o chefe da casa...

— Pode destruil-a! — recalcitrou Antonia — Desbarate tudo; que eu só quero salvar do meu patrimonio estes dois escravos que me crearam. São meus... Não os quero azorragados porque são meus amigos... Podeis ir livres á vossa vida!

— Eu não vou... — disse Francisco.

— Nem eu... Queremos ser escravos da senhora — ajuntou o outro.

— Cá o senhor não nos bate... — volveu Francisco, mostrando a Eliot a dentadura alva, por entre um rebitar de beiços que simillhava o rosnar do rafeiro.

E entreolhavam-se de maneira os dois negros, que o francez temeu-os.

XLI

Desde março a setembro d'aquelle anno de 1730, Antonia Xavier ganhou o habito da tristeza em absoluta solidão.

Fr. André Guilherme, fiado no effeito das suas preces ao Altissimo, alegrava-se inferindo do silencio da sua amiga signaes de conformidade.

Josse Frisch alternava as contemplações amorosas com as cogitações scientificas. Dava-se muito com o naturalista Merveilleux, estipendiado pelo rei, e com os jesuitas italianos, professores de mathematica, Francisco Musarra, Domingos Capacce e João Baptista Carboni. O estudo é a regeneração das almas desbaratadas. Todo o trabalho é uma redempção. Ainda assim, o joven naturalista de Berlim, por habito e por amor, escrevia cada dia uma pagina de sua vida, e achava sempre meio de enviar, cada semana, uma longa carta á inclausurada de Camarate. O feitor, que lhe dera o aviso do casamento e o acolhera em casa de sua irmã, sustentára-se leal a ambos.

Todos os creados do defunto Xavier haviam sido despedidos. O abastado Rutier, que, nos lances urgen-

tes, reassumia as funcções de pagem, encarregou-se de vender os dois escravos para a tripulação de navios mercantes. Levados á traição a Lisboa, foram entregues ao comprador, e ameaçados com as gramalheiras do uso. As creadas e o escudeiro já ancião, foram substituidos, salvante Maria Miguel. No governo da casa foi constituida Antonia do Sacramento, amasia do pagem; e no ministerio da cosinha entrou uma Simoa dos Santos, mulata. O serviço externo era feito por negros de aluguer, excepto o das cavallariças, em que se conservavam os antigos lacaios de Eliot.

D'este theor, julgava elle cortadas as suas relações com o frade trino e com Josse Frisch.

N'este tempo, levantou-se brava tormenta no coração de Eliot. O amor á menina Caldeirão entranhara-se-lhe nas podridões profundas da alma como a vibora no chavascal. Acalcanhado pelo desprezo d'ella, sobejava-lhe infamia para adoral-a em redobro. Se a encontrava na sala de Thomaz Darcet, a menina esquivava-lhe as cortezias da mera urbanidade, e repellia-lhe enfurecida os requebros indirectos. Em dia dos seus annos, brindou-a com um collar de diamantes subtrahido ás joias da mulher. A medianeira no brinde fôra a mana Thereza. Leonor lançou-o no pescoço da creada. As manas lançaram-se á creada, tiraram-lhe o collar, e guardaram-o para não offender o dadivoso medico.

Thomaz Darcet procurou um dia o seu benevolo amigo para lhe contar que a mana Leonor era requestada por um primo de Elvas, morgado e galhardo rapaz. Deplorava-se o patricio de não poder impedir este galanteio, como impedira outros, já porque o rapaz era abastado, já porque era fidalgo, já finalmente porque Leonor o amava doidamente.

Infernou-se-lhe o coração ao marido de Antonia. Para haver de tudo na caverna d'aquelle peito, até

lagrimas lhe apontaram nos olhos, quando a nova o fulmimou.

— E eu que tinha sonhado fazel-a minha esposa, e enriquecer-te, meu amigo, e levantar a caza dos Caldeirões ao prestigio que já teve! — disse elle, ensopando o lenço nas lagrimas.

— Que sonho esse tão disparatado! — obviou Darcet — pois se estás casado com uma menina de dezeseis annos!...

— Não te disse eu já que ella herdou a lesão do padre...

— Ah! eu cuidei que ella não fôra herdeira tão universal! — motejou o francez.

— Antonia tem vida para pouco... acredita-me, Thomaz...

— Sim, eu creio em ti que és o mestre n'essas cousas; porém, quando mesmo enviuvasses, meu querido, quem nos assevera que Leonor te queira, depois de tão bruscamente a deixares pela outra que era rica? Eu não t'o disse tantas vezes? Não eras tu bastantemente remediado com os teus grossos lucros como medico? com os teus duzentos mil réis da tença de cavalleiro? Foi o diabo da ambição;... que a formosura decerto não foi. A respeito de belleza, tua mulher está tão longe de minha cunhada que não ha comparal-as... e quanto a nascimento, não fallemos. Se casasses com Leonor, estavas agora aparentado com a primeira nobreza do reino; assim, casado com a sobrinha ou filha do padre Francisco, quem são os teus parentes? uns judeus obscuros. O dinheiro é bom; sim, eu heide confessar que o dinheiro é bom, e tomara-o eu; mas que importa ser rico, se a fortuna nos vem de uma mulher que nos aborrece, que ama outro, que...

— Que ama outro? — atalhou Eliot — como sabes tu que minha mulher ama outro?

— Ó homem! pois não sabe toda a gente que ella amava o allemão que por ahi tens visto a passear com o Merveilleux?

— Amal-o-hia... mas não o vê... entendes?

— Isso é questão áparte. Se o não vê com os olhos da cara, vê-o com o coração, que faz o mesmo para a felicidade domestica. E tu sabes lá se ella o vê com os olhos? Ella está na aldeia, tu estás em Lisboa, vaes lá duas vezes por semana, e provavelmente nunca chegas na occasião em que o outro lá póde estar. Isto não é dizer-te que o prussiano lá vá; mas convence-te de que os maridos como tu não costumam ser os donos absolutos da sua propriedade. Convence-te de que Lisboa n'essa parte é uma segunda Sodoma, e até não sei se será uma *primeira Sodoma*... Mudemos de conversa... estás a mudar de côr, e a ruminar alguma tolice. Nada de cavallarias da idade media, homem! Tu não amas tua mulher: isso é publico e notorio. Que te importa o mais? Deixa-a divertir; não te queiras parecer com estes selvagens de Lisboa que as matam, quando não são ellas que os matam a elles; escreve lá isto nos teus papeis...

— E Leonor vae casar...— disse abstrahidamente Eliot.— Ó Darcet! dize-lhe que não case...— exclamou elle com supplicantes vozes — dize-lhe que espere o futuro... Pede-lhe que me ouça, que me dêixe mostrar-lhe de joelhos a minha alma... Pede-me tudo.. Que queres, meu amigo? Se eu chego a casar com Leonor, dou-te metade da nossa riqueza... Palavra de cavalheiro! metade da minha fortuna é tua...

— Não me falles a linguagem do interesse;— obstou o outro — basta-me ouvir-te a da paixão, que bastante me commove, amigo Eliot! Eu vou referir a Maria Thereza o que passei comtigo. Minha mulher foi sempre tua amiga, e deve-te grandes finezas de todo o genero... Não somos ingratos... Persuado-me

que ella conversará com Leonor; mas, meu caro amigo, não ouso agourar-te boa sahida. Bem sabes o que é uma menina de nobre condição, como Leonor, não só despeitada comtigo, mas tambem apaixonada por outro...

— Esse outro — exclamou a subitas Eliot — esse outro... Olha que eu sou capaz de o mandar atravessar por um estoque! Podes dizer-lh'o...

— A ella? Deus te livre! Que asneiras te fervem n'esses miolos, doutor! Matal-o! que diabo de culpa tem o homem!... Pois tu não mataste o allemão, e hasde matar o inoffensivo galan de minha cunhada?

— É que eu não amava Antonia...

— Isso entende-se, homem; mas não o digas.

— Digo-te a ti que és o meu intimo... e tu nunca o repetirás...

— Por minha propria honra... Sou cavalheiro, creio que o sabes. Um *De Arcet* teria pejo de se ostentar amigo de outro capaz de um homicidio por ciumes, tendo desdenhado a menina cujo amante quer matar....

— Estou doido, Thomaz! estou doido! não faças caso d'esta cabeça que se perde... Vê-me só no pobre coração que estala de dôr...

— Pois bem... socega, doutor .. que eu vou d'aqui fallar a Thereza, e ámanhã te informarei do que houver occorrido.

Se eu não estivesse quasi trasladando uma cadeia de successos documentados, repulsára a phantasia que me suggerisse Izaac Eliot a meditar no assassinio de sua esposa; mas a historia violenta-me, e todas as suspeitas de inverosimilhança me desfaz. O homem, a epoca, as sevas paixões de todos os tempos, e mórmente a devassidão e crueza dos costumes d'aquelle seculo, não seria tudo bastante a compellir-me ao es-

boço da monstruosidade de Izaac Eliot, se debaixo dos meus olhos não estivessem as provas.

O protervo pensamento de matar a mulher com peçonha, ou a ferro, pretextando adulterio, devia occorrer-lhe n'aquelle tempo de refinada corrupção.

A apojadura dos perversos instinctos de Eliot supurava na phase mais depravada dos costumes portuguezes. A primeira metade do seculo XVIII deixou em Portugal profundos vestigios de desmoralisação, que o roçar do tempo foi safando. Os monumentos da piedade resistiram com os seus rijos marmores e granitos; mas quem tiver escassa luz com que entrar ás grandes trevas do espirito nacional d'aquelle cyclo, espanta-se do sacrilegio que poz as santas cousas de Deus como desmentido postero á vasta infamia em que se tecia o viver do rei e dos grandes, na epocha em que o povo padeceu maiores vexames. Os homens de letras emmudeceram, rebalçados na podridão commum, ou amordaçados pelo terror dos alcaides. Se algum escriptor deixou traços da phisionomia do reinado de D. João V, não o procuremos na lingua patria nem dentro de Portugal. Dos que a inquisição propelliu ao desterro, raros protestaram. Apenas um, Francisco Xavier de Oliveira, queimado em estatua n'um auto da fé, assignalou sarcasticamente sereno, os crimes do paiz em que o homem dotado da liberdade da razão expiava a dadiva funesta na lavareda das fogueiras.

Nenhum crime devêra parecer arrojado a Izaac Eliot, robustecido pelo exemplo dos nacionaes. Lisboa, a devassa, era apostrophada desde os pulpitos nos sermões de Bernardes, de Collares e de Raphael Bluteau. O rei escutava-os com calafrios de contricção, e penitenciava-se, forçando os vassallos a pagar-lhe no telonio dos cardeaes as indulgencias remissorias. O theatino Bluteau imputava ás doutrinas dos estrangeiros protestantes a estragação dos costumes. «A Lisboa —

prégava elle — (1723) trazem estrangeiros heterodoxos, com suas mercancias os vicios das suas terras, juntamente com os erros das suas seitas, e, se os não ensinam, publicamente os professam... Em Lisboa a suavidade do clima afemina os animos e ás delicias illicitas os inclina. Em Lisboa, com odios inveterados, ou com furias repentinas, muita gente se mata, e uma das razões das muitas mortes é que os offendidos, suppondo que a justiça não castigará aos que os aggravaram, com suas proprias mãos se fazem justiça. Em Lisboa, com uma folha de papel que se chama *carta de seguro*, o mais cruel homicidio se abafa. Em Lisboa qualquer sombra de infidelidade no thalamo conjugal, afia o punhal para o desaggravo, e o matar mulheres é ponto de honra. Em Lisboa, negros e vilões, quando não tem padrinhos talvez se castiguem; para homens de bem, quando obram mal, raro é o castigo...»

O illustre philologo mal se desculpa de lisonjeiro com os portuguezes assacando aos estrangeiros a peçonha que viciára os costumes. A lascivia do rei com fidalgas, actrizes, freiras e ciganas poderiam aferventar-lh'a os filtros francezes; mas com certeza não lh'a accenderam as doutrinas dos estrangeiros heterodoxos, que, por via de regra, se não eram castos, eram cautos, consoante o conselho do apostolo. As devassidões espectaculosas do duque de Cadaval com a Paulina, e do conde de Tarouca com a franceza Pelles, que o seu capellão Domingos de Araujo Soares lhe furtou a elle e ao marido, são casos de peste sporadiaca — não os inoculou a Reforma. Do mesmo theor, eram estranhos a Luthero e Melanchton um certo Bernardino de Vasconcellos Castello Branco que matou a mulher em 1684, e D. Guiomar Luiza que matou o marido em 1712. Degolou-os o algoz, unico obreiro d'aquella civilisação, estranho a religiões. Nunca lêra Calvino o

padre Luiz Alvares de Aguiar, denunciado á inquisição e ahi convicto de prostituição das confessadas, que eram meninas da primeira nobreza. Este sacerdote era de illustre origem e querido da sociedade mais selecta. A inquisição queimava o hebreu sem fé; e, por caridade, desterrava simplesmente o presbytero que pachalisára com as louras filhas espirituaes. Quanto a sciencias que transviam o espirito e o perdem nas veredas da razão, o padre era ignorantissimo. Sabia um dito de S. Jeronymo, e não queria outro evangelho: *O amor é a observancia e resumo de toda a lei, o que as escripturas santas chamam caridade é isso e mais nada.* E lá se ia arranjando com a maxima que não era de Hus, de João de Leide ou de Calvino.

Nem os heresiarchas (nem os pagãos — accrescenta o cavalheiro de Oliveira) — poderiam referir passagens d'esta natureza: «Dei ao padre João de Carvalho, da congregação de S. Filippe Neri, meia moeda para missas pelas almas do purgatorio. Respondeu-me que não podia acceitar a incumbencia, porque tinha de dizer trinta missas a fio, em cumprimento de uma promessa que fizera ás mesmas almas, a fim de que a sua amada que era freira não recahisse na armadilha de um seu antigo amante que deixára por amor d'elle. Sentimentos de egual piedade acrisolavam o franciscano que dizia missa quotidiana, andando em viagem, a fim de que as almas obstassem a que a sua querida voltasse para o marido.»

Não são quanto parecem insignificantes estes traços, quando se debuxa o perfil da proverbial corrupção do seculo XVIII. A historia despreza-os, porque as tradições epicas e o sestro das narrativas emphaticas tem impedido que o historiador se apouque e perfile hombro a hombro do povo. Edmond Scherer, pezando o quilate d'essas miudezas na interpretação de uma epoca, applaude que a historia se enriqueça

d'esses «nadas, despercebidos como o ar que respiramos, mas de valia na totalidade dos effeitos.» [1]

Se querem crimes de maior estrondo, oiçam os que a historia moderna apurou nas tradições de D. Francisco de Bragança, o irmão de D. João v. Encovara-se a fera no antro de Queluz, cevava-se em toda a iguaria ensopada em sangue, matava para experimentar a pontaria, e completava a infamia visitando oitavarios, novenas e lausperennes. E porque da raça dos Braganças havia ahi um infante brioso, esse expatriou-se voluntariamente, e dezoito annos errou ao longe d'este esterquilinio.

Na litteratura d'esse tempo, fóra das graves posto que estereis locubrações do claustro, espelham-se como na superficie turva de um charco as feições da sociedade. O Camões do Rocio, o Lobo da Madragôa, o Pinto Brandão, frei Simão de Santa Catharina abandalharam o talento para terem talher no convivio dos magnates. Esses esgotos não sujaram os prelos; mas os contemporaneos presaram tanto os ineditos dos seus interpretes que eu só por mim possuo mais de quarenta tomos que mãos affectuosas encaparam luxuosamente. Não se concebem refinações mais devassas na linguagem e na fórma! As historias versejadas são passagens da vida monastica, com os nomes dos personagens, ou allegorias lardeadas do glossario mais inventivo em obscenidades que ainda tivemos. Fr. Pedro de Sá educára o auctor da *Martinhada*, perrixil aphrodisiaco que D. João v, esfalfado no corpo e na alma, pagava com a corregedoria do bairro do Rocio e com a privança.

---

[1] Nouvelles études sur la litterature contemporaine — *Le dixhuitième siècle*, pag. 98.

N'um livro d'esta natureza, mais longa noticia da dissolução dos costumes portuguezes viria deslocada e impertinente; é porém que farte o esboço. Espanta relaxação tamanha em um paiz onde o carrasco suava no exercicio de suas obrigações, e o ferro e a braza do santo officio sarjavam fundo nos inchaços da sociedade aposthemada!

XLII

Apezar de instada pelo marido, Maria Thereza Caldeirão recusou fallar em Eliot á mana Leonor.

— E agora de mais a mais — reflectiu ella — que o primo Luiz Mendes de Vasconcellos lhe escreve cartas recheadas do mais fino amor, e já lhe chama *adorada esposa!* Pois tu não vês — accrescentou a prevista dama — que de hoje para ámanhã o Eliot nos póde tirar a mezada, e ficaremos miseraveis, se a mana Leonor não casar bem? Assim que elle perder de todo a esperança de a conquistar com o dinheiro da mulher, cuidas que nos não manda...

— Bugiar? estou bem certo d'isso; porque a final de contas este Eliot é um maroto de marca maior. Ha de ter máo fim... tu verás...

— Dize-m'o a mim! pois eu não sei o que os patricios rezam d'elle? ..

— Assim é; mas, a fallar verdade, tem-nos obzequiado...

— Com a pontaria feita á mana Leonor! .. Forte amigo!... D'estes temos nós muitos de melhor casta, se os admittirmos a nossa caza... o villão vai casar

com a outra, depois de nos trazer enganados, e cuidava que uma Caldeirão se vendia ao dinheiro dos judeus! Fóra, patife!

— Tens razão — modificou o professor de esgrima — porém, se elle te fallar, não o escorraces. Deixa ver o que faz Leonor com o primo. Em quanto ella precisar de nós, precisamos nós d'elle... bem vês, filha.

— Ai! meus avós! — apostrophou ella voltada para onze lonas roidas nos seus onze retratos apocriphos de Veigas e Caldeirões — se soubesseis a qual baixeza chegaram vossas netas!...

— Deixa lá os monos — interrompeu o marido — Falla commigo que tambem tenho na Picardia uns figurões estupidamente pensativos como estes teus avoengos, e nunca lhes apanhei um franco. Se o Eliot se entender comigo, dá-lhe uns longes de esperança...

— Eu!... tu injurias a minha dignidade, Thomaz!

— Não que eu te conto, menina. O Jeronymo Fidié tem enriquecido com o negocio dos velludos e damascos; e, se eu me associar a elle com o capital de cinco mil cruzados, tiro lucros bastantes para vivermos com decencia. Ora eu, se estes teus onze avós me não emprestarem a juro modico os cinco mil cruzados, tenciono pedil-os ao Eliot. Tens percebido, amor? é preciso mostrar-lhe a mana Leonor ao longe... por um oculo... percebes? O que tu has de dizer á mana Leonor...

— Não lhe digo nada! — cortou Maria Thereza.

— Espera... Nada de bazofias... dize-lhe sómente que o trate com menos carranca, e faça de conta que é um diabo que está para ahi. Que lhe custa a ella isso? Suppõe tu que o Luiz Mendes, melhor avisado, nortêa n'outro rumo? Temos um fundo commercial de cinco mil cruzados; e, se Eliot nos retirar a mensalidade, já podemos viver desafogadamente.

— E se elle te pedir os cinco mil cruzados que te emprestou? onde os hasde ir buscar?

— Peço-os a estes onze avoengos... — e apontava para os retratos com dramatica solemnidade.

Ao outro dia, o zombeteiro Darcet respondeu d'esta arte á sôfrega espectativa de Eliot:

— Maria Thereza acha espinhos na commissão; mas é tamanha a vontade com que te serve e a amizade que te vota, que todos os recursos esgotará em demover a mana de casar-se com Luiz Mendes.

— Optimo! quanto vos devo, meus bons amigos! — clamou expansivo de risos o medico, abarcando-o pelo peito e costado.

— Maria Thereza é sagaz...

— Se é!...

— O plano gisado vem a ser pintar-lhe com as mais vivas cores a tua paixão e o teu remorso... Chorar até, se fôr possivel!

— E não mentirá por mais que diga, meu Thomaz...

— Depois, quando o pathetico houver coado ao coração da mana, dir-lhe-ha que tua mulher está doente, mortalmente doente de lezão no peito...

— Muito bem!

— Por fim, das duas uma: se tua mulher fallece, casas: sim, digo eu que cazas; ponto é enviuvares... Se não fallece já, vae-se paliando o negocio...

— Não hade ser preciso: minha mulher tem um aneurisma no ultimo periodo.

— Coitada! morre muito nova... — lamentou Darcet — E a respeito da herança? já pensaste n'isso? Olha que eu desconfio que, não havendo escriptura nem testamento, o que tu herdas e nada é tudo o mesmo. Sempre será bom consultar... Como a maior

parte dos bens são propriedades ... Que eu creio que o padre tinha ainda negocio em Amsterdam ...

— Pequeno ...

— A proposito de negocio ... sabes que o Fidié, n'estes ultimos seis annos tem enriquecido com as sedas e damascos de Leão?

— Sei, sim.

— Ha dias me disse elle: entra com cinco mil cruzados em caixa, que eu associo-te em uma quarta parte, e no fim do anno receberás 50 por cento. Fidié, se eu tivesse cinco mil cruzados, estou que me não convidava ... que te parece?

— Dize-lhe hoje que acceitas, e ámanhã vem receber os cinco mil cruzados.

— Ó Izaac, tu és o anjo da minha familia! — clamou Darcet, abraçando-o pelos joelhos — Hoje mesmo a mana Leonor hade saber mais este rasgo da tua liberalidade! É assim, é assim que tu hasde chegar até ao amago dos peitos mais de bronze, amigo, meu nobre amigo!

Desde aquella hora, Eliot, abalado pelas duvidas de Darcet, ácerca da successão, consultou o mais famoso advogado da côrte, João Milles de Macedo. Contrariado pela resposta, sondou se poderia vender uns trinta contos de acções chamadas de *Boadita;* mas ainda ahi lhe tolheram os jurisconsultos o intento com a indispensabilidade da assignatura da consorte. Estas consultas começavam a rumorejar fóra dos escriptorios dos advogados. Perguntava-se se Antonia Xavier estava perigosamente enferma; e o desembargador Santa Martha Soares, ex-tutor d'ella, avisou-a por carta que não assignasse papel algum, sem o consultar a elle.

Mallogrou-se o projecto de matar a esposa com veneno.

Invocou a sua segunda consciencia na pessoa de Hen-

rique Rutier. Este homem sentia-se disposto á regeneração de sua pessoa, porque principiava a auferir boa ganancia da sua mercadoria, creara relações, visitava-se com mercadores acreditados, pensava em se casar com uma cunhada do seu socio Estevão Gautier, em fim, tinha dez mil cruzados, e uma vez por outra dizia na Caza da India e na Graderia da rua Nova dos Ferros aos seus collegas: «eu sou um negociante honrado.» [1]

Aventurava-se pois a dar bons conselhos ao amo, quando Izaac Eliot, levantou a cabeça, franziu a testa, e perguntou:

— A quem vens tu cantar lérias, Henrique! Olha que eu só sirvo para amigo ou inimigo. Associei-te ao meu destino. A tábua em que eu naufragar hade ser o teu esquife. Quando eu subir ao galarim da felicidade, hasde estar ao meu lado! Escolhe: amigo até á morte, ou inimigo até ao inferno?

— Estou ás suas ordens, sr, doutor; mas cuidado que não naufraguemos. O senhor quer matar sua mulher como adultera; mas, attenda, se não provar o adulterio, matando-a em flagrante delicto, conte com a forca.

— Retira lá essa palavra *forca*. Os cavalleiros professos na Ordem de Christo não podem ser enforcados.

— Bem sei, degolam-os: a differença não me parece a melhor das consolações... Mas como quer o sr. doutor matar sua mulher por adulterio, se não temos o adultero? Olhe que eu por informações da sua creada Sacramento sei todos os passos da ama. A Maria Miguel, sua creada do quarto, diz tudo quanto sabe á outra. Sei que ella recebe cartas do frei André Gui-

[1] Os mercadores costumavam reunir-se em um circulo gradeado na rua Nova dos Ferros: era a preexistencia da bolça.

lherme; mas ninguem se lembra de suspeitar que ella ame o frade.

— E porque não? acudiu Eliot.

— Porque o frade, desde que vossa-mercê casou, nunca mais viu D. Antonia. O sr. doutor tem procedido de maneira que ella, se o quizesse obzequiar com um amante, não poderia arranjal-o. Encarcerou-a em Camarate, cercou-a de espiões, tratou-a como se lhe tivesse um amor ferozmente cioso. Quem quer amanhar um adultero para o apanhar com a mulher, expõe a mulher aos adulteros, como se põe o visco aos passaros. Para que a levou de Lisboa? Estava ahi o prussiano tanto á mão para uma scena decisiva; e o senhor foge-lhe com o engôdo, e corta-lhe todas as avenidas. De mais a mais, sua mulher, protegida das tentações do diabo pela cruz vermelha de frei André, se não escorregou aos braços do Frisch, pode contar que já não escorrega de modo que vossa-mercê a veja cahir. Quer um conselho? tire-a da aldeia, finja-se mudado com ella, deixe-a apparecer na missa, nas ruas, nas festas das cazas conhecidas, dê-lhe conhecimentos novos, deixe-a esvoaçar, e depois veremos o que faz a natureza. Esta é a minha opinião: agora ouvirei a sua.

— O meu plano era forjarem-se umas cartas — expendeu Eliot — cartas de amor, se entende.

— Escriptas a quem?

— A alguem...

— Ao prior de Camarate talvez...

— Não gracejes, Henrique. Olha que eu tenho a alma abrasada pela paixão mais devastadora que ainda experimentei. Se eu não enviuvar, Leonor vai ser d'outro homem. Dizias-me tu que a mercasse: dez mil cruzados já despendi: ainda hontem dei cinco mil a Thomaz Darcet.

— Gastou-os mal. Eu, se me desse para ahi, fazia-

lhe isso com dez cruzados. Uma noite, quando Leonor estivesse só em caza, atava-lhe uma mordaça, mettia-a n'uma sege e levava-lh'a ao pinhal da Azambuja.

— Isso faz-se ás mulheres que não se adoram, e eu adoro e respeito D. Leonor — encareceu o francez, dando ao rosto o enlevo amoroso de um madrigal.

Rutier arregaçou um sorriso de farçola, e Eliot abaixou os olhos com a gravidade de patrão que se quer respeitado.

Em todo caso, prevaleceu o alvitre do pagem, quanto a mudar Antonia Xavier de residencia e de costumes, abrindo-se-lhe as avenidas ás tentações.

Voltou a esposa de Eliot para Lisboa. Concorreram familias de francezes á rua do Outeiro a passar as noites com as sem-ceremonias usadas entre elles. Ao principio, Antonia retrahia-se estranha e acanhada em tal convivencia; mas Eliot, vexando-a pela sua rudeza e ignorancia da sociedade fina, dizia-lhe que apertasse as mãos aos francezes que lh'a offereciam, e se desbastasse de umas grosserias de saloia que tornavam duvidosa a sua educação de senhora.

Volvido algum tempo, o medico, encontrando-se com Alberto Borges, cunhado de frei André Guilherme, queixou-se que sua mulher e irmãs não visitassem Antonia; e, a respeito do frade, accrescentou que o não convidava receioso de ser desfeiteado, visto que os santarrões de Lisboa consideravam a assembléa franceza uma bangalé de demonios; no entanto, rematou elle, a sua caza não se fechava ao mestre de sua esposa.

André Guilherme admoestou suas irmãs a não acceitarem o convite de Eliot em noites de saráo; mas que a visitassem de dia com sua mãe e lhe offereces-

sem a sua caza. Trocaram se as visitas. O frade nunca se encontrou com Antonia em caza de seu cunhado nem de sua mãe, nos primeiros mezes.

Maria Miguel, industriada por Antonia do Sacramento, e de antemão galardoada, com dadivas indirectas do amo, forcejou por captar a confiança da senhora. A amasia aposentada de Rutier operava sob a influencia do pagem honorario. A conjuração dava-se pressa instigada por Eliot.

D. Antonia, que tinha o segredo de Frisch na supposta lealdade da creada, confiou-lhe as cartas escriptas a frei André, e enviadas com grandes intervallos. Perguntava-lhe Maria Miguel se aquelle lindo moço estrangeiro, que estivera com a senhora no escriptorio, já não estava em Lisboa. Antonia esquivava-se a encetar confidencias n'este melindroso ponto; mas o coração desejava-as, e afinal deixou-se illaquear. A creada estudára as seducções da perfidia: era facil embair uma mulher de dezeseis annos. Contou-lhe a sua historia. O interesse da revelação elevára a confidente muito acima de sua baixa condição. Fallava como se a escutasse uma experimentada amiga. São assim todas as senhoras que o erro e o desvio da linha recta do dever abaixaram ao nivel das suas ignobeis confidentes.

Incitou-a Maria Miguel a receber Josse Frisch, assegurando-lhe o nenhum risco da empreza. Encarregava-se de lhe entregar a carta. D. Antonia acceitou jovialmente o favor de lh'a levar; mas recusou-se a convidar Frisch a vir a sua casa, porque jurára, por alma de seu pae, a frei André nunca mais repetir a temeridade de o receber. Maria Miguel, depois de varias reflexões tendentes a zombar do beaterio do trino, mostrou-se suspeitosa de que o frade amasse a senhora, e imposturasse, no zelo da honra d'ella, uns biocos de religião com que mascarava o crime. D.

Antonia indignou-se secretamente com a aleivosia da creada; e, desde esta passagem, receiou-a tanto que se arrependeu dolorosamente de lhe contar sua vida. Mas sendo o retrocesso impossivel, e ardente o desejo de ter cartas de Josse, Antonia dissimulou o medo e confiou de Maria Miguel a entrega de duas, uma para frei André, e outra para o extrangeiro.

Ambas as cartas, depois de cautelosamente abertas e lidas por Eliot, chegaram ao seu destino. A substancia do conteudo na de Frisch eram expressões escriptas temerosamente, e mais enigmaticas, d'onde Josse deprehendeu que Antonia se temia da intercepção da carta. O remate era mais cordial e expansivo: *Quando tornarei a vêr-te, Josse? Talvez no céo, onde a presença do Senhor e a tua me hão de ser o premio d'este supplicio.*

Frisch não respondera, advertido pela sequidão de tal carta, depois do silencio de dois mezes. Receiou traição, e um facto se dera que o justificava. Algumas vezes se encontrara face a face com Izaac Eliot. Repugnava-lhe fital-o; mas o odio tem uns olhares provocativos a que maquinalmente obedecem os mais prudentes. A covardia é que finge não vêr os inimigos. Por tanto, o prussiano fréchara de fito com a vista a cara do francez, e dizia a frei André Guilherme que Eliot era um poltrão de tal especie que, se a sorte o castigasse com outra casta de esposa, os amantes d'ella poderiam affoitamente conviver no mesmo domicilio.

— Acautele-se! — recommendava o frade.

Aconteceu passearem no Terreiro do Paço da Ribeira, Josse Frisch e mr. Merveilleux, o naturalista Cesareo. Concorreu Eliot na sua sege com Darcet. O amigo do medico foi cumprimentar o seu patricio, e Eliot quiz ser-lhe apresentado.

— Não vês quem está com elle? — Observou Darcet.

— Por isso mesmo...

Eliot foi apresentado ao naturalista; e, no mesmo lanço, Josse Frisch, apertando a mão do amigo, retirou-se. Entre francezes, havia materia para desafio, no dizer do marido da Caldeirão. Izaac Eliot sorriu á reflexão briosa do seu patricio e disse:

— O desafio hade ser sem testemunhas.

E, no dia seguinte, Eliot, concorrendo ao mesmo passeio, ao perpassar por Merveilleux e Josse Frisch, cortejou os dois, e voltando-se para o prussiano, disse com emphase:

— Eu zélo tanto a minha honra de marido e o nome sem macula de minha mulher que, abafando despeitos e melindres, venho declarar ao sr. Frisch que o não considero meu rival; e não quero que a sociedade de Lisboa o considere tal. É preciso que todo o mundo me veja fallar com o sr. Frisch, porque vae n'isso a resalva da minha dignidade. Ainda mais, estimarei que frequente a caza onde já esteve com seu pae. Já não vive o sabio doutor Xavier que os recebia e entretinha; mas, se mr. Merveilleux quizer honrar as salas de um seu patricio, já eu terei um douto hospede que possa entreter o outro.

Frisch fez um leve meneio de cabeça; o naturalista agradeceu o convite, e Eliot recolheu-se á carruagem.

— É um excentrico! — disse o francez — mas ha não sei que de cavalheiresco n'este passo!... Eu, no teu caso, Frisch, ter-lhe-hia apertado a mão...

— Á franceza... — murmurou o allemão. — O que eu já uma vez apertei para lhe mostrar o meu affecto foi a coronha de uma pistola.

Frisch relatou estes successos a fr. André Guilherme.

— Acautele-se! — repetiu o trinitario.

E, respondendo á carta de Antonia, escrevera estas poucas linhas:

Vamos ao que muito importa. Eu ia hoje fallar com minha irmã para lhe entregar um bilhete, minha santa amiga. Previna-se, receie, acautele-se das liberdades que lhe dá esse homem abandonado de Deus. Acabo de saber que elle convidou Frisch para sua caza, allegando razões que nenhum homem de bem allega. Desconfio que elle forja a mais execranda das traições. Quer facilitar a occasião de adulterio para poder justificar a morte de um ou de ambos. Antonia, minha querida irmã, olhe que está á beira de um abysmo. No dia em que vir Frisch em sua caza, fuja para caza de minha mãe, que eu depois a defenderei, fazendo-a recolher a um mosteiro. Reze muito á Virgem Maria, que a proteja. Eu não cesso de pedir pela minha pobre Antonia. Do seu irmão em Jesus Christo, o padre frei André Guilherme.

Eliot leu esta carta; e, na vertigem da raiva, fel-a pedaços: mas, momentos depois, olhando para os fragmentos dizia:

— Que diabo fiz eu!... esta carta era-me necessaria!...

XLIII

Mortificada com o silencio de ambos, Antonia queixou-se á mulher de Alberto Borges do desaffecto e esquecimento do seu querido mestre.

O frade, perplexo por tão injusta accusação, pactuou com a irmã que o avisasse quando Antonia voltasse a sua caza.

Eliot affectava-se insensivel ás sahidas de sua mulher; todavia, as visitas a caza de Alberto Borges, cunhado do trino, eram-lhe sempre motivo de satisfação, que se exprimia na ferocidade do sorriso. Recrudescêra o rancor ao frade: tel-o-hia feito assassinar, se á sua vingança bastasse um golpho de sangue lancetado pelo punhal de Henrique Rutier.

Depois de um anno de separação, Antonia, quando viu o padre André Guilherme, rompeu em pranto desfeito; e elle, suspenso, e attonito da mudança da sua formosa discipula, quedou-se mudo diante d'aquellas lagrimas, tão carecidas de consolação.

— Não recebeu a minha carta, Antoninha?! — perguntou o frade angustiado pela incerteza.

— Ha dois mezes que não tive carta sua.

— Jesus! — exclamou elle.— Eu respondi logo á sua que me enviou, faz ámanhã oito dias, por uma mulata. Enviou ou não?

— Enviei por uma das minhas creadas.

— E eu respondi contando-lhe que seu marido convidára Josse Frisch a ir a sua caza.

— Não recebi tal carta... meu Deus!

— Está atraiçoada!... Confiou n'aquella mulher que abriu a porta a...

— Sim...

— Não lh'o disse eu, infeliz? E agora!... Seu marido sabe que eu lhe fiz um aviso que lhe transtorna um atrocissimo plano...

— Quem sabe se a mulata perdeu a resposta?... — reflexionou Antonia, abraçando a illusão inverosimil.— Izaac tem-me tratado do mesmo modo; nem peor nem melhor. Ha dias levou de caza toda a baixella de ouro e prata. Disse que era para emprestar ao ministro de França que dava um jantar. Hoje tambem levou a mobilia nova de uma sala, e mais os espelhos antigos que estavam em Camarate. Quasi tudo que era de minha avó, e até o faqueiro que tinha a firma de *Angela Nobre,* tudo tem ido não sei para onde...

— Eu lhe digo, minha senhora — interveio Alberto Borges — a mobilia da sala entrou para caza de Rutier, e a baixella de ouro e o faqueiro com a firma de sua bisavó sei eu que está em caza do aventureiro Thomaz Darcet. Disse-m'o pessoa que lá se banqueteou antes de hontem, e me asseverou que todos os seus haveres em menos de tres annos seriam absorvidos pela voragam das Caldeironas.

— Que importa? — volveu Antonia — o que eu queria era um cantinho em qualquer Recolhimento! Sr. frei André, faça-me esta esmola que tantas vezes lhe tenho pedido!... Pois teme que eu seja assassi-

nada, e não me salva? Será peccado o fugir eu de um marido que me abomina?

— Vou cuidar sem demora de a salvar, sr.ª D. Antonia. É tempo. Tenho de ouvir o sr. patriarcha a tal respeito, e tambem consultar o sr. desembargador Santa Martha Soares a respeito dos bens. Entretanto, senhora, nem uma palavra por onde seu marido possa suspeitar o meu intento... Olhe que no segredo está talvez a sua vida, e... pode ser que a minha... Deus me é testemunha que me não afflige a perspectiva da morte. Morra eu sem crimes, e o Altissimo se haja misericordiosamente com os meus erros. Mas eu não quizera que a minha morte viesse a ser mais uma dôr em tantas que a despedaçam, minha querida amiga!

E nas faces pallidas e gentis do moço frade derivaram duas lagrimas profundamente mysteriosas, duas lagrimas que Deus receberia na urna dos seus incensos; porque o coração que as chorava purificára todo o seu sangue n'ellas, todo o seu amor, primeiro e unico, suffocado, recalcado, e offerecido ao Senhor nas sejanas da Barberia, quando, no resgate de captivos, lhe pedia de mãos postas que o resgatasse da saudade de... Antonia.

E a divina Providencia escutara-o; porque, na volta de Africa, ouvindo a nova do casamento d'ella, ajoelhára ante o oratorio de sua mãe, e murmurára:

— Dae-lhe a felicidade, senhor!

Antonia contemplava-o. A sua vida de creança espelhou-se-lhe na memoria com todo o colorido luminoso das alegrias infantis. Via aquelle moço de dezoito annos a educal-a com amorosa paciencia, a desculpal-a das impertinencias da mestra, a inventar-lhe brinquedos em que o raciocinio pudesse ter parte, e a fomentar-lhe vaidades innocentes que lhe sortissem aproveitamento no estudo. Nada mais via, até á idade dos

quinze annos; porque os labios do mestre extremoso tinham sido como um sêllo de bronze do coração.

Na contemplação de Antonia, pois, cifrava-se tudo em uma saudade; e as duas lagrimas de frei André Guilherme compendiavam a historia de uma vida inteira, que todas as angustias devorára na escuridade, excepto as duas lagrimas unicas que Antonia vira, á hora em que já não podia comprehendel-as. Raro e santo heroismo o d'aquelle homem!

XLIV

Porque se julgára atraiçoada pela aia, D. Antonia repelliu-a da sua presença, e dispensou-se de creada do quarto. Pensou em despedil-a; mas sentiu-se desauctorisada. Se a despedisse, Eliot impôr-lh'a-hia, sobrepondo á perfidia a humilhação, na presença dos servos.

Maria Miguel guardava ainda o segredo da entrada de Frisch, porque era cumplice; assanhada, porém, pelo desprezo da ama, revelou o caso a Antonia do Sacramento.

Rutier avisou Eliot, e disse-lhe:

— Que excellente occasião lhe fugiu, sr. doutor! e quantas se perderam com a ida de D. Antonia para a quinta!...

Pouco depois da denuncia, Eliot entrou inesperadamente na alcova de sua mulher. Surprehendeu-a orando, de joelhos, aos pés do leito, amparando a face nas mãos erguidas em supplica.

Antonia ergueu-se sobresaltada.

— Menos orações e mais virtudes — disse o protervo cynico.

Ella não replicou á injuria. Sentou-se, porque sentia desfallecer-se em terrores da morte. Tranzia-lhe a alma o medo de ser assassinada.

— Diga-me cá, sonhora — proseguiu elle, sentando-se no leito, e bamboando as pernas cruzadas. — Estava pedindo aos seus indulgentes deuses que lhe perdoassem o adulterio?

— O adulterio! — exclamou Antonia, erguendo-se erecta, magestosa de ira e espanto.

— Comedia! — resmuneou Eliot sarcasticamente. — Eu não represento, ouviu? Que veio fazer a esta caza Josse Frisch? veio rezar comsigo? Diga lá... Veio ou não veio aqui o seu amante Frisch?

— Veio — respondeu ella com a voz estrangulada.

— Rezar comsigo?

— Chorar...

Eliot cascalhou uma risada estridente.

Depois, desceu-se da cama, carranqueou o aspeito, e disse:

— Que me atraiçoasse, explica-se; mas que faça de mim parvo, é original! Com que então, uma dama casada fecha-se com um amante, ao fim da tarde, em um quarto, e... choram ambos, ás escuras! A senhora é tão devassa como tola!...

— Ó Virgem Santissima! — murmurou Antonia relançando os olhos a um retabulo pendente sobre o leito.

— Veja se interessa a Virgem nas suas virginaes choradeiras com o versista loiro... Vamos ao ponto essencial. Frisch esteve com a senhora fechado em um quarto d'esta casa, sendo a senhora minha esposa.

— Esteve.

— Basta!

E, abrindo de par em par a porta da alcova, disse para fóra:

— Entrem.

Entraram Henrique Rutier, Antonia do Sacramento, Maria Miguel e Simôa dos Santos.

— Ouviram o que esta senhora acaba de confessar?

— Ouvimos — disse Rutier.

— Que recebera n'esta casa o seu amante Josse Frisch — repetiu Eliot.

— Isso mesmo — confirmou o pagem.

— Podem sahir — voltou o medico. — Se um dia forem interrogados a tal respeito, respondam o que ouviram. Quanto á senhora, fique entendendo que as minhas creadas... são minhas creadas. Aqui governo eu.

Uma das creadas sahiu chorando. Era Simôa dos Santos, a cosinheira.

Eliot desceu ao escriptorio com Rutier, o qual, cruzando os braços, perguntou :

— Isto de que serve? não me dirá, sr. doutor?

— De que serve?!

— Sim, pergunto : que lucrou o sr. Eliot com o espalhafato das testemunhas? Provavelmente, vae matar o prussiano; depois, mata sua mulher. Feito isto, declara que matou os adulteros, e prova-o com o depoimento dos seus servos. Está bem aviado!

— Não percebes nada, Rutier. A vida mercantil bestificou-te.

— Desconfio que sim... Queira alumiar a minha bestidade.

— Hade haver um segundo adultero; e o primeiro será a confirmação do segundo.

— Estou cada vez mais bronco, sr. doutor.

— Fecha bem aquella porta, e vem cá.

— Eis-me.

— O adultero hade ser o frade...

— André?

— Sim.

— E elle acceita o papel... real ou phantastico? Vossa mercê tem a cabeça opiada pelo *narguillé* de

Constantinopla, perdoe as demasias da minha amizade, ou explique-se.

— Não me deixas explicar, diabo! Eu heide encontrar n'esta casa o frade com Antonia em flagrante delicto.

— Ah! pois o frade tambem... Hade encontral-os em flagrante delicto?

— Suppõem...

— Sim, supponho; mas *é* ou *suppõem-se*...

— Faze de conta que é... e, colhidos no crime, são mortos..

— Por quem?

— Por mim.

— Ah! isso, póde ser... Cuidei que me ia dizer que seria eu o executor da alta justiça...

— E não eras?

— Não, senhor.

— Como estás mudado, Henrique!

— Não é mudado: é cansado...

— Estás rico: é o que queres dizer... Esqueceu-te a proveniencia dos teus doze mil cruzados...

— Não me esqueceu, sr. doutor; mas vossa mercê dispõe de mim por maneira que eu receio esquecer na escada da forca os favores que lhe devo — respondeu gravemente o pagem. — Palavra de cavalheiro! o senhor está perdido! Aquella D. Leonor é a perdição de nós todos... Deixe-a, com dez milhões de diabos. Deixe o frade, que é tão amante de sua mulher como eu. Se não quer viver com ella, metta a n'um convento, e allegue que ella o atraiçoou com o prussiano...

— Não te peço conselhos, Henrique... Lembra-te do que eu já te disse: *a minha tábua de naufragio hade ser o teu esquife.*

— Bem me lembro...

— Emquanto eu subir, subirás tu... — rugiu desentoadamente Eliot — Dá-me Leonor que eu dou-te

tudo... Têl-a, ou morrer, entendes? mas antes de me matar, hãode cahir, a ferro e fogo, todos os obstaculos. Não sabes o que é uma paixão sem lagrimas? É uma congestão de sangue... É a fome do tigre... Estou perdido!

— Falle baixo! — admoestou Rutier — Olhe que o pode ouvir na rua alguem que saiba francez... Deixa-me dar-lhe um parecer? Venha commigo... Saia d'esta casa por algum tempo... Tem a minha casa. Pensaremos, meditaremos, resolveremos lá, e...

— Resolvi...— interrompeu Eliot.

— Que resolveu?...

— Quebrar estas correntes, seja como fôr.

— Mas, se premedita aproximar o frade de sua mulher, o passo que hoje deu, com toda a certeza, produz o effeito contrario. Pois cuida que ella se atreve a receber aqui um segundo homem, depois que o senhor convidou testemunhas contra o primeiro? Está cego, sr. Eliot! O que o senhor devia fazer, se reflectisse ou me consultasse, era pôr-se á cacha com o segredo do Frisch, e ageitar-lhe modo de elle cá tornar. E que fez o senhor? Espantou a caça! Agora, espere-o cá...

— Tens razão...— accedeu Izaac Eliot — Leonor fez de mim um sandeu! Era isso o que eu devia fazer... Porque m'o não aconselhaste?

— Quando? o sr. doutor tem a noticia; sahe da loja de bebidas onde lh'a dei, manda-me chamar a sua caza, leva-me com as creadas para a saleta, entra na alcova de sua mulher, e faz o destampatorio que se viu!... Quando nos mandou entrar, que remedio havia? Ora agora, sua mulher está aqui está em caza do desembargador Santa Martha ou da irmã do frade. E depois? Bem sabe que ella, rodeada de creadas que detesta, hade estar sempre a recear que a envenenem; vê-se só, sem ninguem que a proteja, e safa-se. E de-

*

pois, pergunto eu? Divorcio. E a fortuna? a quem é que a dá a lei? Já consultou?... Ahi vae um conselho, quer?

— Dize lá — acceitou o amo bastante abalado pelas idéas jurisperitas do pagem.

— Vá ter-se com Alberto Borges, e com a irmã do frade. Conte-lhes o acontecido. Diga que o ciume foi a causa do seu destempero. Peça á mulher do Alberto que venha aqui fazer companhia a D. Antonia, ou a leve para sua caza por algum tempo. Mostre-se offendido do adulterio; mas diga que está disposto a desculpal-a, attendendo é maneira como se fez o casamento. O senhor tem palavriado quando quer. O grande caso é evitar que sua mulher fuja, e vá pôr em alarma os amigos do pae e os inimigos do doutor, que são muitissimos, bem o sabe. Deixe passar algum tempo. Não venha a caza, vá fazer uma viagem a França.

— É impossivel! — refutou Eliot — Não posso viver longe de Leonor...

— Pois se quer estar bem perto d'ella, vá ser hospede do Thomaz Darcet, que elle hade estimar muito, como bom explorador que é.

— Não offendas o meu amigo!

— Pelo contrario, gabo-lhe a esperteza. Não me disse vossa mercê que já lá vão dez mil cruzados, afóra a baixella de prata e ouro? E o mais que hade ir... Emfim, já agora é aguentar-se, meu bom amigo. Convem-lhe o conselho?

— Não vejo outra sahida... Tens razão... O divorcio não me convem. Esmagava-me a justiça, que é portugueza, e de mais a mais está no desembargo o tutor, e o frade é todo do patriarcha, e o Frisch é hospede do Bluteau, que o rei respeita...

— Tudo isso, e uma cousa de que vossa mercê se esqueceu; e é que o testemunho dos seus creados não

prova nada contra sua mulher... Ande-me, doutor! Vá fallar á mana do frade.

Entretanto, Antonia escrevia á irmã de frei André pedindo-lhe que sem demora instasse com o irmão no recolher-se a um convento; porque se via na maior affronta, e no extremo apuro de morrer ou matar-se.

— Mas quem me levará esta carta? — dizia ella, suspendendo a escripta.

E, descahindo a face sobre o papel, chorou em crebros soluços.

Ouviu então um bater surdo e pressuroso na porta. Foi abrir, e viu a creada Simôa dos Santos, que lhe disse muito baixinho, guinando os olhos a todos os lados:

— Minha senhora, olhe que eu fui obrigada a escutar o que vossa senhoria disse. Perdoe-me pelo amor de Deus... Venho saber se quer jantar, que ainda está em jejum, coitadinha...

— Não quero nada... mas... fazes-me tu um favor, Simôa?...

— Sim, minha senhora...

— Levas-me esta carta á rua da Oliveira a caza do sr. Alberto Borges?

— Mas as outras vêem-me ir... e depois...

— Não importa... vae... eu vou entrar n'um convento, e levo-te commigo...

A cosinheira acceitou a mensagem; e com o pretexto de ir ver sua mãe, foi á rua da Oliveira.

XLV

Quando Antonia esperava em ancias a resposta do bilhete, chegou a irmã do trinitario com seu marido.

— Bem hajam que me acudiram! — exclamou ella, abraçando-se na amiga. — Eu já temia que te não désem o meu escripto...

— Estava lá teu marido quando o recebi.

— Meu marido!... ah! foi contar-te que eu... Ó filha! eu estou innocente.... O teu irmão sabe que eu estou innocente ..

— Sabemol-o nós tambem — affirmou Alberto Borges — aliás não estariamos aqui, sr.ª D. Antonia. O sr. Eliot pareceu-me attribulado; mas, contra o que era de esperar, ia arrependido do feio espectaculo que deu aos seus domesticos. Minha mulher, convencida da virtude da sr.ª D. Antonia, disse a Eliot: «sua esposa está pura e innocente como os anjos.» Elle quiz saber em que bases assentava a nossa convicção. Disse eu que meu cunhado frei André Guilherme possuia os segredos das duas consciencias suspeitas a Eliot. Elle então mais consternado se mostrou, e pediu-nos que em seu nome viessemos rogar a sua esposa que lhe

perdoasse. Diz mais elle que, envergonhado do seu pessimo proceder, não ousa apparecer á sua victima, e talvez vá passar alguma temporada em França.

— E eu então — accrescentou a irmã do trino — pedi-lhe que te deixasse ir para a nossa companhia...

— Muito agradecida, minha querida amiga... — atalhou Antonia — eu quizera antes ir para um convento.

— Meu irmão André já deu alguns passos n'esse sentido; mas encontrou embaraços; é preciso justificar a separação, ou obter consentimento de teu esposo.

— Porque não lh'o pede, sr. Alberto? — rogou Antonia.

— Pedir-lh'o-hei. Entretanto, venha a menina para nossa caza; e mais devagar meditaremos, de harmonia com meu cunhado.

N'essa mesma hora, Antonia sahiu de sua caza, com uma pequena arca da roupa de uso. Deixou todas as preciosidades em joias, já muito desfalcadas por ignominiosas subtracções do marido. As Caldeironas, exceptuada Leonor, e as madrilenas da companhia de Antonio Rodrigues, enfeitavam os pulsos e as orelhas com as manilhas e pingentes de Maria Isabel Traga-malhas, e de Angela Mendes Nobre, filha do regicida.

Quanto a Leonor, essa, de todo alheia aos conluios de seu cunhado, continuava a requestar o primo Luiz. Ouvira dizer muitas vezes á mana Maria Thereza que Antonia tinha lezão mortal, e que Eliot ficaria viuvo muito cedo com cento e cincoenta mil cruzados.

— Pobre Antoninha! — dizia Leonor compadecida, — má estrella lhe deu a sorte! Eu folguei que alguma mulher me livrasse d'este homem odioso; mas não queria que fosse ella, tão meiga, tão galantinha! Adivinhava o seu destino aquella tristeza que a dominava sempre!...

— Deixe-o enviuvar — observou Darcet, — e verá a mana quantas formosas de Lisboa o disputam.

— Póde ser; mas eu, se fosse uma d'essas formosas de Lisboa, e tivesse lacaio, mandava-o baldear á rua, se elle me subisse a escada para me offerecer a sua mão e o sacco dos cento e cincoenta mil cruzados; e, não tendo lacaio, como não tenho, fazia-lhe assim...

E tirando do avental de seda azul um lenço branco, salivou n'elle com uma vizagem de nôjo.

Estas palestras em familia eram ás vezes interrompidas por Izaac Eliot.

Uma vez, logo que elle arrastou cadeira para junto do canapé em que as senhoras recebiam, perguntou-lhe Leonor:

— Como está Antoninha?

Era a primeira vez que o interrogava a tal respeito.

— Penso que está melhor — disse elle.

— *Pensa!* Está ou não está?

— Eu não a vejo ha um mez, minha senhora.

— Essa é boa! que marido é o sr. Eliot que está um mez sem ver sua esposa?!

— Folgo muito que a sr.ª D. Leonor seja bastante innocente para ignorar os motivos.

— Agradeço-lhe então que m'os não diga... — E, decorridos alguns minutos, ajuntou, voltando-se para as irmãs: — é triste coisa que haja nos casamentos estas más e mysteriosas razões que obrigam dois esposos a não se verem um mez!... O sr. doutor Eliot, decerto sem querer, obriga-me a passar esta noite em claro; como tenciono brevemente ser casada, quero antecipadamente calcular onde estão occultos os baixios de taes naufragios.

D'esta linguagem transparecia o malicioso proposito de se fazer riscar do numero das formosas que

seu cunhado imaginára a competirem na conquista do viuvo.

Eliot gaguejou uns dizeres tão entalados nos gorgomilos, que tresandavam a parvorices de namorista bizonho.

A menina retirou-se para uma janella da sala de espera, quando soaram onze horas. Maria Thereza foi repicar nas teclas do cravo uns sarambotes sevilhanos. D. Joanna, a mais velha, foi para outra sacada com um prebendado da real basilica, seu primo em quarto gráo, e, ao mesmo tempo, pae d'uns rapazolas que estudavam em Evora, e vinham através d'este contorcido perentesco a ser filhos tambem d'aquella sr.ª D. Joanna Caldeirão.

Eliot acercou-se de Darcet, que parecia dormitar, afoufado em uma poltrona que fôra do uso do dr. Francisco Xavier.

— Ouviste? — perguntou Izaac.

— O quê?

— O que tua cunhada agora disse?

— Não; que disse ella?

— Que ia casar.

— É tola minha cunhada... Não faças caso... O Luiz Mendes já anda a namorar a Maria Ignacia, cunhada do general Pedro de Souza, senhor do Guardão. O negocio está por minha conta. Quando fôr tempo, apparece; por emquanto, estás casado, homem.

Eliot abeirou-se do parapeito de uma janella, e viu que Leonor conversava com um encapotado. Deteve-se indelicadamente na janella; e a menina, irritada pela espionagem, inclinou-se para o vulto, e disse:

— Porque não sobes, primo Luiz?

— É tarde, prima Leonor.

— Então até ámanhã, que está muito fresca a viração do mar. Eu ámanhã respondo á tua carta.

Eliot recolheu-se, pegou do chapéo e despediu-se desabridamente.

Darcet acompanhou-o até á sege.

Quando desciam para o pateo, disse-lhe o mercador de velludos e damascos:

— Que tens?

— Tenho a convicção de que me tens logrado, Thomaz...

— Que é?

— Tua cunhada mata-me; mas .. o teu opprobrio hade ser publico.

E metteu-se á sege, mandando largar a trote.

O seu unico amigo nas afflicções enormes era Henrique Rutier. Foi aldravar-lhe á porta na rua de S. José. Fêl-o erguer. Relatou-lhe o succedido em casa do ladrão Darcet, e da ladra da mulher. Adjectivando-os d'este feitio, fôra justiceiro pela primeira vez na sua vida.

Rutier ouviu-o, bebeu algumas taças de uma aguardente que Eliot deglutia com phrenesi, como se estivesse bebendo o sangue do tredo patricio, e disse:

— Amigo meu sr. doutor, se vossa mercê hoje fosse livre e rico, a sua vingança havia de ser redonda, perfeita, digna de um filho das Galias. Sabe o que eu faria? eu? este homem que aqui vê? Raptava-lhe aquella mulher como o boi raptou Europa; entregava-lh'a nas fronteiras, e dizia-lhe: «leve-a para a França ou para o inferno; e, quando se enfastiar d'essa boneca de cêra, mande-a de presente ao primo Luiz Mendes ou ao diabo.»

— Fallas serio, Rutier? — exclamou Eliot, empunhando um copo de aguardente.

— Tão serio como quando espreitei o defuncto boticario por detrás da vidraça...

— Á' tua saude, meu unico, meu adorado amigo! — bradou Izaac emborcando a taça, e quebrando-a

na mêza. — Tu és o meu cerebro, és o meu braço, és o meu coração que adora e que se vinga, és a garra poderosa do meu rancor, és o homem que eu desejara ser, quando houvesse outro que me estimasse quanto eu te quero.

E, embriagado de odio, de lascivia e de aguardente, beijava-o nas faces e nos olhos, abarcando-o pela cintura.

XLVI

Dois mezes depois, em outubro de 1731, Izaac Eliot parecia reconciliado com a esposa, que voltára para a rua do Outeiro, e achára nas duas creadas, Antonia e Maria, cortezias, submissões e respeitos desacostumados. Não obstante, Simôa dos Santos, muito a occultas, segredava-lhe:

— Olhe que ellas murmuram muito da senhora. Eu desconfio de alguma tramoia. O Henrique, antes da senhora vir para caza, fechava-se com ellas lá em baixo, e o sr. doutor sei eu que as tem presenteado com coisas de oiro, e a mim não me deu o valor de um chavo gallego. Tenha cuidado, senhora...

Antonia via a miudo fr. André Guilherme, e pedia-lhe sempre que, pelas chagas de Christo, lhe alcançasse a licença para entrar no convento. Ia a Odivellas e pedia a mesma protecção a Paula Perestrello. A freira, posto que desamada do rei, correspondia-se com alguns ministros. D. João V, o lubrico beato, viu a carta que solicitava a licença, e respondeu:

— Não permitta Deus que o imperio intervenha incompetentemente nas attribuições da igreja. Não

nos compete a nós, rei fidelissimo, entender com os direitos outorgados aos maridos pelo sacramento do matrimonio.

Dizia-o elle, o amante de D. Luiza Clara de Portugal, esposa de D. Jorge de Menezes, e mãe dos *Meninos da Palhavã!...*

N'este mez de novembro fazia annos D. Antonia. Eliot convidou algumas familias. Concorreram, entre as mais distinctas da colonia franceza, algumas nacionaes: as duas senhoras Caldeirões, sem a mana Leonor, que estava constipada; as irmans e a mãe de fr. André Guilherme; Alberto Borges com sua mulher e irmans: alguns professores de cirurgia do hospital real com suas esposas.

Durou o sarau até ao dia. A visinhança ouvia as musicas maravilhada: era a primeira festa que se presenciava n'aquella opulenta caza!

Antonia, na florecencia dos dezeseis annos, parecera triste, desmerecida de côres e brilhantismo de olhos. Não dançara nem fizera parte dos jogos. Cumpria primorosamente os deveres de senhora festejada pelos seus hospedes; e, assim que a dispensavam, acantoava-se com a sua amiga, irmã de fr. André.

— Nem sequer podes fingir-te alegre, Antonia! — disse-lhe a outra.

— Fazes-me lembrar umas palavras que meu tio Francisco dizia muitas vezes: *Triste é minha alma até á morte...* É a primeira vez que os meus annos se festejam, e adivinho que é a ultima. De hoje a um anno, lembra-te d'esta hora e d'esta profecia.

— Que ideias, santo nome de Jesus!

— Vai lá dentro, ao meu quarto, e lê esta carta. Recebi-a hoje já de noite. Olha que prenda de annos! Depois, guarda-a, e amanhã manda-a a teu mano, sim?

— De quem é?

— Da Leonor Caldeirão.

A carta continha isto:

Minha boa e infeliz Antoninha. Não a vi ha anno e meio: mas todos os dias me lembro da sua desventura. Bem queria eu escrever-lhe muitas folhas de papel; mas falta-me tempo, e a possibilidade de o fazer em segredo. Resumo em poucas linhas o que só em muitas poderia explicar. Fuja da companhia de seu marido o mais breve que ser possa. Elle é capaz de a matar, como diz meu cunhado que já fez a outras. Ha uma senhora que o despreza, e elle persegue com villissima impertinencia. Esta senhora acaba de receber uma carta d'elle em que lhe pede que seja sua esposa quando elle enviuvar. A respeito do casamento com Antoninha dá infames desculpas. Se Eliot não fosse um malvado sem egual, eu cuidaria que elle estava embriagado quando escreveu tal carta a uma creatura que o abomina e desfeiteia sempre que o pode fazer como senhora. Quizera eu enganar-me,—permittisse-o Deus!—mas receio muito que Antoninha seja assassinada com veneno, se não foge d'esse algoz.

Sua do coração—Leonor da Veiga Cabral.

Fr. André Guilherme, lendo esta carta, communicada pela irmã, considerou-a documento valioso para mover o patriarcha a favor da inclauzuração de Antonia.

Apresentou-a a D. Thomaz de Almeida, e obteve do prelado a promessa de deferir ao requerimento da esposa de Eliot. Retirou-se contente o trinitario, e facilmente transmittiu a Antonia a boa nova. Todavia o patriarcha, por saber que el-rei estimava o medico francez, quiz esgotar os recursos conciliadores, mandando chamar Eliot. Expoz-lhe as reiteradas solicitações que se lhe faziam para dar refugio a sua mu-

lher em convento; deplorou que elle desse motivos a isso; insinuou que tinha em seu poder provas de um plano tão singularmente odioso que tinha pejo de o referir. Disse, finalmente, contestando as redarguições do francez, que o procurador de Antonia Xavier era um frade de exemplares virtudes que não podia mentir, e muito honrava a sua cliente.

— Fr. André Guilherme? — atalhou Eliot.

— Sim, senhor.

— E quem disse a vossa eminencia que esse frade não é amante...

— Amante?... de quem?...

— Da minha mulher.

D. Thomaz levantou-se colericamente magestoso, e bradou:

—Saia d'esta casa! Esconda-se de mim, calumniador monstruoso! Eu podia esmagal-o com uma carta, que tenho aqui, em que o sr. Eliot é exactamente retratado por quem lhe conhece de perto a alma aleijada pelos vicios! Eu já sabia da voz da fama as proezas da sua vida. Agora as acredito, e me pejo de o receber n'esta sala.

Eliot sahira ás recuadas como se cada phrase do trovejante prelado lhe fosse um pé arremessado ao estomago.

Como de costume, foi apear-se em casa de Rutier; e, em curto dialogo, discutiu-se e fixou-se o ultimo e decisivo plano: matar fr. André Guilherme em flagrante adulterio com D. Antonia Xavier!

Henrique, fiel ao seu proposito de reformação em materia de homicidio, ratificou energicamente que não matava ninguem.

Eliot dispensou-o; mas exigiu-lhe que escrevesse cartas amorosas de sua mulher ao frade, e as respectivas respostas.

Pediu Rutier a letra do trinitario para exame e

ensaio. Eliot offereceu-lhe uma quitação redigida e escripta por André, quando ainda era estudante, em que sua tia se dava por paga e satisfeita das mensalidades que ajustára com o doutor Francisco Xavier pela educação de sua sobrinha. Não havia outro modêlo. Rutier desdenhou-o como safado e ruim de imitar.

— Estas cartas hão de ser examinadas por peritos? — perguntou Rutier.

— Veremos, quando o frade estiver no inferno á espera do patriarcha...

A irmã de fr. André costumava festejar os annos de seu esposo em 18 de novembro com uma merenda á portugueza antiga. Reunia Alberto Borges a mais selecta porção de commerciantes, e muita parentella da classe media. Depois de um lauto banquete, dansavam-se dansas honestas, minuetes graves sem o desnalgado das sarabandas e sarambeques. Concorriam ali religiosos de boa conta, e alguns da Santissima Trindade, convidados pelo cunhado do respeitavel Borges.

Eliot foi convidado com sua esposa. Acceitou muito agraciado o convite, e recommendou a Antonia que comprasse vestido novo e se enfeitasse a primor.

— Dizem por ahi, menina — ajunctou elle — que andas muito desmazellada no teu vestir, porque vives desgostosa. Quizera eu que desmentisses esta gentalha. Ahi estás tu vestida sujamente. Essa saia de setim branco matizada conheço-t'a ha quatro annos: está surrada que faz nojo! esse manteu de baetilha seria insupportavel nos hombros de uma tua creada. Ha mulheres que por dentro e por fora afugentam os maridos. E esse penteado? quem te penteia?

— É a cosinheira.

— Bem se vê... O penteado é como as iguarias que ella faz... Cahiu-te no goto esta Simôa! Até a improvisaste cabelleireira!...

Era este o estylo de Eliot quando mais forcejava por embair a esposa com geitos carinhosos.

Ella escutava-o silenciosa, e ouvia o arquejar alvoroçado do seu coração. Tinha-lhe medo Pedia a Simôa estivesse perto d'ella, quando o marido entrasse, e não comia sem Eliot lhe dar o exemplo.

— Tem cuidado que me não deitem peçonha na comida... — dizia Antonia á cosinheira, que nunca sahia da beira do fogão.

No dia 18 de novembro, estiveram na festa natalicia de Alberto Borges. Eliot cumprimentou fr. André Guilherme, com expressões de respeitosa e antiga consideração. O frade respondeu cortezmente, sem lh'as retribuir. E evitava encontral-o na sala.

Ao fim da tarde despediu-se de Antonia, a quem singelamente cumprimentára. No acto de se despedir, ella apertou-lhe a mão, e murmurou:

— Ainda não?

— No dia 1 do mez que vem, recolhe-se ao convento de Santa Anna — disse o frade.

— Graças, meu Deus! — exclamou ella radiando alegria dos olhos, e apertou-lhe, segunda vez, a mão convulsamente.

N'este acto, cahiu-lhe uma luva. Fr. André abaixou-se a erguer a luva, que beijou e restituiu com a polida graça e cortezãos requintes d'aquelle tempo.

Desde este dia até 26 de novembro o medico jantou sempre com sua mulher. Uma ou outra vez, perguntava-lhe:

— Que dizias tu a fr. André, quando lhe apertavas a mão sacudindo-lh'a á ingleza?

— Nem me lembro, Izaac...

— Que esquecida!...

E desandava logo para o gracejo.

Na manhã d'aquelle dia 26, Eliot madrugou em caza de Rutier, e disse-lhe:

— Hade ser hoje.
— Seja — condescendeu o outro mal-humorado.
— Deixa ver o bilhete...
— Não está perfeito; mas remediará. Ahi o tem.
Eliot leu:

Meu caro amigo. Estou sosinha hoje ás 4 horas e meia. Elle vai para fora da terra ás 3. Só vem depois de amanhã. Temos duas tardes livres. Se hoje lhe não fallo, se me não acode, dou um passo desesperado. Venha infallivelmente.— Sua infeliz Antonia.

— Está bom, perfeitamente bom — applaudiu Eliot — E as cartas do frade? e as d'ella?
— Seis de cada um. As d'elle não me agradam. Tem pessima letra, muito engaratujada... Isto é muito difficil...
Eliot confrontou a quitação com as cartas falsificadas; alongou os beiços, e desdenhou:
— A fallar verdade, não fôste feliz... mas servem... Máo será se isto vai aos tribunaes...
— Oh! se vai! — emendou Rutier — O senhor que cuida? Tudo nos hade ser preciso para nos salvarmos... se nos salvarmos...
— E o flagrante delicto?... — replicou o medico — Pois não entendes, homem? Estas cartas são a prova do crime que eu vou punir.
— Doutor! — contraveio Rutier pensativo — doutor, este mundo é governado por Deus ou pelo diabo...
— Sim? tens mêdo?
— Tenho, palavra!
— Que se tem importado Deus ou o diabo com as tuas acções?...
— Ainda não é tarde... — murmurou o scelerado forçando um sorriso de incredulidade.

*

XLVII

Ás dez horas da manhã, d'este dia, Antonia do Sacramento subiu esbaforida a encosta do castello, e entrou na portaria do convento da SS. Trindade. O irmão porteiro, a quem perguntou pelo padre fr. André, rospondeu-lhe que estava no altar dizendo missa.

— Pois eu não me posso demorar. Entregue-lhe vossa paternidade esta carta que vem da casa da irmã.

Fr. André erguera-se n'aquelle dia com o proposito de escrever a Antonia, a fim de socegar de uns sustos que lhe desvelaram a noite. Josse Frisch havia-lhe dito, no dia anterior, que estava de vespera de viagem para Berlim, *não tendo mais nada que fazer nem que esperar em Lisboa*. Estas palavras, ponderadas pelo frade, figuraram-se-lhe mysteriosas. Tempestuou-lhe na alma a conjectura de que Antonia se evadia com Josse, não lhe restando, pois, a elle *mais nada que fazer nem que esperar em Lisboa*.

Abriu a carta que lhe entregou o porteiro da parte de sua irmã. Quando chegou á terceira linha, e leu: «Se hoje lhe não fallo, se me não acode, *dou um passo desgraçado*» pensou comsigo afflictamente:

— Não me enganei! Josse Frisch quer arrebatal-a!

Entrou na cella e escreveu uma longa carta ao prussiano, cheia de queixumes, de censuras, de maximas divinas e humanas; e a final, depois de muito discursar no vago da sua conjectura, pedia-lhe em nome de Deus que não infamasse Antonia usurpando-a ao santuario onde ia azilar-se, depois de tantos estorvos, afflições e sustos da morte.

Josse tinha partido para Cintra com o naturalista Merveilleux, a colher exemplares da Flora da Serra. O padre Raphael Bluteau recebeu a carta, e disse ao portador que seria entregue no dia seguinte.

Fr. André, ainda assim não socegou, suppondo que o padre hospedeiro de Frisch era tambem enganado.

Por volta das quatro horas e meia entrou na rua do Outeiro; e, como nunca houvesse frequentado a casa do doutor Francisco Xavier desde que elle se estabelecera, ignorava a residencia de Antonia. Entrou em uma loja de mercearia perguntando onde morava o doutor Eliot.

— É acolá — apontou o mercieiro — mas, se o vai procurar, não o encontra, que sahiu de sege ás 3 horas.

O frade agradeceu; e, quando se avisinhava da casa indicada, viu por entre uma cortina de janella de peitoril a cabeça de Antonia, olhando para elle e logo debruçando-se muito agitada no peitoril.

Aproximou-se da porta, e tirou pela campainha.

Antonia pensára que elle ía passando; mas, ao vêl-o parar e bater, exclamou:

— Que será?...

E correu ao seu quarto para se vestir com menos desalinho, porque succedêra estar tão negligentemente trajada que baixára as cortinas para não ser vista da visinhança fronteira.

Antonia do Sacramento levou-lhe recado de que estava ali o sr. fr. André Guilherme, e que lhe abrira a porta da cosinha porque não encontrára a chave da porta principal.

Traspassou-se-lhe de terror a alma; a custo se tinha em pé; sahiu como estava á porta da cosinha, e exclamou:

— Que motivo o traz aqui, sr. fr. André Guilherme?

E, sem dar tino do que fazia, encaminhou-se com elle para a sala de visitas.

— Que motivo me traz aqui? pergunta a sr.ª D. Antonia! pois não me escreveu a chamar-me?

— Eu!... Ó Virgem! soccorrei-me! Não lhe escrevi! é uma traição que lhe fizeram... Estamos perdidos!...

E cahiu quasi esvahida de alento sobre uma preguiceira.

E então o frade, sentando-se ao lado d'ella, com a serenidade dos legendarios martyres, pegou-lhe da mão e disse-lhe:

— Se é uma traição, vou ser... ou vamos ser assassinados... Deus se compadeça de nós, e não permitta que a nossa memoria seja calumniada!

E, erguendo-se, ajoelhou diante d'ella, e proseguiu com muita uneção de lagrimas:

— Antonia, levantemos as nossas almas ao Altissimo, que vê a nossa innocencia, roguemos-lhe que nos deixe ainda encontrar na sua divina presença!...

— Se pudesse fugir!... fuja, sr. fr. André!... — balbuciou ella emergindo da atrophia com desesperado impeto.

— Os innocentes não fogem! — disse elle — e, quando a porta da sala se abria de repellão, accrescentou: — Adeus!

Era Iazac Eliot, empunhando duas pistolas. En-

trou e rodou a chave da porta. No patamar, da parte de fóra, ficara Henrique Rutier.

— Apanhei-vos! — bradou o francez.

E desfechou uma pistola ao peito de fr. André, que, após uma breve tremura, cahiu sobre o dorso. Desfechou a outra ao peito da esposa; mas errou o tiro. Antonia fugiu, gritando, para o interior da caza. O marido arrancou do bolço uma faca de amputações e cravou-a no peito do padre, até que a lamina do instrumento, esgarçando pelos ossos, se dobrou e partiu. Depois, correu em busca de Antonia, que quizera salvar-se pela porta da cosinha, que encontrou fechada. Eliot ferrou d'ella pelas madeixas desprendidas, levou-a de rojo á sala de jantar, e ahi, quando ella pedia a brados e de mãos postas que a não matasse innocente, a voz ia-lhe esmorecendo, e soltou o derradeiro gemido ao vigesimo setimo golpe de espadim.

Em respeito á sensibilidade de quem lê esta pagina, escripta com a rapidez de uma angustia que me opprime, abstenho-me de particularisar o martyrio de Antonia. Ha ahi barbaridade que attinge o inverosimil! Quem tiver animo frio e curiosidade das supremas perversidades que se passam á face de Deus, leia o DOCUMENTO 1.º

Quem leu o *Auto de exame de corpo de delicto* prescinde de saber como Eliot, voltando da carniceria da esposa, acabou de matar fr. André Guilherme. Do processo e depoimento de testemunhas consta, como o leitor hade colligir dos subsequentes documentos, que o dilacerado trino, ao receber os ultimos golpes, murmurava:

— Eu não o offendi na sua honra, sr. Eliot!

Henrique Rutier instava pela fuga, puxando pelo amo, quando elle ainda amolgava a cabeça do cadaver com a coronha da pistola já desparafusada.

Simôa dos Santos era então retida pelas duas creadas e levada a rastos para um recinto interior, com ameaças de a matarem, se gritasse. Os visinhos, attrahidos pelos tiros, enchiam as janellas, e desciam ás testadas da sua casa. O povo apinhoava-se á porta de Eliot, quando elle, com Rutier, a passo rapido, ganharam a Cordoaria Velha, e se embarcaram na sege, mandando a toda a brida para a portaria de S. Domingos.

A ralé seguia de longe a sege, vozeando gritos sem significação.

Á portaria de S. Domingos, Eliot, apeando com o pagem, pediu ao padre porteiro que lhe desse guarida porque era perseguido por haver matado sua mulher adulterando com um calvinista. O prior dominicano, com quanto fosse sincero inimigo de calvinistas e adulteros, respondeu que não dava azilo a fugitivos qualquer que fosse o motivo.

O povo estacara em volta da sege. A aggressão era só de longe e a gritos. Eliot e Rutier passaram incolumes através da multidão que lhes abriu passagem, quando o francez bradou:

— Arredar, canalha!

— Para Santo Antão! — bradou Rutier ao muxilla.

O portão da caza jesuitica estava fechado, porque já haviam soado as Ave-Marias.

— Para a igreja de S. Luiz! — ordenou o medico.

Aquelle templo dos francezes, privilegiado com grandes foros, demorava a curta distancia de Santo Antão. Estava ainda aberto, porque os padres iam ali rezar vesperas em communidade.

Entrou Eliot e disse que pedia asilo para d'ali poder, ao abrigo da gentalha, avisar o consul francez. Receberam-o; e, attentas as razões que dava do seu desforço, os circumstantes houveram piedade do seu infortunio.

E ali pernoitou.

A multidão rarefez-se, tirante dois pretos que velarám a noite sentados na escada da igreja: eram os dois escravos de Antonia, que Henrique Rutier vendera e entregára traiçoeiramente ao comprador navegante. Haviam saltado em terra n'aquella tarde. Iam vêl-a, com licença do senhor, quando o povo clamorosamente gritava que o francez matára a mulher. Nortearam-se pelo alarido da turba, e chegaram a S. Luiz, quando a porta da igreja era trancada. Quedaram-se ali apostados a matarem Eliot.

Ao outro dia, o consul francez foi a S. Luiz. Ouviu a exposição do seu patricio, viu as cartas attribuidas ao frade, achou brioso o desforço, e mandou arvorar a sua bandeira na fachada do templo. O povo ia e vinha; mas os negros permaneciam.

Ao anoutecer do dia 27, o corpo de fr. André foi conduzido á claustra do seu convento, e o de Antonia Xavier á igreja dos Martyres. Afora alguns padres que responsaram o cadaver da adultera, o coveiro que desterroava uma sepultura, e alguns transeuntes curiosos que desejavam ver a cara da morta, apenas havia uma pessoa que chorava: era Josse Frisch.

Despejado o templo e apagados os cirios, o extrangeiro estava ainda de joelhos ao pé do esquife. E, quando o coveiro chamou o ajudante para transportar a tumba de sobre o catafalco razo, Josse Frisch pegou de um lado do caixão, e disse:

— Eu ajudo-o.

O coveiro contemplou-o, e disse entre si: «Era talvez irmão da pobre creatura!»

Ao erguerem o esquife, o sangue escorria das junturas. Frisch embebia no lenço as gotas que estillavam do seu lado. Quando o ataude bateu em cheio no fundo da cova, o moço, hirtos os cabellos e as faces lividas, curvou-se á ourela da sepultura, e disse na voz inaudivel de sua alma:

— Ó martyr! perdoa-me! Resgata d'este mundo o desgraçado que te matou!

XLVIII

Ao cabo de cinco dias, no primeiro de dezembro, ainda os criminosos estavam na igreja, protegidos pelas aguias francezas.

Eliot havia enviado dezenas de cartas, relatando a fidalgos, a ecclesiasticos de alta jerarchia e a desembargadores o adulterio de sua mulher, colhida em flagrante com o frade trino. Ás pessoas mais valiosas enviava cartas de Antonia e de fr. André, e pedia que lh'as devolvessem para provas de sua defeza. Vozes auctorisadas divulgaram que Eliot desafrontára a sua honra. O ministro de França pedia ás justiças portuguezas *carta de seguro* para os dois azilados se defenderem nos tribunaes.

Quando o reviramento quasi geral da opinião publica chegou aos ouvidos de Raphael Bluteau contado por Frisch em dilacerante angustia, o ancião pediu ao moço as cartas que tinha de fr. André Guilherme e as de Antonia. Sahiu do leito, onde quasi entrévecera, e, levado por uma sege de mão, foi fallar a D. João V, e disse:

— O nonagenario padre Bluteau, antes de sahir

d'esta vida, vem dar pregão da innocencia de dois assassinados perante vossa magestade. Antonia Xavier e o padre André Guilherme morreram innocentes. Os matadores estão a ponto de ser libertados para se defenderem. Que se defendam, real senhor, mas que o façam desde a masmorra dos grandes facinorosos! Que se defendam; mas que não o ousem diante d'el-rei, meu senhor, depois que vossa magestade se dignar ver estas cartas!

— Cartas... de quem, padre Raphael? — perguntou el-rei.

— Do virtuoso frade que defendia a desgraçada menina de uma paixão... sancta, quanto ellas o são na innocencia dos quatorze annos.

D. João v leu parte das cartas de fr. André, e disse com alegre rosto:

— Veio levantar-me de sobre a alma um pezo immenso, padre Raphael! Eu chorava a religião affrontada por um frade adultero, a quem pouco ha abracei pelos apostolicos serviços que nos fez na redempção dos captivos de Argel. Vá muito confiado em mim, padre. A innocencia dos infelizes será proclamada e vingada.

N'esta mesma hora el-rei mandou perguntar ao ministro de França com que direito azilava dois criminosos de tal vulto. O ministro respondeu com as immunidades da igreja franceza e com a justiça do marido desaffrontado.

O corregedor, segundo as ordens recebidas, não se deteve a refutar as razões do ministro. Endireitou com alguns soldados e esbirros para a igreja de S. Luiz, e mandou arrombar as portas.

Apenas o machado rompeu brecha, a multidão viu coarem dois negros para dentro da igreja; e, ao abrirem-se de par em par as portas por ordem do proprio ministro francez, sahiu Eliot amarrado por enleias

com os braços para as costas, e cada um dos negros tinha mão da corda por uma das pontas.

O povo urrou applausos aos dois escravos. O corregedor quiz tirar-lhes o preso para dar mais seriedade ao acto; mas a arraia-miuda não consentiu. Quanto a Rutier, esse, com os braços livres, foi levado na onda do povo de encontro aos soldados.

O leitor logo verá como os poetas coevos contaram os pormenores da prisão de Eliot.

Entraram no Limoeiro de tropel. A espaços, algumas mulheres de Alfama davam-lhes saltos de hyenas com as unhas aduncadas em garras. Os negros jogavam com o medico, repuxando-o pelas cordas, afim de o defenderem das arremettidas do povo, mantendo-o em equilibrio. Os escravos de Antonia haviam comprehendido e prelibado o espectaculo do carrasco; do contrario, matal-o-hiam com louvor da multidão.

Ao mesmo tempo, entravam no Limoeiro as trez criadas de Eliot. Antonia e Maria iam gritando no meio dos quadrilheiros. Simôa dos Sanctos, chorando, mas sem exaspero, apenas dizia ao meirinho:

— Eu estou innocente .. A alma da minha ama bem o sabe... Ella me defenderá.

O primeiro alvitre da justiça, estimulada pelo monarcha, respeitador integerrimo do Sancto Padre, foi pedir a Clemente XII, a requerimento do Fiscal das Ordens, que permittisse á Mesa da Consciencia e Ordens relaxar o réo á justiça secular, subjeitando-o ao julgamento de uma só instancia, e não á de trez, como era de uso com os cavalleiros professos. O Pontifice, quatro mezes depois, assignava o Breve impetrado; (DOCUMENTO 2.º) e el-rei decretava que a devassa baixasse ao corregedor do crime e casa. (DOCUMENTO 3.º).

A mesa de Consciencia e Ordens fez os autos sum-

marios ao réo, mandando que respondesse de facto e direito dentro de cinco dias.

O advogado de Eliot era Noutel de Carvalho Brandão, que escreveu uns miseraveis embargos contra a nullidade do Breve. A Mesa da Consciencia, mandando despir o habito ao cavalleiro professo, relaxou-o á curia secular.

Abstenho-me de repetir minudencias que constam das peças transcriptas do processo. (DOCUMENTO 4.º)

O escrivão dos cavalleiros notificou a sentença ao réo. Embargou-a Izaac Eliot; e, tendo já confessado na tortura a innocencia da esposa, recrudesceu na infamação de uns *Memoriaes* escriptos de seu proprio punho e enviados aos deputados da Mesa. (DOCUMENTO 5.º)

Voltou com segundos e terceiros embargos, sempre desprezados.

O advogado negou-se a escrever no processo, e disse-lhe:

— Recôrra ao rei, e depois a Deus.

Escreveu a D. João v uma petição lardeada de figuras rhetoricas e clauzulas latinas, com um estylo retorcido em antitheses, e velhos artificios do pessimo genero d'esta ordem de supplicas. Não ha ahi relevo de phrase commovente, nem vislumbre de remorso que fira a corda da compaixão! A carta, copiada do traslado do processo, dizia assim:

Senhor! Implorando a soberana protecção e Augusta Clemencia de V. Real Magestade, prostrado aos seus reaes pés, se representa Izaac Eliot, cavalleiro professo da Ordem de Christo, preso no carcere do Limoeiro d'esta côrte, pelos enormes, aleivosos e sacrilegos crimes, que commetteu, por impulso do seu iniquo e mal intencionado animo, executando na maior innocencia os effeitos da sua cruel tirannia, confessa a gra-

vidade do seu delicto, e reconhece a eximia e magnifica benevolencia de V. M. com que, sem deslustre da sua justiça, tem por debito a commiseração dos seus vassalos, principalmente para aquelles que, para remedio de sua propria vida, recorrem ao real patrocinio e augustissima piedade de V. M.

Graves são, invictissimo e poderosissimo Senhor, os delictos por que em este tenebroso carcere me acho prezo, e sua propria graveza é o motivo por que imploro a vossa augustissima piedade; pois o regio perdão da Magestade não se emprega nos benemeritos, senão nos indignos. E assim V. M. deve ostentar sua real clemencia com os facinorosos mais execrandos; pois do perdão dos seus mais abominaveis delictos resulta o maior lustre da Magestade, pois esta tanto mais brilha quanto mais benigna é com aquelles a favor de quem se ostenta, e quanto maiores são os crimes tanto mais cresce o motivo da commiseração, e quanto mais um homem se faz indigno com o labéo da sua culpa tanto mais o Soberano Monarcha o avalia por mais capaz do emprego de sua piedade.

Pediu David a Deus que lhe perdoasse uma grave culpa, que tinha commettido contra a sua divina bondade, e fez-lhe a sua petição n'esta forma: propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo, multum est enim. «*Senhor! — diz David — heis perdoar-me o peccado que commetti contra vós, porque é peccado enorme!*» *Pois esta é a razão que David allega, esta a causa que aponta? Aponta e allega David a enormidade da culpa para alcançar a absolvição? Não é evidente que os peccados quanto são mais enormes tanto se fazem mais indignos? Pois porque se empenha David em lhe encarecer as indignidades quando trata de lhe pedir misericordias? A razão não é outra mais que querer David experimentar a Deus muito misericordioso* (propitiaberis peccato meo) *porque sabia que tinha*

Deus por brazão de sua magestade olhar muito para o encarecimento da indignidade da culpa, mostrando-se-lhe muito indigno (multum est enim.) *Quer Deus ter n'este mundo um grande nome* (propter nomen tuum, Domine;) *e o logro dos nomes grandes não se grangêa com o perdão de delictos pequenos, que quanto maior é o delicto de quem pecca quanto maior é o nome de quem perdôa: por isso David não fez mais que encarecer a Deus a graveza do seu peccado para do mesmo Deus segurar o perdão, e encarecer-lhe a grande dignidade que tinha para conseguir a grande misericordia que esperava.*

Da mesma maneira, Serenissimo Senhor, supplico e imploro a vossa real piedade pelo mesmo methodo com que o real propheta soube facilitar de Deus as misericordias, e assim lhe sirva a V. M. de exemplo o mesmo Deus para me perdoar.

Allegou David a Deus que era enorme a sua culpa multum est enim, *para assim ter melhor despacho a sua supplica, e assim eu, invictissimo Senhor, confesso e reconheço a gravidade do meu delicto, porque de sua propria gravêza tiro eu o motivo de o perdão da Vossa real piedade; e, como Deus poz os Principes na terra para imagem do seu poder, e para sombras de sua soberania, parece e mostra dever ser a magestade uma na imitação da divina, e como esta, para no mundo ter grande nome, como supplica David:* Propter nomen tuum, Domine! *deve grangear com o perdão dos delictos graves a magestade humana, e não deve engrandecer seu nome com os pequenos.*

Nasceu Christo Rei, e no seu nascimento se lhe chamou Sol: orietur vobis sol: *e por nenhuma outra razão senão por que tinha para perdoar e remir o genero humano da gravissima culpa em que tinha incorrido nosso primeiro pae. Intitulou-se sol, porque n'elle tudo havia de ser piedades; tudo n'elle havia de ser clemen-*

cias, e tudo n'elle havia de ser misericordias: porque um rei com todas estas propriedades é um resplandecente sol: orietur vobis sol.

Sol racional é Vossa Real Magestade; e assim, de baixo de sua real protecção, se devem amparar as vidas dos seus vassalos; para credito de seus luzimentos é que costumam acumular-se explendores dos raios de sua real piedade. Grande é, Senhor, o delicto que commetti, e tão grande que parecerá irracional a minha supplica a quem lhe faltar o conhecimento da real clemencia de V. Magestade, pois toda a culpa, ainda que grave, está na esphera do seu real poder, e tanto maior quanto mais digno se faz do perdão de um tal soberano monarcha: pois é todo o delicto pequeno a respeito de uma tão grande magestade.

Esta é, invictissimo Senhor, augusto Rei e soberano Monarcha, a supplica com que humildemente me offereço aos pés de V. M. Não allego para a minha defeza mais que a mesma gravidade do meu delicto para assim ter mais logar a Vossa real piedade, e o generoso animo com que se ostenta vossa augustissima clemencia! A minha vida está nas contingencias do seu ultimo fim, e só na vossa protecção poderá encontrar o melhor remedio, pois o perdoar delictos graves é a maior gloria, assim humana como divina. Esta guarde a V. M. por dilatados annos por que a nação portugueza se jactancie em ter um Soberano Monarcha, e em sua corôa cada vez mais se accumulem maiores augmentos e felicidades.

Izaac Eliot.

*

XLIX

Em uma quarta feira, 26 de Novembro de 1732, pontùalmente no primeiro anniversario da morte de Antonia Xavier, a sala livre do Limoeiro foi decorada com os cortinados da Relação, e o altar, onde os condemnados ouviam missa, ornamentado. Dispuzeram-se trez mesas: uma com cadeira de espaldar e duas cadeiras razas; outra, com duas cadeiras de espalda, ás ilhargas da mesa; e a terceira com assentos razos. Na primeira, sentava-se o prior do convento de nossa Senhora da Luz, com o seu secretario e outro clerigo. Na segunda, abancavam o desembargador João Marques Bacalháo, juiz dos cavalleiros, e relator da sentença da Mesa, com o desembargador José Vaz de Carvalho, corregedor do crime. Na ultima, estavam o escrivão dos cavalleiros Caetano da Costa Loureiro, e o solicitador da justiça Francisco da Costa Ferreira.

Ás tres horas da tarde, o cavalleiro Pedro de Castro Correia, vestido com o manto da ordem, desceu á enxovia, e fez revestir Izaac Eliot com o manto, a espada, o bentinho e a cruz. O condemnado entrou na

sala acompanhado de dois padres da companhia e do padre Xofreu de Rilhafoles, famoso pelas conversões maravilhosas de alguns justiçados a quem assistira.

Eliot e os padres ajoelharam no taburno do altar. O assassino circumvagava os olhos espavoridos, e pelo habito da quasi escuridade da masmorra cerrava as palpebras contra a luz forte do sol que se espelhava nas superficies polida das mesas.

O cavalleiro Pedro de Castro conduziu Eliot á mesa do prior da Luz, para ouvir ler a sentença pelo escrivão dos cavalleiros.

— Ajoelhe — disse o cavalleiro ao réo.

Ajoelhado Eliot, o prior proferiu uma oração, e despiu-o do bentinho, habito e manto pela cabeça, depondo as insignias sobre a mesa, ao mesmo tempo que o cavalleiro lhe desafivellava a espada. Seguiu-se outra oração latina pronunciada em toada plangente pelo prior. O cavalleiro fez ao réo um gesto que se retirasse. Os tres padres seguiram-o até ao alçapão da enxovia. Os da companhia de Jesus retrocederam, e o padre de Rilhafolles desceu com Eliot.

Tres dias depois, nos cunhaes das praças mais concorridas, lia-se uma pastoral do vigario geral do patriarchado em que o réo Izaac Eliot era proclamado *sacrilego e publico excommungado, reservada a absolvição a sua Santidade.*

A substancia d'este edital, quando a notificaram ao preso, devia de ser-lhe medianamente afflictiva, salvo se o padre Xofreu vingára amolecer-lhe as sevas entranhas.

Interpozeram-se alguns dias concedidos a requerimento de Noutel de Carvalho, nomeado curador da menor Simôa dos Sanctos, que era innocente e pedia que a soltassem, chorando ás grades da enxovia.

Em 8 de janeiro de 1733 reuniu-se a Relação. Ás 8 da manhã, o corregedor José Vaz de Carvalho co-

meçou a propor o processo, e ás 6 e meia da tarde foi lavrada a seguinte sentença [1]:

O que tudo visto, gravidade do caso, disposições do direito e ordenações; e, estando Izaac Eilot confesso em as mortes de que é arguido, não provou de sorte alguma o adulterio com que se defende, e que neste injusto facto associou o seu criado Henrique Roter, os condemnam ambos a que com baraço e pregão pelas ruas publicas sejam levados á do Outeiro, aonde em uma forca que se levantará em a frente das cazas, em que commetteu o delicto, padecerão morte natural, e depois se lhe porão as cabeças no mesmo logar em dois postres levantados aonde se conservarão até o tempo as consumir e os condemnam outro sim a que pelos bens dos ditos RR. se pague ao convento da Santissima Trindade por cada um d'elles a quantia de dois contos de reis, e outra tanta importancia para as despezas da Relação; e o restante dos mais bens pertencentes ao R. Izaac Eliot applicam na forma da lei aos herdeiros abintestados da sua defuncta mulher, e no caso que não tenha descendentes que segundo a mesma lei lhe possam succeder; mandam que tendo-os lhe paguem vinte contos de réis em que em tal caso o condemnam para os ditos herdeiros, e aos mesmos passará tambem a fazenda do R. Henrique Roter. E as RR. Antonia do Sacramento e Maria Miguel condemnam outro sim a que com baraço e pregão pelas ruas publicas costumadas sejam açoitadas e degradadas por tempo de sete annos para o reino de Angola, e por não se considerar egual culpa na R. Simôa dos Santos a condemnam somente que com baraço

---

[1] A sentença vai integralmente copiada no *Documento 6.º*.

e pregão seja degradada para o mesmo reino por cinco annos, e pagarão as primeiras duas RR. as custas dos autos. Lisboa oriental 8 de Janeiro de 1733. Vas de Carvalho — Costa — Almeida — Silva — Dr. Pereira e Pinto.

N'esta sentença resalta uma atroz injustiça. Simôa dos Santos é condemnada a cinco annos de degredo, porque, *tendo dito que vira sua ama encostar a cabeça do religioso*, declarou depois que fôra em acção de *chorar*. (DOCUMENTO 6.º)

Lavrada e notificada a sentença, requereu Izaac Eliot que em attenção ao seu gráo de medico e ás honras que fruiu de cavalleiro da nobilissima ordem de Christo, lhe fosse demudada a pena da forca em decapitação. Devia de lembrar-se de uma ironia de Rutier, quando o pagem teve certas previsões da forca.

— Retira lá essa palavra *forca!* — exprobrára o amo — Os cavalleiros professos na ordem de Christo não podem ser enforcados.

— Bem sei — replicára Rutier — degolam-os: a differença não me parece a melhor das consolações. (Nota 15.ª)

No dia 8 de janeiro, o alcaide da prisão com o padre Xofreu e o padre Luiz Baptista da Companhia de Jesus conduziram o condemnado ao Oratorio.

Rutier, acompanhado de outro jesuita, foi levado a oratorio diverso.

Era extremo o abatimento de Izaac Eliot. Reclinára a cabeça na espadua do virtuoso ancião de Rilhafolles, e sentira no rosto o gotejar das lagrimas alheias, as unicas que olhos humanos lhe deram. Quanto a Henrique Rutier, dispensou-se de amparo, de lagrimas e de catequeses religiosas. Engulia agua-ardente a tragos vertiginosos, e, alquebrado no sopor da embriaguez, desencovava a espaços os olhos esgasia-

dos, e fitava estupidamente o padre e a imagem de Jesus Christo crucificado.

Izaac Eliot, no oratorio, pedira papel e tinteiro. Escreveu de alto a baixo duas meias folhas de papel, e deu cada metade a um dos padres, dizendo:

— Publiquem vossas reverendissimas depois da minha morte o que ahi escrevi, se eu o não disser na forca; receio que lá não possa ou m'o não deixem dizer.

O padre Xofreu e o jesuita leram os papeis, e abraçaram Eliot. O ancião exclamou lavado em lagrimas:

— Desça sobre nós a uncção das sanctas palavras, e sobre ti a divina misericordia!

Ás duas horas da tarde de dez de janeiro de 1733, sahiram do Limoeiro os padecentes, acompanhados de cento e cincoenta irmãos da misericordia. Ladeavam Eliot os padres da Companhia, e o padre Xofreu mais á beira d'elle. Chegados ao Largo do Espirito Santo, Eliot desmaiou, e foi mister transportal-o tão de vagar, que soavam as Ave-Marias quando se defrontaram com o patibulo. O primeiro justiçado foi Henrique Rutier. Subiu a escada da forca desgarradamente, repellindo com a mão os clamores do sacerdote.

Eliot não erguera a face do seio do padre Xofreu, senão quando elle lhe disse:

— Filho! esperam-te! animo! invoca o nome de Jesus, até que a tua alma suba aos pés da sua justiça misericordiosa!

Izaac foi amparado até á escada da forca; fez menção de fallar, e fallou sonoramente nos seguintes termos:

« Senhores! pela hora em que me acho, declaro « que desde o dia em que pela misericordia divina de- « testei os erros da heresia em que vivêra, e passei á « religião catholica, sempre cri e creio tudo o que en-

« sina a sancta Madre Egreja Catholica romana, em « cuja fé morro com grande consolação, e desejára que « a morte que padeço por minhas culpas a merecesse « padecer em protestação de qualquer das verdades « que nossa sancta Egreja nos ensina; pois morro co- « nhecendo que ninguem se pode salvar sem crer tudo « o que crê e ensina a sancta Madre Egreja Catholica « romana. E, por quanto eu correspondi tão mal a es- « te singularissimo favor que Deus me fez de me tirar « da heresia, cahindo em tal cegueira como foi matar « injustamente a minha propria mulher e a um reli- « gioso da SS. Trindade, offendendo com isto a Deus, « a sagrada religião, a minha propria mulher e seus « parentes, escandalisando toda esta corte e toda a « Europa onde tiver chegado a noticia d'este meu pec- « cado, e o mundo todo; pelo que, agora arrependido « e ajoelhado com as lagrimas nos olhos, peço de novo « perdão a Deus Nosso Senhor desta e de todas as mi- « nhas culpas. Peço tambem perdão á sagrada Reli- « gião, e aos parentes de minha mulher, e a todos ge- « ralmente, pois a todos offendi, com tão grave escandalo « e máo exemplo, esperando da piedade de todos que- « rerão perdoar este meu peccado, para merecer de « Deus o perdão de todas as minhas culpas e eterna « salvação, como espero pelos merecimentos de Christo « Senhor nosso, mediante a poderosa intercessão de « Maria Santissima Senhora nossa e de todos os santos. « Peço tambem e espero da piedade de todos me fa- « voreçam depois de morto, applicando-me alguns suf- « fragios pela minha alma, para que Deus seja servido « leval-a ao eterno descanço pela sua infinita miseri- « cordia. » [1] (Nota 16.ª)

---

[1] Copiado textualmente de um dos papeis escriptos pelo proprio punho de Izaac Eliot, e adjunctos ao traslado do processo.

As cabeças dos justiçados, arvoradas nos postes, ahi estiveram doze dias; e, quando o fedor incommodava os moradores da rua do Outeiro, o almotacé requereu que as descessem. Assim se fez ás 9 horas da noite de 19, e as levaram ao cemiterio de Sancta Anna, onde estavam sepultados os corpos.

No dia 30 de Março sahiram Antonia do Sacramento, Maria Miguel e Simôa dos Santos a precorrerem as principaes ruas de Lisboa. As duas, condemnadas a açoutes, levavam as costas rajadas de sangue. A outra, a compadecida amiga de Antonia Xavier, ia morrer em Angola e esperava que sua ama lhe alcançasse de Deus a bemaventurança dos que padecem sem culpa. É o que ella dizia, chorando; mas ninguem lhe dava mais credito que os juizes que a condemnaram.

Pelo que respeita aos beneficios que resultam da forca, já como espectaculo, já como terror aos instinctos perversos, o que apurei dos costumes ulteriores ao supplicio de Izaac Eliot nada prova em favor da pena de morte. No anno seguinte de 1734, foi degolado o fidalgo Luiz Alvares de Andrade e Cunha porque fez assassinar sua mulher por um mulato; e, no mez seguinte, para variar de sexo assassino, era degolada Catharina Gonçalves porque matára o marido. O seculo da religiosidade, da magnificencia, da patriarchal, de Mafra, da Capella de S. Roque com seu altar estreado pelo Papa, da inquisição, e finalmente da forca! O que seria Lisboa, no seculo XVIII, sem aquelles correctivos!

CONCLUSÃO

Á herança de D. Antonia Joaquina Xavier concorreram trez familias de Lisboa, Evora e Tavira que se appellidavam *Nobres*. Para honrarem a sua parenta rehabilitada pela sentença, os herdeiros requereram a exhumação e trasladação do cadaver para o jazigo de Camarate, e lhe mandaram fazer solemnes suffragios na igreja parochial dos Martyres.

A quinta de Camarate coube aos *Nobres* de Evora, que a deixaram entregue ao antigo feitor do padre Francisco Xavier.

Na espaçosa caza hospedava-se alguns mezes dos annos, decorridos até 1739, aquelle estrangeiro loiro que as mulheres se lembravam de ter visto atravessar o adro, quando os sinos festejavam o casamento da fidalga. Achavam-no envelhecido, quando acertavam de o ver perpassar como um espectro nos arredores da quinta.

N'aquelle anno de 1739, Josse Frisch, com o auxilio do feitor, abriu o sarcophago dos Mendes Nobres, e extrahiu o craneo sobreposto a outro, deslocando-o facilmente das vertebras cervicaes.

Depois, abraçou o feitor, repartindo com elle das lagrimas que derramava sobre a caveira da martyr.

O restante, releiam-no os leitores desmemoriados no prefacio d'este livro.

N'esta historia de Antonia Xavier, ultima representante de Domingos Leite Pereira e Maria Izabel Traga-malhas, a menos desgraçada foi Catharina de Castro; porque, enlouquecendo, morrêra, digamol-o assim, antes da filha; e, acabando de morrer, na Ilha no Fayal em 1740, nos braços de Paula Perestrello, não levou d'esta vida a minima recordação.

FIM

NOTAS

Nota 1.ª

«Os guardas não comerão nem beberão com os prezos, nem com elles terão communicação particular, nem fallarão só, e quando lhe levarem de comer sempre um andará á vista do outro... nem trarão aos prezos nem d'elles levarão recados a pessoa alguma, *ainda que pareça a materia muito justa*, nem lhes darão noticia ou nova de cousa alguma, sob pena de serem castigados com grande rigor...»

Regimento do Santo officio da Inquisição, ordenado pelo bispo D. Francisco de Castro, inquisidor geral.

Nota 2.ª

Entre varios poemas, que circularam manuscriptos com referencia ao famigerado causidico, não vejo alguns dignos de memoria senão pelo que valem como provas historicas. O soneto que algum infame anonymo lhe dirigiu, e o confessor porventura lhe levou, aconselhando-lhe a resposta pelas mesmas rimas, não desmerece a publicidade, tanto mais que deu azo a

que eu possa estampar o unico poema conhecido do neto do regicida Domingos Leite Pereira. As trovas de um tal *Miranda*, que parecia escandalisado da benignidade da sentença, revelam-nos a baixeza dos homens que emergiam mais á tona do profundo lodaçal de ignorancia e malvadez d'aquelle seculo. A bruteza das almas tinha perversidades congenitas. Mais de uma vez no decurso d'esta narrativa nos virá a ponto escavar as podridões dos que então representavam o talento, a poesia, a graça. Custa a comprehender como n'aquelle seculo avultaram alguns nomes que não desdouram o encadeamento dos escriptores beneméritos de nota na historia litteraria! Acertadamente disse Rebello da Silva: «As letras e as sciencias, perfumadas, guindadas e mezureiras, padeciam de lisonja ineuravel, e não se levantavam das continuas genuflexões aos poderosos, senão para irem espojar-se nos tablados ignobeis ou em satyras indecentes nos theatros, nas pulhas metricas, e nas lôas e outeiros dos cirios, abbadessados e anniversarios.» Poderia accrescentar o eminente litterato que nem as catastrophes completadas pela carniceria e pela forca impunham silencio aos goliardos das trovas, que se deshonravam a si mesmos para justificarem o desprezo que os inutilisava.

Eis o soneto:

A Jorge Mendes Nobre

SONETO

A Christo foi traidor, como Absalão,
Este, na fé mais cego que Tobias;
No tribunal não quiz ser Zacharias
Por temer a catastrophe de Amão.

Negou a Trindade que adorou Abrahão,
Fez mais lamentações que Jeremias;
E, esquecido do fogo do alto Elias,
O bezerro adorou que fez Aarão.

Foi Judas, mas não foi Judas Thadeu,
Dentro pegou no irmão como Jacob
Em nada com valor de Maccabeu.

Agora está mais pobre do que Job,
E dá graças a Deus como Elizeu,
Porque o livrou do fogo como Lot.

Resposta de Jorge Mendes

Já fui, mas não serei Absalão;
Já fui, mas não serei cego Tobias;
Já sigo a voz do grande Zacharias,
Já Mardocheu me fiz; não sou Amão.

Já confesso a Trindade como Abrahão,
Já choro culpas como Jeremias,
Já em zelo me abrazo qual Elias,
Já detesto os idolos de Aarão.

Já sigo a Christo como São Thadeu,
Já espero vêr a Deus como Jacob,
Já Jorge Mendes sou, não Maccabeu.

Já ouço, vejo e calo como Job,
Já peço ao céo alentos de Elizeu
E já espero salvar-me como Lot.

Segue a deslavada injuria do outro:

*

A Jorge Mendes Nobre, lettrado, que sahiu no Auto da Fé, ensambenitado, este anno de 1703

DECIMAS

Jorge Mendes! espantado
Se mostra o mundo ao presente
Sahires réo delinquente
Sendo tão grande advogado.
Porém que muito que errado
Andasses nas letras, se
O mais candido da fé
Denegriste com borrões,
Ignorante das lições
Do catholico *A-b-c?*

Que fazieis conta, sei,
Que sómente se salvava
Quem seguia e idolatrava
De Moysés a antiga lei.
Mas, meu Jorge, conhecei
Que andastes mui temerario
Em fazer extraordinario
Conta tal, quando vos vemos
Esquecido dos extremos
Que houve na cruz do Calvario.

Conheço que antigamente
A vossa lei dos judeus
Foi mui amada de Deus
E querida grandemente;
Porém depois que inclemente
Vosso povo ousou fazer
Em vil madeiro morrer
A Christo sem ser culpado,
Sois o povo mais damnado
Que no mundo póde haver.

Certo, que pelo appellido
Sois *nobre ;* porém, sereis
Lá d'esses rabinos reis
Descendente mui luzido.
Como tal, bem conhecido
Sois já com grande razão,
Pois a sacra inquisição
Justamente vos approva
Não por christão da lei nova,
Mas da lei velha christão.

Tinheis timbre de letrado,
Dáveis conselho a qualquer ;
Mas quem dá o que ha mister
A parar vem n'esse estado.
Fazieis com grão cuidado
Razoados cento a cento.
Mas — oh! grande sentimento !— .
Que tantas *razões* fizesseis
E da razão não tivesseis
O cabal conhecimento !

Que pouco vos importaram
Os estudos de direito,
Se esses taes, com effeito,
Jamais vos indireitaram ?
Estes que digo chegaram
A pôr-vos n'uma cadeira ;
Mas vossa torpe cegueira
Vos fez pôr publicamente
Á vista de toda a gente
Com affrontosa canseira.

Se alguma sentença déstes
Injusto sempre julgastes,
Pois tanto que a pronunciastes
De mais vos arrependestes.
E, supposto que excedestes
N'isto alguns, não é grandeza
Nem em vós nova proeza,
Porque, sem que vos dê susto,
Se sentenciaes o justo,
O aggravais por natureza. [1]

Poderei suppôr que lestes,
Algum tempo, as Escripturas;
Porém, ficando ás escuras,
Jamais nunca as entendestes;
E, se acaso conhecestes;
Lendo-as, vosso grande erro,
Mais duro que o duro ferro
O sentido lhe trocastes,
Mordendo-as o quanto baste,
Pêlo que tinhas de pêrro.

Fizestes serviços taes,
Seguindo a lei de Moysés,
Que chegastes d'esta vez
A alcançar premios eguaes.
Dois habitos, pois, logràes,
De Christo, não; pois que, visto
Vosso proceder mal-quisto
D'outra sorte vol-o deram,
Porque em vós não estiveram
Mui seguros os de Christo. [2]

---

1 Não percebemos a conceituosa trapalhada d'esta decima.

2 Parece querer dizer que o hebreu foi exautorado das insignias de cavalleiro da ordem de Christo, quando lhe vestiram o sambenito.

Estes tivestes somente,
Meu amigo, por agora:
Vais degradado p'ra fóra
Por confessar claramente;
Mas, porém, se, impenitente,
Na vida andares errado,
E ensejo de denunciado
A vossa maldade busca,
Temo que para a *Chamusca*[1]
Sejaes mui bem degradado.

Faciebat Miranda.

Trasladarei outra poesia recheada de admoestações pias em que revê o pezar do insulso poeta, cuja veia daria mais de si, se lhe chegasse o calor da fogueira:

Ao licenciado Jorge Mendes Nobre, que lhe escreveu um seu conhecido, depois de ter sahido no auto da fé, sambenitado, em 9 de setembro de 1703.

Amigo Jorge Mendes
que todo a *nobre* mettido,
não sei em que texto achastes
ser nobreza o sambenito!

Nobre vos nomeaveis;
isso já cá era antigo;
mas que havieis de ter habito
não era cá presumido.

Em fim, a vossa *nobreza*,
já temos bem conhecido,
que é nobreza de mercê,
mas não é mercê de Christo.

---

1 *Fogueira.*

Só se é feita no Calvario,
quando por seus inimigos
rogou ao Eterno Padre
lhe perdoasse os delictos.

Se vossos paes lá se acharam
ajudando ao sacrificio,
entendei que d'ahi nasce
a mercê que em vós advirto.

Só o que d'aqui reparo
é que os vossos serviços
fossem logo despachados
sem ajuntar fé de officios!

Grande valimento tendes!
pois sem haverdes requerido
logo o habito vos deram
tão galante, e tão lindo!

Só por *um quarto* [1] que tendes
sahireis tambem servido;
que fôra se os outros tres
foram do mesmo districto!

Creio, se me não engano,
sahirieis mais *luzido;*
se já não é que um só quarto
vos remonta a ser mais fino.

Boas letras aprendestes,
vosso estudo é mui subido,
mas a lei interpretastes
tal como o vosso focinho.

---

1 Um *quarto* de judeu.

Em tantos livros que tinheis
nunca achastes nenhum livro
que vos désse o desengano
se o Messias seria vindo ? [1]

Não achastes no Thalmud
nem em os vossos rabinos
que o Messias verdadeiro
foi e é o mesmo Christo ?

Dizei, letrado ignorante,
não podieis ter sabido
que a Deus nada se esconde,
nem tambem ao Santo-Officio !

Aprendestes o Direito,
e ao torto ieis seguindo ;
assim o devieis fazer
ás partes por Jesus-Christo.

Só á nossa Ordenação
sabieis dar mil sentidos,
e nunca déstes nenhum
á Ordenação de Christo !

Que diabo vos metteu
na cabeça ou no juizo,
ou onde achastes ser bom
seguirdes o judaismo ?

---

1 O poeta ignorava que Jorge Mendes fosse preso por heresia, e não por judaismo.

Pr'a isto com cabelleira
andaveis muito garrido!
tanta fartura no corpo,
e na alma tão faminto!

Eu não sei que ieis fazer
ás egrejas tão contricto,
aonde não escapaveis
dias santos nem domingos!

De que ieis a escarnicar
é o que fica entendido!
que alma em corpo de judeu
não é devota de Christo!

Tambem á vossa mulher
fostes dar tão bom ensino.
Em fim como era da casta
era mui certo seguir-vos.

Em fim, já que cá tornastes
sejaes bom christão vos digo,
e não queiraes uzar mal
da piedade de Christo.

Deixae pelo amor de Deus
os erros do judaismo,
olhae, que se os seguirdes,
vereis vosso enterro em vida.

Pois, se a Misericordia
vos ensinar o caminho,
vos aquentareis ao fogo
inda que não faça frio.

E olhae que d'esta sentença
que eu aqui vos prophetiso
não suspende a appellação
nunca no suspensivo.

Nem lá achareis auctor
com texto algum contra isto
ainda que tenha estudado
pelas leis do judaismo.

Com isto, Deus vos guarde
e vos dê tão bom juizo
que, emendando os vossos erros,
não torneis ao Santo Officio.

Raro floresceu advogado illustre sobre quem a inquisição no seculo XVIII não puzesse a mão ardente. Entre todos o mais infeliz e mais talentoso foi Antonio José da Silva. Um famoso jurisconsulto, Francisco Trigueiros de Góes, mencionado na bibliographia do sr. Innocencio F. da Silva, tambem sahiu de sambenito em auto da fé (1720, conjecturo eu). Ao proposito um dos poetas emeritos e encartados n'estes triumphos da religião, poetou d'esta fórma :

....
Eu o vi com saltimbarca
ir para o auto da fé.
Por certo ia então a pé
chorando peccados seus
por ter offendido a Deus ;
mas sempre n'esta contenda
nunca tiveram emenda
os que são finos judeus.

Que sois o Procurador
da mythra diz o povo;
mas, como sois christão novo,
eu não creio, doutor!
Mas, emfim, seja o que for;
eu direi em cazo tal,
Não fallando n'isto mal,
que vossa infame nação
nunca teve estimação
mais que só em Portugal.

Quanto á estimação que logravam os hebreus em Portugal, em abono da asserção do poeta, leia-se o Alvará de 1 de setembro de 1774, onde se affirma muito áquem do numero exacto que desde 1540 até 1732 foram penitenciados em autos publicos 23:068 pessoas, e relaxadas em carne (queimadas) 1:454. Aqui não se contam os que morreram nos carceres, nem os que não sahiram nos autos da fé.

Nota 3.ª

O bispo do Pará, D. Fr. João de S. José Queiroz, deixou nas suas *Memorias* mal recatado o segredo da morte de Suppico. O facto era notorio em Portugal; mas quem ousaria estampal-o? O auctor da *Bibliotheca Lusitana*, seu contemporaneo e muito conhecido, menciona-o como escriptor; mas nem lhe diz a naturalidade, nem o anno do nascimento nem o do obito. Preito servil, deferencia ás intrigas sanguinarias que lavravam no gremio realengo.

Escreve, pois, o bispo, a pag. 109 e seguintes das

Memorias: « PEDRO JOSÉ SUPPICO DE MORAES. Este homem matou tyrannamente uma mulher em o seu estrado no bairro de Mocambo. Escapou de morrer em Bemfica ás mãos do padre frei Estevão Cotrim, monge de S. Bento; porque, estando este padre na quinta de uma cunhada, junto á quinta do celebre Diogo de Mendonça Corte Real, divertindo-se a vêr passar gente, á janella, em companhia da dita dama — espectavel objecto n'aquella idade — passaram um conde e Suppico a cavallo; e, como era menos discreto nos seus bons ditos, invejou a situação do padre, proferindo uma expressão grosseira. Tinha frei Estevão ao pé de si uma espingarda de que se servia no divertimento da caça; promptamente lançou mão d'ella, e os cavalleiros correram á espora fita.

« N'outra occasião correu perigo o Suppico, porque, encontrando-se na varanda dos Caetanos, em Lisboa, com o senhor de Murça, a quem tinha offendido, este, tão louco como elle, lançou-lhe as mãos ao pescoço, e valeu a ambos o padre Raphael Bluteau e D. José Barbosa, separando este o Suppico, e o outro o senhor de Murça.

« Continuou o Suppico nos seus desacertos; e, introduzindo-se com o infante D. Francisco (irmão de D. João V) se presumiu que lhe inspirava sentimentos indignos do nascimento de infante, com infidelidade á corôa, desconfiança que se aggravou com a retirada d'elle para Inglaterra. Lembrou alguem que havia conluio com os inglezes para virem procurar com poderosa armada o infante, e ir coroar-se rei ao Brazil, correndo a negociação entre America e Londres. Não fico por fiador da idéa: direi porém o que se seguiu.

« Soube-se que estava em Bayona de França Pedro José Suppico, e alguem lhe armou o laço pelo modo seguinte: chegára de Moçambique o padre Antonio Serra, religioso dominico, sujeito de quem a sua illus-

tre ordem não fará menção nos seus agiologios nem metterá entre os varões illustres. Este homem, capaz de qualquer empreza, escreveu a Suppico, persuadindo-o ser muito preciso conferirem ambos em Compostella materias gravissimas; e assim dirigisse sua viagem para tal tempo em que elle padre Serra o estaria esperando em designada estalagem da cidade.

« Preparou-se Suppico, e metteu-se a caminho com um criado unicamente. Oito dias antes de chegar a Compostella, appareceu em S. Thiago um moço valente, bem feito, trigueiro, ou baço, sem creado, montado em um forte e ligeiro cavallo, com espada e clavina, pistolas e malêta de veludo.

«Este homem aquartelou-se em casa de um clerigo de Barcellos, exterminado do reino, grande cytharista. Occupou o armado incognito seu tempo em visitar as estalagens, perguntando se chegára algum francez a ellas, chamado João Satur: tal era o nome que devia ter Suppico fóra de França. Até que finalmente chegou uma tarde á hospedaria do ajuste, perguntou por frei Antonio Serra; e, como o não achasse, justou um proprio que immediatamente expediu com carta ao Serra que se achava em Amarante. Deixemos caminhar o proprio.

«Na mesma noite, entra o portuguez da diligencia ponderada; e, dando com João Satur, lhe fallou conforme as instrucções amigavelmente, louvando-lhe muito a sinceridade da gente d'aquella terra. Convidou-o para, emquanto se fazia a ceia, irem ambos a casa de umas senhoras que moravam perto, onde veria dançar e cantar com muito agrado e gosto as *ijas* hespanholas. Suppico desculpou-se com a fadiga; mas a sua fatalidade o conduziu por condescendencia aos importunos rogos do fingido amigo. Fóra dos muros da cidade lhe cravou este um punhal com cabo de prata no alto da cabeça; e, montado a cavallo, se

fez na volta de Portugal. O assassino e fatal instrumento d'aquella ruidosa morte era filho do carcereiro de Lisboa, que morreu enforcado por ordem de D. João V.

«Não se explica o horror que similhante facto causou, por ser cousa mui rara o homicidio em Galliza. Soube-se logo que fôra um portuguez o matador. E das camisas e outras cousas do morto inferiam ser pessoa distincta, e erradamente assentaram que era o marquez de Gouveia que tinha fugido com a sr.ª D. Maria da Penha de França, a qual eu conheci depois recolhida em um convento de Redondella na Galliza. N'esta hypothese lhe fizeram exequias na cathedral com pompa e generosidade de missas geraes como as poderiam fazer a Filippe V seu monarcha.[1]

«Já n'este tempo — continúa o bispo do Pará —

---

[1] Podemos com os pormenores que nos dá o bispo determinar o anno e approximadamente o mez em que Suppico foi assassinado. Acerca do rapto do marquez de Gouveia, traslado a noticia que já dei nas NOUTES DE INSOMNIA n.º 4, pag. 43 e seguintes. «O mordomo mór que fugiu era D. João de Mascarenhas, 4.º marquez de Gouveia, e 7.º conde de Santa Cruz. Tinha 25 annos, e era casado com uma hespanhola chamada D. Thereza de Moscoso e Aragão, filha do 7.º conde de Altamira, principe de Aracina. A senhora que fugiu com elle era D. Maria da Penha de França, tambem casada com seu primo-irmão D. Lourenço de Almada, muito moço. Tinham casado em 1722. Em junho de 1723 deu D. Maria da Penha de França á luz uma menina, que se chamou Violante. E, na noute de 11 de novembro de 1724, a esposa, abandonando marido e filha, fugiu com o marquez, etc.»

Foram presos em Tuy. Elle, desembaraçado facilmente dos esbirros, foi para Londres, e ella entrou no mosteiro ainda em novembro de 1724. Provavelmente, ainda n'este anno foi assassinado o agente do infante D. Francisco que em 1722 D. João V desterrara com outros criados de seu irmão.

estava preso o criado de *Satur* para dizer quem era seu amo; elle, porém, ignorava-o, dizendo que aquelle cavalleiro o convidára para o acompanhar na jornada, visto já ter vindo com elle outra vez a S. Thiago e lhe dava um tanto. Foi solto.

« Chegou emfim de Portugal o proprio (que Suppico mandara ao padre Serra) e logo preso declarou o seguinte: que chegára á portaria de S. Gonçalo de Amarante, e dando a carta ao padre Serra este mostrou affligir-se de não ter cumprido a palavra de encontrar-se com *mr. Satur* em Galliza no tempo destinado; porque estava mal de hemorrodias e sem liteira. Escreveu a Fernando de Magalhães, que lhe mandou dez moedos, as quaes o padre Serra entregou ao proprio, e no dia seguinte resolveu montar a cavallo até Valença do Minho, onde disse ao gallego que não podia continuar a jornada. N'este tempo estava o padre frei Lourenço Brandão, monge benedictino, em companhia dos senhores d'Aguiar, em Compostella; e, voltando para Portugal, na feira da Arrifana se encontrou com Fernando de Magalhães, e este lhe disse: «Já sei que estava em Compostella quando mataram João Satur.» — Sim — disse frei Lourenço — e você me hade dizer quem é João Satur. — Mudou de côr e conversação. Retirou-se, e frei Lourenço o seguiu, e com amizade o apertava; mas o Magalhães lhe pediu que não instasse porque não podia fallar, e n'aquella materia lhe pedia inviolavel segredo.

«Até hoje se ignora em Galliza quem fosse o morto.

«Não sei como ao pensamento me veio em Lisboa se seria este defuncto o Suppico; e muito casualmente perguntando ao padre D. Celestino Teguineau da Providencia que fim tivera, respondeu-me que ouvira muito em voz baixa dizer que o mataram em Compostella, intervindo um religioso na morte; e, muito apertado por mim, nomeou o padre frei Antonio Serra, acres-

centando que Suppico morrera em castigo de maquinar conspirações contra D. João V.»

Nota 4.ª

Diz o bispo do Pará, nas *Memorias*, que o frade, chegando a Hollanda, judaizou, inscrevendo-se na Synagoga; mas, em honra da religião verdadeira e da memoria do capucho, cumpre declarar que elle se fingiu judeu como outros se fingiam catholicos — para não morrer de fome.

A freira fez penitencia lá fóra. O conego D. Joaquim Bernardes viu-a agachada n'um canto da egreja em quinta feira sancta. D. João V mandou-lhes dizer que voltassem, e seriam perdoados. Não acceitaram, e talvez tivessem juizo. Provavelmente, se voltassem para Portugal, entrariam no gremio da egreja pela porta da Inquisição.

Nota 5.ª

A descripção do interior do palacio da freira appareceu em tempo impressa, e novamente a reimprimiu o sr. dr. Ribeiro Guimarães no 2.º tomo da sua estimavel obra chamada *Summario de varia historia*. Diz assim:

«O quarto de cima, onde assistem, tem oito cazas, todas de xadrez, e os tectos de entalhados dourados e de boas pinturas, e todos os materiaes com a maior riqueza e perfeição.

«A primeira caza consta de melania com arma-

ção côr de fogo, com passamanes côr de ouro, toda a caza em redondo com sanefas de entalhado douradas, duas papeleiras todas de espelhos dourados com relêvos e figuras douradas, e quatro espelhos de toda a parede do mesmo modo com relêvos e figuras douradas; em cada bofete duas serpentinas de prata, com velas de trez lumes cada uma; uma duzia de cadeiras de veludo côr de fogo, com galões de ouro, com os braços e pés das cadeiras de talha miuda dourada; e nas outras duas paredes oito placas de espelho douradas, quatro em cada uma, tudo posto por cima da armação.

« A segunda caza tem armação de melania verde, com galões de seda crua côr de ouro, com dez portas com sanefas de talha dourada; em uma parede dois espelhos de toda a parede, e com mais singularidade dourados, e dois bofetes tambem dourados e melhores, com duas serpentinas cada um de prata de trez lumes; oito placas de espelhos dourados e um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras de veludo verde, com galões de ouro todas douradas. E n'esta mesma caza tem uma varanda toda de vidros crystallinos, o chão é de xadrez de pedra, as paredes de talha dourada e as columnas, toda rodeada de pinturas, o tecto de talha dourada e pinturas com cortinas de nobreza brancas com galões de ouro e borlas de fio de ouro, como todas as cortinas das cazas, tem requife côr de ouro. E a varanda tem seis tripeças com os pés azues e oiro e o assento de veludo côr de fogo e ouro; dois bofetinhos de charão negro e uma banca de veludo verde com os pés de charão côr de fogo e ouro.

« O oratorio tem em baixo uma tribuna para a egreja, d'onde póde ouvir missa, com cortinas carmezins bordadas de ouro; e em cima o oratorio todo de talha dourada, no meio Nossa Senhora da Graça, e

nos lados S. Bernardo e S. Bento, e virando-se o painel se vê o Evangelista com um panno bordado e cortinas bordadas de ouro e borlas de ouro, com duas serpentinas de prata de trez lumes cada uma, com uns poucos de ramos de prata e castiçaes, uma almofada de tissú, coberta com um panno bordado de ouro.

« A caza onde comem é toda armada em redondo de melania amarella, com passamanes e franja côr de perola, e todas as mais armações que tenho dito as tem da mesma côr dos passamanes, uma duzia de tamboretes todos dourados, e os assentos de veludo amarello com passamanes de prata, e oito placas de espelhos dourados, com um bofete de charão negro e ouro.

« O camarim da irmã mais pequena, tem a armação carmezim com franjas e passamanes de seda crua côr de ouro: um leito da moda, com armação da mesma melania carmezim e as mesmas franjas do mesmo, com uma lamina de prata á cabeceira, com um folhão de fita de prata; com lençoes de Hollanda com boas rendas, travesseiro da mesma sorte, cobertor da mesma melania, e o panno de cobrir do mesmo; quatro cadeiras de damasco carmezim com franjas de ouro e pés dourados; duas tripeças do mesmo veludo, com os pés negros e ouro; e em cima de um bofete dois pratos de Allemanha, de prata doirada, com um penteador e uma toalha de cambraia com preciosas rendas bordadas, e um avental da mesma sorte; e uma caixa de lixa encarnada com pregaria e fechos de prata que serve de guardar os brincos, e uma arcada de charão doirada, e em cima um espelho com molduras de prata e muita quantidade de brincos e aviamentos, tudo de prata doirada, que não teem numero, prato e jarro, escovas, tesoura, salva, pucaros, campainha, e todos os aviamentos de toucador, de prata; e um espelho de vidros, e dourado, e duas placas,

e bispote de prata, mettido em uma arca de crystal, dentro em uma bolsa de veludo.

«A caza, onde dormem Paula e Maria da Luz, tem armação de melania carmezim, com franjas e galões côr de oiro, dois escriptorios de charão negro e oiro, grandes e todos com pés e topetes de talha doirada maravilhosa, sanefa de talha doirada, dois bofetes doirados maravilhosos, dois espelhos de toda a parede; oito placas de espelhos e doirados, um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras carmezins, com pés e braços de talha dourada e passamanes de oiro. A cama de Paula é de melania carmezim com o sobrecéo todo em tomados, com franjas e galões côr de oiro; o leito da moda, com uma lamina de prata doirada, abrindo-se por tres partes, e os santos de oiro macisso em relevos, com um florão de fita de oiro. Os lençoes de Hollanda muito boa, com preciosas rendas, e travesseiros do mesmo modo todos crespos: os cobertores da mesma melania e o panno de cobrir. A cama da irmã é d'este mesmo modo, menos a lamina de prata, um bofete á cabeceira de charão doirado, com um panno coberto, em cima um prato de prata grande, de Allemanha, e dois bispotes do mesmo e nas mesmas caixas de vidro com as mesmas borlas.

«O gabinete, em que se touca Paula, é armado, de melania carmezim com franjas e passamanes côr de oiro, duas sanefas de talha doirada, quatro tripeças com pés doirados e azues de charão, com assento de veludo; uma arca de charão azul e oiro, com dois pratos de prata, um com o penteador, outro com o avental e toalha de boas rendas, cobertos com um panno bom; uma arca de lixa negra, toda com pregaria e fechos de prata; um espelho e seis placas de espelho doiradas; um bofete de charão com uma cobertura de cambraia, com rendas de tres palmos de largura; com

um espelho com molduras de prata, com todos os aviamentos de prata, caixas, prato, jarro, salva, castiçal, copos, fructeiros, tesouras, campainha, escovas, e tudo que não póde repetir-se, de prata.

«O outro gabinete de Maria da Luz concertado com a mesma armação, com os mesmos adornos, com os mesmos brincos e riquezas, sem differença.

«Entre as camas ha duas pias de prata para agua benta.

«A caza de todo cima que é a ultima e a maior de todas, é toda armada de melania azul com galões e franjas de seda crua côr de oiro; as sanefas de talha azul e oiro, e são doze; dois escriptorios de charão azul e oiro extraordinariamente bons e grandes, com pés, topetes, e ilhargas doiradas de mui miuda talha; oito placas de uma parte, e oito da outra, todas de vidro; uma duzia de cadeiras de veludo azul, com mãos doiradas, com topetes e galões de oiro e prata, e um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; dois espelhos extraordinariamente grandes, com mais perfeição na talha doirada; dois bofetes doirados, com umas tarjas azues e oiro; duas serpentinas em cada bofete, de seis lumes cada uma, de prata, e todos os bofetes teem serpentinas de prata, com pratos e tesouras de prata.

«Pelas escadas e corredores lampeões de crystal, mettidos na parede, com talha doirada, em todas as portas reposteiros de panno berne bordado de côres.

«O quarto de baixo tem sete cazas; um grande está com dezoito caixões de lixa negra com pregaria de prata, e todos cheios de prata, com que fez uma copa e sobejou muita, porque dizem são trez baixelas; e muitas arcas de roupa de cheiro, e dizem que são das fitas, brincos e vestidos; mas isto ainda se não viu.

«Vieram-lhe trez mulatas e duas criadas, e quatro que tinha, são nove.»

Nota 6.ª

A substancia d'este conflicto encontra-se impressa já nos escriptos romanescos referentes a D. João v, já em manuscriptos do tempo, e tambem nos livros historicos, nomeadamente na mui noticiosa *Historia de Portugal*, do sr. Manuel Pinheiro Chagas, tomo 7.º pag. 53. Por motivos mais circumspectos, no mesmo reinado, as freiras de Santa Monica sahiram de cruz alçada e ciriaes, em 17 de setembro de 1721, cantando o *Miserere*. O motivo da evasão era respeitavel. Tinham fome, e iam pedir ao perdulario João v que lhes mandasse restituir os seus dotes. Chegaram ao Terreiro do Paço, e não entraram no palacio, porque o secretario de estado as impediu, dizendo-lhes que el-rei attenderia ao seu requerimento.

Sobre tal assumpto escreveu o Camões do Rocio as seguintes decimas ineditas em que transluz a muza chocarreira do celebre magistrado:

A impulsos da vontade
que abraça o entendimento
as Monicas do convento
foram em communidade
a pedir á Magestade
a ração que lhes faltou,
em cujo acto se achou
o secretario de estado
que as mandou com um mandado
com que a bôcca lhes tapou.

De nescios não se abstêem
os que na côrte julgaram
que as monicas mal andaram
no dia que andaram bem:
porque não dirá ninguem
que os statutos quebraram
das regras que professaram;
que a regra mal não se fez
se em desesete do mez
um ordinario buscaram.

Dizer-se que de Agostinho
as madres não pareceram
filhas, quando se atreveram
a sahir do patrio ninho,
parecem coisas de vinho
estas razões sem razão;
pois, se *as madres vôos dão*
para o paço, aguias se assinam,
porque aos raios se examinam
do Sol El-Rei Dom João.

Com estas e outras lisonjas ao rei Sol — que se desvanecia com o arremêdo de Luiz XIV — grangeou o poeta a confiança absoluta de D. João V, mas decerto não passou do estalão dos mediocres versejadores do seu tempo.

Nota 7.ª

Este fragmento é trasladado das *Memorias da Junta da Companhia do commercio, copiadas dos manuscriptos de Manuel Pereira de Faria.*

O original autographo deve existir na livraria do marquez de Pombal. Faria, em 1769, pediu que a Junta da Companhia se restabelecesse, e a pedido do ministro da marinha, Francisco Xavier de Mendonça, escreveu o *Papel historico*. Morreu n'aquelle anno o ministro, e Faria deu o papel ao marquez, que leu, elogiou grandemente o escripto e nada fez. A respeito d'este negociante letrado escreve o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu *Diccionario Bibliographico*, tom. 6.°, pag. 80: «*Manuel Pereira de Faria*, um dos socios fundadores da Arcadia Ulyssiponense, com o nome de Silvio Aquacelano. Da particular amizade que existia entre elle e Garção dão testemunho as odes VI e XI d'este poeta. Se devemos fiar nos no seu appellido arcadico, era natural de Melgaço (*Aquæ celenæ*). Exerceu em Lisboa a profissão de negociante. Em 1761, por occasião da nova organisação do tribunal do Erario Regio, dirigida e effectuada pelo ministro marquez de Pombal, foi nomeado contador de uma das quatro contadorias em que se dividiu aquella repartição com o ordenado de 1:600$000 reis. Morreu a 23 de setembro de 1787. Debalde se procuram as obras d'este que como as de tantos outros consocios na Arcadia não chegaram a gosar do beneficio da imprensa, perdendo se de todo, ou existindo talvez ignoradas em mãos particulares, incapazes de aprecial-as.»

Nota 8.ª

Do ambar e do rei João V, conta o bispo do Pará o cazo que vem de molde: «João Jacques de Magalhães deu a essencia do ambar ao sr. D. João V, de que resultaram os sabidos effeitos para os quaes o

acompanhava um Manuel da Costa. Dizia o doutor Bernardes, seu physico-mór: «Cure-o João Jacques que sabe o que lhe fez, e Manuel da Costa que sabe o que elle fez.» *Memorias,* etc. pag. 151.

Nota 9.ª

Um viajante francez, que escreveu em 1730 o livro intitulado *Description de la ville de Lisbonne,* etc., falla assim dos medicos portuguezes e do seu patricio Estienne: *Les medecins du pais passent dans d'esprit de la nation pour être fort habiles; cependent ils sont extremement prodigues de sang, et ne connaissent presque d'autre remede que la saignée. Dans les maladies ordinaires ils commencent par ordonner* uma meia duzia de sangrias, *demi douzaine de saignées; et quand le mal se rend opiniatre, ils poussent l'ordonnance jusqu'a quinze et vingt; tellement que ce qui peut arriver de mieux au malade, c'est d'en être quitte pour un épuisement dont il a bien de la peine à se remettre. Au reste, si leurs remedes n'operent pas, et que le malade tombe dans un état désesperé, ils lui ordonnent* agoa do francez *qui veut dire de l'eau du français, et on éprouve souvent que les malades recouvrent leur santé par l'usage de cette eau. Le français qui la débite est un provinçal nommé Estienne etabli à lisbonne depuis longues années, lequel sans être medecin ni chirurgien, donne pour toutes sortes de maladies cette tisane dont il dit avoir appris la composition en Turquie. Il fait voir des certificats d'une infinité de personnes, qu'il a parfaitement guéries; et quoiqu'en montrant le crédit de sa tisane ou ses cures merveilleuses, il ait grand soin de garder le silence sur les occasions où*

elle a eu l'effet contraire, toutefois il est certain qu'elle lui a procuré de gros biens, et qu'elle conserve toujours sa réputation avec la même force. Mais quelque utile que soit ce remede, il ne saurait réparer le préjudice considérable que ces nombreuses saignées causent aux temperaments; aussi voit-on quantité de jeunes gens qui en éprouvent de tristes suites; ayant la vûe si faible, qu'ils sont obligés de porter des lunettes. On attribue encore cette incommodité à la grande clarté qu'a le ciel dans cette partie de notre hemisphere, et à l'incontinence extraordinaire de la nation.»

Todos os forasteiros reparavam na profusão dos oculos em Portugal. D. frei João de S. José Queiroz, bispo do Pará, escreve ao proposito o seguinte: « Os oculos de que usam os portuguezes são objecto de galhofa nos paizes estrangeiros. Mr. de la Brue, na *Viagem a Cacheu* em 1700, pinta um portuguez com um esmerilhão ou bacamarte esperando outro para o matar, pondo primeiramente os oculos, e atacando-os com prisão ás orelhas. O auctor do livro intitulado *Le Voyageur* faz outra reflexão similhante. Algaroti tambem zombeteia dos oculos portuguezes. Que a nação padece falta na vista, é certo, e presumo nascer de ter horisontes muito claros... Os padres benedictinos em Coimbra fazem-se reparaveis por nenhum deixar de trazer oculos: o certo é que argue falta de vista e mortificação... Conheci um monge chamado frei Cyprianno, natural de Miragaya. Foi este condiscipulo do mestre frei Ignacio de Jesus, em Basto, onde lia philosophia o mestre frei Izidoro de Santa Anna. Encontraram-se os condiscipulos em ferias, e, como frei Cyprianno andasse de solidéo e oculos, perguntado para quê, respondeu ao condiscipulo: «Amigo, isto é *propter farsolam*»... Querer parecer douto com os oculos é necedade que se vê através dos vidros. Dizia um estudante de Coimbra, grande investidor, a um novato,

sustentando por mais auctoridade uns oculos no nariz: «Vejo um asno deante de mim.» — Responde o innocente: «Não é muito que os oculos lhe sirvam de espelho.» Em o livro *Description de Lisbonne* tambem os oculos dos portuguezes veem á dança. Dizia um hespanhol...: *Esto en los portuguezes ó es astro, ó es mania.* Fique-se em problema». [1]

Nota 10.ª

Anna Armanda *du Vergé*, escreve o sr. Pinheiro Chagas com outros historiadores; porém, o visconde de Santarem, trasladando documentos francezes, escreve *Duverger*. A mãe d'esta senhora foi um expeditissimo agente secreto que Luiz XIV teve em Portugal. Ao respeito, escreve o visconde de Santarem: «... Teve sempre esta potencia (a França) em a nossa côrte agentes secretos que a tinham ao corrente de quanto de mais ponderação corria. Um dos que melhor desempenharam esta delicada missão foi uma certa madama Duverger, avó do sr. D. Miguel, legitimado d'El-Rei D. Pedro II. As relações que ella tinha com este soberano, e por conseguinte com grande parte da nobreza, e o bom acolhimento que em todos achava, a punham em estado de informar os ministros de quanto acontecia. Accrescia a isto ter esta senhora um filho que fazia em todo este intervallo as vezes de consul de França, o qual era destrissimo sobretudo em materias commerciaes sobre as quaes foi encarregado pelo

---

[1] *Memorias* de Fr. João de S. José Queiroz, Porto, 1868.

governo francez de redigir varias Memorias, cousa que elle desempenhou cabalmente.» *Quadro elementar das Relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo. Tom. V. Introd.*, pag. XIII e XIV.

Anna Armanda Duverger houve dois filhos de D. Pedro II: D. Miguel de Bragança, primeiro duque de Lafões, casado com D. Luiza Casimira de Souza, herdeira da casa de Arronches. D. Miguel morreu afogado no Tejo em 13 de janeiro de 1724. O outro filho foi arcebispo de Braga, e chamou-se D. José de Bragança.

Nota 11.ª

Esta D. Felicianna soffreu o desaire de ser sacrificada pelo inconstante Affonso a D. Anna de Moura, tambem religiosa de Cister. Trocaram-se então as duas freiras umas poesias que pela primeira vez appareceram á luz da critica, depois do grande estrondo que então fizeram na corte e nos mosteiros. Ha n'ellas equivocos chistosos e um engenhoso *jogar de vocabulo*, como dizia o padre Vieira.

O poema attribuido a Affonso VI é tão ordinario que não duvido attribuir-lh'o. Se é d'elle, a casa de Bragança têve o seu primeiro poeta inedito, se o infante D. Duarte, infeliz irmão de D. João IV, não precedeu o sobrinho. Ahi vae o pugilato metrico, fielmente copiado de um *Cancioneiro* que mão curiosa e benemerita colligiu n'aquelle tempo.

D. Feliciana de Milão ao rei

Meu monarcha, o vosso amor
e vosso trato amoroso
tanto tem de primoroso
quanto de pae e senhor;
mas, ainda assim, causa dor
e não com pouca rasão
ver que esta vossa affeição
muito tem que a desdoura,
pois adorais uma *Moura*,
sendo vós um rei christão!

Freira podereis achar
mais digna que esta ter
fé para vos merecer,
descripção para adorar:
isto não é invejar
essa mais que feliz Anna,
que posto que soberana
e tão endeusada está,
«Anna felice» será
mas nunca *Felice Anna*.

D. Anna Angelica de Moura a D. Feliciana de Milão

A *Flor do Sol* entretem, [1]
seu resplandor não desdoura,
por que quanto tem de *Moura*
tanto de *Angelica* tem.

---

1 Chamavam assim a D. Anna de Moura os fidalgos da malta de Affonso VI.

No seu mal o vosso bem
tomáreis vos converter!...
e podendo escolha ter
no que não tendes parêlha,
não foreis vós christan *velha*,
foreis mais gentil mulher.

Com rara desigualdade
vós murchais, ella florece:
Anna *deidade* parece,
Feliciana *de idade*.
Deixai pois essa vaidade
por que a todos nos enfada,
pois que sendo só chamada
ser escolhida queiraes,
maiormente quando estais
affeita a ser engeitada.

O rei a D. Feliciana pelos consoantes das suas decimas

Minha freira, o meu amor,
o meu enleio amoroso
nada tem de primoroso
por ser de rei e senhor.
Assim, não vos cause dor,
que não ha d'isso rasão;
por que esta minha affeição
nada tem que a desdoura,
pois adorar a tal *Moura*
pode bem um rei christão.

Nunca podereis achar,
nem menos podereis ter
quem me possa merecer
como ella, nem me adorar,

para mais invejas dar
a todas, amo a Donna Anna
por prenda a mais soberana,
e, se em minha graça está,
«Anna felice» será
e mais que *Felice Anna*.

Contra D. Feliciana

Senhora Feliciana
A quem o tempo tirou
o *felice* e só deixou
a lingua que a todos damna;
pois o tempo desengana
basta já de requebrar,
que engeitada heis de ficar,
por que sempre foi mofina,
achaque que, de menina,
vossa estrella vos quiz dar.

Atrevida, emprehendeis guerra
contra Anna, mimo de amor,
por lhe uzurpar o favor
do grão-monarcha da terra;
mas como n'ella se encerra
tanta gala e descrição
contra as forças de *Milão*
guerreira defende o posto,
e jura pôr-vos no rosto
o nome de um seu irmão. [1]

---

1 *Gil-Vaz*; porque D. Anna de Moura era irman de Gil Vaz Lobo

D. Feliciana a D. Anna de Moura

De ser ditosa se enfada
quem ditas proprias apura;
que examinar a ventura
é diligencia arriscada;
agora, por *declarada*,
ficais, madre, *escurecida*,
deixaes de ser conhecida
agora que vos mostraes;
e mais ignorante estaes
depois que estaes entendida.

Pezai-vos, primeiro, mana,
e vireis a achar depois
que, Anna, mui *pezada* sois,
por que sois mui *leviana*.
Por favor vos desengana
quem vos culpa a presumpção.
Mal pode haver affeição
onde não ha semelhante;
pois para amor tão gigante
é vosso amor muito anão.

Sois *Loba*, e parece mal,
por não ser coisa que quadre
que queira a *loba de um padre*,
parecer opa real!
Moura sois, e, como tal,
é justo que em vosso amor
sofrais qualquer dissabor
sem tomar tanta licença;
que vai muita differença
de uma moura a seu senhor.

Mais que louco atrevimento
é disparate cantado
avaliar por cuidado
o que é só *divertimento.* [1]
N'este vosso pensamento
julga o prudente varão
que é ridicula ambição
esperar vossa fraqueza;
já que o Lobo vos despreza
que vos estime o Leão. [2]

Suspendei vossa carreira,
pobre barca de pescar;
que ides metter-vos ao mar
sahindo de uma Ribeira. [3]
Não vos engolpheis ligeira,
pois tendes já descoberto
que estaes posta em tal apêrto
e em tal p'rigo estaes posta
que se não derdes á costa,
dar nos cachopos é certo.

Mas d'estas aguas áquellas
não vêdes vós quanto dista?
e não pode ser bem vista
quem anda ás apalpadelas?
Recolhei as fracas vellas
por que ides muito enganada;

---

1 A poetisa conhecia bastantemente os amores simplesmente *divertidos* do monarcha.

2 Allusões que ellas lá entendiam.

3 Allusão genealogica.

errastes por confiada;
d'onde podeis entender
que, errando e sendo mulher,
ficaes por *mulher-errada*. [1]

E d'este feitio e d'outros peores passavam seu tempo os reis ungidos e as esposas de Jesus Christo.

Nota 12.ª

Um viajante francez, que permaneceu em Lisboa simultaneamente com os factos d'esta narrativa, observou o seguinte:

« Presume-se que ellas (as portuguezas) são fidelissimas aos esposos, e que é raro haver uma desleal, se o marido lhe não abre a occasião. Confessemos, todavia, que o descompassado ciume dos maridos, e as extraordinarias cautelas que empregam contra ellas, fazem suppor que o temperamento das mulheres é bastante diverso do que se diz. Como quer que seja, é tristissima a sorte d'ellas! Encerram-nas tão apertadamente que até uns simples mercadores tem missa em casa para que as mulheres e filhas não tenham que fazer na rua. Fallar só lh'o permittem com frades e padres. Commercio de lingua com homens extranhos, inteiramente cortado. Concede-se-lhes, como unico recreio, ver através das rotulas das janellas quem passa na rua. Só na egreja é possivel lobrigal-as. O seu logar

1 Synonimo do mais injurioso nome que podia desfechar contra a rival.

é na nave, separadas dos homens; isso, porém, não tolhe que se façam signaes e bugigangas com os dedos, substitutos da lingua; e esses tregeitos de parte a parte são imaginados com tal subtilesa e mestria que um forasteiro ignorante de tal uso jurará que elles não significam uma palavra. Esperam ellas impacientissimas as procissões de Quaresma, porque então lhes é concedido ir ver as ceremonias; e as que quizerem empregar a liberdade em outros misteres, podem fazel-o impunemente, sem receio de espionagem, por ser muito o mulherio, e uniforme a vestimenta de todas. D'est'arte vão quinta feira de noute visitar os templos; e emquanto os maridos ressonam tranquillamente, graças ao preconceito geral de que não é licito impugnar a devoção verdadeira ou falsa das mulheres, presume-se que os *rendez-vous* são em barda, e que muitas então se desforram do tempo que estiveram aferrolhadas.»

Description de la ville de Lisbonne. Paris, 1730.

Nota 13.ª

Desde o fim do seculo XVII até 1740 a caza que o padre citou era uma especie de moderno *Restaurante* onde as mais celebradas calhandreiras iam acamaradas com os rapazes fidalgos aligeirar as noutes em orgias que deram muito que fazer ao corregedor do bairro. O dono da caza Thomé Rodrigues Terra, de alcunha o *Campolide*, foi immortalisado em letra redonda n'aquelle tempo. Tenho a prova da sua valia com os litteratos em um opusculo, impresso em 1733, e intitulado: *Noticia de dous animaes monstruosos*, etc. Ahi se diz á posteridade que a estalagem da rua de S. João, era

*

bem celebrada pela grandeza com que hospeda todos os dias mais de cem pessoas, isto é, levando conquibus. Alli se acham as mais gostosas sopas de vaca adubadas com o melhor prezunto, paio e chourisso. Alli se expõe ao gosto, cadaveres alados, isto é, frangos tão recheados que parece morreram de hydropesia ou de abafamentos; perdizes de espetada, coelhos em verde, pescadas em postas, e o forte camarão despertador do appetite, etc. Alli se bebe do Grego, do Falerno, do Florentino, do Borgonhão, do Champagne, e do melhor que produziram as vinhas de Cima-Douro. Sem receio de que o notem, entra n'esta caza o grave e o que o não é; privilegio de que gosa ha muitos annos contra a presumpção dos portuguezes. Pouco mundo tem visto quem padece fome e sedes para sustentar brios.

Nota 14.ª

A devoção com que D. João V assistia aos Autos da fé inspirou a um contemporaneo o seguinte e inedito soneto, condigno do assumpto e do heroe:

Ao grande zelo e amor da Religião com que el-rei N. S. D. João V assiste ao Acto de fé todas as vezes que se celebra n'esta cidade de Lisboa.

Esse zelo efficaz, rei preheminente,
Vos deixou já no mundo eternizado;
Pois na honra de Deus todo inflamado
Vos anima da fé o impulso ardente.

Incansavel, activo e deligente
Vos mostraes contra os erros empenhado,
Deixando o coração acrizolado
No calor com que pune ao delinquente.

É vosso peito dilatada esphera
Do fogo, onde o castigo se prepara
Ao vil reo que obstinado persevera.

Nenhum d'elles do incendio se escapára,
Pois quando o material o não fizera,
O ardor de vosso zelo os abrazára.

Não sei se foi este mesmo poeta que, na agonia final de D. João V, cantava em psalterio chocarreiramente afinado estes cantares:

Qual de baixo qual de cima
anda a morte com el-rei;
e, na verdade, eu não sei
que espera, que o não vindima!
Nos tiros que ella lhe arrima
eu bem o esforço lhe gabo;
porém, diz lhe não dá cabo
por ter destinado a sorte
não ser justo o leve a morte;
mas sim o leve o diabo.

Já estava para o levar;
eis senão quando ao partir,
diz elle: «pois heide eu ir
«sem o amigo frei Gaspar? [1]
«Isso não! quero esperar
«que elle se avie primeiro;

1 O varatojano que depois se fez o valido do monarcha. Fez-se menção d'este membro da caza de Aveiro nos capitulos IV e VI.

«que, em arrazando o mosteiro
«de S. Vicente de fora,
«hade ter pouca demora
«em ir ser meu companheiro.»

Consentiu n'isto o tinhoso
por lhe fazer a vontade;
pois que, a fallar a verdade,
não ficou muito gostoso;
por que teme que o Moscoso [1]
lhe tome o governo ao leme,
n'esse lago aonde geme
de Acheronte a negra barca,
pois é de sorte o Alparca [2]
que o mesmo demonio o teme.

E logo a Sé velha entretanto
arrazar manda tambem
por que não cauza a ninguem
d'elle ir ao inferno espanto;
pois não ficando ali sancto
nem altar privilegiado
que não seja profanado,
por certo o mundo hade crer
que quem tal manda fazer
ao inferno está condemnado.

As rezas da Patriarchal
de nada lhe hão de valer;
que as que lá se vão fazer
são em peccado mortal;

---

1 D. Gaspar da Encarnação, antes de se fradar, era D. Gaspar de Moscoso.

2 Referencia ao calçado dos varatojanos.

antes o maior fiscal
hade ser o da iniquidade
com que rouba á caridade
já da esmola os exercicios,
fazendo se augmentem vicios,
e fique extinta a piedade. [1]

Deus lhe acuda finalmente;
mas não lhe vejo eu bom geito
que a contrição em seu peito
é nulla até ao presente;
nem se quer engana a gente
com se fingir bom christão;
mas, se for sem confissão
ao inferno direitinho,
lá tem o padre Martinho
que lhe deite a absolvição. [2]

Nota 15.ª

Não achei no processo o documento comprovativo de que Eliot requeresse a degolação, como prerogativa de cavalleiro, posteriormente ao acto de ser despojado das insignias e expulso da ordem; mas um seu contemporaneo, digno de credito, o monge benedictino Fr. João de S. José Queiroz, que depois foi bispo do

1 Todos os azilos de piedade foram desfalcados em quanto o rei necessitou de expoliar a nação em proveito das suas magnificas edificações.

2 Este padre Martinho, legendario nos poemas fesceninos, foi o heroe de um poema obsceno intitulado a *Martinhada*, escripto pelo corregedor Caetano José da Silva Soutto-Mayor, antonomasticamente o *Camões do Rocio*. D. João v deliciava-se a ouvir ler o desbargado poema.

Pará, nas suas *Memorias*, pag. 146 e 147, escreve... *Para mim tenho que as prendas em gráo relevante innobrecem, por isso o cirurgião Eliot pertendeu no exoricidio, isto é, no assassinio de sua innocente mulher, ser degolado por insigne na sua arte, além de cavalleiro na ordem de Christo; porém, nem o rei nem o ministro Bacalháo estiveram por isso; é todavia certo que o direito qualifica e innobrece aos insignes de humilde nascimento, etc.*

Nota 16.ª

Nem a morte de Antonia Xavier e Fr. André Guilherme foi referida na *Gazeta de Lisboa*, nem o supplicio dos assassinos tampouco! Não se comprehende este resguardo, desde que se provou a innocencia de Fr. André Guilherme. Omittir a tragedia em que figurava deshonrosamente um ministro da religião, era desculpavel por amor da religião ultrajada; porém, justificada a inculpabilidade do virtuoso mancebo, não se percebe o melindre do gazeteiro Montarroyo Mascarenhas. Fr. Jeronymo de S. José, chronista da ordem da SS. Trindade, foi menos reservado que o outro, e mais era frade da mesma ordem. A pagina 427 do 2.º tomo escrevia elle, referindo os actos insignes do redemptor geral Fr. Francisco Couto: «Entrou justamente com outro irmão seu chamado Fr. Antonio de Lacerda, a quem succedeu inculpavelmente no anno de 1710 o caso de Odivellas em dia de S. Bernardo, *bem semelhante ao do padre Fr. André Guilherme com o Liotte,* na rua chamada do Outeiro em 26 de novembro de 1731, nos quaes tirannamente terminaram as vidas.»

Quanto aos documentos que publiquei é certo, que

nem o processo nem a sentença foram impressos coevamente ou depois da tragedia. Da sentença manuscripta correram coplas, e de uma d'ellas nos dá noticia o sr. Innocencio Francisco da Silva na *Lista das sentenças* que possue ou teve conhecimento: (*Dicc. Bibliog.* T. 7, pag. 233) *Sentença da Relação de Lisboa contra Izaac Eliote, cirurgião, e seu criado Henrique Rutier, ambos enforcados, por terem matado D. Antonia, mulher do primeiro réo, e fr. André frade trino a titulo de adulterio.* (*Datada de 6 de janeiro de 1733.*) *Manuscripta.*

DOCUMENTOS

DOCUMENTO 1.º [1]

Auto que mandou fazer o doutor Manoel Nunes Martins, juiz do crime do Bairro alto, para por elle tirar devassa das mortes feitas ao padre frei André Guilherme, religioso da Sanctissima Trindade, e a D. Antonia Joaquina Xavier.

Em 26 de novembro de 1731, nas cazas de morada do doutor Juiz do Crime, veio a noticia que no dito dia, das 4 para as 5 horas da tarde, havia Izaac Eliote, morador na rua do Outeiro, dentro na mesma caza, morto a sua mulher e a um religioso da Sanctissima Trindade; com a qual noticia, foi o dito juiz do crime em companhia de mim escrivão Manoel Sanches Leyroz da Costa, e Julião Vieira, cirurgião da caza do dito Izaac Eliote; e entrando na dita caza pela porta da cozinha (por a da sala principal estar fechada e sem chave) damos nós escrivão nossa fé ver, na caza immediata á dita sala, morta e passada da vida presente, a uma mulher moça e de pouca idade (segundo parecia) deitada de costas no meio da caza, em proporção direita, vestida com um colête branco, atacado com as ilhoses do atacador já alguns rotos, um avental branco, uma saia de sêda muito usada de listras,

---

[1] No traslado dos *Documentos* não alterei a orthographia errada dos nomes proprios.

e por baixo d'esta outra de setim branco com flores de matizes tambem muito usada, e por baixo um mantéu de baêta, com meias de linha branca, e já enxovalhadas, e a pouca distancia do cadaver umas chinellas de couro amarello, com saltos pretos, e sem tacões, que mostravam serem as que trazia calçadas e terem-lhe cahido dos pés. A qual tinha vinte estocadas na região vital do peito, e trez d'ellas se alcança serem penetrantes; e assim mesmo no braço direito duas estocadas, uma d'ellas quase na mão, junto ao dedo grande, que penetrou de uma parte a outra; e, na mão esquerda, duas feridas, como de picadas; e mais outra ferida cortante junto ao dedo mostrador, mais no braço esquerdo outra ferida que passou do sangradouro pela parte inferior, e junto a esta outra ferida perfurante, que todas mostram serem feitas com espadim, todas de couro e carne cortadas, abertas e sanguentas, as quaes ditas feridas todas viu, examinou e attentou o dito cirurgião, bem como viu na caza grande copia de sangue. E, sahindo desta caza e passando a outra (que parecia camera por estar n'ella um leito com sua cama), e, entrando em uma sala que é a principal das cazas, estava, outro sim, morto e passádo da vida prezente um religioso da Sanctissima Trindade, deitado de costas no meio da caza, em proporção direita, e envolto em grande quantidade de sangue, composto e vestido com o habito da dita ordem, com sua capa branca posta nos hombros, o qual tinha duas feridas no osso da clavicula do peito, que parecem feitas com balas ou quartos; e mais outra ferida junto á nuca de dois dedos de largura, inclinada para o peito. Item, mais abaixo duas feridas mais pequenas que correm direitas para o espinhaço, que mostram tambem penetração; mais outra ferida na cabeça na parte baixa da parte direita, feita (segundo parece) com instrumento cortante de carne e couro e

perulania com uma cizura no osso. Item, outra ferida na parte posterior da cabeça feita com o mesmo instrumento cortante. Mais uma estocada por baixo da costella mendosa [1] da parte direita, que mostra penetração. Mais duas picadas junto á segunda e terceira costella, todas de coiro e carne cortadas, abertas e sanguentas, as quaes tenteou e examinou o dito cirurgião. E, na sala onde estava morto o dito religioso, se acharam duas pistolas de alcance, que tem quase dois palmos de comprimento entre cano e coronha, francezas, com ferragens de latão, ambas descarregadas com suas pedreneiras e os cães d'ellas cahidos na forma que ficam as armas de fogo quando se descarregam atirando com ellas, e uma d'ellas quebrada pela coronha junto aos fêchos de forma que todas as peças se acharam separadas umas das outras, e a palheta da culatra do cano virada para a parte superior e rendida, cujos signaes foram presumpção de se haver dado com a dita pistola depois de descarregada; e bem assim pela parêde fronteira da porta da parte direita dois buracos que pareciam de balas, e pela caza se acharam tres balas de chumbo, uma d'ellas com signal de haver dado em parede, por estar cheia de cal, e um pé de uma banquinha de nogueira, que no dito sitio está cortado de uma bala, e debaixo d'ella as buxas de papel chamuscadas; e ao pé do dito religioso defunto uma ponta de espadim toda cheia de sangue que terá uma mão travessa de comprido. E logo por trez mulheres que na dita caza estavam, e disseram ser creadas d'ella, foi dito que o dito religioso se chamava frei André Guilherme, e que pouco antes havia chegado áquella caza, e era a primeira vez

[1] Eram assim chamadas as *falsas* costellas não articuladas com o sterno.

que n'ella entrava, e que a defunta era sua ama D. Antonia Joaquina Xavier, mulher de Izaac Eliote; e que os ditos defuntos foram por elle mortos, associado de um pagem chamado Henrique Roter, por um ciume que teve da dita sua mulher estar em caza com o dito religioso. O que tudo visto pelo dito juiz do crime, mandou fazer este Auto para por elle devassar do dito caso e mortes. E eu escrivão dou fé passar o contheudo d'elle na verdade, em fé do que me assignei com o dito juiz do Crime e Cirurgião. E eu Manuel Sanches de Leyroz da Costa o escrevi.— Martins — Julião Vieira.

DOCUMENTO 2.º

Breve de Roma

Clemente Papa XII. *Ad futuram rei memoriam.* Ha poucos tempos nos fez representar o nosso amado filho procurador fiscal das ordens militares do reino de Portugal, que em certo tempo, a saber no dia 26 de Novembro de 1731, Izaac Eliote, cavalleiro professo da ordem de Christo, debaixo da Regra de S. Bento, que na cidade de Lisboa occidental, e em sua propria caza, com ajuda de seus criados, matára tirannamente a sua mulher Antonia Joaquina Xavier e André Guilherme presbytero e frade espressamente professo da ordem da Sanctissima Trindade, e redempção dos captivos, isto tanto de proposito e animo deliberado que para matar a dita sua mulher muitos mezes antes viveu separado, e teve intentado alguns dias a morte do dito André Guilherme talvez para incobrir a maldade e crueldade do dito uxoricidio ou morte da

mulher; porém deitas maldades se originou, tanto pela gravidade d'ellas, como pela honestidade dos costumes, nascimento dos mortos, um grande escandalo, que muito augmentaria, se o referido Izaac Eliote escapasse da pena da morte principalmente, por que se tem por certo que alguns dos cumplices d'estes delictos hão de ser a ella condemnados; e os cavalleiros da dita ordem, fiados na immunidade, facilmente tomariam occasião de commetterem enormes excessos. Não podendo, porém, sem o nosso especial indulto e d'esta Santa Sé, como acrescentamento á dita representação, pelo privilegio de que goza, ser condemnado á morte e entregue á curia secular para n'ella ser castigado o dito Izaac pelo juiz dos cavalleiros, ou freires, soldados e Senado, ou tribunal das ditas ordens que vulgarmente chamam Meza da Consciencia, a quem por seus gráos pertence o conhecimento das sobre ditas atrocidades: o mesmo procurador fiscal deseja muito lhe demos faculdades para que os Deputados da mesma Meza da Consciencia e Tribunal das ordens, propondo e dando o seu voto o juiz dos Cavalleiros, freire e soldados acima referidos, possam livre e licitamente relaxar e adjudicar sem appelação á dita curia secular ao referido Izaac Eliote, ouvindo summariamente de plano, convencido ou confitente, que derrogassemos o Estatuto das mesmas ordens, confirmado pelo Pontifice Eugenio IV de feliz memoria nosso predecessor, chamado de trez instancias, pelo qual se ordena que as causas dos mesmos freires soldados se examinem em trez instancias, e outro sim derrogassemos outras quaesquer cauzas que pudessem impedir ou demorar a execução da tal faculdade, e que aliás provessemos oportunamente nas premissas do que procede; que querendo nós, como é justo, que se administre justiça e se obvie o dito escandalo, e conceder ás justiças do mesmo procurador fiscal n'este negocio

quanto podemos como Senhor, e absolvendo e julgando absoluto, pelo theor d'estas, de quaesquer sentenças, censuras e penas de excommunhão, suspensão, interdicto e outras ecclesiasticas *a jure vel ab homine*, por qualquer occasião ou cauzas fulminadas, ou em algumas que de qualquer modo houver incorrido, ou somente para conseguir o effeito das presentes: Inclinado as petiçoens que em seus nomes nos foram acerca d'isto humildemente offerecidas por conselho de nossos veneraveis irmãos Cardeaes da Santa Igreja Romana, deputados da immunidade ecclesiastica e controversias de jurisdicção, contendida a crueldade dos delictos de que se tracta com a auctoridade apostolica pelo theor das presentes, ordenamos e mandamos, que, constando dos dois homicidios referidos, sua atrocidade, e qualidade das pessoas dos ditos André Guilherme, Presbytero e frade professo da ordem da Sanctissima Trindade e Redempção dos captivos, e de Antonia Joaquina Xavier, mulher do dito Izaac Eliote, Reu afirmado ou presumido, em uma só instancia e sem apellação alguma seja privado do habito, da sobredita milicia de Jesus Christo, pelo juiz dos cavalleiros ou freires soldados, e Tribunal das trez ordens chamado Mesa da Consciencia e ordens; e depois d'isto, como despojado do privilegio do fôro, por esta privação do habito, seja entregue á curia secular para o effeito de proceder contra elle como de direito, etc.[1] Dado em Roma em Santa Maria Maior debaixo do annel do Pescador aos 26 dias do mez de Março de 1732, no anno 2.º do nosso pontificado — Cardeal Oliveira.

---

[1] Encurtamos o *Breve* cuja versão transladamos do processo, onde o encontramos visivelmente desfigurado pela incapacidade do traductor.

DOCUMENTO 3.º

Decreto de El-Rei.

Sendo-me presente pela conta que me deu o Desembargador João Marques Bacalháo de que, na devassa que por Decreto meu de 3 de desembro do anno proximo passado tirou das mortes que em casa de Izaac Eliote se fizeram na tarde do dia de 26 de novembro do dito anno, ficaram pronunciados o mesmo Izaac Eliote e seu criado Henrique Roter e tres criadas : E, sendo-me outro sim, presente que o dito Izaac Eliote por ser notoriamente cavalleiro professo da ordem de Christo com tença que já cobrava, lhe compete o privilegio para ser remettido ao foro das ordens: sou servido mandar remetter a dita devassa á Meza da consciencia e ordens para ahi ser julgado summariamente na conformidade de um Breve do Sanctissimo Padre que com faculdade minha se impetrou pelo procurador geral das mesmas ordens ; e, sentenciado que for como parecer justo pelos Deputados da mesma Meza, e pelo Desembargador João Marques Bacalháo, como juiz dos cavalleiros, que será relator, se remetterá a devassa ao corregedor do crime da corte e casa, em cujo destricto se commetteram as ditas mortes, para tambem o sentenciar pelo que toca á sua jurisdicção, segundo os merecimentos das culpas dos pronunciados, com adjunctos, que o chanceller da casa da supplicação, que serve de Regedor, lhe nomeará. A Meza da Consciencia e Ordens, e o mesmo Chanceller o tenham assim intendido e o façam executar pela parte que lhes toca. Lisboa occidental, 14 de maio de 1732. Com a rubrica de S. Magestade.

*

DOCUMENTO 4.º

Sentença da Meza da Consciencia [1]

Vistos estes autos que se fizeram summarios ao reo preso Izaac Eliote, na conformidade do dito Breve, e Decreto de S. M. mandando-se pela gravêsa do caso e prova d'elle que o reo dissesse de sua justiça de facto e de direito no termo de cinco dias, que depois lhe foram reformados, e concedidos mais tres que pediu por restituição de preso: mostra-se por parte da justiça que, sendo no dia 26 de novembro proximo passado, pelas 4 para as 5 horas da tarde, na rua do Outeiro d'esta cidade, em as casas onde o reo morava, fôra achada morta a mulher do reo, D. Antonia Joaquina Xavier, passada com grande numero de feridas declaradas e confrontadas no auto da devassa, exame e corpo de delicto, que mostravam ser feitas com instrumento de ferro; e bem assim fôra tambem achado morto nas mesmas casas d'elle reo mas em outra separada, que era a principal em que se recebiam as visitas, o padre fr. André Guilherme, sacerdote religioso professo da ordem da sanctissima Trindade e conventual do seu convento d'esta corte, tambem passado com grande numero de feridas, confrontadas no mesmo auto e algumas d'ellas mostravam sêr feitas com tiros e balas de armas de fogo que com effeito foram achadas na mesma casa e junto do cadaver do religioso, e eram duas pistolas descarregadas, e com o cão desarmado, e uma d'ellas com a coronha e ferros do couce e fechos quebrados e separados, mostrando-se que se havia usado

---

[1] Omitte-se um previo e longo arrasoado tendente a validar o *Breve* que o advogado de Eliot contestava para interpor tempo.

dos tiros das ditas armas e ferros d'ellas para pancadas e feridas de contusão; e tambem se achára no mesmo cadaver, alem de outras muitas feridas, que mostravam ser feitas com arma penetrante de ferro, que tambem foi achada quebrada no habito do dito religioso: e, tirando-se devassa d'estas crueis mortes, por decreto de S. M. sendo a mesma devassa que foi servido remetter como Rei e Grão-Mestre ao juiz relator, n'ella se acha o reo pronunciado e certamente convencido de haver perpetrado estes delictos, associado de um criado seu; e, sendo o reo mettido em questão [1] e legitimamente perguntado, confessou haver elle commettido as referidas mortes, sabendo que o referido religioso havia de ir n'aquella tarde a sua casa, por ser chamado e convidado para isso por carta ou recado que lhe levou uma criada do reo, e de seu consentimento e industriada por elle, e que tambem o mesmo reo mandou espreitar pelo dito creado quando o dito religioso entrava, estando tambem o mesmo reo espreitando-o, e esperando a noticia e aviso do creado nas logeas da primeira e segunda testemunha da devassa, e tão preocupado do máo pensamento que tinha, como declaram as mesmas testemunhas; e, logo que o dito creado lhe foi dizer em lingua extrangeira que o dito religioso havia entrado para casa do reo, partiu com elle apressadamente para sua casa, e fechando-se a porta da rua, por ordem do reo, se preveniu este das ditas armas de fogo, que já tinha preparadas em um armario de uma caza do quarto baixo; e, entrando acauteladamente na caza principal das visitas, em que a dita sua mulher estava recebendo o religioso, logo disparára n'este uma das ditas pistolas, e com o tiro d'ella lhe fizera as feridas confrontadas no Auto e depois disparára a ou-

[1] Tortura.

tra pistola na dita sua mulher, o a errara; e, detendo-se com acabar de matar o dito religioso com uma faca do seu officio de cirurgião, deixando-o por morto, foi a buscar a dita sua mulher que havia fugido para as casas interiores, demandando a porta da escada pela cosinha (que era a unica que estava aberta) e, achando empedimento para descer por ella, voltára para a cosinha, onde o reo a achara, e a levou para outra casa immediata a esta, e lhe fez com o espadim, que tinha á cinta, grande numero de feridas, confrontadas no Auto, impia e cruelmente, por mais que a dita sua mulher, chamando ao reo seu querido marido lhe dizia que o não tinha offendido, e que antes a metesse em um convento, e pedira repetidas vezes confissão, até que passada de estocadas, expirou sem confissão. E dizendo o dito creado ao reo que se retirasse, lhe respondera o reo que ainda lhe restava outra diligencia; e foi á casa de fora, onde tinha deixado o dito religioso mortalmente ferido, e lançado no chão; e, voltando-o com o pé, como o achasse ainda com alguns espiritos vitaes, senão satisfez a crueldade e fereza do animo do reo, sem que lhe fizesse exalar os ultimos; e por mais que o dito religioso lhe protestou que o não havia offendido, o reo dando-lhe na nuca com o couce e fechos de uma das pistolas o acabára de matar; e fôra visto sahir apressadamente de casa com o dito creado; e isto sem achar o dito religioso commettendo adulterio, nem em acto algum preparatorio d'elle; nem se prova que o reo houvesse prohibido ao dito religioso nem á dita sua mulher que fallassem e conversassem; antes, constando que o haviam feito em presença do reo em algumas occasiões, em que concorreram, não devendo ser suspeitoza aquella visita, sem embargo de constar ser a primeira que fizera (em uma hora que não devêra) á mulher do reo, sendo para isso chamado e convidado por carta

de recado, que de consentimento lhe levára ao seu convento a dita creada, pela grande amisade e conhecimento de criação que havia entre a mulher do reo e a mãe e irmãs do dito religioso, com tal correspondencia e civilidade que se visitavam e merendavam reciprocamente uns em casa dos outros com consentimento e assistencia do mesmo reo, como no domingo antecedente se havia feito em casa da irmã do dito religioso, casada com Alberto Borges, onde o mesmo reo conduziu sua mulher, e onde em presença do reo seu marido fallou com o dito religioso; porém, a maldade do reo tomou o pretexto da visita para executar o desordenado odio que muito d'antes tinha concebido contra a dita sua mulher, havendo premeditado matal-a, para o que tinha feito a prevenção de retirar de casa occultamente algumas peças de ouro e prata, e roupas de mais preço, que fizera conduzir para casa do creado e outras casas, não podendo entretanto dissimular a má vontade que tinha á dita sua mulher, desprezando os agrados com que o tratava, a que respondia com desprezo ainda na presença de pessoas de fora, que se escandalisavam d'aquelles desabrimentos que a mulher do reo soffria com mais prudencia do que cabia nos seus poucos annos, posto que algumas vezes se queixasse a pessoas da sua confiança, sendo tudo nascido do mau animo e terrivel genio do reo, como havia já mostrado com outra mulher com quem vivêra muitos annos com voz e fama de casados, e enfadando-se d'ella a expulsou de casa, movendo-lhe demanda sobre a validade de matrimonio, pondo-a em tal desamparo, que a fizera totalmente depender da caridade de algumas pessoas honradas que a recolheram em sua casa, ás quaes o réo estranhava este recolhimento, até que apparecêra servindo em uma casa: de que tudo se conclue haver o réo perpetrado os referidos homicidios dolosa e premedita-

damente sem causa alguma, pelo que devia ser relaxado á justiça secular, sendo primeiro despedido da ordem e privado do habito, honras e bens d'ella, em conformidade do dito Breve, e condemnado nas mais penas que por direito merecesse. Não allegou o reo cousa alguma em defeza dos referidos delictos nos repetidos termos que para isso lhe foram concedidos.

O que tudo visto, e o mais dos Autos, disposição de direito no cazo; e, como o reo esteja confesso e convencido pela prova da devassa em haver feito com industria e animo premeditado a cruel sacrilega morte do dito religioso, e da mesma sorte o uxoricidio da dita sua mulher, tambem qualificado de parricidio sem que os achasse commettendo-lhe adulterio, nem em acto algum dos que costumam ser preludios d'elle, nem prova de maneira alguma que lh'o houvessem commettido, antes consta, por bastante e legal prova de justiça, do honesto proceder e modestia de ambos os mortos, e que foram vistos e achados os seus vestidos interiores sem signal algum de haverem tido acto deshonesto, convencendo-se pelo depoimento da creada Antonia do Sacramento, nas suas perguntas, e acariação que se lhe fez com o reo, e allegação que este fez nas suas perguntas de achar a dita sua mulher na indecencia em que disse os achára, declarando a dita creada que em quanto durára a visita não faltára ella na casa e companhia da dita sua ama senão o tempo em que se possa rezar uma *Salve-Rainha*, no que tambem contestaram as outras duas creadas Maria Miguel e Simôa dos Santos com pouca differença; e que voltando, achára o dito religioso e sua ama assentados no espreguiçadeiro com a mesma postura em que os deixára, sem haver visto acção em que podesse fazer reparo, senão chegar a dita D. Antonia uma mão ao dito religioso, no que não faz prova, não só por ser singular, mas suspeitosa e convencida como

abaixo se declara, ainda quando n'isto fosse verdadeira não se diminuia com isso sua modestia, por que ella o costumava fazer a qualquer pessoa do seu conhecimento ; e ainda em presença do reo seu marido como depoem de vista a testemunha o desembargador Joaquim Rodrigues Santa Martha Soares, a folhas 79 da devassa, ou por facilidade e sinceridade de genio, como declara a dita testemunha, ou por que o reo a havia acostumado a tratar, conversar e dançar com pessoas da sua nação, que tem por usança e civilidade a aquellas e outras facilidades de que algumas vezes se queixava a mulher do reo, como depoem as testemunhas de devassa a folhas 129 e 132, reconhecendo o mesmo reo nas suas perguntas do Appenso 5 folhas 38 que não teria razão para fazer as ditas mortes, se achára sua mulher com o religioso em companhia de qualquer criada pelo conhecimento e trato que havia entre ella e seus parentes, ou se os não achasse, como disse o reo nas segundas perguntas a folhas... do mesmo Appenso, a indecencia em que declarou os achára ; sendo que em uma e outra coisa o convenceu a dita creada Antonia que era a testemunha que se achou presente na acareação que se fez com ella e o reo : constando, outro sim, que não só não houve acto algum deshonesto na referida visita : mas persuadindo-se por vehementes conjecturas que nem para esse fim fôra feita pelo dito religioso nem aceita pela mulher do reo : por que, suposto que esta se lhe havia queixado no domingo em que se fez a merenda, em casa de sua irmã [1] (aonde tambem estava o reo seu marido) e o dito religioso só não ter ido a sua casa como depõe a testemunha, a folhas 27 da devassa, que outrosim declara haver-lhe feito pri-

---

[1] Irmã de fr. André Guilherme.

meiro a dita queixa, comtudo se infere com grande verosimilidade que a mulher do reo não esperava n'aquella occasião a visita do dito religioso, e menos para o mao fim que o reo attribuiu; pois que consta do Auto de corpo de delicto, e depoimento das mesmas testemunhas de devassa, estar sem enfeite ou adorno algum, com um collête velho, e com umas chinellas da mesma sorte, e á proporção a mais roupa e vestidos, que eram os que costumava trazer por casa de semana, vindo receber o dito religioso á porta da cosinha que era só a que estava aberta, acompanhada da dita creada Antonia do Sacramento, como ella depoem, e a creada Maria Miguel nas suas perguntas, no Appenso 1.º e 2.º; e, conduzindo-o na companhia da mesma creada Antonia para a casa primeira das visitas, de que o reo tinha fechado a porta principal da escada, e guardada a chave, como consta da devassa e elle confessa; e, passando, como era preciso, para ir para a dita sala de visitas pela casa da camera mais opportuna para actos deshonestos, se esse fôra o intento, e outro sim não haver signal que tivesse o dito religioso assim pelo socêgo do animo e proposito com que pouco antes havia conversado na loge dá testemunha Benedicto Bésué, como elle depõe, e o seu caixeiro José Ferreira Simões, f. 137 e 138 da devassa, e perguntando na mesma rua do Outeiro á testemunha Alexandre Pereira onde o reo morava, e mostrando-lhe a porta entrára o dito religioso por ella sem cautella alguma e o mesmo jura a testemunha a f. 28 da devassa; e com a mesma sinceridade entrou para a dita casa, para onde a mulher do reo o conduzira com toda a urbanidade; e, fallando-lhe de joelhos como depoem as ditas creadas Antonia e Maria Miguel nas suas perguntas; o que tudo e o mais que depoem as testemunhas de devassa em abono da modestia e bom procedimento do dito religioso

e da mulher da reo assás exclue o deshonesto intento a que o reo attribuiu o da visita, que se não presume de terem conversado em uma casa principal, e mais a proposito para receber uma honesta visita com a porta aberta e á vista de uma criada, maiormente não constando que o reo houvesse prohibido, e com as circumstancias necessarias por direito ao dito religioso, que fallasse a sua mulher; antes, havendo-o feito em alguma occasião em que concorreram na presença do mesmo reo, como foi na occasião da merenda e divertimento a que o reo a conduziu a casa da mãe e irmã do dito religioso; convencendo-se, por grande numero de testemunhas da devassa, quando se acharam presentes na mesma occasião, e motivo, que o reo allegou, nas suas perguntas do Appenso, da desconfiança ou zelotipia que então concebêra da dita sua mulher com o mesmo religioso, e da mesma sorte a confissão da dita creada Antonia que disse, nas suas primeiras perguntas do 1.º Appenso, que sua ama lhe fugira de um osculo, que lhe dera o dito religioso, assim pelas inverosimilidades que nas ditas perguntas se lhe arguem e pelas falsidades em que foi convencida, e de ser ella quem foi a principal motôra dos enrêdos e infortunios com que falsamente arguia com suspeitoso zelo e honrado procedimento da mulher do reo; e, no dia antecedente ao da sua sua morte, a havia ameaçado, dizendo-lhe que no dia seguinte não havia ella de estar contente, accusando-a e entregando-a ao reo como ella confessou depois de convencida pela outra creada Maria Miguel; escrevendo as cartas que disse escrevêra a dita sua ama para o dito religioso, sendo que se não prova a verdade da mão de quem lavrou as ditas cartas, nem a que se diz fôra resposta do religioso para a mulher do reo, em cuja mão se achavam; e não consta que nenhuma fosse a poder da pessoa para quem diz foram escriptas, maiormente negando o dito

creado do reo, nas suas perguntas do Appenso 4.º, e careação que se fez com um e outro, haver feito tirar a copia á imitação do original, que se diz fôra a resposta do religioso para ser entregue á mulher do reo, para ella esperar pela visita do mesmo religioso; sendo que na carta que o reo diz fôra feita por sua mulher ao religioso tal visita lhe não demandava; e, ficando-se o reo, como elle diz, nas suas respostas, com esta côr, para prova de sua defesa, em que cuidava muito, se acha na resposta que se diz fôra feita pelo religioso, como satisfação á queixa que lhe fazia a mulher do reo de lhe não apparecer o dito religioso, ou lhe não fallar no domingo na egreja do seu convento, sendo que a carta em que se lhe fazia a dita queixa não foi a poder do dito religioso, como o reo declarou nas perguntas, nem deu boa resposta a esta duvida, supposto declarar a creada Maria Miguel que lhe não dissera palavra, como o reo disse, á tal queixa: O que tudo, e as mais incoherencias e inverosimilidades concluem serem falsas as ditas cartas, fabricadas para pretextar e encobrir a maldade do uxoricidio, que o reo muito antes premeditava, aconselhando-se, sobre a futura successão nos bens de sua mulher muito mais moça, com o advogado João Milles de Macedo, e sobre a forma da successão e venda de algumas acções de Boa-dita [1] como jura o mesmo advogado a f...; havendo retirado occultamente para casa do dito seu creado alguns bens moveis preciosos, como jura o homem de ganhar [2] que os conduziu a f. 6; dizendo que a tenção com que premeditava matar sua mulher por adulterio foi por que ella lho confessára debaixo da immunidade que elle lhe promettêra, com Josse

[1] Creditos de devedor seguro.
[2] Carrejão.

Frisch [1]; e o dizem as testemunhas que o reo acumulou contra a modestia e honrado procedimento da dita sua mulher, da qual fazia fiscaes as suas proprias creadas, e lhes promettia premios para que lhe descobrissem os seus defeitos; sendo muito natural que por este meio as induzisse a que falsamente a criminassem e accusassem, como se averiguou havel-o feito a dita creada Antonia do Sacramento, nas accariações que se lhe fizeram com o reo, que dava credito á dita creada e lhe ouvia os ditos enrêdos, tendo-a em melhor conta do que merecia, como declarou nas proprias perguntas, do que depois se arrependeu inutilmente e mudou de conceito nas segundas perguntas e com conselho admittia as creadas de suspeitoso procedimento na companhia de sua mulher moça e de tão pouca edade. Pelo que de tudo se conclue haver o reo feito dolosamente e cruelmente as referidas mortes com industria e animo premeditado sem causa alguma senão movido do seu terrivel e arrogante genio, o que já havia mostrado com outra mulher com quem vivêra muitos annos em voz e fama de casados; e, enfadando-se d'ella, a expulsou de casa, e lhe fez demanda sobre a invalidade do matrimonio; e a poz em tal aperto que algumas pessoas honradas a recolheram em sua casa, e mui padeceu servindo em uma como consta da devassa. E pelo conhecimento que tinha do genio cruel do reo, o seu nacional André Lombardon lhe aconselhou que não casasse como jura a f... da mesma devassa. Por tanto condemnam o reo em pena de expulso da ordem de N. S. Jesus Christo de que é professo e o privam do habito e tença que tem a titulo d'elle, e dos privilegios de cavalleiro da dita ordem, e o declaram por sacrilego e in-

---

[1] A sentença escreve Frique.

curso em excommunhão maior de que deve pedir absolvição, e o relaxam á justiça e curia secular com o costumado pretexto de direito canonico; e pague o mesmo reo as custas em que o condemnam. Meza 20 de junho de 1732. Com sete rubricas dos deputados e presidente da Meza. *Bacalháo.*

DOCUMENTO 5.º

Memorial de Eliot [1]

Formou Izaac Eliot, prezo na cadeia da corte, embargos á sentença contra elle proferida no Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens, mostrando não dever ter execução o Breve em que a mesma se funda, assim por que n'elle se não acham transcriptos *per formalia* os Breves e indultos concedidos aos cavalleiros para não serem expoliados dos privilegios do seu fôro, sem o que não se presume que o santo Padre tivesse noticia d'elles para derogal-os, como por que não se justificam as narrativas do mesmo Breve, etc... Não se verifica que o supplicante com premeditado e deliberado animo commettesse as mortes de que se tracta e sem cauza como se persuade na supplica com que o dito Breve foi impetrado; antes dos autos se mostra que o supplicante levado da justa dor da honra, vendo um frade sentado com sua mulher em um espreguiçadeiro, logar apto para o delicto, e em uma casa interior já de muito tempo antes vedada pelo

[1] Refugamos do *Memorial* as razões já allegadas em outro documento.

supplicante a sua mulher para visitas de homens, e não havendo parentesco entre ambos, com que fosse permittida a confiança de se sentarem em similhante logar, sós, e sem companhia alguma; em acção de que só se podia persumir peccado e não cortejo, os matou a ambos, o que havia de fazer qualquer outro homem que tivesse honra, se achasse a um frade da mesma sorte sem confiança na casa, ter muito com sua mulher, e estar justamente sentado no logar suspeitoso e com acçoens menos honestas ainda que lhe faltassem as antecedencias com que o supplicante se achava na certeza de que se correspondiam com cartas de Amores. Com estes e outros fundamentos provados de facto e de direito, embargou o supplicante a dita sentença e se acham os ditos embargos conclusos para se determinarem.

P. ao sr. desembargador Alexandre Ferreira que, vendo os ditos embargos com attenção que merece materia tão grave, favoreça ao supplicante na recepção d'elles, dando-lhe livramento ordinario para poder mostrar a innocencia com que se acha em rigorosa prizão, que experimenta, a justificada cauza que o forçou a executar as ditas mortes. E. R. M.

DOCUMENTO 6.º

Sentença final

Acordam em Relação, etc., que não recebem as excepções declinatorias por sua materia nem os artigos de immunidade; por que ainda quando se verificasse serem os R R Izaac Eliot e Henrique Roter extrahidos ou prezos em logar a que fosse a dita immunida-

de devida, exeluia, segundo a expressa resolução da lei do reino, o proposito, meditação e insidias com que notoria, e innegavelmente se commetteram as mortes de que se trata, nem outrosim recebem os embargos de nullidade deduzidos em addicção da sua defeza fl. 51 até fl. 53 por ser a de que n'elle se trata affectada e reconhecida já por calumniosa; e, deferindo afinal sobre o merecimento dos autos, e, depois da relaxação a fl. 163 do processo appenso, se fizeram summarios aos R R Izaac Eliot e seu creado Henrique Roter, e creadas Antonia do Sacramento, Maria Miguel e Simôa dos Santos, se mostra, quanto ao R. Izaac Eliot, que, sendo em a tarde 26 de novembro de 1731, havendo sahido da sua caza, que tinha na rua do Outeiro, em uma sege, junto ás 3 horas, e depois de ter jantado amigavelmente com sua mulher D. Antonia Joaquina Xavier, se foi apear junto á botica que foi de Jacome Valebetth no canto da Cordoaria velha, mandando a sege para a porta do marquez de Tavora, e, entrando para a dita botica passou depois para uma loja de bebidas da Rua larga, ás Portas de Santa Chatharina, até que, sendo já mais de 4 horas, o veio chamar o R. Henrique Roter, por quem tinha mandado espiar quando em a dita sua caza entrasse o padre frei André Guilherme da ordem da Santissima Trindade que sabia havia a ella de ir, como se confessa nos artigos 24, 25, 26 da defeza fl. 58, em razão do supposto aviso, ou carta que em nome da dita sua mulher lhe tinha mandado; e que, voltando logo, esta noticia em companhia do dito seu creado para sua caza onde o dito religioso tinha entrado muito pouco antes, que a testemunha a fl. 25 declara seria menos de meio quarto, e, achando conversando com sua mulher, os matou cruelmente a ambos com dois tiros de pistola e repetidos golpes e feridas feitas com varios instrumentos segundo se percebe do Auto

de corpo de delicto fl. 6. Mostra-se que para o R. commetter este escandaloso, sacrilego e horrivel crime não teve cauza nem fundamento algum, e menos que o possa relevar; por que ainda que quizesse persuadir com as cartas que logo escreveu, e que vão a fl. 4 do Appenso 5.º e fl. 2 do Appenso summario, achara aos sobreditos commettendo-lhe adulterio, que era a unica defesa quo por direito lhe competia para invadir a pena ordinaria, não só o não prova com a legalidade necessaria, mas antes plenamente se justifica por quasi todas as testemunhas da devassa ser aquelle refugio affectado, e a dita D. Antonia mulher muito honesta, bem procedida e virtuosa sem n'ella haver acção culpavel em que se pudesse fazer reparo, pelo não merecerem aquellas vezes que, por não faltar á obediencia do reo seu marido, e querendo com ella praticar o uso da sua patria, a levava a alguns divertimentos e quintas, a caza de pessoas com quem tinha familiaridade; e, além de o convencerem com a dita affectada escuza a que recorreu assim os indicios que resultam da grande compostura com que foi achado o cadaver do dito religioso, como do logar e caza onde estavam por ser a das visitas e mais publica, em que havia janellas para a rua que estavam abertas, e patentes aos visinhos defronte, que podiam ver o que na dita caza passava como com effeito viram as testemunhas fl. 88, 19 e 27 e outras, e de cuja abertura juram as testemunhas fl. 27 e 59, como bem assim o ali estar perto a R. Antonia do Sacramento sua creada, estando as duas mais que na caza havia em parte de onde a podiam ver por se não fechar porta alguma, provando-se claramente pelos depoimentos e confissões das mesmas a compostura e cortezia com que a dita D. Antonia recebeu a visita do religioso, e a com que este lhe fallava e que supposto se assentassem juntos em um preguiceiro, não houve entre elles acção immo-

desta ou reprehensivel, e que não pudesse facilitar a grande correlação trato e amizade que a dita D. Antonia tinha com a mãe e irmãs do religioso, como referem as testemunhas fl. 18 e 21, e muitas mais de fl. 65 em deante; e, concorrendo outro sim para confusão o pretexto do R. a variedade com que referiu o successo, e forma com que disse achou os suppostos delinquentes segundo bem se divisa do que primeiramente escreveu em as cartas mencionadas; quanto mais que, ainda dado que o R. achasse a dita D. Antonia Joaquina em logar, tempo e acções que lhe parecessem suspeitosas (o que assim não foi) não era isto obstante a se lhe demorar a pena do seu delicto, em razão de que, supposta a certeza que o R. tinha de que frei André Guilherme havia de vir a sua caza, o que por elle ainda presentemente se confessa se não verifica, em que lhe viesse na sua pessoa aquella justa e repentina dor em consideração que em outra qualquer podia intervir, se inopinadamente achasse sua mulher com pessoa de suspeita em actos que inculcassem menos decentes. Sendo que, devendo-se n'estes termos seguir as disposições de direito commum, por não estar tal caso previsto pelas leis do reino, se faz indubitavel que, segundo ellas, para o R. evadir das penas da morte, que commetteu, se lhe fazia precizo, na hypothese referida, o verificar-se que, pela sua parte, tinha por trez vezes avisado aos que julgava culpados para que se não vissem nem communicassem; nem aos RR. podem mais relevar as cartas amatorias de que se pretendem valer, por quanto se não justifica de sorte alguma a verdade das ditas cartas, em rasão de que as que dizem ser de D. Antonia Joaquina se mostram não o ser pelos multiplicados exames que á vista da sua verdadeira letra se fizeram, tendo a das taes cartas, segundo se assevera em auto a fl. 124, mais semelhança com a do R. e com as que se acham

a fl. 131 do processo appenso, que o R. em seu depoimento a fl. 119 declarou não serem escriptas por letra de sua mulher, e, posto que nas rasões proximas se diga que a diversidade que reconheceram os peritos nasceu de diversos tempos em que umas e outras cartas se escreveram, sendo as indubitaveis feitas dois annos antes das que se duvidam, isto se refuta, vendo-se então as cartas mais antigas de muito melhor letra do que as modernas, o que não costuma acontecer, por ser mais natural o escrever-se melhor depois de mais exercicio, tirando-se tambem da contextura das ditas cartas uma grande presumpção para se reputarem como falsas, para se colher e alcançar d'ellas mais trato e correlação, e maior correspondencia do que se prova, e pelas confissões dos mesmos RR se percebe e inculca; sendo digno de reparo que tendo D. Antonia (como se diz) escripto tantas cartas, que se lhe tinha segurado estavam entregues, não reparasse nem formasse queixa da falta d'ellas; e dado que a carta fl. 5 do Appenso 8.º que se declara ser feita pelo padre frei André Guilherme pareceu a alguns dos peritos ter semelhança com a letra da quitação do Appenso 6 que se assegura ser d'elle, persuade evidentemente ser alheia e não da mão do dito padre, o declarar-se n'ellas que o padre sabia a residencia do R. e pelos depoimentos das testemunhas se faz crivel que o dito religioso não entrara em tempo algum na caza de Izaac Eliot, onde foi morto. Ao que acresce não só a inverosimilidade já ponderada em a sentença dos autos da contrariedade, carta e resposta de outra que ficou na mão do R., mas tambem da anticipação com que n'ellas se assignava o dia de quarta-feira para a segunda visita, sendo coisa que se podia ajustar na primeira, sem merecer o reparo ou signal da cortina, quando consta que D. Antonia a punha para não ser vista querendo cozer á janella. De mais que

*

sendo, como se quer persuadir na dita carta a tal cortina demonstrativa de que o reo não estava em caza, fica a mesma carta convencendo, jurando a testemunha fl. 90 que vira a toalha a horas de jantar, e a testemunha fl. 124 que, chegando ás 3 horas á janella, a achara já posta, o que junto á declaração que o reo faz de que sahira de caza ás 3 horas e um quarto, mostra não haver tal signal. E argue outrosim a verdade da tal carta [1] a reflexão de que dizendo o reo que fôra trasladada na portaria do convento de S. Francisco, e a R. Maria Miguel na egreja da freguezia da Encarnação, sendo este acto tal que necessitava de tempo, nem em uma nem em outra parte, sendo tão publicas, ha noticia que se visse fazer o dito traslado, nem para elle se pedisse o necessario, o que nas suas perguntas corrobora a declaração que o R. Henrique Roter faz de não ter como o R. de facto nem concorrido para o tal traslado; e ainda que a falta d'este não argue directamente a dita carta de falsa, a falsidade que n'esta parte se diz só faz argumento para se não suppor a outra, e sempre se mostra não esperava D. Antonia por aquella visita, pois não consta tivesse aviso do dito religioso — o que comprova o desalinho e descompostura com que foi achada, além dos encontros, variedades e incongruencias que sobre a verdade das ditas cartas se deduzem das declarações que nas suas perguntas fizeram tanto ao R. como ás R R Antonia do Sacramento e Maria Miguel, suas creadas; sem embargo de que ainda, contra o que fica ponderado, se verificasse serem as ditas cartas ver-

[1] Para se intender este aranzel convem saber que Eliot dizia ter sido trasladada a carta de Antonia Joaquina, para o frade; aliás não poderia elle saber a hora que ella aprasara para a visita. Os juizes aproveitam-se da divergencia dos locaes em que dizem fôra trasladada a carta.

dadeiras, sendo simplesmente amatorias, sem confissão de torpeza alguma, não faziam a favor do R. prova de adulterio de preterito como lhe era necessario, mas tão sómente um receio de o poder haver para o futuro, o que o reo prudentemente devia evitar sem que lhe fosse permittido o execrando excesso a que se precipitou, e que pela inspecção e merecimento dos autos se deve necessariamente attribuir a diversos motivos e á má vontade que o R tinha a sua mulher, a quem consta maquinára a morte (muito tempo antes de entrar em a malfadada desconfiança que allega teve do dito religioso) como claramente se collige dos conselhos que tomava sobre a successão de seus bens, e a da alheação das joias mais preciosas, tirando de sua caza os moveis mais ricos que n'ella havia, sobre o que compridamente juram as testemunhas fl. . . e o R confessa nas suas segundas perguntas fl. . . E não se fazem em beneficio da defesa do R attendiveis as desconfianças que para elle se affectam em rasão de que havia 8 dias antes passado em um festejo que se fez em caza de uma irman do padre frei André Guilherme, onde este se achou c'o R e sua mulher egualmente concorreram, por se verificar concludentemente por juramento de todos os assistentes não houve n'aquelle acto acção reprehensivel em que se pudesse fazer reparo. Nem ultimamente as imposturas com que em suas perguntas pretendeu macular a honra e honestidade de sua mulher e diversas pessoas em que os mais RR o adjuram; por que não se faz crivel que o reo remmittisse tantos adulterios verdadeiros, quando tão severamente castigou um que só foi imaginado. . . Nem a referida allegação o relevava dos crimes, e podia cooperar para o livramento de alguma das mortes que confessa fez, pois que nem o religioso devia pagar as culpas alheias, nem D. Antonia Joaquina, pela posterior cohabitação, as outras estavam, se fossem verda-

deiras remettidas. Concluindo-se assim com evidencia achar-se o R Izaac Eliot incurso em a pena condigna ás ditas duas mortes com as agravantes qualidades do sacrilegio e parricidio, sem que se possa attender para d'ellas ser relevado a allegação que tambem faz dos embustes das suas creadas de quem refere se fiava; pois a vilêza dos seus costumes que o R conhecia lhes tirava e credito e ainda a capacidade para as haver de pôr e conservar em a companhia de sua mulher. Mostra-se quanto ao R Henrique Roter haver-se associado a seu amo Izaac Eliot concorrendo egualmente para os delictos referidos, dando-lhe auxilio, não só em o mesmo acto, mas ainda com precedente tractado, que assás justifica a espera que fez ao padre frei André e aviso que ao mesmo seu amo levou de ter este já entrado em sua caza, havendo tambem prova de intervir e cooperar para as mesmas mortes, como não só depõem as mais creadas reputadas socias do delicto, mas ainda a testemunha maior de toda a excepção fl. 88, e as duas que por informação deposeram fl. 51, o que fica mais evidente com a allegação total que o R faz não só d'este facto mas de muitos outros, em os quaes todos se acha plenissimamente convencido, e ainda que o dito seu amo o pretendesse escuzar, dizendo o deixára á porta só para impedir que não subisse alguma pessoa que pudesse estorvar-lhe os maleficios, que pretendia executar, n'isso mesmo lhe vinha a dar o auxilio em que intentou buscar-lhe desculpa; e concorre mais do depoimento das testemunhas que o reo era mal affecto a sua ama D. Antonia, como o dizem as que juram desde fl... a fl... o que se mostrou ainda em o tempo de suas perguntas, levantando á sua mesma ama alguns testemunhos em materia tão grave como a da sua reputação e credito, no que o contradisseram as mesmas pessoas a quem o R se refere. E, como conforme a direito e lei do rei-

no, os socios em o delicto em que se tracta affiancem só o seu lesamento na defeza do R principal, se fica legitimamente concluindo que estando este convencido no que allegou, se acha o R. Henrique Roter incurso na mesma pena. Em quanto ás RR Maria Miguel, Antonia do Sacramento e Simôa dos Sanctos se mostra intrevirem e ajudarem com as suas falsidades e enganos e mexericos a que se fizessem as ditas mortes, não sem presumpções mui vehementes de concorrerem para a falsidade das cartas, e com sciencia e noticia d'ellas, segundo se colhe de terem ajustado entre si certa forma para responderem na mesma conformidade ás perguntas que se lhes fizessem sendo opposta a que depois declarou Maria Miguel contra o declarado nas primeiras perguntas, e a fl. 5, que mentira em o juramento que tinha dado na devassa a instancias da R Antonia e esta por comprazer com a dita Maria Miguel. Na mesma falta concorreu Simôa dos Sanctos por que *tendo dito que vira sua ama encostar a cabeça ao hombro do religioso, declarou depois fôra em acção de chorar* no que diversifica muito do que na primeira asserção se podia colligir, sendo mais convencida Maria Miguel em dizer que tinha declarado a seu amo a historia das cartas em o dia de segunda-feira, provando-se pela testemunha fl. 76 foi no Domingo como o R Izaac Eliot declara, e Antonia do Sacramento em os defeitos que quiz arguir a sua ama por se verificar egualmente serem suppostos. E assentando-se que uma d'ellas disse, no dia antecedente ao das mortes, que no dia seguinte não havia sua ama de andar muito alegre, diz Antonia que isto o dissera Maria Miguel, tendo já antecedentemente dito esta que Antonia fôra quem o dissera; e vendo-se todas na occasião das mortes, em tal socêgo, sequidão, e empenho em as desculpar, que isto se fez em toda a visinhança não sómente estranhavel, mas ainda suspeitoso,

reparando-se outro sim em não darem vozes nem chamarem por soccorro ao menos depois de sahir seu amo, segundo o que juram as testemunhas de fl... Sendo ainda mais reprehensivel a alegria, o jantar, e o jogar no dia seguinte, que referem as testemunhas de fl. . O que tudo visto... [1]

---

[1] O restante da sentença está trasladada a pag. 488 e seguintes d'este livro.

POESIAS RELATIVAS Á TRAGEDIA

Os dois seguintes sonetos são do *Camões do Rocio*, Caetano José da Silva Soutto-mayor :

De que serve esta vil barbaridade,
inda do aggravo a errada fantasia,
se o descredito unindo á tyrannia
te adquiriu outra injuria na impiedade.

Seria a sem rasão a atrocidade,
remedio e desaggravo, e não porfia;
está longe da honra a aleivosia,
na paixão justa é injusta a iniquidade.

A infamia, que suppões, quando se faça,
acha na morte horrivel recompensa
que a desafogue e não que a satisfaça.

Na duvida é melhor a indiff'rença,
porque a traição podia ser desgraça,
mas a vingança sempre foi offensa.

Não faz ao monge o habito innocente,
Se a vida não tiver justificada;
Não justifica uma tenção damnada
Um pretexto supposto e apparente.

Por adultera morre uma innocente,
De um trino é na morte acompanhada;
Pelo habito que tem da acção malvada,
Fugir á pena intenta o delinquente.

Se habitos cobrem peitos d'esta sorte,
Tem achado os tyrannos um bom meio
Com que dar na justiça um grande corte.

Mas este o não verá, segundo creio,
Pois não lhe será asylo contra a morte
A cruz que desprezou no peito alheio.

Vê-se Eliot no laço
Em que a desventura o poz,
E já sente andar-lhe o algoz
Calculando-lhe o cachasso.

Por uma venialidade
O accusa o povo insolente,
Quando o que fez foi somente
Matar a mulher e um frade.

Muitos nas mãos lhe morreram,
E nem por isso o culparam,
Antes mui bem lhe pagaram
A morte que padeceram.

Agora, qualquer se envia
Ao pobre por matar dois,
Quando se soube depois
Que um pelo outro morria.

Contam pois para o culpar
O caso muito ao revez,
Quando mostrou no que fez
Que lhes queria... a matar!

Soube que á mulher já vinha
Chegando o ultimo prazo,
Por ter estudado o cazo
Como no cazo convinha.

Para que não lhe faltasse
Companhia n'este apêrto,
Lhe chamou um frade experto
Que na morte a acompanhasse.

Ella nas mãos lhe morreu
Da morte que elle previa,
E o frade n'esta agonia
Expirou do que lhe deu.

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Mas, como ao triste Eliote
Deseja o vulgo enforcal-o,
Diz que elle, por seu regalo,
Fizera os dous em gigote.

Não foi acção deshumana
Pôr em praxe o seu officio
Em que era por exercicio
Cortador de carne humana.

Se lhes fez este serviço
Foi tão desinteressado,
Que, fazendo-os em picado,
Nada lhes levou por isso.

E, assim, se pelo que fez,
A culpa lhe estás formando,
D'isso está elle zombando,
Porque não fez; mas desfez.

Dizem mais que ao proprio filho,
Por nascer, sacrificou,
Com que provar intentou
Que a mulher o fez novilho.

Se elle rês viera a ser,
Sendo Izac fôra rasão;
Mas era injusto *qu'Abram*
Se quizesse Izac fazer.

Se tal fez, a lei quebranta
Com rasão, e a rasão fundo
Em nos não deixar no mundo
Um garfo de tão má planta.

Mas o pobre é um coitado
Para ter máos procederes;
Pois matou muitas mulheres,
E nunca sahiu culpado.

Antes o mal que receia
As esposas lhe cauzaram,
Pois as que a mão lhe alcançaram
O metteram na cadeia.

A Liote

DECIMA

A muitos quebraste o casco
ou o corpo traspassaste;
dos crimes sempre zombaste,
fazendo das mortes chasco.
Porém, agora o carrasco,
pondo-te a vida n'um fio,
te dirá com modo pio:
Por seres sempre *Liote*,
em corpo e alma hugonote,
pelo pescoço *te'lio*.

Romance

CONTRA ELIOTE, O SEU NASCIMENTO E ORIGEM, VIDA E INFELIZ SUCCESSO DOS DOUS INNOCENTES

Socegue a Nobreza toda,
a plebe, e vulgo servil,
que eu prometto, na verdade,
dar novas certas de mim.

Contarei com mais certeza
este successo infeliz;
pois vejo, que todos fallam
por modos mais que de mil.

Primeyramente Eliote
me chamarão sempre a mi;
nem em França fui gerado,
em Constantinopla sim.

De hu' Frances arrenegado,
e de hua' Turca nasci;
logo as hereticas ceitas
constante sempre segui.

Já depois de ser adulto,
para França me parti
onde a cirurgica arte
peritamente aprendi.

Porém, por certos indultos,
banido cheguei aqui,
aonde fui logo estimado
por minhas curas subtis.

Para lograr meu designio
catholico me fingi.
e com tão feliz estrella
que assim tudo consegui.

O Soberano Monarcha
(que viva seculos mil)
me honrou com habito, e tensa
para entre os nobres luzir.

Ricos, e nobres me davam
Nimphas bellas e gentis.
para que, em doce Hemyneo
passassem vida feliz.

Ignorando os pobres pays
ser tão perverso, e roim,
que a duas castas consortes
a vida lhes exhauri.

Ajustei-me finalmente,
e por ultimo recebi
com exorbitante dotte
hu' precioso Seraphim.

Porém, como o meu projecto
sempre intentou destruir
de Deus os sacros preceytos,
traydor, com ella vivi.

A hu' Religioso Trino
hua' carta lhe escrevi
pela inculpavel chamado
ser com engano fingi.

Cortezmente veyo o Padre
logo em continente vim,
e á violencia dos tiros
a vida lhe despedi.

Mas que muito se era Trino
a quem sempre aborrecí
por ser disfarçado herege
da canalha mais roim!

Á casta molher dei morte
com o meu proprio espadim
e por seu lacteo peito
vinte feridas lhe abrí.

Ás ternuras dos suspiros,
tão cruel me emmudeci,
que tiranamente ouzado
lhe acabei de ver o fim.

Desculpando o meu delicto,
adulterios argui,
não chegando nem por sombras
a innocente a delinquir.

Depois de assim satisfeito
ao sagrado me acolhi:
mas a egreja não defende
a quem a profana assim.

Finalmente desprezado
por dous fortes beleguins,
fui levado ao Limoeiro
em o qual darei meu fim.

Decimas jocoserias e satyricas dedicadas a monsiur Eliote pelas obras e maravilhas que fez tão boas como os seus narizes.

Este Eliote afamado,
lá em França, pelas manhas,
por obrar tantas façanhas,
foi em estatua levantado.
Por se ver hoje alcançado
(direi antes que me esqueça)
que devem logo, e depressa,
premiar este francez;
e, se attenderem ao que fez,
pode levantar cabeça.

Grande homem se ostenta
pelas coisas apparentes,
porque, matando innocentes,
ser Herodes representa.
E, se por muitos se assenta
deitar o preto no pôço,
do carrasco dizer posso
que tem um poder mais regio,
porque tem o privilegio
de pôr-lhe o pé no pescôço.

Deste Eliote se conta
com achaques se enternece;
mas de muitos que padece
só se sente da garganta.
Já todo o mundo se espanta
ver enfermo o Eliote;

pois, tendo por grande dote
ser da Cirurgia filho,
se livrar do garrotilho,
não escapa do garrote.

Se não larga o *postemeiro*,
se *ao serrote* [1] inda acode,
com elle só serrar póde
as grades do Limoeiro;
mas temo que o carcereiro
lhe sacuda bem o couro,
querendo por seu desdouro
amançal-o de caminho,
porque sendo tão mansinho,
se quiz converter em touro.

Se tão valoroso era,
matando com tanto asco,
sujeito a um carrasco
agora se considera.
Já não mata como fera,
já lá vai a valentia,
já lhe não val cirurgia,
todo o rigor o ameaça.
temendo só que se faça
n'elle alguma anatomia.

Este famoso valente
prezado de carniceiro
lá tem outro companheiro
que mata bastantemente:

1 Instrumentos cirurgicos.

sobre qual é mais sciente
sua disputa farão;
ambos os dous cortarão
cada um com seu serrote;
pelo pôdre o Eliote,
o carrasco pelo são.

....

Rasão é que o povo veja
que, se buscava o sagrado,
porque a lei não ha guardado
não lhe valeu a egreja;
mas, supposto que assim seja,
direi que teve ventura
não achar a prisão dura;
nem a tenha por desprezo,
que supposto esteja prezo
sempre é parte mais segura.

Prizão de tal luzimento
nunca se viu celebrada;
a gente toda pasmada
hia em seu seguimento.
Um grande acompanhamento
levava na companhia;
mas elle bem presumia
lhe hiam fazer a cama,
que por ser homem de fama
toda a honra merecia.

Levava no seu estado
pelas ruas de Lisboa
junto da sua pessoa
dous pretos e um criado.

D'elles não foi separado
porque tão amigos eram
que do amor se prenderam
com ancias tão efficazes
que dizem, por terem pazes
que liga todos fizeram.

O povo com gritaria
dizia em voz levantada
que fosse bem castigada
tal traição e aleivosia.
Ajuntou-se a rapazia
e os que eram mais capazes,
todos foram seus sequazes
a ver este homem banido
passar de touro fingido
a ser touro de rapazes,

.....

Romance

(De Thomaz Pinto Brandão)

Inedicto [1]

Ao espectaculo horrendo
d'aquella mortal figura
que de tres páos no theatro
o papel faz da fortuna;

Rebuçado o sol em nevoas,
coberta em aguas a lua,
cazo, que até de admirada,
o quiz ver parada a chuva.

---

1 O deploravel eclipse que se fez nas letras portuguezas do seculo XVIII auctorisara Thomaz Pinto a laurear-se um dos primeiros poetas do seu tempo.

Este romance, modêlo de perversão intellectual, e não sei se digna de máo coração, foi peça muito applaudida e recopiada. Não reluz ahi um verso em que as victimas sejam dignamente carpidas, nem o algoz execrado com a indignação do poeta, ou lastimado com a piedade do christão.

Cega a luz, o vento immovel,
e em variedade confuza,
despovoadas as cazas
e cheias de gente as ruas:

Então conheceram todos
que a gloria do mundo dura
quanto a vida de quem mata
quanto a bolsa de quem furta.

Sahiu pois Izac Eliote
d'aquella infame espelunca
cuja fabrica sustentam
fortes de ferro columnas;

caza de jogo velhaca,
como se vê, se as mãos julga
ou no que de fino rouba
ou no que de falso trunfa;

caza em fim tão apertada,
tão medonha, e tão escura
a todo o que n'ella mora
e contra vontade a alluga.

Sem embargo de que a paga
no que o senhorio ajusta,
lhe pareça ao registal-a
para que bem se confunda;

Por qualquer parte caverna;
e por qualquer parte furna,
toda a terra o duvidava,
não por ignorar-lhe as culpas:

Nem porque o não merecesse
uma crueldade absoluta;
mas como tinha este Izac
toda esta corte por sua,

cuidou que algum anjo houvesse
que ao sacrificio lhe acuda,
que, ás vezes, a *tres páos* faltam
a quem largamente truca.

Entrou na rua do Outeiro:
quem duvida ou quem não cuida
que aqui teve o peor trago
nesta rua da amargura.

Pois por onde entrou rodeado
já em sege ou já em estufa,
agora em camiza entra,
que ainda que é *alva* é mais suja.

Prezo a vista das janellas
onde tão livre se punha,
que se não mudam as casas
posto que a gente se muda.

Uma esquadra de soldados,
e de alcaides outra chusma
lhe guardavam a pessoa,
não por temerem que fuja;

mas por ser aquella uzança
em taes procissões commua,
pois com muito menos gente
ir podia mais segura.

Apenas do pregão deram
signaes as vozes difusas
por todo aquelle auditorio
que enternecido as escuta,

por ellas é que souberam
que do corpo se lhe trunca
a cabeça para exemplo,
e na forca se lhe punha.

Então o vi descórado
com uma mortal brancura,
arripiando o cabello,
e a barba entre branca e ruiva.

As mãos postas em algemas,
e ainda assim com ellas pucha
as roupas, que não lhe estorvem
a carreira que, só, busca.

N'ellas um Christo levava
de tão devota esculptura,
que o coração lhe derrete
em aguas que não enchuga.

Ao patibulo chegava;
aqui a vista se turva,
aqui a voz titubea,
aqui o coração pula.

Aqui o mêdo se espalha,
aqui o valor se occulta,
aqui o matador treme,
aqui o ladrão se assusta.

Aqui o cazado aprende,
aqui o solteiro estuda,
aqui a senhora falla,
aqui a creada escuta.

Aqui toda a alma esmorece,
aqui todo o corpo sua,
e aqui finalmente pára
quem nos vicios continua.

Tudo isto acontece a uma alma
que mais ao corpo se ajusta;
subiu ao degrão mais alto,
e, voltando-se em postura

de ver oriente e occidente
nas duas Lisboas junctas,
a Lisboa viu duas vezes
e Lisboa o viu por uma.

Ali se deixou ver todo
da nobreza e mais da turba
(que de tudo ali se achava);
e alguns, sómente com uma,

mais visitas lhe pagaram,
que um bom cirurgião faz muntas.
Já preparadas estavam
as gargantilhas immundas,

do pescoço afogadores,
que são mais que adorno injuria.
Subiu mais; e, sendo ao ceo,
se achou em melhor altura.

Segundo affirma o piloto
Chofreu, [1] que no mar das culpas,
indo com elle até ao cabo
da esperança que em Deus funda,

crê que em trez páos o salva [2]
quem por elle em dois se cruza, [3]
e quem por nossos peccados
os mares de sangue sulca.

1 O padre que lhe assistiu no supplicio.
2 Os *trez páos* são a forca.
3 Jesus Christo.

Por ultima cerimonia
mais christan e mais segura,
mandam que em um credo acabe,
e a dizel-o o povo o ajuda.

Oh! pensão d'obstinados
de Lisboa! É cousa dura
que estão vendo enforcar sempre
e que não se emendam nunca!

Que no Pelourinho topem
tanta nobreza defuncta,
e que na cabeça alheia
não façam exemplo á sua!

Tapou-lhe de todo os olhos,
e ali poz á dependura
para sempre em uma corda
aquella passada fructa!

De escada acima um criado
o lado direito occupa,
que foi na sua crueldade
companheiro e testemunha.

E, sendo-o na vida e morte,
o foi até á sepultura.
Cortou-lhe emfim as cabeças
o verdugo; e, vendo as duas

por egual desfiguradas,
duvidou qual fosse alguma;
e, dando um salto com ellas,
onde manda el-rei que suba,

ali as deixou pregadas
até que o tempo as consumma
ou até á Misericordia
que da Trindade se cuida.

E, como levar quizeram
as consciencias bem puras,
curando as duas maldades,
disseram ambos á uma

que fratricidas fizeram
tanto aquella morte injusta
como da outra innocente
que culpada se suppunha.

Permitta Deus que se encontrem
no ceo as quatro almas junctas,
as duas martyrisadas,
e arrependidas as duas.

Ali ficaram expostas
ao sol, ao vento e ás chuvas,
n'aquella porta sem cazas
aquellas tristes figuras.

Aquelle Outeiro escalado
e arrazada aquella altura,
aquellas arvores sêccas,
pagas aquellas verduras,

aquellas cabeças calvas,
aquellas calvas espurias,
aquella fabrica em terra,
aquella pompa caduca.

E em fim, vendo estes autos
porque a Relação conclua
a sentença bem lançada,
e quem a ler pague as custas.

Um douto da Companhia
que lh'a fez boa na angustia
da morte, que o esperava,
enforcando-os com brandura

tomou as duas cabeças
por assumpto, e fez em summa
no pulpito de uma escada
uma pratica opportuna

a todo aquelle auditorio
que, como doutrina, o escuta,
especialmente dizendo
ao que mais dos vicios uza:

«se não quer's ter tal morte,
«peccador, de vida muda;»
e recommenda aos solteiros
emenda em suas esturdias;

para que intendam melhores,
não supponham todas umas;
aos casados que não façam
na honra apressadas curas.

E antes que de ouvida sangrem,
tomem de vista uma purga;
e ás mulheres que não tomem
criadas tão dissolutas

como aquellas que estão prezas,
cauzas de taes desventuras;
a creada que só pegue
ou bem na roca ou na agulha:

não se metta em pontos d'honra,
nem meadas falsas urda.
Ás donzellas que não façam
bichos de carta nenhuma;

que, ainda que a não tem, ter podem
peçonhenta mordedura;
aos paes e ás mães que lhe evitem
similhantes travessuras,

por que a doidices não cheguem.
e porque não vão a furias.
Aos viuvos que encommendem
a Deus as suas defunctas;

e, se foi bôa a primeira,
não esperem por segunda.
A mesma ou outra advertencia
faz ás mais ricas viuvas;

porque ha destros estudantes
que só constroem pecunia.
Aos *tortos*[1] que não pernoitem
fora das suas clausuras

E tambem que não *perdiem*[2]
sem companheiro na rua;
e emfim a todo vivente
quer da corda e cortadura,
livrar quer sua cabeça
que ponha os olhos nas duas.

Deu fim ás Ave Marias
o tal sermão, que insinua
a alcançar de Deus a graça
e a gloria, *ad quam nos perducat.*

---

1 *Tortos* chama o poeta aos frades, pelo odio grande que tinha a fr. Simão de Sancta Catharina, que era vêsgo.

2 Como usou o verbo *pernoitar*, entendeu que enriqueceria o vocabulario engenhando o verbo *perdiar*. A raça de Thomaz Pinto ainda vive e medra para crear palavras.

Decimas

1

De uns nescios quero fallar
que com inculto juizo
fizeram trovas de riso
de um caso para chorar:
se *Izac* é riso, mudar
deve o seu nome Illiote
em choro para que note
que em crimes de tanto espanto
o deve afogar o pranto
primeiro do que o garrote.

Izac é o mesmo que riso.

Rizum fecit midi Dominus. Biblia incut Nomi Genez 21 V. 6.

2

Não tem da vida esperança
já que sem violencia quiz
da casa de S. Luiz
saltar por el-rei de França:
mais que a justiça se lança
ao triste o povo; e insolentes
o queriam leões rompentes
da garra dos quadrilheiros
e unha de uns cães rafeiros
tirar com unhas, e dentes.

Commummente são sapateiros.

Hia amarrado por dois pretos.

3

A corte se illuminava
e tanto archote ardia
ao pobre lhe parecia
pira em que se abrasava;
queimem o hugnote clama
o povo, e do Limoeiro
á sombra n'esse brazeiro
do abysmo o neto de um mouro
arda no incendio do ouro
o carvão do seu dinheiro.

É filho de uma moura.

As treze mil moedas se lhe tornaram em carvão e cinza, como os thesouros sonhados, como o ouro da estatua, quæ reducta est quasi infa vilam.

4

Do relogio o renegado
o sequestro tambem chora
que foi n'aquella má hora
relogio desconcertado.
Temendo ser confiscado
dos quartos ao ruido acorda
da pendula que recorda
a pena a que não resiste
não sabendo a hora o triste
em que lhe hão de dar corda.

5

Era (antes das impiedades)
por honra, e não por desdouro
el escravo em grillos de ouro
aos pez de illustres deidades.
Hoje nas escuridades

Cortava as unhas dos pez a certas senhoras.

do chaos em que vive prezo
com ignominia, e desprezo
o chega o martyrizar
mais da soltura o pezar
do que do grilhão o pezo.

Se o pezo molesta, o pezar
molesta mais; e onde é
mais o pezo ali é maior
a oppressão.

6

De curar mais se despeça
toda a queixa com aguardente
se o seu mal pede, e consente
aguardente de cabeça;
este supplicio mereça
quem mostrando n'esta acção
que é hereje e não christão,
quiz ser por sua deshonra
el medico de su honra
sendo só cirurgião.

7

N'esta atroz anathomia
com animo irracional
fazer da casa hospital
de incuraveis pretendia:
e querendo da theologia
aprender a faculdade
illustrar na habilidade
investigar quiz como rudo
o Aristotelico estudo
os arcanos da Trindade.

FIM DAS NOTAS E DOCUMENTOS

OBRAS DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Á VENDA NA NOSSA CASA

Bohemia do Espirito, por Camillo Castello Branco, 1 vol. em 8.º com o retrato do auctor . . . . . 1$200

Cartas de Camillo Castello Branco, com um prefacio e notas de Silva Pinto, 1 vol. 500

Curso de litteratura portugueza, por José Maria de Andrade Ferreira e Camillo Castello Branco, 2 grossos vol., 8.º broch. (O preço primitivo era 1$500) . . . . 1$000

Demonio (O) do ouro, romance por Camillo Castello Branco, 2 vol. ornados de 4 estampas, desenhos de Bordallo Pinheiro, broch. . . . . 1$000

Regicida (O), romance historico por Camillo Castello Branco, 1 vol. em 8.º brochado 500

Filha (A) do Regicida, romance historico, em continuação ao *Regicida*, por Camillo Castello Branco, 1 vol., 8.º broch. 500

Historia de Miguel Malagrida, da companhia de Jesus, apostolo do Brazil no seculo XVIII, estrangulado e queimado no largo do Rocio de Lisboa aos 21 de setembro de 1761. Auctor Pedro Paulo Mury, da mesma companhia trasladado a portuguez e prefaciado por Camillo Castello Branco, 1 vol., em 8.º broch. 500

Inferno (O), por Augusto Callet, trasladado para portuguez e precedido de uma advertencia, por Camillo Castello Branco, 1 vol. 500

Maria da Fonte, a proposito dos «apontamentos para a historia da revolução do Minho em 1846», por Camillo Castello Branco, 1 vol. . . . . 1$000

Memorias de frei João de S. Joseph Queiroz, bispo do Pará, com uma introducção e muitas notas illustrativas, por Camillo Castello Branco, 1 vol.. 500

Nas trevas, sonetos sentimentaes e humoristicos, por Camillo Castello Branco, 1 vol.. 400

Novellas do Minho:

I . . . . *Gracejos que matam*, br. (esgotado). 200

II. . . . *O commendador*, br. (esgotado) . . 200

III . . . *O cego de Landim*, br. 100

IV . . . *A morgada de Romariz*, br. . . . 100

V, VI. . . *O filho natural*, 2 vol. br. . . . 200

VII, VIII. . *Maria Moysés*, 2 vol.. 200

IX . . . *O degredado*, 1 vol. 100

X, XI, XII . *Viuva do enforcado*, 3 vol. . . . 300

Pio IX, sua vida, sua historia e seu seculo, por Villefranche, versão portugueza, prefaciada por Camilio Castello Branco, 1 grosso vol. com perto de 600 paginas, broch. 1$000

Poesias e prosas inédictas, de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas de Camillo Castello Branco, 1 vol. 500

Suicida, por Camillo Castello Branco, um folheto em 8.º. 200

Recordação sentida em que o primoroso prosador relata a vida e desdenha o perfil original d'uma senhora notavel pelo seu infortunio, Elisa Loeve Weimar, que se suicidou no Porto em setembro de 1875.

BINDING SECT. APR 15 1959

PQ
9261
C3C36
1902

Castello Branco, Camillo
A caveira da martyr 2.
ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 07 020 7